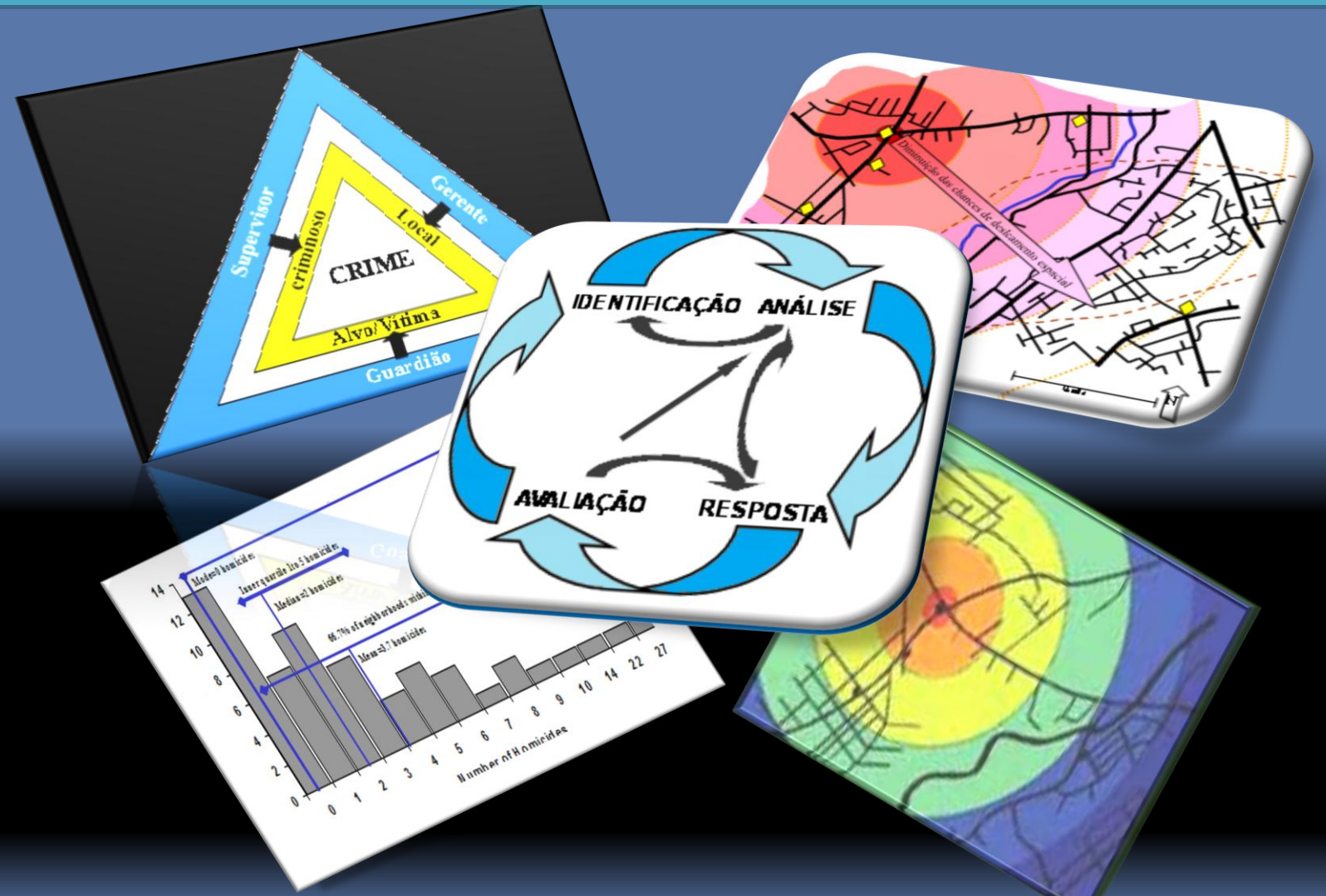


Análise de Crime para Solucionadores de Problemas Em 60 Pequenos Passos

Ronald V. Clarke & John E. Eck



Tradução em Português Alessandro Souza Soares
Revisão Elenice De Souza

Alessandro Souza Soares

Alessandro S. Soares é Oficial da Polícia Militar do Estado de Mato Grosso, atualmente no posto de capitão. Formado no Curso de Formação de Oficiais pela Academia de Polícia Militar Costa Verde. Ele é Graduado no programa de justiça criminal (Criminal Justice/Police Science) pelo *Gadsden State Comm. College* com honra acadêmica “*Summa Cum Laude*”. Membro do quadro de efetivo da Força Nacional de Segurança Pública tendo atuado em operações de segurança pública na Missão dos Jogos Pan-Americanos na cidade do Rio de Janeiro em 2007 e outras operações. Participante em cursos de análise criminal oferecido pelo Instituto Latino-Americano das Nações Unidas para Prevenção do Delito e Tratamento do Delinquente (ILANUD). Ele também foi participante em diversos cursos no *Center for Domestic Preparedness*, órgão vinculado ao *Federal Emergency Management Agency* (FEMA) e ao *Department of Homeland Security* (DHS) do governo Americano que tem como missão proteger os Estados Unidos da América do terrorismo, armas de destruição em massa e desastres de todos os tipos. Ele pode ser contactado através do email: cap.alessandro@hotmail.com.

Elenice DeSouza

Elenice de Souza é Doutora em Justiça Criminal e Crimiologia pela *Rutgers – The State University of New Jersey* e pesquisadora do Centro de Estudos de Segurança Pública e Criminalidade – CRISP da Universidade Federal do Estado de Minas Gerais. Como pesquisadora do CRISP participou de vários projetos de implementação e avaliação de políticas de segurança pública e inovações de policiamento. Por muitos anos foi analista de políticas públicas da Coordenadoria de Direitos Humanos da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte e ministrou cursos para policiais nas academias da Polícia Militar e Polícia Civil do Estado de Minas Gerais. Sua dissertação de mestrado em sociologia pela UFMG – *Avaliação do Modelo de Policiamento Comunitário em Belo Horizonte*, ganhou menção honrosa no primeiro concurso de dissertações de mestrado do CNPq. Ela é especialista em modelos comparativos de policiamento, justiça criminal comparada, criminologia do ambiente e análise de crime. Recentemente tem desenvolvido projetos de prevenção situacional de crime. Ela pode ser contactada através do email: elenice_souza@hotmail.com

AGRADECIMENTOS

Esta é uma versão revisada e ampliada do manual, ***Seja um Analista de Crime Solucionando Problemas*** que nós escrevemos para o Instituto Jill Dando de Ciências do Crime da *University College London*, com o apoio financeiro do *Home Office*. Nós somos muito gratos ao Instituto e ao *Home Office* por nos permitir produzir esta versão para os Estados Unidos. Somos também gratos ao Escritório de Serviços de Policiamento Orientado para a Comunidade por apoiar formalmente a produção deste trabalho. Na página de agradecimentos da versão anterior, agradecemos muitos colegas e amigos, cujos trabalhos nós utilizamos sem nenhuma restrição. Aqueles que nos ajudaram a completar esta versão com o fornecimento de material para inclusão, comentários nos esboços, ou de alguma outra maneira incluem: Stacy Belledin, Rachel Boba, Karen Bullock, Barbie Brookover, Christopher Bruce, Andy Brumwell, Graham Farrell, Rob Guerette, Samantha Gwinn, Shane Johnson, Johannes Knutsson, Gloria Laycock, Nancy Leach, Deborah Loewen, Tamara Madensen, Mangai Natarajan, Cynthia Pappas, Ken Pease, Nanci Plouffe, Barry Poyner, Jerry Ratcliffe, George Rengert, Nick Ross, Kim Rossmo, Rana Sampson, Matthew Scheider, Karin Shmerler, Michael Scott, Nick Tilley, Susan Wernicke, Matt White, e Deborah Lamn Weisel. Nós agradecemos a todos eles.

RONALD V. CLARKE

Ronald Clarke é professor universitário da Escola de Justiça Criminal da *Rutgers*, Universidade do Estado de Nova Jersey, e professor visitante do Instituto Jill Dando de Ciências do Crime, *University College London*. Ele trabalhou por muitos anos na Unidade de Planejamento e Pesquisa do *Home Office* onde contribuiu para o desenvolvimento do modelo de prevenção situacional do crime e do *Crime British Survey*. Ele é diretor associado do Centro de Policiamento-Orientado- para-Problema e presidente dos juízes para o Prêmio Anual *Herman Goldstein* de Excelência em Policiamento Orientado-para-Problema. Ele pode ser contactado pelo e-mail: rclarke@andromeda.rutgers.edu

JOHN E. ECK

John Eck é professor de justiça criminal da Universidade de Cincinnati. Ele tem contribuído para o desenvolvimento do policiamento orientado-para- problema desde 1984, quando ele estudou a primeira tentativa de implementação desse conceito em Newport News, Virgínia nos Estados Unidos. Ele ajudou a desenvolver um número de técnicas que hoje são padrão de policiamento orientado-para-problema, incluindo o modelo SARA e o triângulo de análise de problema. Dr. Eck é membro do Centro de Policiamento Orientado-para-Problema. Ele é juiz do Prêmio Tilley de Excelência em Policiamento Orientado-para-Problema. Dr. Eck foi membro do Comitê de Revisão de Pesquisas sobre Políticas e Práticas de Polícia (2000-2003) da Academia Nacional de Ciências. Ele pode ser contactado pelo e-mail: john.eck@uc.edu

PREFÁCIO

Uma das principais preocupações em relação ao policiamento nos Estados Unidos hoje – e no futuro próximo – é a grave redução orçamentária. A maior parte do orçamento policial é gasto em recursos humanos. Como resultado, muitas agências policiais já estão operando significativamente abaixo da sua capacidade. Fundos para contratação de novos policiais para atenderem as demandas crescentes são difíceis de serem obtidos. E, é preciso ressaltar aqui, que formas tradicionais de policiamento, devido à forte dependência de pessoal, estão sendo reduzidas. Chamadas não podem ser respondidas tão completamente e rapidamente como no passado. Policiais não podem ser designados de maneira tão fácil para aumentar a presença ostensiva nas ruas em operações que requerem trabalho intensivo, tais como, policiamento direcionado especificamente para um certo tipo de problema, varreduras ou incursões policiais em grandes áreas, e forças tarefas especiais.

Esta realidade apresenta um elemento novo e poderoso que nos ajuda a repensar a maneira que policiamos. Este associa-se com esforços anteriores que demonstraram uma grande preocupação com a eficiência da polícia. E isto cria um impulso novo em direção a uma necessidade que persiste por um longo período e é negligenciada – a necessidade de equipar a polícia com uma capacidade institucionalizada para analisar o seu produto de trabalho; perguntar rotineiramente, antes de se comprometer cada vez mais em fazer a mesma coisa, o que se espera que a polícia alcance, e como a polícia pode, de forma mais eficiente, alcançar o que é esperado.

Repensar métodos atuais exige uma nova compreensão do papel da polícia - tanto por parte da polícia quanto do público que ela serve. É fundamental reconhecer que a função da polícia não é tão simples quanto às vezes é retratada. É incrivelmente complexa. A polícia não tem a função única de garantir a obediência à lei, como essa é comumente definida. A função policial implica trabalhar com uma vasta gama de problemas comportamentais, cada um completamente diferente um do outro. Não consiste simplesmente reagir a uma infindável série de incidentes. Espera-se agora que a polícia previna a ocorrência de problemas em primeira instância.

Uma nova perspectiva sobre policiamento exige que a polícia examine, em profundidade, cada um dos numerosos problemas comportamentais que juntos constituem o seu negócio; que considere uma gama mais ampla de estratégias sobre a melhor forma de prevenir, reduzir ou eliminar cada um deles; e que considere de forma mais precisa a sua eficiência em adotar uma nova resposta focalizada. Esta é a essência do policiamento orientado-para-problema.

Muitos avanços tem sido realizados sob a égide do policiamento orientado-para-problema desde que esse conceito foi introduzido pela primeira vez em 1979. Mas esses avanços não têm sido incorporados no policiamento. A implementação desses têm sido desigual, inconsistente e sem raízes profundas e duradouras. Os avanços permanecem obscuros pelo dominante, contínuo compromisso com o policiamento

tradicional e sua grande dependência dos inúmeros policiais patrulhando e fazendo prisões.

Um maior interesse pela eficiência da polícia em lidar com problemas comportamentais específicos não precisa começar do zero. Em geral, sabemos muito sobre a vasta gama de problemas comportamentais que constituem o negócio da polícia e qual a melhor maneira de preveni-los. Esse conhecimento pode ser encontrado na literatura básica sobre crime e prevenção de crime - especialmente na literatura sobre prevenção situacional do crime. Conhecimento de grande importância pode ser encontrado, também, entre as práticas das agências policiais e mentes de policiais experientes, mas esta experiência e *expertise* devem ser aproveitadas e submetidas a análise rigorosa.

O Centro de Policiamento Orientado-para-Problema (POP) (www.popcenter.org) agora serve como um local de armazenamento do crescente corpo de conhecimento relacionado a problemas comumente encontrados pela polícia. Este centro dissemina esse material de várias formas, mas principalmente através da publicação de seus guias orientado-para-problema. Cada guia sintetiza o conhecimento existente e avaliação de práticas relacionadas a um problema específico, e estimula a polícia a avançar seu próprio conhecimento sobre a melhor forma de lidar com o problema no seu contexto local.

Enquanto o centro POP tem documentado centenas de casos bem sucedidos de policiamento orientado-para-problema, o principal impedimento ao avanço desse conceito tem sido a ausência de uma capacidade analítica dentro das agências policiais. Muitas agências policiais empregam um ou mais analistas de crime, mas algumas das maiores e mais avançadas organizações policiais, não. Quando empregado, o trabalho do analista de crime é muitas vezes estritamente restrito a tabulação de crimes que ocorrem. Em outros, estende-se a identificação de padrões de crimes com o objetivo principal de identificar o provável infrator, a fim de que ele/ela possa ser apreendido. Na sua forma mais ambiciosa, o trabalho do analista de crime pode incluir a indentificação de fatores que contribuem para um padrão de crime, mas a tarefa de decidir como responder a esses fatores é normalmente atribuída ao pessoal operacional, que, assim, tende a utilizar meios tradicionais para lidar com esses.

Entretanto, o campo de análise de crime propriamente dito tem crescido de forma muito mais sofisticada. A sólida literatura sobre o seu potencial encontra-se agora disponível. A habilidade de eletronicamente capturar, armazenar, e recuperar uma quantidade enorme de dados que polícia produz rotineiramente é infinitamente superior à que existia apenas a uma década atrás. A capacidade para mapear geograficamente o crime é surpreendente, e agora é uma importante e indispensável ferramenta para análise de crime. Abordagens padrões têm sido desenvolvidas para a coleta, análise e disseminação de inteligência em todas as linhas jurisdicionais.

Neste manual, Ronald Clarke e John Eck estabeleceram uma agenda muito mais ambiciosa e potencialmente produtiva para o analista. Eles destacam o importante

papel que o analista de crime tem na procura de novas respostas para os problemas que são diagnosticados e participação direta nos esforços para testá-las e implementá-las. Espera-se que o analista contribua para explorar formas novas, mais criativas, e potencialmente mais eficazes de realizar o trabalho da polícia. Através deste manual, Clarke e Eck demonstram como um analista, devidamente treinado e experiente, tem o potencial de aumentar muitas vezes a produtividade e eficiência de talvez centenas de policiais. Compreendido desta forma, um investimento em analistas de crime pode ser uma forma inteligente de aumentar o retorno sobre o investimento substancial que a comunidade faz na polícia.

Somando as experiências de ambos como pesquisadores e a familiaridade que possuem com policiamento, Clarke e Eck tem coletado todo conhecimento e metodologia que é relevante e atualmente disponíveis; organizado em 60 pequenas etapas ou passos que são elaborados logicamente de forma que cada um desses baseia-se sobre o outro; o material é comunicado em um estilo que é simultaneamente conciso e engajado. O volume é cheio de informações importantes e sofisticadas que o torna uma das mais significativas publicações dirigidas ao campo do policiamento nas últimas décadas.

O objetivo mais imediato do manual é ajudar o número relativamente pequeno de indivíduos agora comumente empregados em agências policiais como analistas de crime a ampliarem suas funções e, assim, contribuírem mais para a eficiência das operações das suas agências. Pretende-se, de forma mais ambiciosa, contribuir para a formação de novos analistas de crime ou solucionadores de problemas, aumentar o número desses, e desenvolver a função de analista de crime como uma profissão distinta e fundamental. Mas análises de problemas não é de domínio exclusivo de técnicos. Nós esperamos que, todos os outros na agência de polícia, dos policiais de patrulha aos policiais executivos, e, mais amplamente, aqueles em setores públicos e privados interessados sobre crime, agregarão a linha de pensamento definida no manual nas perspectivas que levam para o desempenho de seus trabalhos.

Herman Goldstein
Professor de Direito Emeritus
Universidade de Wisconsin - Madison

LEIA ISTO PRIMEIRO

Este manual de 60 passos assume que você é um analista experiente e que você está acostumado a fornecer certo tipo de informação necessária para subsidiar operações policiais. Isto significa que:

1. Você usa computação moderna e sabe como acessar e manipular base de dados.
2. Você sabe como usar software para mapear crime, identificar *hot spots*, e relacioná-los com dados demográficos e de outra natureza.
3. Você rotineiramente produz gráficos mostrando mudanças semanais ou mensais do crime ao nível do departamento e da área de policiamento local, talvez para apoiar operações de estilo-COMPSTAT.
4. Você está habituado a realizar análises em temas tais como, a relação entre endereços de infratores conhecidos e focos locais de furtos e roubos a carros e residências;
5. Você pode ter efetuado algumas avaliações antes-e-depois de *crackdowns* operações de policiamento intensivo para controle, por exemplo, de furtos de residências ou roubos de carros;
6. Você tem algum conhecimento básico de estatística e metodologia de pesquisa, como é fornecido num curso de ciências sociais.

O manual baseia-se nessa experiência para preparar você para um diferente papel analítico como membro chave de um time de solução de problemas. Na verdade, os últimos trabalhos sobre policiamento orientado-para-problema vê os analistas de crime como centrais nesta nova maneira de policiar comunidades. Os autores deste manual argumentam que muitos dos pontos fracos das práticas atuais resultam do envolvimento insuficiente dos bem-treinados analistas de crime em cada fase do processo de solução de problemas.

O manual prepara você para este novo papel, proporcionando-lhe um conhecimento básico sobre policiamento orientado-para-problema e temas relacionados como a criminologia do ambiente e o modelo de prevenção situacional de crime. Você não pode tornar-se um adequado analista de crime orientado para solução de problema sem um completo envolvimento com esses temas. Também não pode preencher esse papel sem repensar o seu trabalho e as primeiras seções desse manual explicam como adotar uma abordagem mais pró-ativa. Você não pode simplesmente esperar que seus colegas policiais venham até você com pedidos de informações. Em vez disso, você deve tomar a iniciativa em todas as fases do projeto, definindo os parâmetros do esforço de solução de problemas, na tentativa de analisar as causas do problema, ajudando a encontrar uma resposta eficaz, e organizando o projeto de forma que esse possa ser avaliado e a polícia possa aprender com seus resultados. Isto significa que

you must be an essential part of the problem-solving team, that you must explore sources of information and data that go far beyond those that you normally use in your work, that you must commit to a specific project much more time than you normally would, and, finally, that you must share the credit for the project's success, or the disappointment of its failure, equally with the other team members.

The manual presumes that analysts who assume this new role will be interested in contributing to the development of their profession. Assisted by a base of data highly developed in hardware and software, the analysis of crime is on the verge of becoming a new and exciting specialty. In fact, it has already begun to attract a cadre of well-trained and highly motivated professionals who are vital to the development of law enforcement in the 21st century. You can make your contribution by communicating the results of your work at professional meetings and in journals of your profession. In this way, you will not only help your profession and law enforcement in general, but you will also become a more informed and valuable resource for your own organization.

The manual is sufficiently short to read in a week. It would be a lot of work and probably worth the effort, but it was not designed to be read and then put away. Instead, we hope you will find it a source of reference that you will keep near your desk, consulting it whenever necessary, in the course of a problem-solving project. It is for this reason that it is designed to be robust, allowing for continuous use. When you open it, a particular page is designed to stay open on your desk, and in this way you can consult it easily while you are working at your computer.

We organize the steps in a logical order, one after the other, following the SARA (or IARA in Portuguese) model (Identification, Analysis, Response, and Evaluation), although each of these has its own meaning and deals with a specific topic. This should make it unnecessary for you to flip through the manual, page by page, when dealing with a specific topic. To get the most from the manual, you should be familiar with the table of contents and you should have navigated through the sections that interest you to get a general idea of the content. But you should study only a specific step when you have an immediate need for information that is contained in it. In any case, this is the best way to learn: to look up and use information when you have a practical need for it.

In some cases, we discuss a particular topic in more than one place. For example, Step 12 provides a general introduction to the concept of displacement, while Steps 48 and 49 explain how to examine the various forms of displacement in the evaluation phase. The glossary and index, placed at the end of the manual, should help you find where a particular topic is mentioned in more than one place.

Nós utilizamos exemplos de outros países, bem como dos Estados Unidos. Nós procuramos os melhores exemplos para explicar o nosso ponto, assim, mesmo se o contexto é estrangeiro, os princípios são universais. Esperamos que esta diversidade de idéias estimulem pensamentos criativos: “Pode essa abordagem ser adaptada para este problema?” “Como poderíamos fazer isso?” Nós não temos uma referência tão completa no manual como numa publicação acadêmica por várias razões. Nós já tentamos destilar a essência da literatura em cada passo. Nós também duvidamos que ocupados analistas de crime terão muito tempo para uma leitura acadêmica. Finalmente, alguns de vocês terão pronto acesso a bibliotecas especializadas que mantêm esse material. Mas às vezes você precisará saber mais sobre um tópico, e em cada passo nós identificamos artigos chaves ou livros que você deve ser capaz de obter mais facilmente. Sempre que possível, optamos por aqueles que são acessíveis na Web. Se você precisar de ajuda com referências, sinta-se livre para enviar um e-mail a um de nós no endereço dado anteriormente. Nós também teremos o maior o prazer em receber quaisquer comentários sobre o manual, especialmente sugestões para melhorias, o que poderia ser útil se prepararmos outras edições no futuro. O mais importante, por favor não sejam tímidos em sugerirem suas próprias análises para inclusão!

O HOME OFFICE E A POLÍCIA BRITÂNICA

Como explicado nos Agradecimentos, desenvolvemos este manual a partir de uma versão anterior que nós preparamos para o Instituto *Jill Dando* de Ciência do Crime do *College University London*. Nós removemos termos e ortografias Britânicas e substituímos muitos dos exemplos Britânicos por exemplos americanos. Mas você ainda irá encontrar muitas referências a temas Britânicos. Em particular, você notará freqüente menção do *Home Office*, o qual é equivalente ao Departamento de Justiça dos Estados Unidos. Esse tem a responsabilidade global pelas questões relacionadas com o crime e justiça na Inglaterra e País de Gales, incluindo a polícia. Há apenas 43 forças ou unidades policiais na Inglaterra e País de Gales (para uma população de cerca de 50 milhões), então as forças ou unidades são muito maiores do que a maioria dos departamentos policiais americanos. Há também muito mais uniformidade entre as forças policiais Britânicas em termos de políticas, estruturas de hierarquia, equipamentos e emprego de policiais. Isto é devido em parte à macro visao fornecida pelo *Home Office* (que fornece 51% do orçamento de cada uma das unidades) e de inspeções regulares pelos inspectores militares das forças armadas da Majestade. O *Home Office* também financia muitas pesquisas sobre crime e justiça criminal e dispõe de um grande e próprio departamento de pesquisa que publica muitos estudos de direta e prática relevância para a polícia. Recentemente, tem patrocinado muitos trabalhos sobre policiamento orientado-para-problema, incluindo a versão original deste manual.

ANÁLISE DE CRIME PARA SOLUCIONADORES DE PROBLEMAS EM 60 PEQUENOS PASSOS.

ÍNDICE DE CONTEÚDO

Agradecimentos

Autores

Prefácio

Leia Isto Primeiro

Organize-se

1. *Repense o seu trabalho*
2. *Seja um expert de crime local*
3. *Saiba o que é eficiente (e o que não é) em policiamento*

Saiba Mais sobre Policiamento Orientado-para-Problema

4. *Torne-se um expert em POP*
5. *Seja fiel ao POP*
6. *Seja muito específico em relação ao crime*
7. *Seja guiado pelo IARA – não desvie!*

Estude Criminologia do Ambiente

8. *Use o triângulo de análise de problema*
9. *Saiba que oportunidade faz o ladrão*
10. *Coloque-se no lugar do infrator*
11. *Espere que os infratores reajam*
12. *Não seja desencourajado pelos pessimistas do deslocamento*
13. *Espere difusão de benefícios*

Identifique Problemas de Crime

14. *Use o teste CHEERS ao definir problemas*
15. *Saiba qual tipo de problema você tem*
16. *Estude a jornada do crime*
17. *Saiba como os hot spots se desenvolvem*
18. *Saiba se a regra 80-20 se aplica*

Analise em Profundidade

19. *Pesquise sobre seu problema*
20. *Formule hipóteses*
21. *Colete seus próprios dados*
22. *Examine a distribuição de seus dados*

23. *Diagnostique seu hot spot*
24. *Saiba quando usar mapas de alta definição*
25. *Preste atenção nos ritmos diários e semanais*
26. *Considere mudanças a longo prazo*
27. *Saiba como usar taxas e denominadores*
28. *Identifique estabelecimentos de risco*
29. *Esteja preparado para vitimização repetida*
30. *Considere a reincidência de crime*
31. *Conheça os produtos que são desejados pelos ladrões*
32. *Conduza estudos de controle de casos*
33. *Aprenda como mensurar associação*
34. *Procure por facilitadores de crime*
35. *Entenda o crime do começo ao fim*
36. *Certifique-se de responder as perguntas dos 5 “W” (e um “H”)*
37. *Reconheça que errar é humano*

Encontre uma Resposta

38. *Agarre o seu papel imediatamente*
39. *Aumente o esforço do crime*
40. *Aumente os riscos do crime*
41. *Reduza as recompensas do crime*
42. *Reduza provocações*
43. *Remova desculpas para o crime*
44. *Encontre o dono do problema*
45. *Escolha respostas possíveis de serem implementadas*

Avalie o Impacto

46. *Conduza um processo de avaliação*
47. *Saiba como usar controles*
48. *Considere deslocamento geográfico e temporal*
49. *Examine deslocamento para outros alvos, táticas e outros tipos de crime*
50. *Esteja atento a chegada de novos infratores*
51. *Esteja alerta para benefícios inesperados*
52. *Espere diminuição prematura do crime*
53. *Teste a significância dos resultados*

Comunique-se Eficientemente

54. *Conte uma história clara*
55. *Faça mapas claros*
56. *Use tabelas simples*
57. *Use figuras simples*
58. *Organize apresentações influentes*
59. *Seja um apresentador competente*
60. *Contribua para acumulação de conhecimento*

Glossário

1. REPENSE O SEU TRABALHO

Como a maioria dos analistas de crime, você provavelmente pensa no seu trabalho de forma bastante modesta. Você não resolve crimes de primeira mão. Nem você tem a liderança do departamento para estabelecer as prioridades de combate ao crime. Em vez disso, você fornece inúmeros dados para aqueles que fazem o "verdadeiro" trabalho de encontrar uma melhor maneira de prender criminosos. Você responde aos pedidos por estatísticas atualizadas sobre arrombamentos ou roubos de carros, por exemplo, dos chefes de guarnições como Oficiais e Sargentos operacionais. Você mapeia crimes para reuniões semanais, a fim de que o superior responsável saiba onde há demanda por mais esforço. E você compila estatísticas mensais que outros necessitam para seus relatórios. Em outras palavras, você senta no banco traseiro, enquanto outros dirigem, solicitando a sua ajuda apenas quando precisam dela. Este manual ajudará você a repensar o seu papel. Até alguém sentado no banco de trás pode ajudar o motorista perdido a encontrar a direção correta. Controle sobre informações é crucial e a habilidade de analisá-las é muito importante também. A pessoa que aprende como fazer isto se torna um membro essencial do time. Mas nós não estamos aqui falando sobre poder ou status. Nós estamos, ao contrário, nos referindo ao desafio que todas as unidades policiais estão expostas: como resolver problemas criminais repetitivos e persistentes. Pense em você como um membro de um time ajudando a resolver esses problemas, com um papel particular. Enquanto estiver usando este manual, você começará a ver como desenvolver esse papel e você verá também como esse é essencial.

Para desempenhar esse papel essencial, você precisa saber mais. Nós não estamos nos referindo à melhoria da competência de lidar com computadores ou a habilidade de fazer mapeamento, por mais que esses sejam importantes. Você precisa aprender mais sobre o crime em si, tornar-se um recurso para seu departamento, como um *expert* do crime na sua área local. Se existe uma nova onda de assaltos, você deve ser o primeiro a saber e o primeiro a falar sobre o assunto. Analisar e mapear as estatísticas e obter os fatos por si mesmo. Se você esperar, outros vão dizer o que está acontecendo sem qualquer base fatorial. Uma vez mais você será deixado no banco traseiro. Você é a pessoa dos "fatos" e você deve descobri-los o mais depressa possível, usando os melhores meios possíveis. Isso frequentemente significará ir além dos dados da polícia, e este manual irá contar a você como utilizar outras fontes de dados, incluindo entrevistas com vítimas e infratores e registros de crimes mantidos pelas empresas. Tornar-se uma fonte de informação é um primeiro passo. O ideal é ser também uma fonte de conselhos. Se você pode fazer isso, depende da abertura do seu supervisor, mas pelo menos você pode fornecer opções ou apoiar as sugestões de outras pessoas com informações e dados.

Em particular, você deveria saber o que funciona em policiamento e o que não funciona. O quanto a polícia aleatória é eficiente? Com qual frequência a polícia atende a um crime em andamento? Com qual frequência os crimes são resolvidos posteriormente através do trabalho paciente de detetives ou provas forenses? Quanto

são produtivos, em termos de detenções, os serviços de investigação secreta e vigilância? Quanto as operações *crackdowns* custam em termos de uso do tempo do policial? Quais são as taxas de detenção para diferentes tipos de crimes? Quantos crimes de diferentes tipos são ainda comunicados à polícia? Saber as respostas para essas perguntas indicará a você por quê até mesmo os policiais que mais trabalham pesado são relativamente ineficazes na prevenção de crime, e por quê um número crescente de forças policiais agora estão mudando seu foco para o policiamento orientado-para-problema.

O principal objetivo deste manual é o de informá-lo sobre policiamento orientado-para-problema e a papel vital que você pode ter na implementação do mesmo. O manual ajuda você a distinguir policiamento orientado-para-problema de outras formas de policiamento comunitário. O manual mostra como o policiamento orientado-para-problema pode tornar-se mais eficiente através da criminologia do ambiente e prevenção situacional de crime. Descreve cada uma das quatro fases de um projeto orientado-para-problema –identificando problemas de crime, analisando um problema específico em profundidade, respondendo ao problema através da implementação de soluções e avaliando os seus resultados – e dá exemplos de dados e informações que você poderia fornecer a cada etapa. Finalmente, ilustra o tipo de análise que você pode realizar em todas as quatro fases, para trabalhar eficientemente como membro de um time de solução de problemas.

Estas fases de um projeto orientado-para-problema exigirá que você continue trabalhando em um único projeto muito mais tempo do que seu papel tradicional de analista exige. Você pode esperar ficar com um projeto de solução-de-problemas durante semanas ou meses, em vez de apenas poucas horas necessárias para mapear um *hot spot* de arrombamento de residência ou fornecer um relatório mensal. Onde quer que uma avaliação detalhada de resultados seja necessária, o seu envolvimento poderá ser prolongado até mesmo por mais de um ano. Você pode ter que explicar isto para policiais que chegam para ajudar você.. Primeiramente, eles podem ficar surpresos que você esteja disposto a continuar com um projeto por tanto tempo, mas em breve eles irão apreciar o seu compromisso de fazer o esforço meritório.

Seu tempo tem sido desperdiçado se você não pode comunicar os resultados do seu trabalho. Seções posteriores do manual dão sugestões para comunicações mais eficientes, que contam uma estória usando mapas e tabelas simples. Suas apresentações devem ser orientadas para um curso de ação, mas você deve sempre explicar os limites de seus dados e informar aos policiais onde suas recomendações baseiam-se em boas intuições ao invés de fatos.

Este manual não pode lhe dizer tudo o que você deve saber ou fazer para tornar-se um analista de solucao de problemas. Você deve procurar constantemente aprimorar sua habiidade técnica e profissional e manter-se atualizado com as mais recentes evoluções em áreas relevantes. Você deve ter a iniciativa de encontrar maneiras mais eficientes de obter informações, e formas mais eficientes de processá-las. Com o tempo você ficará livre de tarefas de rotina, o que significa mais tempo disponível para

novos trabalhos de análise de problemas. Você precisa realizar leituras mais abrangentes e explorar outras fontes de informação. Leituras adicionais são recomendadas em todo este manual, mas você também terá de encontrar material por si mesmo. Uma boa maneira de fazer isso é através de redes com analistas de outros departamentos e pela participação em reuniões profissionais de analistas, polícia e criminólogos. E tentar transmitir o que você tem aprendido através da participação e apresentações nesses encontros, onde valiosas ou diferentes análises são feitas

Em suma, você deve começar a se ver como mais do que apenas um técnico capacitado em manipular e apresentar dados. Você deve tornar-se mais parecido com um pesquisador – alguém que está trazendo o melhor que a ciência pode oferecer para fazer o policiamento mais eficiente. Pela mesma razão, também reconhecer que voce é parte de uma profissão emergente, a qual você pode ajudar a desenvolver.

Repense o seu trabalho:

- Torne-se um *expert* em crime..
- Saiba o que funciona em policiamento.
- Promova solucao de problemas.
- Assuma o seu lugar na equipe de projeto.
- Saiba mais sobre criminologia do ambiente.
- Aprimore sua habilidade de pesquisa.
- Comunique-se eificientemente.
- Melhore a sua profissão.

Leia Mais:

Braga, Anthony (2002). *Problem-Oriented Policing and Crime Prevention*, Monsey, NY: Criminal Justice Press.

2. SEJA UM *EXPERT* DE CRIME LOCAL

Com que frequência já lhe foi perguntado as seguintes questões em seu trabalho?

- Quais são os locais quentes para roubo de automóveis no momento?
- Quais lojas de conveniência são repetidamente roubadas e porquê?
- O que os ladrões estão roubando das lojas e onde eles revendem esses produtos? Quem são os receptadores?
- Há menos crime nas ruas bem iluminadas?
- Quais condomínios de apartamentos são utilizados como pontos de comércio de drogas?

Algumas dessas perguntas você talvez não tenha sido capaz de responder completamente - outras só depois de uma análise especial. Mas suponha que você tivesse as respostas para elas e muito mais em suas mãos? Suponha que você fosse o *expert* de crime em sua área de responsabilidade? De fato, ninguém mais pode preencher esse papel:

- Policiais estão demasiadamente ocupados atendendo chamadas.
- Investigadores estão focados em casos específicos.
- Sargentos estão supervisionando seus subordinados.
- Tenentes estão fiscalizando as respostas das patrulhas em grandes áreas geográficas.
- O chefe, seu ou sua assistente e capitães estão ocupados com questões administrativas.

Em suma, ninguém pode ver toda dimensão do crime. Mas se você fosse o *expert* de crime local, isto ajudaria o seu departamento a se tornar mais informado, eficiente e capaz de utilizar os próprios recursos para reduzir o crime. Isso proporcionaria mais oportunidades para alertar cidadãos, detectar criminosos, bem como iniciar esforços preventivos. Em resumo, você poderia ajudar muitas pessoas através da coleta de informações certas.

Para se tornar *expert* de crime local, reúna-se regularmente com os despachantes e converse com os policiais sobre o que eles estão vendo. Lembre-se que os policiais do último turno de trabalho podem não se encontrarem com os policiais do turno anterior, e que os policiais de uma área da cidade podem não se encontrarem com os policiais que trabalham em outra parte da cidade. Eles muitas vezes discutem sobre exceções, não as regras, sobre o que os deixaram com raiva, não sobre a rotina. No entanto, a rotina é o pão e a manteiga da análise de crime.

Ande com os policiais nos carros de patrulha sempre que o seu tempo permita. Você não somente poderá conhecer mais os policiais do seu departamento, mas você também terá uma melhor noção do trabalho deles, bem como dos problemas que eles enfrentam nas ruas. Matt White, um analista de crime do escritório do Sheriff em

Jacksonville, Florida, recomenda levar junto um laptop carregado com dados de Sistema de Informação Geográfica (GIS). Você pode, então, comparar as informações sobre a área com a percepção dos policiais.

Cenas de crime recebem uma grande parte da atenção no caso de crimes graves, mas, geralmente, não no caso de crimes rotineiros. Você pode aprender muito visitando as cenas de crime, especialmente quando estiver tentando compreender um determinado problema de crime. Comparando os relatórios de incidentes com suas próprias observações poderia revelar detalhes importantes sobre o cenário e as circunstâncias dos incidentes que podem não terem sido registrados - talvez porque o formulário de relatório não os requesitava, especificamente. Armado com este conhecimento, você pode sugerir alterações nos formulários para obtenção de informações que sejam de grande ajuda, tanto para identificação de infratores como formulação de novas idéias sobre como prevenir para que esses crimes não se repitam no futuro.

Tente manter-se informado das novas tendências de crime. Leia vários boletins de ocorrências de crime a cada semana para ver se há algo novo. Tente também prestar atenção nas tentativas de crimes não sucedidos (veja o diagrama). Alguns infratores usam o processo de tentativa e erro enquanto procuram por novas maneiras de conseguirem alguma coisa por nada. Aqueles que tentam falsificar ou burlar bilhetes de máquinas que vendem bebidas e salgadinhos ou caixas eletrônicos podem ter dificuldades de encontrarem um método que funcione. Mas quando eles conseguem, os comentários se espalham. Se você tem conhecimento do método deles você pode ser capaz de alertar os policiais e outros.

Muitas vezes um problema de crime local também é encontrado em outros lugares. Sua unidade poderá experimentar uma onda de assaltos em áreas de condomínio de apartamentos quando esse nunca foi um problema antes. Mas você pode ter certeza de que algum outro lugar já sofreu esse problema. É por isso que é importante estar atento às mudanças de alvos do crime e do *modus operandi*. A *Internet* é um boa fonte de informações sobre quais crimes outros estão vendo. Você também deveria perguntar aos seus colegas analistas de unidades policiais próximas da sua. Eles podem estar experimentando exatamente o mesmo problema, talvez com o mesmo grupo de infratores envolvidos.

Não se limite somente à polícia, pois muitas outras pessoas sabem muito sobre problemas de crime específico:

- Fiscais de leis municipais sabem que o ambiente está se deteriorando antes que isso se torne visível para outras pessoas.
- Proprietários de bares sabem sobre consumo de álcool por menores de idade, práticas precárias de higiene e práticas inadequadas de gestão (em outros bares, é claro!).
- Diretores de escola sabem muito bem sobre intimidação entre alunos e vandalismo no terreno da escola.

- Proprietários de pequenas empresas estão atentos aos problemas que ocorrem em seus estabelecimentos. Por exemplo, um farmacêutico sabe o que está sendo roubado da sua loja ou se há pessoas drogadas na redondeza.
- Trabalhadores de salas de emergências vêem muitas lesões causadas por crime que eles registram, mas talvez não reportam a polícia.
- Abrigos de mulheres ou centros de vítimas de estupro sabem muito mais sobre padrões de violência doméstica do que a maioria dos policiais.
- Seguranças privados são muitas vezes os primeiros a saberem sobre um determinado incidente. Mas eles também têm informações que podem contribuir para compreensão geral dos padrões de crime local.

Os próprios infratores são fontes de informações surpreendentes. Embora eles mesmos possam não admitir nada do que fazem, eles muitas vezes estão dispostos a contarem "como as coisas são feitas normalmente." Muitos infratores falam bastante sobre a arte de cometer delito, e contarão a você exatamente como eles escolhem os alvos, compram e vendem coisas roubadas que são valiosas, o que os infratores estão procurando nos dias atuais, e coisas do gênero. Pedir para seus colegas de trabalho obterem essas informações dos infratores pode ser muitas vezes útil.

Por último, vítimas podem contar a você muitas coisas sobre crime. Para delitos, como arrombamento a residência, elas podem não ser capazes de lhe contarem a hora exata da ofensa, mas elas ainda podem lhe dizer por onde um infrator arrombou, o que está faltando, que parte ou andar da residência não foi mexida, etc.

Como tornar-se expert de crime na sua área:

- Afaste-se de seu computador!
- Fale com policiais sobre o que eles estão vendo.
- Ande nas viaturas com os policiais de patrulha e sente com os despachantes de ocorrências.
- Visite cenas de crimes e analise os relatórios.
- Verifique tentativas fracassadas para saber exatamente o que aconteceu.
- Fale com as autoridades da cidade sobre problemas de crime específico.
- Troque informações com comerciantes e segurança privada.
- Pergunte a analistas de cidades vizinhas sobre mudanças de alvos e métodos.
- Peça para outros policiais pergutarem aos infratores sobre os métodos deles.
- Obtenha informações de vítimas sobre exatamente quando, onde, e como.
- Ajude a melhorar os boletins de ocorrências e a obtenção de dados.

APRENDENDO A PARTIR DE TENTATIVAS MAL-SUCEDIDAS

O departamento de polícia da Califórnia em Chula Vista estava consciente de que o sucesso no crescimento da construção na cidade poderia contribuir para piorar o problema de arrombamento à residências. As novas casas foram destinadas para casais com boas condições financeiras que estariam fora durante o dia quando os

arrombamentos eram mais prováveis de acontecerem. A polícia, por isso, decidiu analisar a a eficácia das precauções de segurança existentes para verificar se algumas dessas poderiam ser implementadas nas novas casas ou sugeridas para os proprietários. Cathy Burciaga, uma das analistas de crime do departamento, comparou os arrombamentos consumados com as tentativas mal sucedidas de uma amostra de 569 casas num período de 18 meses na cidade. Essa análise indicou que travas deveriam ser instaladas em ambas as portas laterais e frontais das novas casas. Entrevistas realizadas com 250 vítimas e 50 ladrões revelaram que nenhum ladrão tentou entrar numa casa quebrando uma janela de vidraça dupla. Isto levou à recomendação de que todas as janelas nas novas habitações fossem de vidros duplos e de acordo com os padrões de entradas-seguras.

	<i>Arrombamentos concluídos</i>	<i>Tentativas infrutíferas</i>	<i>Efetiva?*</i>
Entardecer ao amanhecer	28%	29%	Não
Luz interna acessa	26%	29%	Não
Censor de luz interna	9%	11%	Não
Trava na porta frontal	28%	25%	Não
Portas laterais e frontais travadas	15%	29%	sim
Detector de movimento externo	23%	36%	Sim
Rádio/TV deixados ligados	9%	28%	Sim
Placa da companhia de alarme	19%	36%	Sim

* "Sim", significa presente em uma maior proporção de tentativas mal sucedidas do que em arrombamentos concluídos.

3. SAIBA O QUE É EFICIENTE (E O QUE NÃO É) EM POLÍCIAMENTO

Evidência sobre o que torna a polícia eficiente aponta para o papel vital do analista de crime no policiamento do século 21. Compreender esta pesquisa pode ajudar a você a usar as lições que a polícia profissional tem aprendido ao longo do último terço de século.

Tem havido um número considerável de pesquisas sobre quais práticas policiais são eficientes na redução de crime e quais práticas não são eficientes. Recentemente, a Academia Nacional de Ciências estabeleceu um painel de *experts* em ciência social para reavaliarem todas as pesquisas realizadas sobre polícia incluindo a questão da eficiência policial. O quadro é adaptado a partir desse relatório. As abordagens menos eficientes para redução de crime encontram-se no quadrante inferior esquerdo e as mais eficientes estão no superior direito.

No canto inferior esquerdo do quadro, temos o “modelo padrão” de policiamento. Essa é a estratégia dominante de policiamento na América do Norte. O modelo padrão é caracterizado pela sua dependência em relação à imposição da lei e falta de foco. Aqui nós encontramos patrulhamento geral para prender infratores, resposta rápida a uma grande variedade de chamadas para o serviço policial, atualização de investigações iniciais de crime, e outras atividades direcionadas para garantir o cumprimento da lei que fazem pouca distinção entre as características das pessoas, lugares, horas, ou situações. Confrontados com a demanda pública pela redução do crime, autoridades públicas e a imprensa que estão apegados ao modelo padrão irão solicitar mais policiais, diminuição no tempo de resposta policial, maior visibilidade da polícia, taxas mais altas de sucesso nas investigações, e mais detenções. Igualmente importante é o que a imprensa e as autoridades públicas não exigem – maior precisão sobre quem, o quê, quando, onde, por quê, e como os crimes acontecem, distinções entre tipos de crime, participação de outras instituições públicas e privadas na solução de crimes, ou a implementação de alternativas ao modelo padrão.

Algumas das primeiras pesquisas sobre eficiência policial abordaram aspectos do modelo padrão. Essas tem consistentemente falhado em descobrir que o modelo padrão não tem nenhum efeito perceptível sobre o crime, desordem, ou medo de crime. Patrulha aleatória, resposta rápida, atualização de investigações iniciais, e políticas de detenção podem ser muito benéficas para outros fins, mas não deveríamos esperar que nenhuma dessas práticas tenham um impacto sobre o crime ou a desordem. Tampouco existem provas sólidas que a inclusão de novos policiais para levar a cabo essas práticas afetará o crime.

Para se ter um efeito sobre o crime, pesquisa sugere fortemente que as estratégias policiais devem incluir dois elementos. Esses estão representados nos eixos do quadro. Primeiro, a estratégia deve diversificar as suas abordagens em relação ao crime e a desordem. Isto é, o policiamento deve abordar crime e desordem utilizando um maior leque de ferramentas do que simplesmente garantir o cumprimento da lei. Esta idéia é expressa sobre o eixo vertical. Existe evidência de que trabalhando com o público, e

indo além de garantir o cumprimento da lei, podem ter um efeito modesto na redução de crime e desordem, e quanto maior o contato pessoal entre polícia-cidadão, maior é a probabilidade que essas estratégias terão um efeito sobre o crime.

O segundo elemento necessário enfatiza o foco na eficiência policial. Esse elemento é demonstrado no eixo horizontal do quadro. Há, em geral, sólida evidência que concentrando geograficamente o policiamento em zonas quentes de crime e desordem pode ser eficiente, pelo menos a curto prazo. Isto é, patrulhamento centrado em pequenas áreas com alta incidência de crime (por exemplo, esquinas e quarteirões), tem um efeito modesto sobre o crime e um grande efeito sobre a desordem. Isso pode ser alcançado com ou sem ações intensivas de detenções. CompStat e outras inovações do gênero no final dos anos 90 tentaram tirar vantagem dessas constatações. O Escritório de Serviços de Policiamento Orientado para a Comunidade, publicou um Guia orientado-para-problema que analisa quando os *crackdowns* e táticas relacionadas são ou não são eficientes (ver Leia Mais).

Se poucas pessoas são responsáveis pela maioria dos crimes ou desordem, então, retirando-as de circulação deveria reduzir os crimes. Embora pareça ser bom em princípio, a pesquisa que testa essa idéia é muito fraca, então nós não sabemos se programas direcionados para infratores reincidentes funcionam na prática atual, ou se eles são uma noção aparentemente promissora que não pode ser eficientemente realizada.

O policiamento orientado-para-problema emprega ambos elementos – combina o uso de diversos modelos com ação focalizada. O quanto isso é eficiente? Existe um grande número de avaliação de evidências aqui empregando métodos de pesquisa de fraco-a-forte que consistentemente descobrem que essa combinação realmente reduz o crime e a desordem. Em primeiro lugar, muitos esforços de solução-de-problema têm sido empregados depois que os esforços concentrados na garantia do cumprimento da lei falharam na produção de efeitos duradouros no crime, então algo mais necessita ser feito. Num dos primeiros exemplos, a polícia de Newport News, Virginia, teve que lutar contra as taxas excepcionais de roubo nos apartamentos em Nova Briarfield por mais de uma década. Eles obtiveram alguns resultados de curto prazo a partir do emprego de vários métodos direcionados para garantir o cumprimento da lei, tais como as patrulhas a pé e os programas de distritos policiais menores. Mas, cada vez que a polícia não era empregada em Nova Briarfield, o aumento da taxa de ocorrências resurgia. Foi apenas após o emprego do modelo orientado-para-problema – envolvendo cidadãos, a autoridade de habitação pública, o departamento de bombeiros, o departamento de regulação de códigos da cidade, e o departamento de moradia e desenvolvimento urbano dos Estados Unidos – que a polícia foi capaz de reduzir substancialmente as ocorrências de roubos a edifícios. Em segundo lugar, David Weisburd e Lorraine Green descobriram, através de um experimento aleatório, que a solução-de-problemas teve um impacto muito maior quando o modelo orientado-para-problema em pontos quentes de drogas foi comparado ao modelo tradicional de garantir o cumprimento da lei em zonas quentes de tráfico de drogas na cidade de Jersey, New Jersey. Assim, apesar da estratégia focalizada de garantir o cumprimento

da lei ser mais eficaz do que a não focalizada, o método focalizado de solução-de-problema ainda é mais eficaz.

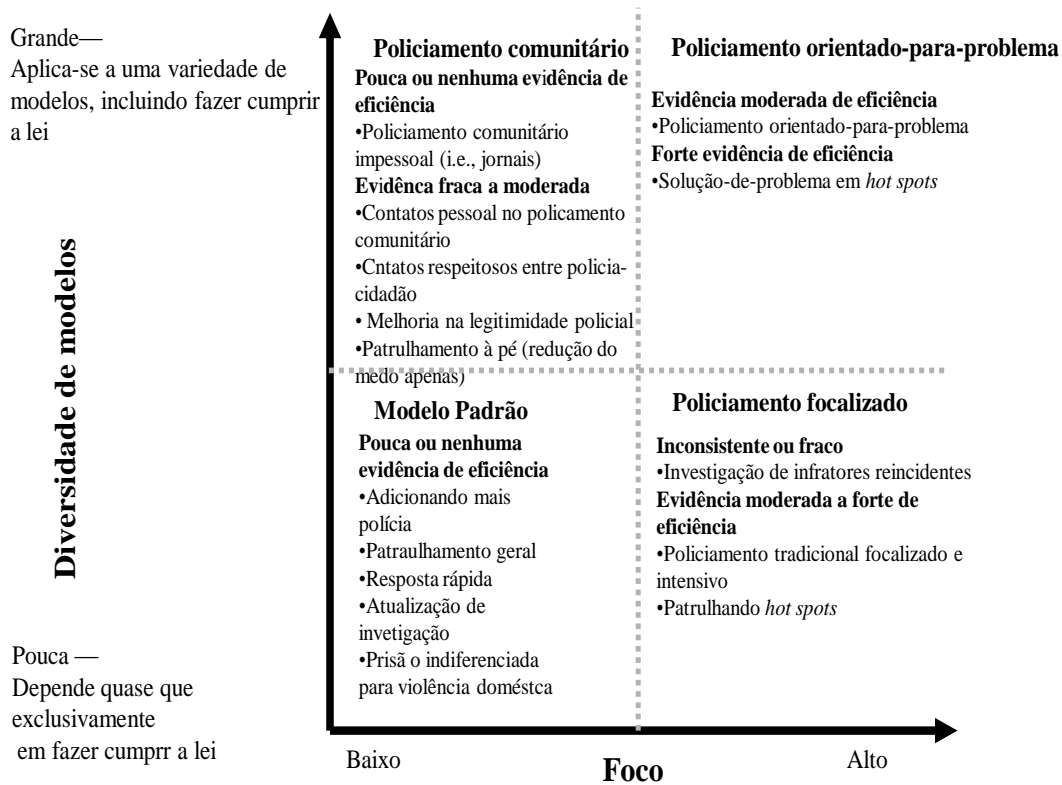
As lições durante um terço de um século de pesquisa são agora claras. O trabalho eficiente da polícia exige tanta atenção focalizada quanto o emprego de diversos métodos. O policiamento menos eficiente não usa nenhum desses elementos. A explicação para isto é igualmente clara. Se diversos métodos são utilizados sem foco, é mais difícil empregar o método adequado para os lugares e pessoas que mais necessitam dele. Se policiais estão centrados nas zonas quentes, mas apenas fazem cumprir a lei, eles limitam a eficiência do método. Uma agência de polícia inteiramente eficiente deve tirar vantagem dos detalhes das situações de crime para reduzir as oportunidades de crime. Analistas de crime têm papéis importantes no emprego de ambos elementos –focando com precisão através do uso de seus métodos analíticos, e ajudando a criar táticas policiais apropriadas que levem em conta os detalhes dos problemas que eles têm revelado. Isso torna o século 21 o século da análise de crime no policiamento.

Leia Mais:

Michael Scott (2003). *The Benefits and Consequences of Police Crackdowns*. Problem-Oriented Policing Guides. Response Guides Series, No. 1. Washington, DC: Office of Community Oriented Policing Services (accessible at www.popcenter.org).

David Weisburd and John Eck (2004). What Can Police Do to Reduce Crime, Disorder and Fear? *The Annals of the American Academy of Political and Social Science* 593:42-65

Eficiência de Estratégias de Policiamento



Adapted from National Research Council (2003), **Fairness and Effectiveness in Policing: The Evidence**. Committee to Review Research on Police Policy and Practice. Edited by Wesley Skogan and Kathleen Frydl. Washington, DC: The National Academies Press. Figure 6.1 and Table 6.1, pp. 248-249.

4. TORNE-SE UM *EXPERT* EM POP

Quando um crime grave ocorre, espera-se que a polícia reaja imediatamente. Ela deve prestar ajuda e tranquilizar as vítimas e mover-se rápido para prender os criminosos. No entanto, temos visto que muitas vezes a polícia não é capaz de prender os culpados e nem de garantir uma condenação quando os culpados são detidos. Nós também temos visto que o patrulhamento aleatório, o qual o público espera, não é uma maneira eficiente de deter criminosos. Isso significa que a maior parte do trabalho que é realizado pela polícia para atender as expectativas do público tem valor limitado no controle do crime.

Se as pessoas soubessem desses fatos, elas não ficariam satisfeitas com a polícia se a mesma abandonasse as patrulhas ou diminuísse o atendimento às chamadas de crimes graves. Em vez disso, elas esperariam que a polícia encontrasse novas e melhores maneiras de controlar o crime, enquanto continuasse desempenhando o mesmo trabalho tradicional. Na verdade, é isso que a liderança da polícia está tentando fazer através de experimentos como o CompStat, tolerância zero, policiamento comunitário, e policiamento orientado-para-problema (ou solução de problemas, como é frequentemente chamado). Embora analistas de crime tenham um papel a desempenhar em todas essas inovações, o policiamento orientado-para-problema (POP) os consideram como o foco de atenção e dá-lhes uma importante função dentro da equipe. É por isso que você deveria aprender mais sobre o policiamento orientado-para-problema.

Herman Goldstein introduziu o conceito de policiamento orientado-para-problema em um ensaio publicado em 1979. A sua ideia era simples. O conceito de policiamento deveria ser fundamentalmente sobre como alterar as condições que dão origem aos problemas de crime repetitivo e não deveria ser simplesmente sobre como responder a incidentes quando eles ocorrem ou tentar impedi-los através de rondas preventivas. A polícia considera desmoralizante retornar várias vezes ao mesmo local ou lidar várias vezes com problemas causados pelo mesmo pequeno grupo de infratores. A polícia sente-se sobrecarregada com o volume de chamadas de ocorrências e pela pressão em atendê-las, num esforço inútil de lidar com todas elas. Para escapar dessa enrascada, Goldstein disse que a polícia deveria adotar o método de solução-de-problemas no qual a polícia trabalha a partir das quatro etapas seguintes:

1. Exame cuidadoso dos dados, para identificar padrões dos incidentes com os quais a polícia lida rotineiramente.
2. Análise profunda das causas desses padrões (ou problemas).
3. Descoberta de novas formas de intervir previamente na cadeia causal, a fim de que esses problemas sejam menos prováveis de ocorrerem no futuro. Essas novas estratégias não são limitadas aos esforços para identificar, prender, e oficialmente acusar e julgar infratores. Mais do que isso, sem abandonar o uso do direito penal quando ele parece ser provavelmente a resposta mais eficiente, o policiamento

orientado-para-problema procura descobrir outras respostas potencialmente efetivas (que podem exigir parceria com outros) dando grande prioridade à prevenção.

4. Avaliação de impacto das intervenções e, se elas não tiverem sucesso, iniciar o processo novamente.

SARA (ou IARA tal como é traduzido nesta versão do manual) é a sigla usada para se referir a essas quatro fases de solução de problemas – Identificação, Análise, Resposta e Avaliação. Outras seções deste manual irão discutir essas fases de maneira mais detalhada, mas você já pode perceber o porquê você tem um papel central no policiamento orientado-para-problema. Você é a pessoa mais familiarizada com os dados da polícia e você sabe como analisar e mapear esses dados da melhor maneira possível para identificar padrões subjacentes. Você, provavelmente, deve saber melhor do que ninguém do seu departamento como usar os dados para avaliar novas iniciativas. Se você faz disso o seu negócio para tornar-se um *expert* em crime local, você também saberá onde encontrar outras informações relevantes sobre os problemas que acontecem; onde encontrar informações na Internet e na literatura especializada sobre respostas bem sucedidas que foram usadas em outros locais; como utilizar idéias inspiradas na criminologia do ambiente para desenvolver a análise do problema; e como antecipar e mensurar qualquer possível deslocamento. Sem o seu envolvimento diário em todas as quatro fases, o projeto do POP não alcançará uma redução substancial e permanente do problema.

Solucionar problemas pode ser difícil. As maiores dificuldades são encontradas nas fases de análise e avaliação, precisamente onde você poderia fazer a sua maior contribuição. Entretanto, desde o começo, Goldstein argumenta que o policiamento orientado-para-problema depende decisivamente da disponibilidade do alto nível de capacidade analítica do departamento, um argumento que tem sido repetido nas suas publicações mais recentes. No entanto, ele tem apoiado muito a idéia de realização este manual, o qual é direcionado diretamente ao papel do analista de crime no policiamento orientado-para-problema.

Você pode até concordar que você tem um papel importante nos projetos orientado-para-problema, mas você deve se perguntar como você pode ter jamais êxito nesse papel, dadas as realidades do seu trabalho. Como você pode dedicar o tempo necessário para o tipo de análise detalhada que é exigida? Como você pode assumir um compromisso de longo prazo com um projeto, quando você está sendo continuamente requisitado a produzir imediatamente relatórios estatísticos e mapas, se não com antecedência? Como você poderia ser aceito como um membro igual aos outros membros da equipe, especialmente se você é um mero civil? Como você pode desempenhar sua função como um membro igual aos outros da equipe quando seu chefe quer aprovar todas as análises que você sugere e quer ver todo o seu trabalho antes que esse deixe a unidade? Como você pode controlar a impaciência natural dos oficiais de avançarem para uma solução antes que a análise esteja completa? Como que você pode persuadí-los a considerarem outras soluções além de identificar e prender infratores? Como você lidaria com críticas que dizem que você esta mais

interessado em pesquisa do que ações concretas? Em resumo, você pode estar se perguntando em que planeta estamos vivendo porque certamente esse assemelha-se em nada com o que você já tenha visto.

Estas são boas questões, mas estamos convencidos de que o policiamento está mudando e que você pode ajudar a acelerar essas mudanças. Existe pouca, mas uma crescente pressão sobre a polícia para tornar-se mais eficiente e já foi o tempo em que os chefes de polícia diziam que eles iriam diminuir o crime se eles tivessem apenas mais recursos. Agora, pelo menos nos grandes departamentos, eles devem fazer uma análise detalhada com base em evidências para cada caso para requererem recursos e têm que explicar com precisão como os recursos serão utilizados. O desempenho dos chefes de polícia está sendo examinado mais de perto todos os dias, e as reduções de crimes que a polícia afirma ter alcançado em muitas cidades, tem amenizado as desculpas de fracasso.

Em suma, não há dúvida de que a polícia se tornará cada vez mais dependente de dados para adquirir recursos e gerenciá-los eficientemente. Ao fornecer esses dados, você pode embarcar nesta maré de mudanças para uma carreira mais compensadora na polícia, mas você terá que trabalhar pacientemente para fornecer informação atualizada em tempo preciso e num formato que seja útil para a organização. Se você fizer isso, e você permanecer firmemente focado na redução de crime, você e sua profissão irão gradualmente evoluírem para um papel mais central no policiamento – e o policiamento orientado-para-problema fornece a você o veículo perfeito. Nós todos sabemos que o policiamento experimenta novas tendências que seguem quente a todo momento, uma após a outra, e desaparecem muito rapidamente quando algo novo surge. Muitos policiais empenhados nas novas tendências da polícia, fazem o trabalho enquanto o novo modismo permanece e ficam esperando que a gestão perca interesse para que eles possam voltar para o negócio tradicional de polícia, como de costume. Mas o policiamento orientado-para-problema não é apenas um modismo. Ele fornece resultados e está aqui para ficar.

Leia Mais:

Goldstein, Herman (1979). "Improving Policing: A Problem-Oriented Approach." *Crime & Delinquency* Abril: 234-58.

Goldstein, Herman (1990). *Problem-Oriented Policing*. New York: McGraw Hill.

Goldstein, Herman (2003). "On Further Developing Problem-Oriented Policing." In *Problem-Oriented Policing. From Innovation to Mainstream*. Crime Prevention Studies, Volume 15, edited by Johannes Knutsson. Monsey, NY: Criminal Justice Press.

5. SEJA FIEL AO POP

Alguns gestores de polícia atraídos pelo policiamento orientado-para-problema também empregam outras estratégias, tais como policiamento comunitário, policiamento das “janelas quebradas”, policiamento orientado-pela-inteligência, e CompStat. Dependendo de como essas outras estratégias são implementadas, elas podem ou não serem compatíveis com o POP. Até mesmo quando implementadas de uma maneira compatível, elas não são o mesmo que POP. Por essas razões, é crucial entender como o POP distingue-se dessas outras estratégias.

Policiamento orientado-para-problema é um método usado para análise e solução de problemas de crime. Policiamento comunitário, por outro lado, representa uma filosofia organizacional mais ampla. Policiamento comunitário inclui solução de problemas como mencionado no policiamento orientado-para-problema, mas também inclui o desenvolvimento de parcerias externas com membros e grupos da comunidade. Além disso, o policiamento comunitário discute mudanças organizacionais que devem ser implementadas numa organização policial (por exemplo, descentralização de tomada-de-decisões, responsabilidade territorial fixa, treinamento amplo de toda a agência e avaliação de pessoal) destinada a apoiar um modelo colaborativo de solução-de-problema, parcerias com a comunidade, e uma orientação pró-ativa geral para assuntos relacionados ao crime e as questões de desordem social. Policiamento comunitário é, portanto, mais focalizado na interação polícia-público do que o policiamento orientado-para-problema e representa uma filosofia organizacional mais ampla que incorpora os princípios do policiamento orientado-para-problema. Quando bem feito, o policiamento comunitário oferece uma forte e inclusiva filosofia na qual o policiamento orientado-para-problema é incorporado, mas policiamento comunitário que falha em incorporar em seus conceitos os princípios do POP, diferentemente tem um impacto substancial na redução de crime.

Policiamento orientado-para-problema identifica parceiros cuja ajuda seja necessária para lidar com problemas específicos. Numa concepção ideal, o policiamento comunitário também faz isso. Se o problema são os assaltos nas proximidades dos pontos de ônibus, um parceiro necessário é a autoridade de trânsito local. Se o problema é roubo de mercadorias em lojas, então a cooperação dos comerciantes locais é necessária. Membros da comunidade frequentemente identificam problemas. Membros específicos do público (incluindo os infratores) podem fornecer importantes idéias que sejam úteis para a análise do problema. Membros da comunidade podem ajudar a implementar soluções (por exemplo, instalando fechaduras mais eficazes ou evitando dar dinheiro para pedintes). E o sucesso dos esforços na solução do problema pode ser definido em termos da reação da comunidade. Mas raramente a comunidade ampla pode ajudar com o trabalho técnico especializado envolvido na análise do problema, desenvolvimento de solução, e avaliação. Além de parcerias desenvolvidas em torno de problemas específicos, o policiamento comunitário também procura parcerias com a comunidade em geral (e organizações governamentais), a fim de aumentar o nível de confiança e cooperação ampla entre eles. Nesse sentido, esse tipo de policiamento vai além das parcerias descritas sob o conceito de policiamento

orientado-para-problema. Agências que adotam uma filosofia ampla e mais geral do policiamento comunitário deveriam ser mais cuidadosas em evitarem que essas parcerias com diferentes propósitos (construir confiança e cooperação) diluam as parcerias e os esforços mais focalizados na solução de problemas que a filosofia de policiamento comunitário também enfatiza.

Estas distinções são mais facilmente confundidas quando o foco de um projeto orientado-para-problema é um bairro carente de recursos de infra-estrutura básica. Neste caso, o projeto deveria iniciar com a identificação do conjunto de problemas individuais que juntos colaboram para um problema maior (ver passo 14). Ao invés de tentar construir relação com a comunidade em geral, um projeto orientado-para-problema focaliza na solução de problemas específicos, por exemplo, casas de drogas, arrombamentos a comércio, e brigas de bar. Na medida em que membros da comunidade se tornam produtivamente envolvidos na resolução desses problemas distintos, eles podem constituir-se num grupo diferente em cada caso. Parcerias mais amplas com a comunidade poderiam ser desenvolvidas a fim de construir confiança entre polícia e comunidade e isso pode tornar o processo de solução-de-problema mais fácil; No entanto, mesmo na ausência do apoio da comunidade em geral, os problemas devem ser sistematicamente examinados.

É também importante entender a diferença entre policiamento orientado-para-problema e policiamento das janelas quebradas. Sob o primeiro, soluções específicas para os vários tipos de problemas enfrentados pela polícia emergem de uma análise cuidadosa e detalhada das causas contributivas de cada um. Em contraste, "janelas quebradas" defende a mesma solução geral – policiar incivilidades e manter a ordem – sempre que o crime mostrar sinais de estar fora de controle. Este método baseia-se em dois princípios, o primeiro deles diz que pequenos delitos ajudam a destruir a vida das comunidades. Por exemplo, jogar um pedaço de papel no chão não é nada terrível, mas se todos do bairro fazem isso, o bairro transforma-se numa lixeira. O segundo princípio das janelas quebradas é que pequenos delitos incentivam delitos maiores. Por exemplo, propriedades abandonadas e cobertas de destroços geralmente tornam-se local de tráfico de droga e podem desencadear delitos ainda mais graves. Esta importante idéia tem levado algumas cidades a prestarem muito mais atenção no policiamento contra pequenos delitos.

Todo policiamento requer discricionariedade, e o policiamento das janelas quebradas exige que algumas decisões de muita importância sejam tomadas por policiais na rua (Esta é a razão pela qual o policiamento das janelas quebradas não deve ser confundido com "tolerância zero", que é um slogan político, impossível de ser praticado pela polícia porque em pouco tempo resultaria em tribunais super abarrotados de processos e numa população alienada.) Alguém tem que descobrir quais dos pequenos delitos acaba por multiplicar-se em mais crimes e quais não. Por exemplo, os gerentes do sistema de metrô de New York City aprenderam que os jovens que pulavam as roletas para viajar gratuitamente, frequentemente cometiam roubos dentro do metrô. Controlando o crime de menor poder ofensivo ajudou a reduzir o crime mais grave. Mas os gerentes do metrô também aprenderam que aqueles que pichavam o metrô

normalmente não cometiam crimes mais graves. Embora os esforços dos gerentes para controlar graffiti foram muito eficientes (ver passo 41), eles não reduziram o roubo.

Policiamento orientado-para-problema também lida com esses delitos menos graves mesmo se não há expectativa que eles resultarão em problemas piores. Vandalismo em um parque público pode não aumentar as chances de roubo, mas destrói as construções públicas e por isso é um problema que precisa ser discutido. Cidadãos de um bairro podem estar muito preocupados com o abuso de velocidade, congestionamento do trânsito, ou barulho. Desde que essas questões satisfaçam os critérios de um problema, (Passo 14) elas são passíveis de serem discutidas pelo POP, mesmo se não há expectativa de que o bairro irá deteriorar-se, elas devem ser examinadas.

Analistas de crime têm um papel central no policiamento orientado-pela-inteligência, o qual atribui grande valor a necessidade de informação para guiar as operações policiais. No entanto, policiamento orientado-pela-inteligência é essencialmente uma metodologia para produzir informação e inteligência que sejam utilizáveis. Esse policiamento não orienta a polícia em todo o processo de desenvolvimento e implementação de uma iniciativa de redução de crime da maneira pela qual o modelo IARA pretende fazer. Ele também não atribui um papel central aos analistas de crime em cada fase dessa iniciativa. Isso explica porquê o policiamento orientado-para-problema tem muito mais para oferecer aos analistas de crime e porquê esse modelo espera muito mais desses profissionais.

Finalmente, o policiamento orientado-para-problema não é o mesmo que CompStat, embora eles tenham algumas características em comum. Ambos focalizam a atenção da polícia, embora o CompStat como normalmente praticado se limita a locais geográficos quentes enquanto o POP pode ser implementado numa variedade ampla de concentrações de crime. Embora os dois utilizam-se de dados para realizarem ações policiais, a variedade de dados e a profundidade das análises usadas no POP é superior a forma rápida pela qual o CompStat visa atingir seu alvo. CompStat usa táticas que procuram garantir o cumprimento da lei quase que exclusivamente, enquanto o POP as utiliza juntamente com uma ampla variedade de respostas. O modelo CompStat pode ter impacto de curto prazo sobre locais geográficos quentes de crime que perde gradualmente sua força e exige mais táticas direcionadas para garantia do cumprimento da lei. O método orientado-para-problema procura soluções de longo prazo. Se o CompStat é utilizado como uma resposta de "primeiros socorros" enquanto o POP é utilizado para agir como uma cura de longo prazo, então, os dois métodos podem trabalhar bem em conjunto.

Leia Mais:

Wilson, James Q. e George Kelling (1982). "Broken Windows." *The Atlantic Monthly* Março: 29-38.

DIFERENÇAS ENTRE POLICIAMENTO ORIENTADO-PARA-PROBLEMA E OUTRAS NOVAS ESTRATÉGIAS					
	FOCO	OBJETIVO	RACIONALIDADE	MÉTODO	PRIMEIROS PASSOS
Policiamento orientado-para-problema	Problemas de crime específico e recorrente	Remover as causas desses problemas	Prevenção é mais eficiente do que fazer cumprir a lei	Pesquisa-ação (IARA)	Identificação de problemas que requerem atenção
Policiamento comunitário	Relações polícia-público, mudanças organizacionais, solução de problemas	Prevenção pró-ativa do crime e da desordem e Aumento da confiança e apoio à polícia	O apoio da comunidade é crítico para a eficiência da polícia. Mudanças organizacionais são essenciais para manutenção das mudanças, solução de problemas e o método central para lidar com o crime e questões de desordem social	Construir confiança através de contatos com residentes e encontros com a comunidade Fortalecer mudanças organizacional para apoiar esforços, engajar na solução de problemas	Indicar um policial comunitário para o bairro, identificar problemas que requerem atenção, identificar mudanças organizacionais necessárias para apoiar os esforços
Janelas quebradas	Bairros, vizinhanças em péssimas condições	Impedir que o bairro tenha sérios problemas de crime	Cortar problema pela raiz	Policiar incividades e manter a ordem	Identificar um bairro em péssimas condições
Policiamento orientado-pela-inteligência	No processo de coleta, análise e disseminação de inteligência	Basear estratégias e táticas policiais na inteligência	Ação só é eficiente se baseada na inteligência	Promove o ciclo inteligente de coleta, avaliação, exame e comparação, análise e disseminação	Desenvolvimento de organização, processamento e sistemas de disseminação
Compstat	Padrões de crime geográfico, grave, de curto período	Reduzir <i>hot spots</i> de crime	<i>Hot spots</i> menores reduz o crime em geral	Identificação computadorizada de <i>hot spot</i> e patrulhamento intensificado e fazer as pessoas obedecerem à lei	Aumentar responsabilidade geográfica e mapeamento de crime

6. SEJA MUITO ESPECÍFICO EM RELAÇÃO AO CRIME

Seu departamento irá, as vezes, organizar uma operação intensiva sobre um determinado crime, como furtos a automóveis ou arrombamentos, e você poderá ser solicitado a mapear esses delitos ou fornecer outros dados para apoiar a operação. Mas essas categorias são muito abrangentes para o policiamento orientado-para-problema. Elas incluem muitos tipos diferentes de crimes, os quais devem ser analisados separadamente. Por exemplo, “crime contra veículos” poderia incluir:

- Roubo de calotas para revenda ou adesivos para coleções.
- Arrombamento de carros para roubo de itens deixados dentro do mesmo.
- Arrombamento de carros para roubo de rádios e outros acessórios.
- Roubo de carros para direção perigosa envolvendo jovens.
- Roubo de carros para uso temporário.
- Roubo de carros para uso em outro crime.
- Roubo e uso permanente do carro.
- Roubo de carros para desmanche e venda de peças.
- Roubo de carros para revenda.
- Roubo de carros para exportação.
- Sequestro relâmpagos.

Você pode verificar que esses crimes são cometidos por uma variedade de motivos, diversos infratores, com vários níveis de organização, conhecimento e habilidades. Roubo de calotas é o menos difícil e menos ousado e é cometido por pessoas muito jovens. Roubo para direção perigosa ou “para fazer pega” exige mais coragem e alguns conhecimentos básicos sobre como fazer ligação direta e conduzir automóveis. Roubo de carros para exportação é um crime muito mais complexo, exigindo um alto nível de organização, com muito mais etapas e pessoas envolvidas. Os infratores podem tanto ser empresários desonestos quanto criminosos profissionais. Mais impiedosamente, criminosos mais cruéis cometem seqüestros relâmpagos com o propósito de assaltar o motorista, ou fazerem com que o motorista os levem para um local estratégico.

Estas diferenças entre os crimes explicam por que a solução para um tipo de crime não pode ser a mesma para um outro tipo. Roubo de carros para direção perigosa pode ser reduzido através de um melhor investimento em segurança dos veículos, o que explica por que imobilizadores estão agora reduzindo os níveis de roubo de carro. No entanto, imobilizadores não podem impedir seqüestros relâmpagos porque as vítimas podem ser obrigadas a entregarem as chaves, isso se essas já não estiverem na ignição. De fato, alguns comentaristas acreditam que esse tipo de crime tem aumentado por que os novos carros com imobilizadores de ignição são difíceis de serem roubados da maneira usual. Imobilizadores também podem ser superados por aqueles assaltantes com suficiente habilidade técnica e assim podem ter pouco efeito na redução de roubo de carros para exportação. A solução para esse problema pode ser uma melhora no controle dos portos e das fronteiras e dos documentos para torná-los mais difíceis de serem falsificados.

Dividir uma categoria mais geral de um tipo de crime em categorias mais específicas é apenas o primeiro passo para dar início a um projeto de POP de uma maneira concreta e focalizada. Por exemplo, um recente projeto de POP em Charlotte, NC, originalmente focalizado em assaltos de automóveis no centro da cidade, tornou-se pouco a pouco mais específico a medida que a análise do problema foi sendo desenvolvida. Em primeiro lugar, tornou-se claro que o problema estava concentrado nos estacionamentos. Apenas 17% dos assaltos envolviam carros estacionados nas garagens das residências ou nas ruas. Então, verificou-se, após uma contagem do número de vagas nos estacionamentos que carros estacionados em estacionamentos em lotes abertos estavam seis vezes mais expostos ao risco do que aqueles carros estacionados em estacionamentos com garagens cobertas, os quais são geralmente mais seguros (ver Passo 27). Isto significou que o projeto poderia concentrar-se na melhoria da segurança desses estacionamentos em lotes abertos através de uma melhor iluminação e instalação de cercas, e maior supervisão dos empregados responsáveis pelo local. Isso seria muito mais fácil do que tentar reduzir os níveis já baixo de assaltos em estacionamentos com garagens cobertas. Estreitar o foco de um projeto do POP dessa maneira aumenta a probabilidade de sucesso e uso eficiente dos recursos.

Existem algumas regras para determinar com precisão o nível de especificidade necessária para o sucesso de um projecto de POP. Centralizando o foco demasiadamente pode resultar em poucos delitos a serem examinados que justifique gastos em recursos, embora isto dependa da natureza e gravidade dos crimes. Se apenas algumas calotas estão sendo roubadas, então esse problema não merece um projeto completo de POP. Por outro lado, um projeto de POP para reduzir roubos em lojas de esquina poderia valer a pena de ser desenvolvido, mesmo se apenas poucos roubos dessa natureza ocorressem a cada ano, por que esses podem resultar em crimes piores como por exemplo, homicídio, e por que eles aumentam o medo do público.

"Porque tanto esforço tem sido concentrado no agrupamento rudimentar de diferentes tipos de crime, como arrombamento, roubo e assalto de automóvel, que tem sido praticamente impossível encontrar verdadeiros fatos em comum sobre as condições que propiciam cada um desses grupos de crimes. Isto significa que nós temos que ser muito pacientes e tentar solucionar os problemas de crime gradualmente e progressivamente, parte por parte."
Fonte: Poyner, Barry (1986). "A Model for Action". In *Situational Crime Prevention*, editado por Gloria Laycock and Kevin Heal. London: Her Majesty's Stationery Office.

SENDO MAIS ESPECÍFICO SOBRE ARROMBAMENTO À RESIDÊNCIA

Barry Poyner e Barry Webb argumentam que prevenir arrombamento a residência direcionado a bens eletrônicos exige medidas bem diferentes daquelas para prevenir arrombamento à residência direcionado para dinheiro ou jóias. Isso é porque eles descobriram muitas diferenças entre esses dois tipos de arrombamentos na cidade que eles estudaram. Quando os alvos eram dinheiro e jóias, os arrombamentos ocorriam principalmente em casas mais antigas em áreas perto do centro da cidade e aparentemente eram cometidos por infratores que estavam a pé. Quando os alvos eram bens eletrônicos, como televisores e videocassetes, os arrombamentos geralmente ocorriam nos subúrbios mais novos e mais distantes e eram cometidos por criminosos com carros. Os carros eram necessários para transportar os bens roubados e tinham que ser estacionados próximos à casa, mas não tão perto para não atraírem atenção. O layout das casas nesses subúrbios mais novos permitiu que essas condições fossem encontradas, e as sugestões de prevenção sugeridas por Poyner e Webb consistiram principalmente de meios para combater a falta de vigilância natural dos locais de estacionamento e rodovias. As sugestões deles para prevenir arrombamentos em áreas próximas ou no centro da cidade se concentraram mais na melhoria da segurança e vigilância nos pontos de entrada da cidade.

Fonte: Poyner, Barry e Barry Webb (1991). *Crime Free Housing*. Oxford: Butterworth - Architecture.

Alguns crimes graves, tais como tiroteios em escolas, são tão raros que eles não podem ser devidamente tratados a nível local através do policiamento orientado-para-problema. Isso ocorre porque essa metodologia depende de um certo nível de repetição para permitir que as causas subjacentes sejam identificadas. Para estes tipos de crimes, as forças policiais devem assegurar que as medidas de segurança de rotina estejam em vigor e que elas tenham um plano bem elaborado para ser colocado em prática em resposta aos incidentes.

Enquanto deve-se evitar começar com a solução, algumas soluções para crimes específicos são tão promissoras que elas podem ajudar a definir o foco de um projeto de POP. Retornando ao exemplo de roubos a lojas de esquina, existe uma boa pesquisa demonstrando que a presença de pelo menos dois funcionários trabalhando ao mesmo tempo pode reduzir os roubos que acontecem tarde da noite nessas lojas. Sendo assim, você poderia dar uma verificada em quantos roubos às lojas de esquinas ocorrem tarde da noite na sua área. Se ocorressem muitos deles, você poderia convencer seu departamento a organizar um projeto de POP, focalizado nesses roubos que ocorrem tarde da noite, simplesmente porque você sabe que uma solução eficiente existe.

Finalmente, à medida que você aprende mais sobre um problema na etapa da análise, você poderá decidir que esse problema é tão semelhante a um outro problema relacionado que vale a pena cuidar dos dois juntos. Por exemplo, quando trabalhando com um problema de assaltos a taxistas, você pode descobrir que muitos deles estão relacionados a tentativas de roubo e que seria mais econômico focalizar o seu projeto nos dois, roubos e assaltos. Desta forma, você pode identificar um pacote de medidas que reduziria os dois problemas ao mesmo tempo.

PROBLEMAS DISTINTOS, SOLUÇÕES COMUNS

Problemas específicos em um bairro ou em um complexo de apartamentos em condições péssimas deveriam sempre ser analisados separadamente, mas, por razões de efetividade-custo, soluções devem ser consideradas em conjunto. No exemplo hipotético abaixo, a última solução identificada, um porteiro e um sistema de circuito fechado de televisão (CCTV), é a solução com custo mais alto entre todas listadas. Mas também é previsto que seja a solução mais eficiente para cada problema. Poderia portanto ser escolhida como a solução para todos os três problemas quando os custos poderiam ter excluído sua seleção para apenas um dos problemas.

Soluções identificadas (de menor para maior custo)	Vandalismo em elevadores	Roubo de carro (ou furto de itens do carro)	Arrombamento de apartamentos
Cortar arbustos para melhor a vigilância (\$)		**	**
Esquema de vigilância de quarteirão (\$)	***	*	*
Alarmes nos elevadores (\$\$)			
Acesso eletrônico nos estacionamentos (\$\$)			
Instalações de interfones (\$\$\$)	**		
Patrulha de segurança (\$\$\$\$)			
Trancas nas janelas e fortalecimento das portas dos apartamentos (\$\$\$\$)	*	**	**
Porteiro e complexo e amplo sistema de CCTV (\$\$\$\$)	****	****	****
\$ custo previsto	*eficiência prevista		

7. SEJA GUIADO PELO IARA – NÃO DESVIE!

Dentro do policiamento orientado-para-problema, a polícia é obrigada a: (1) definir cuidadosamente os problemas de forma específica (Veja o Passo 14 para a definição de "problema"); (2) Conduzir análises em profundidade para compreender as causas desses problemas; (3) Empreender grandes buscas de soluções para eliminar as causas e conseguir uma redução duradoura dos problemas; (4) avaliar o êxito dessas atividades. Isso é uma forma de *pesquisa ação*, um método das ciências sociais bem estabelecido no qual pesquisadores trabalham juntamente com profissionais de áreas específicas, ajudando a formular e aprimorar intervenções até que o sucesso seja atingido. Isto pode ser contrastado com o papel tradicional dos pesquisadores pelo qual eles trabalham separados de outros profissionais, coletam informações explicativas sobre os problemas, e conduzem avaliações independentes. Na *pesquisa ação*, no entanto, o pesquisador é membro integrante do time de solução-de-problema. Este é o papel do analista de crime. Suas análises devem informar e orientar a ação em cada etapa.

Você verá que SARA (ou IARA em Português) irá ajudar você e a sua equipe a permanecerem no caminho certo. Esta é a sigla formulada por John Eck e Bill Spelman para descrever as quatro fases de solução-de-problema: Identificação, Análise, Resposta e Avaliação. Este processo é muito semelhante a muitos outros processos analíticos, incluindo o processo padrão de análise de crime que inclui coleta, comparação, análise, disseminação e *feedback*. Dividindo o projeto inteiro em etapas distintas, IARA ajuda a assegurar que as etapas necessárias sejam realizadas numa seqüência apropriada por exemplo, que soluções não sejam adotadas antes que uma análise do problema tenha sido realizada. Trata-se de uma verificação útil da tendência natural de se pular etapas e ir direto para a resposta final, enquanto atropela-se a fase de definição e análise do problema, esquecendo-se de avaliar o impacto dessas sobre o problema.

Projetos de solução-de-problema podem ser complexos. Na *pesquisa ação*, espera-se que a equipe persista até que o sucesso seja alcançado, refinando e melhorando a intervenção à luz do que se tem aprendido a partir de experiências anteriores. O processo não está necessariamente concluído até que a avaliação tenha sido realizada. Se o problema persiste, ou muda de forma, a equipe possivelmente terá que começar o processo novamente. Isso é representado na figura aonde as setas exteriores descrevem os comentários ou *feedbacks* entre avaliação e identificação.

Porém, as quatro etapas de solução-de-problema nem sempre seguem uma a outra numa ordem estritamente linear. Na verdade, projetos raramente seguem um caminho linear a partir das fases de identificação e análise até as fases de resposta e avaliação. Pelo contrário, o processo geralmente tem voltas, de forma que uma análise reveladora pode resultar numa reorientação do projeto, e dúvidas em relação à possíveis respostas podem levar à necessidade de novas análises. Quanto mais demorado e complicado o projeto, mais voltas dessa natureza são susceptíveis de acontecerem. O conjunto de pequenas setas no interior da figura ilustra a dinâmica desse processo.

Por exemplo, alguém pode pular da identificação para a implementação de uma resposta de emergência de curto prazo para estabilizar o problema enquanto uma análise é desenvolvida. Uma avaliação da resposta de curto prazo poderia acrescentar a análise e contribuir para a formulação de uma nova resposta, a qual é então avaliada. Isto poderá desencadear o retorno à etapa de identificação quando novas informações forcem uma revisão da definição do problema ou a descoberta de novos problemas. O ponto importante é que a análise e avaliação sejam significativamente incorporadas na seqüência de eventos e ninguém simplesmente pule da etapa de identificação para resposta e declare vitória.

PROCESSO IARA DE SOLUÇÃO DE PROBLEMA



Um de nós (Clarke) recentemente trabalhou com Herman Goldstein num projeto para reduzir furtos de aparelhos domésticos em casas em construção em Charlotte, Carolina do Norte. As casas estavam sendo construídas em áreas rurais bem isoladas que eram impossíveis de serem patrulhadas eficientemente. Era difícil de se fazer a segurança, pois os construtores queriam incentivar potenciais compradores a visitarem as casas em construção durante os finais de tarde e os fins de semana. Porque poucos criminosos foram capturados nós sabíamos pouco sobre eles ou o que faziam com os aparelhos. Nós consideramos um leque amplo de soluções possíveis incluindo a manutenção dos aparelhos em em caixas seguras no próprio local e a utilização de alarmes portáteis e circuito fechado de câmaras de televisao. Então nós encontramos uma solução que já estava sendo utilizada por alguns pequenos construtores – atrasar a instalação dos aparelhos até o dia em que o comprador tomasse posse.

Muitos construtores discordaram a priori da idéia. Os vendedores acreditavam que a instalação dos aparelhos tornaria a casa mais atraente para compradores, e a falta desses aparelhos, se atribuída ao roubo, talvez alarmaria compradores sobre a área

para a qual eles estavam mudando. Os supervisores das construções acreditavam que a entrega e instalação desses aparelhos a medida que as casas fossem ocupadas seria mais difícil do que a entrega e instalação dos aparelhos em lotes. Alguns erroneamente acreditavam que os inspetores de obras não aprovariam as casas como adequadas para ocupação, a menos que os aparelhos domésticos já tivessem sido instalados. Outros erroneamente acreditavam que isso era uma exigência dos financiadores dessas casas ou de hipotecas. Finalmente, instalação individual significaria que os construtores não poderiam mais organizar a visita dos inspetores de obra para o local a fim de conseguirem o certificado de ocupação de todas as casas de uma só vez.

Porque a solução tinha tantas vantagens, nós decidimos retornar a fase de análise para encontrar respostas para as objeções dos construtores. Por final, estas informações foram úteis para persuadir os construtores a adotarem a solução e assim reduzir o número de furtos de aparelhos domésticos.

Isto mostra como o policiamento orientado-para-problema é um processo em que a gradual aquisição de dados e informações informa o projeto, levando a mais perguntas, para redefinições, e até mesmo mudanças de foco a medida que o projeto se desenvolve. Logo que uma resposta promissora é identificada, seus custos e benefícios têm que ser analisados em profundidade. A alternativa de explorar exaustivamente todas as opções de respostas disponíveis corre o risco de fazer com que o projeto perca seu dinamismo e o apoio das pessoas envolvidas.

O IARA E OS 5 "I's"

Paul Ekblom do *Home Office* britânico, recentemente propôs uma inovação do IARA constituída de: *Intelligence* (Inteligência), *Intervention* (Intervenção), *Implementation* (Implementação), *Involvement* (Participação) e *Impact and process evaluation* (Impacto e processo de avaliação). O "5I" baseiam-se numa grande variedade de conceitos práticos e ferramentas. Um resumo pode ser encontrada em: www.crimereduction.gov.uk ou www.jdi.ucl.ac.uk

Leia Mais:

Ronald Clarke and Herman Goldstein (2002). Reducing Theft at Construction Sites: Lessons from a Problem-oriented Project. In *Crime Prevention Studies*, volume 13, edited by Nick Tilley. Monsey, New York: Criminal Justice Press. (accessible at: www.popcenter.org/library.htm)

John Eck (2003). Why Don't Problems Get Solved? In *Community Policing: Can It Work?*, edited by Wesley Skogan. Belmont, CA: Wadsworth.

8. USE O TRIÂNGULO DE ANÁLISE DE PROBLEMA

A maioria das teorias de criminologia se concentra nos fatos que fazem as pessoas se tornarem "criminosas". Descobrem as causas em fatores distantes, como as práticas de educação de crianças, componentes genéticos e processos psicológico ou social. Essas teorias são muito difíceis de serem testadas; são de validade científica desconhecida e variada; e abrangem políticas públicas ambíguas que na sua grande maioria estão fora do alcance da prática da polícia.

Mas você vai descobrir que as teorias e conceitos da criminologia do ambiente (e da nova disciplina da ciência do crime), são muito úteis no trabalho diário da polícia. Isso é porque elas lidam com as causas situationais imediatas dos eventos criminais, incluindo tentações e oportunidades e proteção insuficiente dos alvos. Você será um forte membro da equipe orientada-para-problema se você estiver familiarizado com esses conceitos.

O triângulo de análise de problema (também conhecido como o triângulo do crime) origina-se de uma das principais teorias da criminologia do ambiente – a teoria da atividade rotineira. Essa teoria, originalmente formulada por Lawrence Cohen e Marcus Felson, afirma que o crime predatório ocorre quando um provável infrator e um alvo adequado convergem no mesmo tempo e lugar, sem a presença de um guardião capacitado. A teoria assume como dado a existência de um provável infrator já que a ganância e o egoísmo humano são explicações suficientes para a maioria das motivações para o crime. Essa teoria não faz distinção entre uma vítima humana e um alvo inanimado já que ambos podem servir ao propósito do infrator. E define um guardião capacitado em termos de atores humanos e dispositivos de segurança. Essa formulação remete ao triângulo original de análise de problema com os três lados representando o infrator, o alvo e o local (ver a parte central do triângulo).



Focalizando atenção aos três principais componentes de qualquer problema, a partir interior do triângulo ajuda a garantir que a sua análise englobe todos os três. A polícia está acostumada a pensar sobre um problema em termos dos criminosos envolvidos –

na verdade, o foco, geralmente, é como identificá-los e detê-los. Mas o POP requer que você explore uma série mais ampla de fatores e isso exige informação sobre as vítimas e os locais envolvidos.

A formulação mais recente do triângulo de análise de problema acrescenta um triângulo exterior de "controles" para cada um dos três elementos originais (ver figura):

- Para o alvo/vítima, o controle é o guardião capaz da definição original da teoria da atividade rotineira – geralmente pessoas protegendo a si mesmas, os seus próprios pertences e os pertences dos membros da família, amigos e colegas de trabalho. Guardiões também incluem a polícia pública e a segurança privada.
- Para o infrator, o controle é o supervisor, alguém que conhece bem o infrator e que está na posição de exercer algum controle sobre as ações dele. Supervisores incluem os pais, irmãos, professores, amigos e cônjuges. Autoridades como guardas da condicional e os oficiais da justiça que acompanham infratores, que não foram colados na prisão, mas cumprem pena em liberdade frequentemente aumentam a eficiência dos supervisores comuns ou os substituem.
- Para o local, o controle é o gerente, o proprietário ou seu representante que tem alguma responsabilidade em controlar comportamentos em locais específicos, como por exemplo um motorista de ônibus ou um professor na escola, proprietários de bares que vendem bebidas alcoólicas, locatários, ou assistentes de voo de aviões comerciais.

O triângulo de análise de problema é a base para outra útil ferramenta analítica – uma classificação dos três principais tipos de problemas que desafiam a polícia e uma teoria sobre como esses problemas surgem. John Eck e William Spelman propõem classificar esses problemas em "LOBO", "PATO" e "TOCA":

1. Problemas de infrator repetido envolvem infratores atacando diferentes alvos em diferentes lugares. Estes são os problemas LOBO. Um ladrão armado que ataca uma série de diferentes bancos é um exemplo puro de um problema LOBO. Problemas LOBO ocorrem quando criminosos são capazes de localizar ocasionalmente alvos e lugares vulneráveis. Os controles desses alvos e locais podem atuar para prevenir ataques futuros, mas os infratores passam a atacar outros alvos e lugares. É a falta de controle pelos supervisores que facilita os problemas LOBO.
2. Problemas de vitimização repetida envolvem vítimas que são repetidamente atacadas por infratores diferentes. Esses são os problemas PATO. Taxistas que são assaltados repetidamente em locais diferentes por pessoas diferentes, é um exemplo puro de um problema PATO. Problemas PATO ocorrem quando as vítimas continuamente interagem com infratores potenciais em lugares diferentes, mas as vítimas não aumentam as suas medidas de precaução e os seus guardiões estão ausentes ou são ineficientes.

3. Problemas de local repetido envolvem diferentes infratores e alvos interagindo no mesmo local. Esses são os problemas TOCA. Um estabelecimento que serve bebidas alcólicas e que tem alto índice de brigas, mas sempre entre pessoas diferentes, é um puro exemplo de um problema TOCA. Esses problemas ocorrem quando novos e potenciais infratores e novos e potenciais alvos encontram-se em um local cujo gerenciamento é ineficiente. O local continua facilitando a ocorrência de problemas.

Note que problemas puros, lobo, pato, e toca, são raros. A maioria dos problemas envolvem uma mistura deles. A pergunta é, qual é o mais dominante em um certo tipo de problema: lobos, patos ou tocas?

Quando um crime está ocorrendo, todos os elementos no interior do triângulo devem estar presentes e todos os elementos externos do triângulo devem estar fracos ou ausentes. Se infratores em potencial estão constantemente presentes, por exemplo, mas os delitos ocorrem apenas quando guardiães estão ausentes então, o escalonamento de guardiães pode ser uma solução útil. Pergunte a si mesmo, "Como o triângulo de análise de problema se configura antes, durante e após o crime? "

Entendendo como os problemas são criados através de oportunidades o ajudará a pensar sobre o que pode ser feito para: prevenir infratores de cometerem novos delitos através do melhor uso de supervisores; ajudar as vítimas a reduzirem as suas probabilidades de se tornarem alvos; e alterar locais onde os problemas ocorrem, sejam estes escolas, tavernas, ou estacionamentos. Em suma, desde o início, isto o ajuda a concentrar a coleta de dados nos seis aspectos mais prováveis de resultarem em soluções práticas.

O QUE É CIÊNCIA DO CRIME?

A criminologia tradicional procura entender melhor as forças sociais e psicológicas que fazem com que pessoas se tornem criminosas na esperança de encontrar formas de alterar essas causas. A ciência do crime tem um método radicalmente diferente. Ela não se concentra em explicar as razões pelas quais criminosos nascem ou são feitos, mas sim no ato de cometer crime. Ela busca formas para reduzir as oportunidades e tentações para o crime e aumentar os riscos de ser visto. Ao fazer isto, a ciência do crime procura por contribuições a partir de uma vasta combinação de disciplinas, incluindo psicologia, geografia, medicina, urbanismo, e arquitetura. A ciência do crime explicitamente pretende ser julgada pela extensão com que ajuda a reduzir a criminalidade em nossas ruas, casas e empresas.

Fonte: Jill Dando Institute de Crime Science. (2004). www.jdi.ucl.ac.uk

9. SAIBA QUE OPORTUNIDADE FAZ O LADRÃO

Para criminólogos do ambiente, "oportunidade faz o ladrão," é mais do que apenas um dizer popular, é o princípio mais importante do modelo deles. Eles acreditam que se a oportunidade aumenta, conseqüentemente o crime também aumentará. Para ver se você concorda, considere o cenário sugerido por Gloria Laycock e Nick Tilley do Jill Dando Instituto de Ciência do Crime:

Suponha que todos controles situacionais fossem abandonados: nenhuma fechadura, nenhum controle personalizado, dinheiro para estacionamento deixado em caixas abertas, nenhum controle na saída da biblioteca, nenhum controle de bagagem nos aeroportos, nenhum controle de bilhete nas estações de trem, nenhum semáforo, etc, haveria nenhuma alteração no volume de crime e desordem?

Se você responder que, evidentemente crime e desordem aumentariam, então você também acredita que oportunidade é uma causa do crime. Por incrível que pareça, a maioria dos criminólogos não concordariam. Eles acreditam que oportunidade só pode determinar quando e onde o crime ocorre, não se o crime ocorre. Da perspectiva deles, se o crime ocorre é totalmente dependente das disposições dos delinqüentes, e essas disposições coletivas determinam o volume de crime na sociedade.

De fato, os níveis de crime são determinados tanto pelas oportunidades proporcionadas pela organização física e social da sociedade quanto pelas atitudes e disposições da população. Isso é difícil de provar sem conduzir experimentos, mas seria antiético criar novas oportunidades para arrombamento ou assalto e esperar para ver o que acontece. No entanto, experimentos têm sido realizados com pequenas transgressões. Na década de 1920, pesquisadores deram oportunidades para que crianças colassem nos testes, mentisse sobre as colas e roubassem moedas de jogos que foram utilizados. Outros pesquisadores jogaram nas ruas diversas cartas seladas e carimbadas, algumas contendo dinheiro, para verificarem se essas seriam colocadas no correio. Num terceiro grupo de experimentos de laboratório, indivíduos foram instruídos para "punir" outros que estavam desobedecendo instruções do teste através de fortes choques eléctricos desencadeado pelo aparelho de teste. (Na verdade, nenhum choque foi efetivamente produzido.)

Os resultados desses experimentos sustentam o papel causal da oportunidade. A maioria dos sujeitos testados, mesmo aqueles que geralmente resistiram a tentação, usaram algumas oportunidades para comportarem-se desonestamente ou agressivamente – oportunidades que eles não teriam encontrado se não fosse pela participação nesses experimentos. Mas você não pode generalizar dessas transgressões menores para crimes de roubo ou furto de carro. Nós, portanto, devemos direcionar-nos para algumas outras fontes de evidências sobre a importância da oportunidade como causa do crime

Suicídio e oportunidade. Suicídio não é um crime, mas como muitos crimes, geralmente assume-se que suicídio é profundamente motivado. Porém, há provas

claras do Reino Unido que oportunidade desempenha um papel importante no suicídio. Durante a década de 1950, cerca da metade das pessoas que cometeram suicídio no Reino Unido utilizaram gás doméstico, o qual tinha quantidades letais de monóxido de carbono (CO). Isto se tornou conhecido como "colocar a cabeça no forno a gás." Na década de 1960, o gás começou a ser feito de petróleo em vez de carvão. O novo gás tinha menos CO e o número de suicídios com gás começou a diminuir. Por volta de 1968, apenas cerca de 20 por cento dos suicídios envolviam gás. Isso aconteceu quando uma segunda mudança surgiu: o gás fabricado foi substituído por gás natural do Mar do Norte. O gás natural não contém nenhum CO e é quase impossível utilizá-lo para suicídio. Por meados de 1970, menos de 1 por cento dos suicídios no Reino Unido utilizavam esse método.

O que é profundamente surpreendente é que suicídios não se deslocaram inteiramente para outros métodos. O quadro mostra que entre 1958 e 1976 suicídios diminuíram quase 30 por cento de 5.298 para 3.816. (Isso foi durante o declínio econômico quando poderia se esperar aumento do suicídio e, na verdade, o suicídio estava tornando-se cada vez maior em outros países europeus.) Pessoas não voltaram a usar outros métodos, pois todos esses apresentavam inconveniências. Overdoses é bem menos letal do que monóxido de carbono. Enforcamento exige mais conhecimento assim como coragem. Nem todo mundo tem acesso a armas, o que pode resultar em desfiguramento ao invés de morte. Por outro lado, gás doméstico era prontamente disponível na maioria dos lares. Era altamente letal e usá-lo era inofensivo e indolor. Não é de surpreender que esse foi o método preferido por tanto tempo e que, quando a oportunidade de usá-lo foi removida, o número de suicídios diminuíram.

Suicídios na Inglaterra e País de Gales
1958-1977

Ano	Total Suicídios	Suicídios com gás doméstico	Porcentagem total
1958	5,298	2,637	49.8
1960	5,112	2,499	48.9
1962	5,588	2,469	44.2
1964	5,566	2,088	37.5
1966	4,994	1,593	31.9
1968	4,584	988	21.6
1970	3,940	511	13.0
1972	3,770	197	5.2
1974	3,899	50	1.3
1976	3,816	14	0.4

Fonte: Mortality Statistics, Inglaterra e País de Gales: Causas. London: Her Majesty's Stationery Office, Annual

Assassinato e oportunidade. Oportunidade também desempenha um papel causal importante no assassinato, como demonstrado por uma comparação feita há alguns anos entre as taxas de homicídio dos Estados Unidos e do Reino Unido. Para 1980-84, o período coberto pelo estudo, a taxa geral de homicídio nos USA foi 8,5 vezes maior do que na Inglaterra e país de Gales. As taxas de homicídio com armas de fogo e com armas de fogo portáteis foram, respectivamente, 63 vezes e 75 vezes superiores. Em

toda Inglaterra e o país de Gales, durante este período (com aproximadamente 50 milhões de pessoas), apenas 57 assassinatos com armas de fogo portáteis ocorreram. Nos Estados Unidos, com uma população de cerca de 230 milhões (quase cinco vezes maior) um total de 46.553 pessoas foram assassinadas com armas de mão portáteis.

Estes resultados tendiam ser improcedentes porque a taxa total de crime nos E.U.A era geralmente superior a taxa na Inglaterra e no país de Gales durante esse período. No entanto, nos últimos 15 anos, a taxa total de crime nos dois países têm convergido e agora há pouca diferença entre eles, com a notória exceção de homicídio. Existe ainda uma taxa muito mais elevada de homicídios nos E.U.A. porque muita mais gente possui armas de fogo, especialmente arma de fogo portáteis, do que no Reino Unido. Até mesmo a polícia do Reino Unido não carrega armas rotineiramente! Portanto, quando as pessoas brigam nos E.U.A., é muito mais provável que um indivíduo seja baleado do que no Reino Unido. Da mesma maneira, resultados nem tão marcantes, emergem a partir da comparação das taxas de homicídio nos E.U.A e no Canadá (ver quadro). Em conjunto, essas comparações mostram que a disponibilidade de armas (uma variável de oportunidade) desempenha um papel importante na causa de homicídio.

Compreender os argumentos desta seção, e aceitar que oportunidade causa crime, não significa que você deve negar a importância das outras causas, como por exemplo, personalidades herdadas, famílias divorciadas, e disciplina inconsistente. Mas há pouco que você possa fazer para mudar as personalidades das pessoas ou a taxa de divórcio ou pobre parentalidade. No entanto, você pode alterar as situações criminogênicas nas quais eles se encontram. Entender que oportunidade faz o ladrão irá ajudá-lo a direcionar a sua atenção aos meios práticos de prevenção do crime, e ajudá-lo a defender-se das críticas.

Homicídio com arma de fogo nos Estados Unidos e no Canadá

Um estudo clássico comparou as taxas de homicídios e assaltos em Seattle (E.U.A.) e Vancouver (Canadá) entre 1980-1986 para determinar o efeito da disponibilidade das armas portáteis sobre a taxa de crime. Embora semelhante à Seattle em muitos aspectos, Vancouver tem uma abordagem mais restritiva em relação a posse de armas portáteis. O estudo constatou que a maior disponibilidade de armas portáteis aumenta a taxa de homicídio. As principais conclusões foram:

1. As duas cidades diferenciaram-se pouco em relação as suas taxas de assaltos.
2. O risco de assassinato era significativamente maior em Seattle do que em Vancouver, principalmente devido ao risco de ser assassinado com uma arma portátil em Seattle ser cinco vezes maior.
3. Taxas de homicídios sem o uso de arma de fogo diferenciaram-se pouco entre as duas cidades.

Fonte: Sloan, John e colegas (1988). "Handgun Regulations, Crime Assaults , and Homicides" *The New England Journal de Medicine*, 319: 1256-1262.

Leia Mais:

Felson, Marcus e Ronald Clarke (1998). *Opportunity Makes the Thief*. Police Research Series, Paper 98. London: Home Office.

10. COLOQUE-SE NO LUGAR DO INFRATOR

Sempre que você analisar um problema criminal ou pensar sobre soluções, tente ver o crime da perspectiva do infrator. Tente entender porquê eles cometem crime – não as causas sociais ou psicológicas distantes, mas os benefícios que eles estão procurando. Uma crítica radical da criminologia, levantada há 30 anos atrás, é que não são os genes que impulsionam os assaltantes de banco através da porta do banco: eles roubam bancos, porque eles querem ficar ricos.

Em muitos casos de roubo e furto, as vantagens são óbvias, mas essas podem não ser evidentes como no caso de violência de gangue ou o tão chamado vandalismo "absurdo" e grafite. Na verdade, grafite pode ser uma maneira de marcar o território de uma gangue juvenil, indicar onde comprar drogas, ou simplesmente ser uma maneira de exibir-se. Saber quais dessas razões são dominantes ajuda a definir o foco de um projeto de solução de problemas e desvendar os fatores que contribuíram para o problema. Isso também pode ajudar a equipe do projeto identificar soluções. Assim, as autoridades do metrô da cidade de *New York* somente foram bem sucedidas na erradicação do grafite quando compreenderam qual era a motivação dos "grafiteiros", a qual era ver suas obras expostas quando o trem passava por todas suas rotas (ver passo 41).

Aprender *como* criminosos cometem crimes é tão importante quanto aprender *por que* eles os cometem. Você irá achar a teoria de escolha racional útil para pensar sobre estas questões. O nome é enganador, porque a teoria não supõe que os delinquentes planejem cuidadosamente os crimes, mas apenas assume que eles estão tentando se beneficiarem com os crimes que cometem, o que é bastante racional. A teoria nem mesmo assume que delinquentes sejam bem sucedidos na obtenção dos benefícios que procuram.

Isso ocorre porque os infratores raramente têm todas as informações que eles precisam, eles não dedicam tempo suficiente no planejamento de suas ações, eles assumem os riscos, e eles cometem erros. É assim que todos nós nos comportamos nas nossas decisões cotidianas e isso é o que os teóricos chamam de racionalidade limitada ou delimitada.

Frequentemente, infratores decidem rapidamente como devem alcançar seus objetivos e fugir sem serem capturados. Entrevistar infratores o ajudará a entender como eles tomam essas decisões. (O Guia COPS sobre entrevista com infratores irá ajudá-lo a pensar sobre as dificuldades jurídicas e técnicas de conduzir essas entrevistas. Consulte Ler Mais). Surpreendentemente, não é difícil fazer com que infratores falem, especialmente se você se limitar à natureza geral do problema que você está tentando resolver, e evitar questões específicas sobre delitos que cometeram. Infratores não são exceção à regra de que gostamos de falar sobre nós mesmos e sobre o trabalho que fazemos.

Martin Gill da Universidade de Leicester na Inglaterra conta uma história de quando entrevistou um experiente infrator na prisão. Quando abordou sobre o crime que levou à prisão do infrator, Gill Perguntou: "Você achou que você seria pego?" O prisioneiro reclinou-se em sua cadeira e lhe deu um longo olhar antes de responder: "Eu nunca esperava ouvir alguém de uma universidade perguntar uma pergunta tao estúpida. Voce acredita que eu teria feito isso, se eu pensasse que eu poderia ser preso? "

Se você não puder entrevistar infratores, tente imaginar o decurso de um crime (veja o passo 35). O que deve ser feito em cada etapa? Como os alvos são selecionados? Como as vítimas podem ser enganadas? A polícia escapou? As mercadorias foram eliminadas? Mesmo que você não possa responder todas estas perguntas sobre *modus operandi*, a sua tentativa de entrar na mente do infrator pode ajudá-lo a refletir sobre as respostas. Isto não é um convite para fazer você entrar na área da psicanálise. Ao invés de tentar invadir o inconsciente do infrator, você deveria tentar entender quais são os benefícios tangíveis que o infrator está buscando e como ele deve gerenciar o trabalho envolvido no crime sem muito esforço ou risco. Isto é o que Paul Ekblom do departamento de pesquisa do *Home Office* quer dizer quando ele aconselha aos solucionadores de problemas a "pensar como ladrão".

Paul Ekblom entrevistou ladrões no London Underground (metrô sistema), que lhe disseram que eles ficavam perto de sinais de alerta que diziam que "ladrões de carteira" estavam na ativa. Ao perceberem os sinais, os passageiros instantaneamente colavam as mãos nos bolsos que continham as suas carteiras, o que era uma grande ajuda para o ladrões.

Outra alternativa para entrevistar seu próprio grupo de infratores é pesquisar na literatura estudos que utilizaram relatórios de entrevistas feitas com grupos semelhantes de infratores. Criminólogos do ambiente têm expandido enormemente nosso conhecimento sobre os métodos utilizados por criminosos através de entrevistas com ladrões de carros, assaltantes que roubam pessoas em lugares públicos, pessoas que roubam mercadorias em lojas, e assaltantes de residência e comércio. Pode ser que os criminosos não sejam exatamente iguais aos do seu grupo, mas o exame cuidadoso desses estudos com entrevistas pode sugerir hipóteses que você pode explorar em relação ao seu próprio problema.

Leia Mais:

Decker, Scott (2004). *Using Offender Interviews to Inform Police-Solving Guide* N0. 3. Problem-Oriented Guides for Police, Problem Solving Tool Series. Washington, DC: Office of Community Oriented Policing Services, U.S. Department of Justice. (Acessível em www.popcenter.org e www.cops.usdoj.gov).

Assaltantes à Mão Armada Conversando

Motivos

"Você está sentado ali sozinho e você está sentindo seu bolso vazio, o seu aluguel está vencido, fatura de luz e gás, você está frequentemente recebendo cartas dos cobradores dessas faturas e você diz, "Eu gostaria que eu tivesse algum dinheiro. Eu preciso de algum dinheiro". Estes são os fantasmas. [Você fantasia conseguir isso, você fantasia congelar aquilo]. Sua mente começa a pensar sobre as causas porque você não tem dinheiro e os lobos estão na sua porta ... [Depois do meu último roubo] Eu dei um dinheiro para o proprietário para pagar o aluguel e enviei um pouco de dinheiro para a companhia elétrica, um pouco mais para a companhia de gás. Eu ainda tinha uns vinte ou trinta dólares no meu bolso. Eu comprei algumas cervejas, alguns cigarros, e gastei um tanto do dinheiro em uma pedra [de crack]; desfrutei um minuto para mim"(pp. 43-44).

Vantagens do Roubo

"Roubo é o dinheiro mais rápido. Roubo é a maior quantidade de dinheiro que você vai conseguir rápido ... Arrombar, você tem que vender a mercadoria para ter o dinheiro. Droga, você tem que lidar com muitas pessoas, [um] monte de pessoas. Você venderá um saco de 50 dólares ou cem dólares para um, um outro saco de cinquenta ou cem dólares para alguém mais e isso leva muito tempo. Mas se você descobrir aonde o dinheiro está e apenas vai pegá-lo, você pega o dinheiro todo de uma vez só" (pp. 51-52).

Escolhendo a vítima

"Olha, eu sei os lugares para ir [para localizar bons alvos para roubar]. Normalmente eu vou para todos os lugares onde homens drogados gostam de ficar... mas eu também tenho assaltado algumas pessoas saindo dos caixas eletrônicos" (p. 78).

"Quem eu roubo são traficantes ... eles não vão chamar à polícia. O que eles irão dizer à polícia? Ele roubou minhas drogas? Eles são as iscas mais fáceis para mim. Eu não quero prejudicar nenhuma pessoa inocente, eu basicamente só mexo com traficantes " (pp. 64).

Violência

"Bem, se [a vítima] reage dessa forma, indecisa, você começa a ser um pouco mais agressivo e você a empurra ... Eu posso até pegar [a] pistola e rachar na cabeça dela. "Me dá esse dinheiro logo e pára de enrolar ou senão você vai estar em perigo!"
"Normalmente quando eles vêem que você falando sério ... eles entregam o dinheiro "(pág. 109).

Fonte: Wright, Richard and Scott Decker (1997). *Armed Robbers in Action*. Boston: Northeastern University Press.

11. ESPERE QUE OS CRIMINOSOS REAJAM

Criminosos fazem escolhas com base nas suas próprias percepções de oportunidades. Compreender como infratores vêem as coisas é importante para prevenir crime porque quase toda prevenção de crime envolve mudanças nas percepções dos infratores sobre as oportunidades de crime. Alguns programas de prevenção trabalham diretamente com as "percepções" dos criminosos, da mesma forma quando a polícia diz aos infratores que eles estão sendo atentamente monitorados. Mas a maioria dos esquemas de prevenção utilizam mais de uma fase intermediária, como por exemplo, no esquema de identificação de propriedade onde residentes colocam adesivos nas janelas para demonstrarem que estão participando. Alterações no ambiente mudam as percepções do infrator. Estas percepções influenciam o comportamento dos delinquentes que, por sua vez, modificam os padrões de crime.

Em muitos casos, as medidas de prevenção impedem que infratores cometam outras atividades criminosas no futuro. Essas também podem ter efeitos positivos não esperados: (1) redução do crime além do foco das medidas, o que é conhecido como *difusão de benefícios* (ver Passos 13 e 47); e (2) redução do crime antes que elas tenham sido implementadas, conhecido como *antecipação de benefícios* (Passo 52). No entanto, medidas preventivas nem sempre alcançam os efeitos desejados, às vezes porque os infratores estão completamente inconscientes das intervenções no local. Por exemplo, pode ser que delinquentes continuem a cometer delitos mesmo na presença de policiais disfarçados porque eles não percebem que os riscos de serem capturados aumentaram. Em outros casos, pode ser que os delinquentes adaptem-se negativamente às medidas de prevenção. Essas adaptações negativas incluem deslocamentos e adaptações a longo prazo.

- **Deslocamento** ocorre quando infratores mudam de comportamento para frustrarem ações preventivas. Deslocamento é o oposto de difusão de benefícios. Deslocamento é uma possível ameaça, mas está longe de ser inevitável. Revisões da literatura demonstram que muitos programas de prevenção situacional mostram pouca ou nenhuma evidência de deslocamento e, quando o deslocamento é descoberto, ele raramente compensa, plenamente, os benefícios da prevenção (Passo 12).

- **Adaptação** refere-se a um processo de longo prazo em que a população de infratores como um todo descobre novas vulnerabilidades para o crime depois que as medidas preventivas já foram adotadas por um tempo. Paul Ekblom, Ken Pease e outros pesquisadores freqüentemente usam a analogia da briga de braços entre aqueles que promovem a prevenção e infratores quando discutem esse processo. Portanto, à prazo, podemos esperar que muitos crimes que foram reduzidos através de medidas preventivas reapareçam sempre que criminosos descubram novas maneiras de cometê-los. Adaptação pode ocorrer sempre que os infratores originais (criativos) lentamente descubram novos métodos, ou pode ocorrer quando novos infratores se aproveitam da mudança de oportunidades.

Um bom exemplo de adaptação é a fraude de cartão de crédito (ver o gráfico). Outro exemplo mais recente de adaptação envolve cadeados de bicicletas. Ladrões de bicicletas descobriram que eles poderiam abrir um cadeado eficaz e largamente utilizado usando uma caneta esferográfica barata e muito comum. Mas nem todas as medidas preventivas são tão vulneráveis à ingenuidade criminal. Por exemplo, Neal Shover tem argumentado que a tecnologia trouxe uma solução duradoura ao assalto a cofres, o que agora é raro, embora isto já foi muito comum.

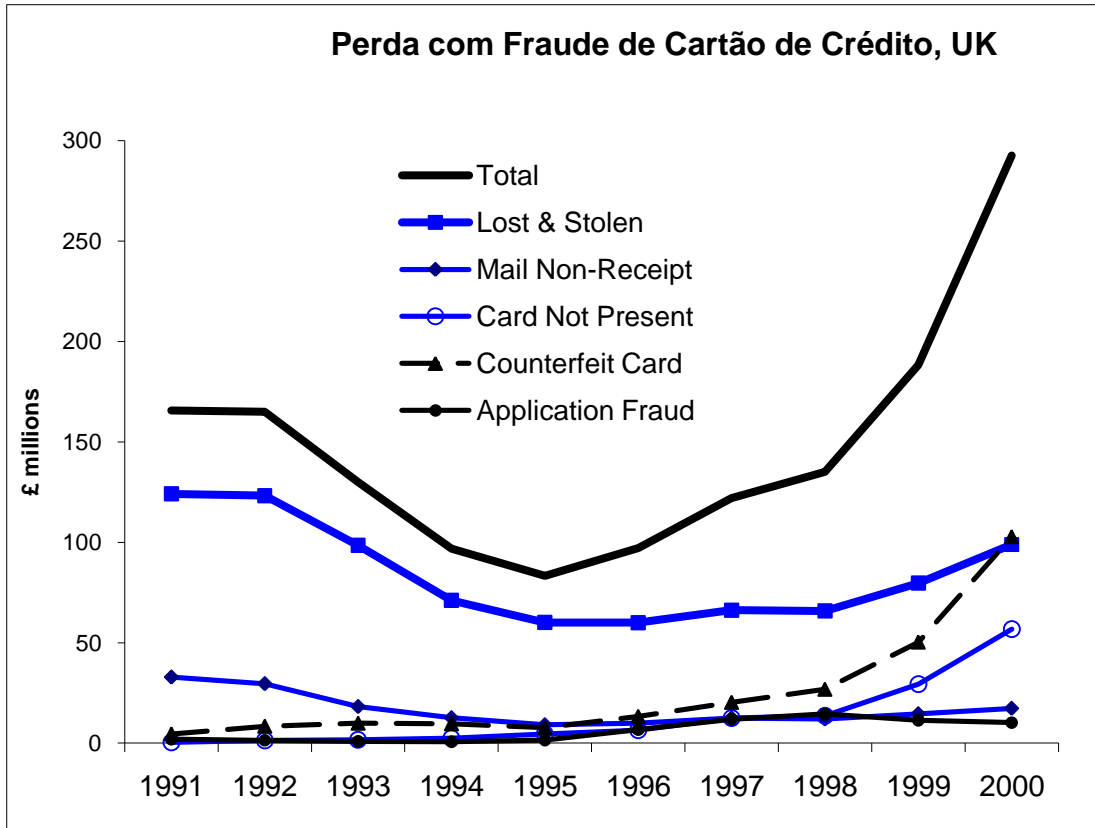
Em algumas circunstâncias ações preventivas podem estimular *desrespeito*. Isso ocorre quando os infratores desafiam a legitimidade dos esforços de prevenção e cometem mais crimes ao invés de menos. A polícia está legitimamente preocupada, por exemplo, que prematuro exibição de força pode, muitas vezes, estimular multidões a participarem de protestos envolvendo comportamentos indisciplinados e violentos, de modo que a polícia frequentemente prefere não se vestir com o traje completo usado para situações de controle de protestos e rebeliões até que haja fortes indícios de que mau comportamento é provável. Existe algumas investigações que provam que desrespeito é mais provável quando a polícia está sendo injusta e abusiva, e que as pessoas são mais respeitadoras da lei quando policiais as tratam justamente, até mesmo quando o resultado não é o que as pessoas desejam. Em geral, desrespeito não é um fenômeno bem documentado, mas não pode ser julgado como uma possibilidade improvável, especialmente quando a polícia utiliza a aplicação da lei como a principal ferramenta de prevenção.

Leia Mais:

Eklom, Paul (1997). "Gearing up Against Crime: a Dynamic Framework to Help Designers Keep up with the Adaptive Criminal in a Changing World" *International Journal of Risk, Security and Crime Prevention*, 2: 249 - 265.
(Acessível em [www.homeoffice.gov.uk / rds / pdfs / risk.pdf](http://www.homeoffice.gov.uk/rds/pdfs/risk.pdf))

ADAPTAÇÃO DO CRIMINOSO E FRAUDE DE CARTÃO DE CRÉDITO

Michael Levi e seus colegas descreveram como a parceria entre a polícia, o *British Home Office* (similar ao Departamento de Justiça dos Estados Unidos) e os usuários de cartão de crédito resultou numa ação bem sucedida em meados de 1990 para reduzir fraudes de cartão de crédito. As medidas introduzidas incluíam novos limites mais baixos para vendedores que procuravam autorização para transações e métodos mais seguros de distribuição de cartões de crédito aos consumidores via correio. Como a tabela mostra houve uma redução considerável nas perdas com fraudes (total, perda & roubo, e não recebimento pelo correio). Nos anos recentes, contudo, perdas com cartão de crédito começaram a subir novamente. Isso deve-se principalmente ao crescimento em perdas resultantes de "fraudes de cartão inexistente" (devido a rápida expansão de vendas pela Internet) e falsificação de cartões (que dizem ser o trabalho de gangs organizadas da Ásia Ocidental).



Legenda em ordem decedente: perda & roubo; não recebimento pelo correio; cartão inexistente; falsificação de cartão; aplicação fraudulenta.

12. NÃO SEJA DESENCORAJADO PELOS PESSIMISTAS DO DESLOCAMENTO

O policiamento orientado-para-problema frequentemente tenta reduzir oportunidades para o crime. Por exemplo, janelas com travas podem ser apropriadas para impedir assaltos em um complexo de apartamentos, ou a instalação de monitoramento de circuito fechado de câmeras para evitar furtos em estacionamentos. Essas formas de redução de oportunidades de crime frequentemente convergem para a mesma objeção: todas apenas deslocam o crime, não o previnem. Esta teoria de deslocamento identifica cinco maneiras pelas quais o crime é deslocado:

1. O crime é deslocado de um local para outro (geográfico).
2. O crime é deslocado de um horário e dia de semana para outro (temporal).
3. O crime é direcionado de um alvo para outro (alvo).
4. Um método de cometer crimes substitui um outro (tático).
5. Um tipo de crime é substituído por outro (tipo de crime).

Em cada caso, a teoria assume que os infratores sentem-se *obrigados* a cometerem crimes, independente das barreiras encontradas. A base desse pressuposto é que a propensão de cometer crimes aumenta com o tempo e deve ser aliviada da mesma forma que se busca a liberação do desejo sexual, ou quando criminosos "profissionais" ou viciados em drogas procuram ter uma determinada renda com o crime para manterem seus estilos de vida. Não há provas de que criminosos devem saciar algumas de suas necessidades psicológicas mais profundas para cometerem crimes. De fato, existem muitas evidências de que as pessoas fazem escolhas sobre se, onde, e quando cometem crimes. Seja qual for o seu ponto de vista, o pressuposto de deslocamento negligência o importante papel da tentação e da oportunidade no crime (Passo 9).

Mesmo no caso dos infratores mais comprometidos com o crime, a teoria do deslocamento falha em dar importância suficiente à oportunidade. Pesquisas sobre viciados em drogas têm demonstrado que eles se adaptam às variações das ofertas de drogas. Também não existe qualquer mudança fácil no uso de drogas. Ao invés disso, dependentes químicos podem ser forçados a utilizarem pequenas quantidades ou usarem drogas menos agradáveis porque a oferta de drogas foi reduzida.

Quanto aos criminosos profissionais como ladrões de bancos, não há razão para supor que eles têm de obter uma renda fixa com o crime. Eles certamente cometeriam menos roubos, caso esses se tornassem difíceis e arriscados, da mesma forma que eles cometeriam mais roubos caso esses se tornassem mais fáceis. Ladrões de banco, como qualquer outra pessoa, podem às vezes, ter que se ajustarem à redução das circunstâncias e ficarem satisfeitos com níveis mais baixos de renda.

Isto não significa que podemos ignorar os deslocamentos. De fato, a teoria da escolha racional prevê que os infratores se deslocam quando os benefícios do crime ultrapassam seus custos. Por exemplo, no início do anos 90, a polícia de Nova Iorque empregou sua Equipe Tática de Combate à Narcóticos em bairros onde traficantes de

drogas se concentravam. Os traficantes reagiram, deslocando os locais de vendas das esquinas das ruas para o interior dos apartamentos nos edifícios. Mas muitos outros estudos têm constatado que o deslocamento não ocorre todo o tempo, ou somente de forma limitada. Por exemplo:

- Patrulhas intensivas de controle de armas reduziram delitos com arma de fogo em um bairro de alta incidência desses crimes em Kansas City, Missouri sem deslocamento desses ou outros crimes para comunidades próximas.
- Novos procedimentos de identificação reduziram bastante as fraudes com cheques na Suécia, sem evidências de substituição das fraudes por uma série de delitos alternativos "concebíveis".
- O extensivo fortalecimento de medidas contra roubo adotadas por bancos na Austrália baixaram as taxas de roubo, mas não houve sinal de que lojas de esquinas, postos de gasolina, casas lotéricas, hotéis, ou pessoas nas ruas começaram a experimentar mais roubos.
- Arrombamentos não foram deslocados para complexos residenciais nas redondezas quando um modelo de solução de problemas levou à diminuição de furtos em um complexo de apartamentos com alta taxa desse crime em Newport News, Virginia.
- Quando ruas foram fechadas no bairro Londrino de Finsbury Park e o policiamento foi intensificado, houve pouca evidência de que prostitutas simplesmente mudaram-se para outros locais próximos. De acordo com os pesquisadores, muitas das mulheres que trabalham nas ruas em Finsbury Park não estavam diretamente envolvidas com a prostituição, mas viam isso como um forma relativamente fácil de ganhar a vida. A mudança das condições fez com que seu envolvimento também mudasse e muitas delas parecem ter desistido do "jogo" (Passo 50).
- O redesenho de paradas de trem elétrico para controlar roubos e assaltos resultou na redução de crimes violentos em um local em San Diego, California, sem transferir esses crimes para outras paradas de trem.

Nesses exemplos e em muitos outros, os custos do deslocamento para os ofensores pareceram ter superado os benefícios, e os exemplos suportam o argumento de que deslocamento ocorre muito menos do que comumente se acredita. Este é o consenso de quatro diferentes revisões da literatura sobre deslocamento feitas no Reino Unido, Canadá, Estados Unidos, e Holanda. A revisão dos holandeses (a mais recente) relata que em 22 dos 55 estudos realizados em diferentes países nos quais deslocamento foi examinado, nenhuma evidência foi encontrada. Nos 33 estudos restantes, nos quais evidência de deslocamento foi identificada, apenas alguns dos crimes parecem ter sido deslocados. Em nenhum caso foi a quantidade de crime deslocado igual a quantidade de crime prevenido. E em nenhum caso o deslocamento fez o crime aumentar.

O deslocamento normalmente é limitado porque os infratores têm dificuldade de se adaptarem rapidamente. Se eles realmente fazem mudanças, eles são mais prováveis de mudarem para lugares, horários, alvos, métodos, e tipos de crimes que são semelhantes aos que o programa de prevenção bloqueia, porque essas são as mudanças mais fáceis para eles fazerem. Isto sugere que o deslocamento pode ser previsto pela antecipação das mudanças mais fáceis para os infratores. Se mudanças fáceis são óbvias, então você deve considerar como incorporá-las no seu plano de prevenção. E se você não pode incluí-las, então você deveria considerar o monitoramento das mesmas para detectar um possível deslocamento.

Em suma, o deslocamento é sempre uma ameaça, mas há fortes razões teóricas para se acreditar que está longe de ser inevitável. Além disso, os estudos sobre deslocamento mostram que, mesmo quando esse ocorre, o deslocamento pode estar longe de ser completo e que a importante quantidade de crime remanescente pode ser alcançada por medidas de redução-de- oportunidades.

Leia Mais:

Hesseling, Rene (1994). "Displacement: A Review of the Empirical Literature." In *Crime Prevention Studies*, volume 3, editado por Ronald Clarke. Monsey, NY: Criminal Justice Press (accessible at www.popcenter.org).

ALEGAÇÕES DE DESLOCAMENTO FREQUENTEMENTE EVAPORAM-SE SOB ANÁLISE MAIS DETALHADA

Em meados dos anos 80, John Eck observou uma discussão sobre deslocamento no Departamento de Polícia Newport News (VA). Uma ação policial intensiva e repressiva no comércio de maconha numa esquina de rua resultou no fechamento desse comércio. Alguns oficiais da polícia afirmaram que os criminosos tinham apenas se mudado para uma esquina próxima para continuarem o tráfico. No entanto, uma inspeção detalhada feita por outros agentes revelou vários fatos importantes:

- Nas esquinas mais próximas os traficantes estavam vendendo heroína, não maconha.
- Nenhum dos infratores do mercado de maconha foram encontrados no mercado de heroína.
- O mercado de heroína era uma operação em menor escala.
- O mercado de heroína precedia a abertura do mercado de maconha.

As alegações de deslocamento foram provavelmente devido à percepção seletiva. Antes do mercado de maconha, o tráfico de drogas na esquina da rua tinha sido menor e não atraía muita atenção do público. Consequentemente, mercados de drogas não eram uma grande prioridade da polícia. Quando os moradores do bairro se queixaram do mercado de maconha, maior atenção foi dada também aos outros mercados de drogas.

13. ESPERE DIFUSÃO DE BENEFÍCIOS

Pesquisadores procurando por deslocamento têm por vezes encontrado precisamente o seu oposto. Ao invés de descobrirem que o crime deslocou-se para outro lugar ou horário, eles constatam que o crime foi reduzido de forma mais ampla do que se esperava, para além do foco pretendido das medidas. Esta é uma descoberta relativamente recente, mas já existem muitos exemplos:

- Tal como esperado, a identificação electrónica de livros numa biblioteca da Universidade de Wisconsin resultou na redução de furtos de livros. No entanto, roubos de fitas cassete e outros materiais que não tinham sido identificados também diminuíram.
- Quando uma loja de electrónicos baratos em New Jersey introduziu o regime de contagem diária de mercadorias valiosas no depósito, furtos desses itens cometidos por empregados caíram verticalmente – mas roubos de itens que não foram submetidos a uma contagem constante também diminuíram.
- Quando o sistema LoJack de monitoramento de veículos foi introduzido em seis grandes cidades, as taxas de roubo diminuíram em todo o município, não apenas para proprietários de carros que compraram os dispositivos.
- Simon Hakim e seus colegas da Temple University demonstraram que a posse generalizada de alarmes contra roubos em uma comunidade afluenta perto da Philadelphia resultou em taxas de assalto reduzidas para a comunidade em geral.
- Quando câmeras foram instaladas em certos cruzamentos em Strathclyde, uma grande cidade da Escócia, não só fez com que menos pessoas ultrapassassem o sinal vermelho nesses locais, mas também em outros semáforos por perto. (Numa cidade menor, com mais tráfego local, esse efeito pode ter durado pouco à medida que as pessoas aprenderam exatamente em quais cruzamentos haviam câmeras).
- A implementação de segurança em casas que tinham sido repetidamente roubadas numa habitação pública estadual em Kirkholt no Reino Unido reduziu arrombamentos em todo o estado, não apenas nas residências que receberam proteção adicional.

Esses são todos exemplos de "difusão de benefícios" resultante de medidas de prevenção ao crime. Ao que parece, infratores potenciais podem estar conscientes de que novas medidas de prevenção foram introduzidas, mas frequentemente não têm certeza quanto a sua exata extensão. Eles devem acreditar que as medidas foram implementadas de forma mais ampla do que elas realmente foram, e que o *esforço* necessário para cometerem crimes, ou os riscos incorridos, foram aumentados para uma gama mais ampla de locais, horários ou alvos do que é realmente o caso. Isso significa que a difusão pode assumir diversas formas, assemelhando-se a diferentes tipos de deslocamento (ver tabela).

Difusão de benefícios é um ganho inesperado que aumenta muito o recurso prático da prevenção situacional do crime, mas ainda não sabemos como reforçá-la deliberadamente. Um importante método pode ser a publicidade. Uma campanha publicitária ajudou a difundir os benefícios de circuito interno de TV por toda uma frota de 80 ônibus no norte da Inglaterra, embora esse tenha sido instalado em apenas alguns dos veículos. Um dos ônibus com as câmeras foi levado nas escolas da área para demonstrar aos alunos que eles poderiam ser pegos se eles se comportassem mal e vandalizassem o ônibus, e as primeiras detenções resultantes das câmeras foram amplamente divulgadas na mídia.

Deslocamento e Difusão de Benefícios em decorrência de Arrombamento de Apartamentos			
Tipo	Definição	Deslocamento	Difusão
Geográfico	Mudança geográfica	Mudança para outro edifício	Redução de arrombamentos em edifícios alvos e em prédios nas proximidades.
Temporal	Mudança de horário	Mudança de dia para a noite	Redução de arrombamentos durante o dia e durante o entardecer.
Alvo	Mudança do alvo do crime	Mudança de apartamentos para casas	Redução de arrombamento de apartamentos e casas
Tático	Mudança do <i>modus operandi</i>	Mudança de tática de destrancar portas para arrombamento de fechaduras.	Redução de arrombamento de portas trancadas e destrancadas.
Tipo de Crime	Mudança de crimes	Mudança de arrombamento para furto	Redução de arrombamento e furto.

Devemos esperar que a difusão de benefícios diminua quando os criminosos descobrem que os riscos e os esforços para os crimes não aumentaram tanto como eles haviam pensado. Pesquisas demonstram que isso ocorreu nos primeiros dias do uso do bafômetro no Reino Unido, que teve um impacto imediato muito maior na condução de veículos por motoristas alcoolizados do que se esperava, dado o real aumento do risco de ser pego. No entanto, quando os motoristas aprenderam que os

riscos de serem parados eram ainda muito pequenos, a condução de veículos por motoristas alcoolizados começou a aumentar novamente. Isso pode significar que formas de manterem os infratores adivinhando sobre os níveis precisos de ameaça, ou sobre quanto esforço extra é necessário se eles continuarem cometendo crimes terão ser descobertas.

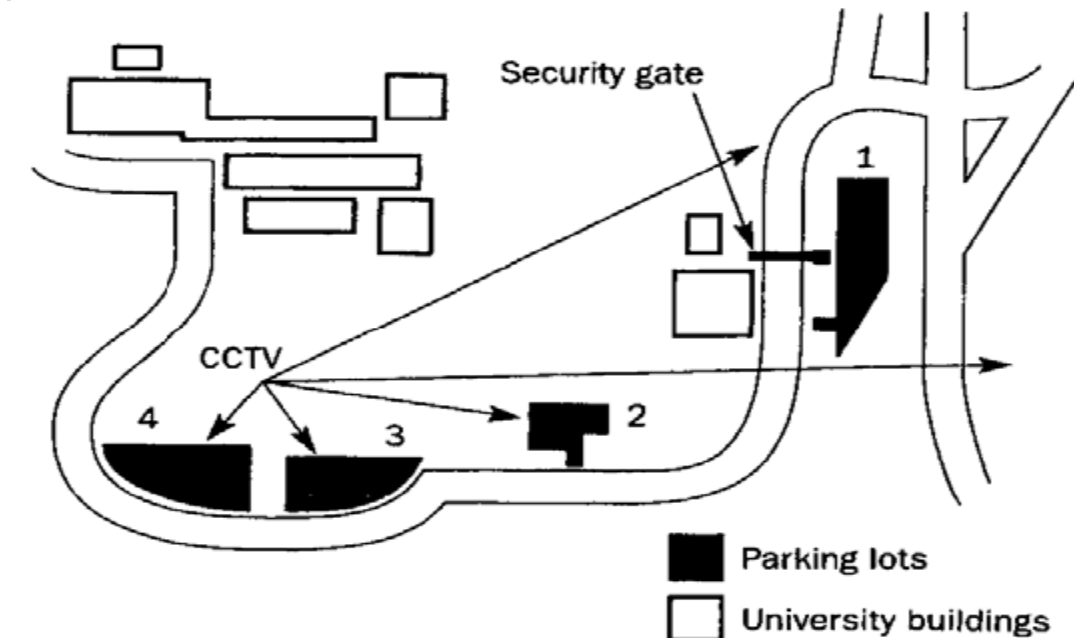
No nível prático, a difusão é importante como um contra argumento ao deslocamento, defendido por aqueles que resistem à introdução de medidas de prevenção. E certamente você encontrará muitas dessas pessoas. Em segundo lugar, é importante que você planeje a sua avaliação para ter em conta a difusão. Maneiras para fazer isso são discutidas na Passo 51, através do uso de dois conjuntos de áreas controle tanto próximas e mais distantes. Caso contrário, você pode descobrir que pessoas questionam a eficiência da iniciativa preventiva baseadas no fato de que o crime diminuiu numa área muito maior do que aquela a qual a medida foi direcionada.

Leia Mais:

Clarke, Ronald and David Weisburd (1994). "Diffusion of Crime Control Benefits: Observations on the Reverse of Displacement". *Crime Prevention Studies*, volume 2. Monsey, NY: Criminal Justice Press (accessible at www.popcenter.org).

DIFUSÃO DE BENEFÍCIOS E CIRCUITO FECHADO DE TV EM ESTACIONAMENTOS DE UMA UNIVERSIDADE

O novo chefe de segurança da Universidade de Surrey no Reino Unido decidiu lidar com uma onda de roubos nos estacionamentos da universidade com a implementação de circuito fechado de TV (CFTV). Ele instalou uma CCTV camara em um mastro para fornecer a vigilância nos estacionamentos. Como mostra o diagrama, a câmara não podia fornecer vigilância igualmente para os quatro estacionamentos porque edifícios bloqueavam a visão do estacionamento 1.



Poder-se-ia esperar, portanto, que, se a câmara tivesse algum valor na prevenção de crimes isto seria apenas nos estacionamento onde a câmara cobrisse adequadamente. Poder-se-ia também esperar que o crime seria deslocado pela câmara desses estacionamentos para algum outro estacionamento sem vigilância adequada. De fato, no ano seguinte à introdução da câmara, incidentes de roubo e vandalismo nos estacionamentos foram reduzidos pela metade, de 138 no ano anterior para 65 no ano seguinte. Incidentes diminuíram tanto no estacionamento 1, onde não havia câmeras, como nos outros três estacionamentos. Esta difusão de benefícios da video-vigilância provavelmente resultou do fato de potenciais infratores estarem conscientes de que a vigilância tinha sido introduzida na universidade, mas sem conhecerem as limitações do sistema. Muitos provavelmente concluíram que já não valia mais o esforço e o risco de irem para os estacionamentos da universidade para cometerem crime.

Fonte: Poyner, Barry (1997). "Situational Prevention in Two Parking Facilities". *Situational Crime Prevention: Successful Case Studies*, edited by Ronald V. Clarke. Monsey, NY: Criminal Justice Press.

14. USE O TESTE CHEERS AO DEFINIR PROBLEMAS

Um problema é um conjunto de eventos repetitivos e relacionados que causam algum tipo de prejuízo a uma comunidade na qual membros do público esperam que a polícia faça alguma coisa. Esta definição chama a atenção para seis elementos necessários para que um problema ocorra: *Community* (Comunidade); *Harm* (Dano ou prejuízo); *Expectation* (Expectativa); *Events* (Eventos); *Recurring* (Recorrentes); e *Similarity* (Similaridade). Estes elementos são capturados pela sigla CHEERS:

- **Comunidade.** Membros do público devem conhecerem por experiência os eventos prejudiciais. Eles incluem indivíduos, empresas, agências governamentais, e outros grupos. Apenas alguns – nem todos ou a maioria – dos membros da comunidade precisam experimentar o problema.
- **Dano ou Prejuízo:** Pessoas ou instituições devem sofrer algum tipo de dano. O prejuízo pode envolver perda ou dano de propriedade, lesão ou morte, aflições mentais graves, ou o enfraquecimento da capacidade da polícia (como repetidas ligações de serviço fraudulentas). *Illegalidade* não é uma característica que define problemas. Alguns problemas envolvem comportamento legal que a polícia tem de enfrentar. Reclamações de barulho decorrentes do impacto da atividade comercial legítima de residentes de uma vizinhança é um exemplo comum. Alguns problemas são primeiramente denunciados à polícia como envolvendo comportamento ilegal, mas um exame mais detalhado, mostra que esses problemas não envolvem ilegalidades. Se tais denúncias cumprem todos os critérios do CHEERS, então são problemas.
- **Expectativa.** Alguns membros da comunidade devem esperar que a polícia identifique e examine as causas do prejuízo (seus números não precisam ser grandes). A expectativa nunca deve ser presumida, mas deve ser evidente através de procedimentos, tais como ligações dos cidadãos, reuniões comunitárias, relatórios da imprensa, ou por outros meios. Este elemento não exige que a polícia aceite sem maior análise a definição do problema dada pelo público, o que pensa sobre as causas do problema, ou o que deve ser feito a respeito. O público pode estar equivocado quanto à causa e às características do prejuízo. É o papel da análise revelar as causas.
- **Eventos.** Você tem que ser capaz de descrever o tipo de evento que compõe o problema. Problemas são feitos de eventos distintos. Exemplos de eventos incluem arrombamento em uma casa, uma pessoa atacando outra, duas pessoas trocando dinheiro e sexo, ou uma surto de barulho. Muitos eventos são breves, embora alguns possam tomar uma grande parte de tempo – algumas fraudes, por exemplo.
- **Repetição.** Esses eventos devem se repetirem. A recorrência poderá ser sintomática de problemas agudos ou de um problema crônico. Problemas *agudos* surgem subitamente, como no caso de um bairro com poucos arrombamentos de veículos que de repente passa a ter muitos desses crimes. Alguns transtornos agudos se dissipam rapidamente, mesmo se nada é feito. Outros podem se tornar problemas crônicos se não forem resolvidos. Por este motivo, problemas agudos devem ser investigados para

se determinar se eles dão sinal de algo mais sério. *Problemas crônicos* persistem por muito tempo, como é o caso de um passeio de prostituição localizado ao longo de uma rua durante muitos anos. A menos que algo seja feito, o evento de problemas crônicos vão continuar a ocorrer.

- **Semelhança.** Eventos recorrentes devem ter algo em comum. Pode ser que sejam cometidos pela mesma pessoa, aconteçam com o mesmo tipo de vítima, ocorram nos mesmos tipos de locais, manifestem-se em circunstâncias semelhantes, envolvam o mesmo tipo de arma, ou tenham um ou mais outros fatores em comum. Sem características comuns, você tem uma coleção arbitrária de eventos, e não um problema. Classificações comuns de crimes – como a utilizada pelo *Uniform Crime Reports* – não são úteis. Roubo de veículos, por exemplo, inclui uso do carro roubado para “fazer pega,” desmanche do veículo roubado e venda das peças para lojas de ferro-velho, exportação do veículo roubado para outros países, uso do veículo roubado em outros crimes, e uma série de outros eventos diferentes. Assim, um grupo de roubos de veículos pode não ser um problema simples. É necessária mais informação. Com características comuns, temos um padrão de eventos que poderia indicar um problema – por exemplo, roubos de minivans em bairros de subúrbios para serem utilizadas como táxis itinerantes no centro da cidade.

Problemas devem ser analisados detalhadamente (ver Passos 6 e 15), porque pequenos detalhes podem fazer a diferença entre um conjunto de circunstâncias que dão origem a eventos prejudiciais, e um conjunto de circunstâncias que produzem eventos inofensivos. CHEERS sugere seis questões básicas que você precisará responder na fase de identificação do problema:

- Quem na comunidade é afetado pelo problema?
- Quais são os prejuízos criados pelo problema?
- Quais são as expectativas em relação à resposta da polícia?
- Que tipos de eventos contribuem para o problema?
- Com que frequência estes eventos se repetem?
- Quão semelhantes são os eventos?

Nem tudo o que se pede para a polícia resolver é um problema. CHEERS pode ajudar a identificar demandas que não são problemas. Estamos usando o termo "problema" no sentido técnico do POP, não como teríamos usado no cotidiano. Então, coisas que não são problemas podem incomodar e exigir a atenção da polícia. Essas são as seguintes:

- **Eventos isolados.** Um caso isolado, independentemente da gravidade, não é um problema a menos que exista uma possibilidade razoável de que um outro evento semelhante ocorra se nada for feito. Um evento isolado pode merecer investigação ou alguma outra ação policial, mas a resolução de problemas não pode ser direcionada para eventos isolados, porque nem tudo pode ser evitado.

• **Vizinhanças.** Pequenas áreas, como centros de cidades ou complexos de apartamentos residenciais particulares, têm por vezes reputação de problemas, mas estas vizinhanças raramente são problemas. Ao invés disso, essas são normalmente áreas que contêm vários problemas. Os problemas individuais podem estar relacionados, mas nem sempre. Lidar com toda uma área como se fosse um único problema aumenta a complexidade do esforço e reduz as chances de você encontrar respostas eficazes. Ao invés disso, você deve identificar os problemas específicos em uma vizinhança ou bairro e resolvê-los individualmente. Se os problemas estão relacionados entre si (por exemplo, a rede de ruas contribui para vários problemas), então, resolver essa relação pode ser útil. Não suponha que os problemas estejam interligados apenas porque eles estão próximos uns dos outros. Em alguns casos, naturalmente, pode haver soluções comuns para problemas distintos (ver Passo 6).

• **Condições de Status.** Alunos que faltam às aulas, adolescentes entediados, adultos vagabundos, e criminosos condenados não são problemas devido ao seu estatus de não estarem na escola, de não terem o que fazer, de estarem desempregados, ou de terem sido culpados de algum crime. A comunidade pode esperar que a polícia faça algo em relação a eles, mas as condições de status são desprovidas de características de dano e eventos. Algumas dessas pessoas podem ter um papel nos problemas, como alvos, infratores, ou em alguma outra posição, mas isso não as torna um problema. Definir um problema pelas condições de status é uma prova de falta de precisão e da necessidade de um exame mais profundo da questão. Condições de status podem indicar partes de um problema maior.

Sempre use o teste CHEERS - o possível problema apresenta todos os seis elementos? Caso não tenha, provavelmente não é um foco adequado para um projeto de policiamento orientado-para-problemas.

15. SAIBA QUAL TIPO DE PROBLEMA VOCÊ TEM

Porque a polícia local deve lidar com uma vasta gama de problemas que atendem à definição do CHEERS (Passo 14) desenvolvemos uma classificação para esses problemas. Este sistema de classificação pode ajudá-lo a definir precisamente o problema. Ajuda a separar problemas superficialmente semelhantes que são realmente distintos. Este sistema também permite a você comparar o seu problema com outros problemas semelhantes que já foram analisados, e ajuda a identificar características importantes para análise. Por exemplo, um conjunto extenso de guias para tratar de problemas comuns está disponível nos sites do *Office of Community Oriented Policing Services* e o *Center for Problem-Oriented Policing* (Passo 19). Conhecendo o tipo de problema que você está investigando pode ajudá-lo a identificar guias que podem ser úteis, mesmo que eles não tratem diretamente do seu problema. O sistema de classificação baseia-se em dois critérios: os ambientes onde os problemas surgem, e os comportamentos dos participantes. (O sistema é diferente da classificação *lobo/pato/toca* do Passo 8, que é uma classificação de problemas persistentes).

Ambientes regulam os alvos disponíveis, as atividades com as quais as pessoas podem estar envolvidas e quem controla o local. Especificar um ambiente permite comparações entre ambientes com e sem o problema. Ambientes têm proprietários que podem ser importantes na solução do problema (ver Passo 44). Há 11 ambientes diferentes para os problemas mais comuns da polícia:

- Residencial – Locais onde as pessoas moram. Casas, apartamentos, e quartos de hotel são exemplos. Embora a maioria esteja em locais fixos, alguns são móveis, tais como os *trailers* ou as motocasas.
- Recreativo – Lugares onde as pessoas vão para se divertirem. Bares, boates, restaurantes, cinemas, playgrounds, marinas, e parques são exemplos.
- Escritórios – Locais de trabalho de funcionários de colarinho branco onde há pouca interação direta entre os trabalhadores e o público em geral. Estabelecimentos do Governo e, ou de negócios são deste tipo. O acesso a esses locais é frequentemente limitado.
- Comercial – Lugares para tráfico de clientes a pé ou de carro envolvendo transações monetárias. Lojas e bancos são exemplos.
- Industrial – Locais para o processamento de mercadorias. Operações com dinheiro não são atividades importantes nesses ambientes e o público raramente está incluído. Fábricas, armazéns, e estabelecimentos de triagem de pacotes são exemplos.
- Agrícola - Locais para plantio e para criação de animais.
- Educacional – Locais de aprendizagem ou estudo, incluindo creches, escolas, universidades, bibliotecas, e locais de culto.

- Serviços Humanos – Lugares onde as pessoas vão quando algo está errado. Tribunais, prisões, presídios, delegacias, hospitais e centros de reabilitação são exemplos.
- Vias públicas – Rotas que conectam todos os outros ambientes. Estradas e rodovias, caminhos e trilhas de bicicleta, e estacionamentos são alguns exemplos.
- Transporte – Locais para a circulação de pessoas em massa. Esses incluem os ônibus, terminais de ônibus, aviões e aeroportos, estações ferroviárias e trens, barcos e embarcadouros, e transatlânticos e cais.
- Aberto/de transição – Áreas sem uso específico ou regular. Esses diferem dos parques na medida em que não foram designados para recreação, embora as pessoas podem usá-los para isso. Áreas transitórias incluem propriedades abandonadas e áreas de construção.

Comportamento é a segunda dimensão utilizada para classificar um problema. Especificar os comportamentos ajuda a identificar importantes aspectos do dano, intenção, e relações entre criminoso e alvo. Há seis tipos de comportamento:

- Predatório – O criminoso é claramente distinto da vítima e a vítima se opõe às ações do infrator. A maioria dos crimes comuns são desse tipo. Exemplos incluem roubo, abuso infantil, arrombamento, intimidação, e furto.
- Consensual – As partes envolvidas interagem de forma consciente e voluntariamente. Isso geralmente envolve alguma forma de transação. Exemplos incluem a venda de drogas, prostituição, e vendas de bens roubados. Note, no entanto, que assaltos à prostitutas são comportamentos predatórios.
- Conflitivo – interações violentas envolvendo aproximadamente pessoas de mesma condição que têm alguma relação pré-existente. Algumas formas de violência doméstica entre adultos envolvem esse tipo de comportamento, embora a violência doméstica contra crianças e idosos é classificada como predatória porque as partes envolvidas não compartilham da mesma condição.
- Incivildades – Os infratores são distintos das vítimas, mas as vítimas se distribuem entre inúmeros indivíduos e os prejuízos não são graves. Muitas preocupações relativas a distúrbios, situações desagradáveis de serem presenciadas, barulho, ou perturbações, mas que não envolvem danos materiais graves ou ferimentos caem nessa categoria. Festas com muito barulho são um exemplo. Se o vandalismo se enquadra nesta categoria depende dos detalhes. Algumas formas de vandalismo são predatórias. Algumas incivildades são problemáticas, independentemente do ambiente, enquanto que outras o são apenas em ambientes específicos.

- Perigoso – O agressor e a vítima são a mesma pessoa ou o agressor não tinha qualquer intenção de prejudicar a vítima. Tentativas de suicídio, *overdoses*, e acidentes de carro são exemplos.

- Mal uso do serviço policial – Uma categoria reservada para as demandas injustificadas do serviço policial. Falsas notificações de crimes e chamadas repetidas de questões que os próprios cidadãos podem resolver são exemplos. Esta é uma categoria de último recurso – para uso exclusivo quando o dano resultante do comportamento é o gasto dos recursos da polícia e quando nenhuma das outras categorias se enquadram.

UM ESQUEMA DE CLASSIFICAÇÃO PARA PROBLEMAS COMUNS ENFRENTADOS PELA POLÍCIA LOCAL						
	COMPORTAMENTOS					
	Predatório	Consensual	Conflitivo	Incivilidade	Perigoso	Mal uso da Polícia
<u>AMBIENTES</u>						
Residencial						
Recreativo			A			
Escritórios						
Comercial		C				B
Industrial						
Agricultural						
Educacional						
Serviços Humanos						
Vias públicas	G	F		E	D	
Transporte						
Aberto/Transitório				H	H	

O quadro mostra a classificação completa. Um problema é classificado colocando-o na célula onde a coluna cruza com uma linha adequada. Assim, por exemplo, o Prêmio Tilley de 2001 estudou ferimentos com garrafas de vidro em bares, um problema do tipo conflitivo-recreativo (A). Oficiais em San Diego tiveram de lidar com repetidas chamadas fraudulentas de ameaças de um membro de uma gangue à uma loja de conveniência (B). Perceba como esse problema difere do problema candidato ao Prêmio Goldstein 2003, que trata de lojas que vendem bebidas alcoólicas para menores em Plano, Texas (C). O vencedor do Prêmio Goldstein 2002 lidou com acidentes rodoviários envolvendo trabalhadores agrícolas imigrantes, um problema do tipo Situações de perigo-Vias públicas (D). O vencedor do Prêmio Goldstein de 1999 tratou de lixo e vagabundagem, um problema de vias públicas-incivilidade (E). Considere a diferença entre um problema de venda de drogas na rua (F) e um problema de tiroteio devido a vingança de roubo decorrente de disputas entre traficantes (G). Esses dois problemas se sobrepõem, mas não são o mesmo.

Embora a maior parte dos problemas se encaixem em uma única célula, às vezes um problema pode envolver comportamentos ou ambientes múltiplos. Por exemplo, a polícia de Staffordshire (Inglaterra) teve um problema quando manifestantes ocuparam edifícios abandonados ao longo de uma construção à direita da via. Esses eram ambientes abertos/de transição. Os protestos envolveram incivildades, mas as táticas de ocupação desses edifícios também representaram um perigo para os manifestantes. Assim, periculosidade foi outro comportamento relevante (H na tabela). Apesar de vários tipos de comportamentos ou ambientes serem às vezes necessários, o uso excessivo de vários tipos pode levar à imprecisão.

Ao classificar problemas, a polícia pode comparar os esforços de solução de problemas que ocorrem nos mesmos ambientes e envolvem a mesma categoria de comportamento. Existem problemas de análise comuns ou respostas eficazes para estes problemas? A análise e a resposta a questões deste tipo diferem de outros tipos de problemas? Responder à perguntas como essas pode melhorar tanto a solução de problemas quanto o treinamento de solução-de-problemas, e nos ajudar a aumentar nosso conhecimento sobre o que pode funcionar para diferentes tipos de problemas em diferentes tipos de ambientes.

Leia Mais:

Eck, John e Ronald Clarke (2003). "Classifying Common Police Problems: A Routine Activity Approach". *Crime Prevention Studies*, volume 16, editado por Martha Smith and Derek Cornish. Monsey, NY: Criminal Justice Press.

16. ESTUDE A JORNADA DO CRIME

Enquanto o triângulo de análise de problemas (Passo 8) identifica os três elementos essenciais do crime, o mesmo não explica como infratores encontram alvos apropriados. De acordo com Marcus Felson, eles fazem isto de três maneiras principais:

1. Através do conhecimento pessoal da vítima (o filho de seu vizinho poderia saber quando você está fora de casa).
2. Através de trabalho (um ladrão trabalhando como um engenheiro telefonista poderia ouvir que você irá tirar férias na próxima semana).
3. Através da sobreposição de "áreas de atuação".

O conceito de espaços de atividade é central para a teoria de padrão crime, que foi desenvolvida pelos Canadenses criminólogos do ambiente Pat e Paul Brantingham (ver figura). Eles usam o conceito para descreverem como infratores encontram alvos no decurso de suas rotinas diárias. Começando com um triângulo, eles consideram os infratores saindo de casa para o trabalho e daí para as atividades de lazer. Em torno de cada um destes três *nódulos* e ao longo de cada um destes três *caminhos* (com exceção da zona divisora onde eles podem ser reconhecidos) os infratores procuram por oportunidades para o crime. Eles podem encontrá-las um pouco fora do trajeto deles, mas eles normalmente não vão muito além da área que conhecem. Isso porque é mais fácil cometerem crimes no decurso das suas rotinas diárias do que fazerem um trajeto especial para isso.

Os Brantinghams também usam o termo *margens* para se referirem aos limites das áreas onde as pessoas vivem, trabalham, fazem compras, ou buscam entretenimento. Alguns crimes são mais prováveis de ocorrerem nestas margens – tais como ataques raciais, roubos, ou furtos a lojas – porque este é o lugar onde pessoas de diferentes bairros que não se conhecem se juntam. Em um dos seus primeiros estudos, os Brantinghams constataram que furtos à residências em Tallahassee, Flórida tendiam a se aglomerarem onde áreas mais ricas faziam fronteiras com áreas mais pobres. A explicação foi que as áreas ricas proporcionavam alvos atraentes para os ladrões de zonas mais pobres, mas que os ladrões preferiram não se arriscarem muito dentro dessas áreas porque eles não estavam familiarizados com o território e poderiam ser reconhecidos como não pertencentes a tais locais. Eles também poderiam tornar-se mais vulneráveis, porque teriam de se deslocarem numa distância maior com o produto do crime.

Os trajetos que as pessoas fazem no decorrer de suas atividades cotidianas e os nódulos em que vivem explicam os riscos de vitimização como também os padrões de crime. Esta é a razão pela qual os Brantinghams e outros teóricos da teoria do padrão de crime dão muita atenção à distribuição geográfica do crime e ao ritmo de atividade diária. Por exemplo, esses pesquisadores geram mapas de crime para diferentes horas do dia e dias da semana, relacionando tipos específicos de crimes aos fluxos de pessoas que transitam da casa para o trabalho, crianças saindo da escola, horários de

fechamento de lojas, ou qualquer outro processo que desloca as pessoas entre nódulos e ao longo de caminhos. Batedores de carteiras e alguns ladrões de lojas procuram multidões, enquanto outros se atentam mais para a ausência de pessoas. Por exemplo, o fluxo de pessoas para o trabalho gera um contra-fluxo de assaltantes para áreas residenciais, que aproveitam a ausência dos trabalhadores. O fluxo de trabalhadores para casa durante a noite e nos fins de semana produz um contra-fluxo poucas horas depois de assaltantes que têm como alvos os locais de comércio e indústrias.

Muitos estudos têm demonstrado que a jornada do crime é tipicamente muito curta – geralmente, os criminosos cometem crimes entre 1 e 3 quilômetros de distância de suas casas. Por exemplo, Andy Brumwell, um analista de crime do West Midlands Police, uma das maiores forças policiais do Reino Unido, concluiu uma análise de 258.074 jornadas de crimes feita ao longo de 2 anos. Ele descobriu o seguinte:

- Cerca da metade das trajetórias eram menores do que 1,6km. (Na maioria dos estudos Americanos as jornadas podem ser um pouco mais longas, por causa da menor densidade populacional e do maior acesso à automóveis).
- A distância percorrida variava com o crime. Por exemplo, ladrões de lojas tendiam a se deslocarem mais longe do que muitos outros tipos de criminosos.
- As mulheres percorriam uma distância maior do que os homens, possivelmente porque muitas cometiam furtos a lojas.
- Infratores individuais variavam consideravelmente nas suas jornadas de crime. Alguns geralmente cometiam crimes em suas vizinhanças locais. Outros viajavam mais longe, especialmente quando trabalhavam com parceiros.
- Os infratores mais jovens cometiam crimes mais perto de casa, enquanto que aqueles na faixa dos 20 anos percorriam uma distância maior.

Susan Wernicke, uma analista de crimes da cidade de Overland Park, Kansas, apresentou informações mais detalhadas sobre jovens na Conferência Nacional de Mapeamento de Crimes de 2000 do Instituto Nacional de Justiça em San Diego, Califórnia. Ela revelou que em Overland Park os jovens de 11 anos de idade apreendidos tinham cometido crimes a uma distância média de 1,05 milhas de casa. Essa distância progressivamente aumentava com a idade, e aos 17 anos aumentou para 2,7 milhas. Ela atribuiu parte do aumento ao maior acesso aos automóveis.

A Jornada do Crime e o Índice de Auto-Contenção

Andy Brumwell desenvolveu o "índice de auto-contenção", que analisa o percentual de crimes de uma área cometidos por criminosos, que também vivem nessa área. Um valor de 100 indica que os criminosos locais são responsáveis por todos os crimes, enquanto que um valor igual a zero indica que os criminosos locais não cometem nenhum crime. Este valor deve ser calculado ao se analisar um problema local. Se os predadores são locais ou vêm de longe terá uma influência sobre o tipo de medidas de prevenção de crimes situacionais que poderão ser introduzidas com êxito. Por exemplo, fechar ruas em um determinado bairro só será eficiente se muitos dos infratores deslocam-se para o bairro para cometerem crimes.

Você pode usar os conceitos da teoria do padrão de crime para compreender os crimes em sua jurisdição. Você deve tentar relacionar os padrões do infrator e do crime, descobrindo núdulos, caminhos, e margens. Você pode começar a fazer distinções entre quando os criminosos estão procurando por crime e quando eles o encontram por acaso. Você pode descobrir aonde os infratores estão ausentes e aonde eles se reúnem num *hot spot* e pensar sobre as razões disso (Passo 17). Você verá que os padrões muito locais de crime contam uma história. Assim, um distrito com muito crime terá algumas ruas com nenhum crime e alguns endereços que geram a maior parte do problema. Os residentes devem saber que é bastante seguro andar em uma rua, mas não em outra. Eles podem até mesmo escolherem um dos lados da rua ao invés do outro. Se os residentes conhecem o território local deles tão bem, o que irá te impedir de se informar sobre isso? A teoria do padrão de crime ajuda você a fazer isso, e vai ajudá-lo a definir um problema específico na fase de identificação e entender suas causas constitutivas na análise.

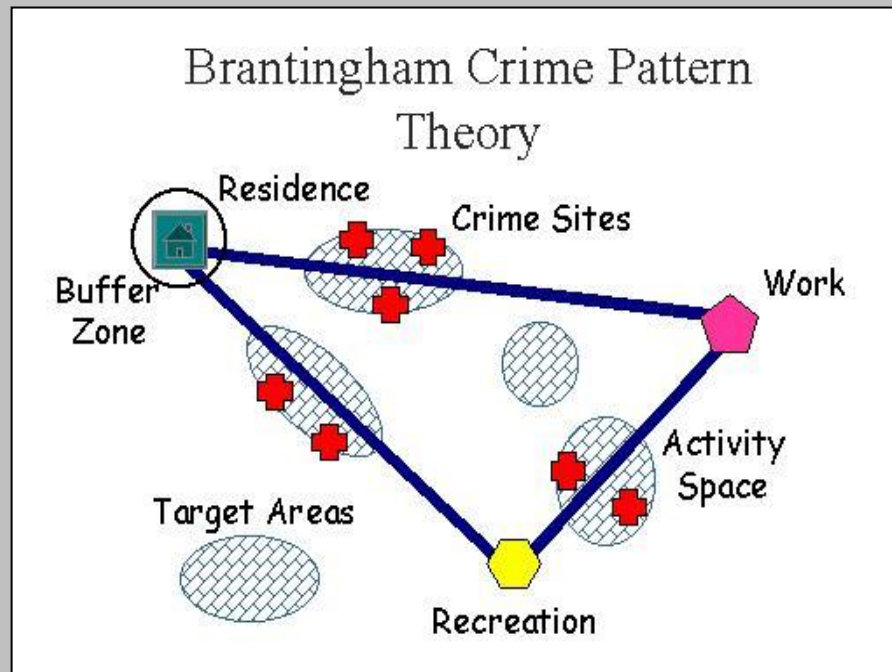
Leia Mais

Brantingham, Patricia and Paul (1993). "Environment, Routine, and Situation: Toward a Pattern Theory of Crime." *Routine Activity and Rational Choice, Advances in Criminological Theory*, volume 5, editado por Ronald Clarke and Marcus Felson. New Brunswick, NJ: Transaction Publishers.

Felson, Marcus (2002). *Crime and Everyday Life*. Thousand Oaks, CA: Sage.

Wiles, Paul and Andrew Costello (2000). *The Road to Nowhere: The Evidence for Travelling Criminals*. Home Office Research Study 207. London: Home Office (accessible at www.homeoffice.gov.uk)

Teoria do Padrão de Crime dos Brantingham



Kim Rossmo preparou este diagrama para representar a teoria dos Brantinghams. O diagrama mostra o espaço de atividade de um criminoso (residência-“residence”, trabalho-“work”, lazer-“recreation”, bem como os trajetos entre eles), a zona *buffer* próximo à residência na qual os criminosos geralmente não cometem crimes, e cinco áreas-alvo – “target areas” potenciais (estacionamentos, por exemplo). Os crimes (cruzes) acontecem sempre aonde a área de atuação de um criminoso cruza com uma área-alvo. Note que neste exemplo nenhum crime ocorre em torno do local de trabalho do criminoso, uma vez que não há alvos adequados lá. Além disso, há duas áreas-alvo com nenhum crime porque este infrator não tem conhecimento desses lugares.

Fonte: Rossmo, Kim (2000). *Geographic Profiling*. Boca Raton, FL: CRC Press.

17. SAIBA COMO OS *HOTSPOTS* SE DESENVOLVEM

Analistas frequentemente analisam *hotspots* somente a partir da geografia. Isso muitas vezes pode ser um ponto de partida útil, mas para reduzir ou eliminar um *hotspot* você deve olhar mais fundo para entender porque esse local é um *hotspot*. Nós focalizamos no desenvolvimento de uma melhor compreensão dos processos que criam *hot spots*. Mais adiante, nos Passos 23 e 55, estudaremos um modo de analisar e mapear hotspots sem deixar seu software de mapeamento dar as ordens. Conforme vimos nos passos anteriores, pequenas áreas – locais – são cruciais para a compreensão de muitos problemas e o desenvolvimento de respostas eficientes. Focamos, portanto, locais de hotspots neste passo. Em passos posteriores nós teremos por base esta idéia para analisar hotspots em ruas e áreas.

Existem três tipos de locais que criam hotspot, cada um com seus próprios mecanismos causais subjacentes:

- **Geradores de Crime** são locais para os quais grandes números de pessoas são atraídas por motivos alheios à motivação criminosa. Proporcionando um grande número de oportunidades para criminosos e alvos se convergerem no mesmo tempo e lugar, esses locais produzem crime ou desordem. Exemplos de geradores incluem áreas comerciais, centros de transporte, festivais e eventos desportivos. O grande número de eventos de crime ou de desordem deve-se principalmente ao grande número de usuários e alvos.
- **Atrativos de crime** proporcionam muitas oportunidades criminais que são bem conhecidas pelos criminosos. Pessoas motivadas a cometerem crime são atraídas para esses locais. A curto prazo, infratores podem vir de fora da área, mas a longo prazo, e sob algumas circunstâncias, infratores podem se transferir para estas áreas. Prostituição e pontos de drogas são exemplos. Alguns pontos de entretenimento também são conhecidos por permitirem atividades ilícitas. Esses lugares, no início, podem ser conhecidos apenas pela população local, mas quando a sua reputação se espalha, um crescente número de criminosos é atraído para esses locais, aumentando-se assim o número de eventos de crime e desordem.
- **Facilitadores de crime** ocorrem quando há pouca regulamentação do comportamento em locais: regras de conduta não existem ou não são reforçadas. A remoção de um atendente de estacionamento, por exemplo, permite que as pessoas passem mais tempo no local. Isto resulta em um aumento de roubos de veículos. Este é um exemplo de uma mudança brusca na gestão do local. Às vezes a gestão do local se desgasta lentamente, resultando num aumento de problemas. Facilitadores de crime também ocorrem com o enfraquecimento de mecanismos de proteção e supervisão por parte daqueles que podem fazer algo para evitar que o crime ocorra. Por exemplo, se pais comparecem a uma área de lazer com os seus filhos eles simultaneamente protegem as crianças (proteção) e impedem seus filhos de se comportarem mal (supervisão). Se estilos de paternidade mudam lentamente a ponto das crianças serem cada vez mais deixadas sozinhas, o risco de vitimização e de se tornarem delinquentes podem aumentar.

Patricia e Paul Brantingham sugerem que áreas podem ser neutras em relação ao crime, ou seja, elas não atraem nem criminosos nem alvos, e as formas de controle de comportamentos são apropriadas. Estas áreas tendem a ter relativamente poucos crimes, da mesma forma que os crimes tendem a não apresentarem relativamente nenhum padrão. Por isso, áreas neutras-de-crime raramente chamam a atenção da polícia. Embora elas raramente requerem uma análise de crime, essas áreas são importantes porque proporcionam uma comparação útil aos outros tipos de áreas. Comparar áreas neutras-de-crime, por exemplo, com um *hot spot* pode ajudar a identificar as diferenças entre locais que criam problemas porque são geradores, atrativos, ou facilitadores de crime. Estudos de controle-de-caso (Passo 32) são úteis para essa finalidade.

Em resumo, quando um *hotspot* de crime ou desordem vira um problema maior é porque geralmente o número de alvos aumentou, o número de criminosos se beneficiando do *hot spot* aumentou, ou porque o nível de controle exercido no local diminuiu. Frequentemente, todos os três atuam ao mesmo tempo. O número de clientes numa loja pode aumentar em uma área devido a novas estradas, por exemplo. Isto poderia levar ao aumento de roubos uma vez que os criminosos tirariam proveito das novas oportunidades de roubo. Crimes bem sucedidos podem atrair mais criminosos. O aumento do número de crimes pode diminuir o número de clientes nas lojas. Isso remove a proteção (clientes). Mas tem outro efeito. Isso poderia reduzir a gestão do local à medida que os recursos das empresas diminuem. Assim, um problema que começou como um local gerador de crime evoluiu para um local atrativo de crime e, em seguida, para um facilitador de crimes.

Podemos comparar números e taxas para diagnosticar quais desses mecanismos podem estar operando. Dividir os crimes em questão pelo número de possíveis alvos cria taxas (Passo 27). Isso é muitas vezes expresso como o número de crimes por 100 alvos disponíveis. Assim, por exemplo, se um estacionamento tem 15 arrombamentos de carros durante um ano, e o estacionamento contém 150 vagas e opera na capacidade aproximada, a sua taxa de arrombamentos é de $15/150$ ou 0.1. Isto se traduz para 10 arrombamentos por vaga por ano. Note que esta análise só é útil se o estacionamento estiver operando em capacidade aproximada. Se apenas 50 vagas são utilizadas na maioria dos dias, então a taxa é três vezes maior ($15/50 = 0,3$ ou 30 arrombamentos de veículo por ano).

A Tabela 1 ilustra as diferenças na classificação de importância dos *hot spots* dependendo se são utilizados números ou taxas. O local A é o *hotspot* mais intenso, em termos de números, mas o segundo em termos de taxas, e o local C varia de terceiro *hot spot* mais intenso para o primeiro quando se muda de números para taxas.

Vejamos como os mecanismos de hotspots geram combinações indicativas de números e taxas. Geradores de crime têm muitos crimes, mas na medida em que seu número de alvos é elevado, eles têm taxas de crime baixas (Local B do Quadro 1). Os locais atrativos de crimes também têm muitos crimes, mas como eles têm relativamente poucos alvos, as suas taxas de crimes são elevadas (Local A). Os locais

facilitadores, com os seus controles de comportamento enfraquecidos, tendem a ser pouco atrativos para alvos. No entanto, os poucos alvos disponíveis têm maior risco. Assim, um local com relativamente poucos delitos mas com uma elevada taxa de crime sugere um local facilitador de crime (Local C). Finalmente, o número de crimes em locais neutros serão baixos, então, mesmo se o número de alvos não é particularmente grande, a taxa de crime nesses locais também será baixa (Local D). A tabela 2 resume essas relações.

As classificações de números e taxas são relativas, por isso esse processo é útil para efeitos comparativos. E pode haver múltiplos mecanismos atuando. Controles de comportamento baixos (facilitadores) também podem atrair infratores (atrativo). No entanto, tais comparações fornecem um indicador antecipado de como proceder e estabelecer hipóteses para análise posterior (ver Passo 20). Tal análise ajudará você a sugerir tipos de respostas que poderiam ser eficientes. Isto está resumido na Tabela 3.

Tabela 1: Números e taxas

Local	Crimes	Alvos	Taxas	Por 100 alvos
A	341	898	0,350	35
B	148	1.795	0,082	8
C	117	243	0,481	48
D	28	638	0,044	4

Tabela 2: Diagnosticando mecanismos de hotspots

	Número	Preço
Atrativos de Crime	Alto	Alto
Geradores de Crime	Alto	Baixo
Facilitadores de Crime	Baixo (Alto)	Alto
Neutros	Baixo	Baixo

Tabela 3: o que fazer com o agravamento de hotspots

Tipo de hot spot	Causa	Tipo de Resposta	Questões a responder
Gerador de Crime	Muitas alvos desprotegidos	Aumentar protecção	Em que circunstâncias os alvos são vulneráveis? Como a vulnerabilidade pode ser modificada?
Atrativo de Crime	Atrai criminosos	Desencorajar a vinda de infratores	O que está atraindo criminosos? Como mudar isso?
Facilitador de Crime	Enfraquecimento dos controles	Restaurar a protecção, supervisão ou gerenciamento local	Quem poderia controlar o comportamento? Como podem ser encorajados a exercerem controle?

Leia Mais:

Brantingham, Patricia and Paul (1995). "Criminality of Place: Crime Generators and Crime Attractors". *European Journal on Criminal Policy and Research* 3(3):1-26.

18. APRENDA SE A REGRA 80-20 SE APLICA

Um princípio muito importante na prevenção de crime é que o crime é altamente concentrado em pessoas, lugares e coisas específicas. Isto sugere que focar recursos onde o crime está concentrado trará os melhores benefícios da prevenção. Estas concentrações (tratadas com mais detalhes nos passos posteriores), têm atraído rótulos que estão se tornando conhecidos pela maioria dos analistas de crime:

- **Criminosos reincidentes** – no famoso estudo coorte da Filadélfia de Wolfgang, cerca de 5% de todos os infratores no estudo foram responsáveis por mais de 50% dos delitos.
- **Vítimas repetidas** – Segundo a Pesquisa Criminal Britânica, vítimas repetidas (pouco mais de 4% de todas as vítimas) sofrem 40% dos crimes relatados na pesquisa (ver Passo 29).
- **Hotspots** – No artigo pioneiro que colocou este conceito no mapa, por assim dizer, Lawrence Sherman e colaboradores descobriram que 6% dos endereços em Minneapolis representavam 60% das chamadas de serviço policial.
- **Produtos Quentes** – Dados anuais produzidos pelo *Highway Loss Data Institute* mostraram que reclamações de furto de alguns modelos de automóveis são 30 vezes maior do que para os outros veículos (ver Passo 31).
- **Estabelecimentos de risco** – In Danvers, Massachusetts, 3 em cada 78 lojas (5 por cento) responderam por 55% dos incidentes de furtos a lojas relatados à polícia (ver Passo 28).

Este tipo de concentração não é peculiar ao crime e desordem, mas é quase uma lei universal. Uma pequena porção da superfície da Terra detém a maior parte da vida no planeta. Somente uma pequena proporção de terremotos causa a maior parte dos danos. Uma pequena parcela da população detém a maior parte das riquezas. Uma pequena proporção dos oficiais da polícia produzem a maior parte das detenções.

Este fenômeno é comumente chamado de regra 80-20, que na teoria significa que 20% de algo são responsáveis por 80% dos resultados. Na prática, raramente a proporção é exatamente 80-20, mas é sempre uma pequena porcentagem de algo ou de algum grupo que é responsável por uma grande porcentagem de algum resultado. A tabela mostra esta regra na prática. Ela relata uma análise feita por Stacy Belledin sobre roubos e furtos em construções para 55 construtoras em Jacksonville, Florida. Onze das construtoras (20% do grupo) que registraram ocorrência de crime ao Sheriff Department de Jacksonville durante Janeiro–Setembro de 2004, experimentaram 85% de todos os roubos e furtos nas construções.

Ao investigar qualquer problema, você deve, portanto, sempre questionar se a regra 80-20 se aplica. Um simples procedimento feito em seis etapas mostra como responder a essa questão:

1. Faça uma lista de pessoas, lugares, ou produtos com a contagem do número de eventos associados a cada um deles.

2. Organize-os de acordo com o número de eventos associados a cada um – daquele com mais associações para aquele com menos.
3. Calcule as porcentagens de eventos para as quais cada pessoa, lugar, ou produto contribui. Na tabela, há 386 incidentes de roubo e arrombamento. Sessenta desses incidentes (15,5%) ocorreram em locais de construções pertencentes à Construtora 1.
4. Some as porcentagens acumuladas de incidentes começando com a pessoa, lugar ou produto mais envolvido, (ou no caso, as construtoras).
5. Some as porcentagens acumuladas de pessoas, lugares, ou produtos (no nosso exemplo, o percentual acumulado de construtoras na coluna 5).
6. Compare as porcentagens acumuladas de pessoas, locais, ou de produtos (coluna 5) com o percentual acumulado de resultados (coluna 4). Isso mostra o quanto as pessoas ou os locais mais envolvidos contribuem para o problema.

Esses tipos de cálculos podem ser muito úteis na fase de identificação em direção ao esforço de prevenção. Assim, no exemplo de Jacksonville, apenas cinco construtoras sofreram mais de 50% dos incidentes. Na teoria, concentrar a ação preventiva nestas cinco construtoras, ao invés de concentrá-la no grupo total de 55, poderia ser uma estratégia muito eficiente para reduzir o problema geral dos roubos e furtos nos locais de construções. Na fase de análise, estes tipos de tabelas podem ajudar a determinar se existem diferenças importantes entre pessoas, lugares, ou produtos no topo e aqueles no final da lista. No nosso exemplo, Stacy Belledin descobriu que uma medida aproximada do número de casas construídas correlacionava bastante com os números de furtos e roubos sofridos por cada construtora, mas essa medida não explicou todas as diferenças de risco. Outras possíveis fontes importantes dessas diferenças poderiam ser os bairros onde as construtoras estavam operando, suas práticas de denunciarem à polícia e suas precauções padrão de segurança.

Reported Thefts and Burglaries at Construction Sites 55 Home Builders, Jacksonville, January-September 2004				
1	2	3	4	5
Construtora	Incidentes	Percentage m de Incidentes	Porcentagem acumulada de Incidentes	Porcentagem acumulada de construtores
1	60	15.5porcento	15.5porcento	1.8porcento
2	39	10.1porcento	25.7porcento	3.6porcento
3	38	9.8porcento	35.5porcento	5.5porcento
4	34	8.8porcento	44.3porcento	7.3porcento
5	34	8.8porcento	53.1porcento	9.1porcento
6	31	8.0porcento	61.1porcento	10.9porcento
7	29	7.5porcento	68.7porcento	12.7porcento
8	26	6.7porcento	75.4porcentp	14.6porcento
9	19	4.9porcento	80.3porcento	16.4porcento
10	11	2.9porcento	83.2porcento	18.2porcento
11	8	2.1porcento	85.2porcento	20.0porcento
12	7	1.8porcento	87.1porcento	21.8porcento
13	7	1.8porcento	88.86porcento	23.7percent
14	6	1.6porcento	90.4porcento	25.5porcento
15	5	1.3porcento	91.7porcento	27.3porcento
3 Construtores 4 Incidentes	12	3.0porcento	94.8porcento	32.7porcento
3 Construtores 3 Incidentes	9	2.4porcento	97.2porcento	38.2porcento
1 Construtor 2 Incidentes	2	0.5porcento	97.7porcento	40.0prcento
<u>9 Construtores</u> 1 incidente	9	2.3porcento	100.0	56.4prcento
<u>24 Construtores</u> 0Incidentes	0	0.0porcento	100.0	100.00
<u>55 construtores</u>	386	100porcento	100porcento	100porcento

19. PESQUISA SOBRE SEU PROBLEMA

Outras agências de polícia podem já ter lidado com o problema que você está tendo ou pesquisadores podem tê-lo estudado.

Você poderia poupar muito tempo ao descobrir como eles o analisaram e o que eles fizeram, que respostas pareceram eficientes e quais não. Estudar os esforços dos outros pode oferecer hipóteses úteis para serem testadas em seu problema (Passo 20).

Comece com os Guias orientado-para-problema que foram desenvolvidos para a polícia (POP Guides) e que estão disponíveis online nos sites www.cops.usdoj.gov e www.popcenter.org. Cada guia resume as pesquisas realizadas sobre um determinado problema e discute formas de responder ao problema em foco (As versões do guia no site incluem links para materiais que não estão disponíveis com as versões impressas.) Novos guias estão continuamente sendo produzidos, mas se não há nenhum sobre o seu problema, procure por guias relacionados. Por exemplo, não existe atualmente nenhum guia sobre o consumo de drogas em habitações públicas, o que poderia ser o problema que você enfrenta. No entanto, guias estão disponíveis em "Drug dealing in privately-owned apartment complexes" (Tráfico de drogas em complexos de apartamentos privados) e em "Open-air drug markets" (mercados de drogas a céu aberto), e lê-los pode ser útil.

WEBSITES ÚTEIS

Para ampliar a sua pesquisa, visite os sites listados abaixo. Analise todos eles, mesmo os da Austrália e do Reino Unido, pois o policiamento orientado-para-problema é amplamente praticado nesses países e os problemas com crimes são semelhantes aos que temos aqui. Na verdade, o crime em San Francisco pode ser mais semelhante ao tipo de crime que ocorre em Sydney, na Austrália, do que daquele que ocorre numa pequena cidade em Louisiana ou Tennessee.

- ***Center for Problem-Oriented Policing***

(www.popcenter.org). Além dos Guias POP, este site também contém centenas de relatórios de projetos orientado-para-problema apresentados ao longo dos anos para o Prêmio Goldstein e Tilley. O mecanismo de busca do site permite que você procure esses projetos por tema e você pode lê-los e copiá-los.

- ***NCJRS Abstracts Database***

(<http://abstractsdb.ncjrs.gov>). Apenas uma pequena porcentagem dos resumos neste grande banco de dados lida diretamente com policiamento, mas ele pode conter material que sirva para você. Alguns resumos têm links para o texto integral do artigo ou relatório e você pode copiá-lo. Em outros casos, você pode ter uma cópia emprestada. Este serviço é gratuito e eficiente – e geralmente não leva mais de três semanas para receber o material.

- **The Home Office, Reino Unido**

(www.homeoffice.gov.uk). O Home Office, aproximadamente equivalente ao Ministério de Justiça dos EUA, responsabiliza-se e patrocina excelentes pesquisas sobre tópicos policiais. Comece com uma "pesquisa rápida" usando a caixa de pesquisa na página inicial. Um resumo é fornecido para cada entrada. Clicando nele irá lhe direcionar para o texto integral.

- **Crime Reduction Website, Home Office**

(www.crimereduction.gov.uk). Navegue o "toolkit" e o "mini-sites", que lhe oferecem uma orientação prática de como lidar com muitos delitos, incluindo roubo, assaltos à residências, violência doméstica, crime de rua, e vitimizações de estudantes universitários.

- **Australian Institute of Criminology**

(www.aic.government.au). Inicie com uma pesquisa na página inicial. Uma breve descrição é fornecida de cada entrada obtida com a pesquisa. Você pode obter uma descrição mais completa clicando no título. *Downloads* de textos completos estão disponíveis para muitos dos documentos.

Outros recursos úteis

- **Google.** Se os sites renderam poucos resultados, tente uma pesquisa pelo "Google". *Google* é considerado a principal ferramenta de pesquisa na Internet. Para inserir uma consulta, basta digitar algumas palavras descritivas e clicar no botão de pesquisa para uma lista de páginas relevantes da web. Estas são listadas em ordem de importância, calculada pelo número de links para o site. Restringir a pesquisa é tão simples como adicionar mais palavras aos termos de pesquisa que você já digitou. A nova consulta lhe dará um subconjunto menor das páginas encontradas na sua consulta mais ampla anterior.

- **Outros departamentos de polícia.** Se você achar que os outros departamentos de polícia têm combatido o mesmo problema, tente entrar em contato com eles. Tente falar com os analistas de crime ou oficiais inicialmente envolvidos no projeto. A menos que um relatório esteja disponível, não confie muito sobre o que for dito, porque a memória é notoriamente pouco confiável.

- **Faculdade local.** Quando a sua faculdade tem um programa de Justiça Criminal, você poderá obter conselhos úteis de um membro da faculdade. Saiba mais sobre os interesses da instituição através do seu site antes de entrar em contato com alguém. Para mais ou menos uma hora de consulta, o membro do corpo docente poderia esperar compensação, embora algumas universidades estaduais considerem a assistência aos órgãos do governo como parte da sua missão de serviço normal da faculdade.

- **Especialistas nacionais.** Se você ver o nome de um especialista repetidas vezes durante a sua pesquisa, tente enviar e-mails para essa pessoa pedindo aconselhamento. Peça apenas informações específicas que ele(a) pode fornecer rapidamente. Quando pedir referências, liste aquelas que você já encontrou, o que permitirá ao especialista ver se você omitiu algo importante.

- **Empréstimo entre bibliotecas.** A maioria das grandes bibliotecas públicas e bibliotecas de escolas de ensino superior fazem a assinatura deste serviço, o que lhes permite obter livros e artigos que você precisa de outras bibliotecas. É preciso preencher um formulário fornecido pela biblioteca e esperar cerca de 2 semanas para a chegada do material.

- ***Criminal Justice Abstracts (CJA)*.** O acesso ao CJA é um recurso vital, que normalmente você encontrará apenas em faculdades que ofereçam o programa de justiça criminal. Tente persuadir seu departamento para aprová-lo. Ele abrange as principais revistas, livros e relatórios no campo. Fornece uma cobertura da literatura acadêmica maior do que os Resumos do NCJRS, embora este último forneça mais cobertura de pesquisa governamental e revistas profissionais.

Limitações da Informação

Suas melhores fontes de informação são suscetíveis de serem (1) artigos de pesquisadores que estudaram o problema que você está lidando e, (2) relatórios de projetos da polícia tratando do problema. Entretanto, ambos têm as suas limitações, como as seguintes:

- A maioria dos criminólogos se interessam mais em crimes e delinquência em geral do que formas específicas de crime. Eles também estão mais interessados em causas remotas do crime, tais como desigualdades sociais e disfunções familiares, do que nas causas mais próximas de um problema, como segurança ineficiente ou falta de vigilância. Portanto, mesmo quando você encontrar artigos que lidam com o seu problema, você pode descobrir que as causas identificadas ajudam pouco para se chegar a uma resposta eficaz.

- A menos que o seu problema seja muito comum, não espere encontrar muitos projetos relevantes da polícia. Questionar sobre alegações de sucesso a menos que apoiadas pelos dados de avaliação. Mesmo os projetos que receberam Prêmios Goldstein ou Tilley podem não ter sido bem avaliados. Esteja informado também de que uma resposta que funcionou em uma determinada cidade ou bairro pode não funcionar na sua área devido às circunstâncias específicas que tornam a sua situação diferente. No entanto, a experiência anterior da polícia de lidar com o problema é sempre uma importante fonte de ideias acerca do que pode ser útil na sua situação.

Examinando Artigos Acadêmicos

A maioria dos artigos acadêmicos começam com um curto Resumo. Se esse parece interessante, leia o Resumo, a Discussão e/ou as Conclusões. Se essas também parecem úteis, analise a Revisão da literatura no início do artigo. Normalmente você pode ignorar as partes de métodos que lidam com os dados, análise, e os resultados. Mesmo que o artigo não seja diretamente relevante, você ainda pode encontrar materiais úteis listados nas Referências Bibliográficas.

Se você precisar de informações mais detalhadas para uma resposta (por Exemplo, vigilância CCTV), retornar ao computador e à biblioteca pode permiti-lo encontrar os fatos de que você precisa e se beneficiar da experiência alheia.

Leia Mais:

Clarke, Ronald and Phyllis Schultze (2004). *Researching a Problem. Problem-Oriented Guides for Police*, Problem-Solving Tool Series No. 2. Washington, DC: Office of Community Oriented Policing Services. (accessible at www.popcenter.org and www.cops.usdoj.gov).

Identificando respostas

Resuma as respostas que você identificar construindo uma tabela como a encontrada no Guia POP, com uma linha para cada resposta e cinco colunas como feito abaixo

Resposta	Fonte	Como funciona o programa	Funciona melhor se ...	Considerações
1				
2				

20. FORMULE HIPÓTESES

Sempre que enfrentamos um padrão de crime novo e complicado formamos hipóteses sobre a suas causas, muitas vezes baseados em informações incompletas. Experiência e teoria são boas fontes de hipóteses. Você deve (1) indicar claramente as suas hipóteses, (2) não se apegar a elas, e (3) utilizar dados para testá-las objetivamente. Espere que todas as hipóteses sejam alteradas ou descartadas uma vez que os dados relevantes forem analisados, porque nenhuma hipótese é completamente correta. Por esta razão, é melhor testar várias hipóteses conflitantes.

Um conjunto de hipóteses serve de roteiro para a análise. Hipóteses sugerem que tipos de dados coletar, como esses dados devem ser analisados, e como interpretar os resultados da análise. Se você estivesse investigando brigas violentas relacionados à bebida dentro de bares você poderia começar com a pergunta: “Quantos bares constituem um problema para a área?” Baseado na regra 80-20 (Passo 18), você colocaria a hipótese de que alguns bares terão muitas brigas, mas a maioria deles terá poucas brigas ou nenhuma. Você então testaria essa hipótese, listando os lugares com licença de bebidas e contando o número de denúncias de brigas em cada um ao longo dos últimos 12 meses.

Se a sua hipótese for relevante e tiver sustentação, você pode fazer a pergunta, “O que é diferente nos bares com muitas brigas violentas em comparação com os bares com poucas brigas?” O conceito de estabelecimentos perigosos (Passo 28) irá ajudá-lo a formular um conjunto de três hipóteses:

1. Bares onde o risco de violência é maior tem mais clientes.
2. Bares onde o risco de violência é maior têm características que atraem agressores.
3. Os funcionários de bares onde o risco de violência é maior ora não conseguem controlar as brigas ora as provocam.

Você pode testar essas hipóteses coletando dados sobre o número de clientes de bares de alto e baixo risco, analisando o número e a taxa de agressões por cliente, observando as interações entre as pessoas em bares problemáticos e não problemáticos e entrevistando funcionários e clientes.

Se a sua primeira hipótese foi contrariada pelos dados, e você descobriu que não houve grande diferença nos números de brigas nos bares, então você pode fazer a pergunta, “porque tantos bares causam problemas?” Isto sugere uma outra hipótese: é um problema de percepção; a cidade tem mais ou menos tantas ocorrências de brigas em bares quanto outras cidades comparáveis. Esta hipótese sugere que você precisará de dados para cidades comparáveis.

Se, depois de recolhidos os dados relevantes, você descobriu que sua cidade tem um número anormalmente elevado de problema em bares, a seguinte pergunta pode ser

feita, "O que é comum a muitos bares na cidade que produz um grande número de brigas?" Uma das hipóteses é que é o modo como as licenças para bebidas alcoólicas são concedidas e o regulamento dos bares. Outra hipótese é de que existe algo próprio da natureza dos clientes dos bares da sua cidade. Testar cada uma dessas hipóteses implicaria em coletar dados relevantes para avaliar a validade de cada uma.

Perceba como as questões e as hipóteses estruturam a análise. Testar os resultados – positivos ou negativos – revela questões novas, mais específicas. O objetivo é começar com questões e hipóteses amplas e, através de um processo de cortes, chegar a um conjunto de questões altamente focadas que apontam para possíveis respostas.

Hipóteses sugerem o tipo de dados a serem coletados. No exemplo das brigas em bares, o teste de cada hipótese requer dados específicos. Às vezes os mesmos dados podem testar múltiplas hipóteses (como é o caso de escolher entre as três explicações alternativas para bares de risco). Muitas vezes uma variedade de dados é necessária para selecionar entre hipóteses alternativas (como é o caso do último conjunto de hipóteses). Quanto mais específicas forem suas hipóteses, mais centrada será a sua coleta de dados. É por isso que é mais importante ter uma hipótese mais clara que você pessoalmente não gosta, do que uma hipótese vaga que lhe agrada, ou ainda, hipótese alguma.

Paralisia através da análise

A falta de hipóteses explícitas pode conduzir a uma “paralisia através da análise”, coletando dados demais, levando também a muita análise, e não chegando a qualquer conclusão útil.

Hipóteses podem ajudar a direcionar a análise dos dados. Toda hipótese clara sugere um padrão de dados que você deve ser capaz de observar, se a hipótese for correta. No exemplo acima, as hipóteses derivadas do conceito de estabelecimentos de risco podem ser testadas usando-se um simples processo analítico. Se um bar é um gerador de crimes, então você deverá observar um número elevado de ocorrências, um elevado número de clientes, mas uma baixa taxa de ocorrências (ver Passo 17). Falha em encontrar esse padrão sugere que a hipótese está errada. Deste modo, é importante ter uma idéia clara do que você deve observar se a sua hipótese for correta, e o que você deve observar se a sua hipótese for falsa (ver terceira coluna da tabela). Se isso não pode ser feito, então este é um indicador que a sua hipótese pode ser muito vaga.

Hipóteses ajudam a interpretar os resultados da análise. Suponhamos que a análise das brigas em bares mostrou que alguns bares tinham mais brigas, e observações dos bares de alto e baixo risco indicaram que os seguranças dos próprios bares provocavam as brigas. Isto logo sugere uma via possível para a intervenção. Em suma, a validade de uma hipótese deve fazer a diferença. Ou seja, se a hipótese for verdadeira você vai tomar uma decisão diferente do que se ela for falsa. Se você for tomar a mesma decisão independentemente dos resultados do teste, então a hipótese e seu teste são irrelevantes.

Em resumo, hipóteses são importantes para orientar a análise. Para formular hipóteses é necessário que você faça perguntas importantes e, em seguida, crie respostas especulativas mais simples e diretas para essas perguntas. Estas respostas são suas hipóteses. As especulações devem ser ousadas o suficiente para que possam estar erradas, e deve haver uma forma de demonstrar se estão certas ou erradas. Se possível, crie hipóteses concorrentes.

A formulação de hipótese é uma atividade de grupo útil, uma vez que permite que os participantes com visões opostas discutam suas perspectivas de uma forma clara e que permita testes objetivos. Desta forma, os participantes que contribuem com hipóteses inválidas fazem contribuições substanciais para a análise do problema. Se cada hipótese está ligada a uma solução potencial, o teste dessas hipóteses direciona simultaneamente a atenção para possíveis respostas e exclui abordagens ineficazes.

QUESTÕES, HIPÓTESES E TESTES		
Pergunta	Exemplo de Hipóteses	Teste Possível
Por que este lugar é perigoso?	Por causa de um grande número de alvos disponíveis.	Conte os alvos no local e calcule a taxa de crime. Compare esta taxa com taxas da área em volta. Se o lugar tem uma taxa mais elevada, a hipótese é falsa, se tiver mais ou menos a mesma ou menor, então a hipótese é verdadeira.
Por que há mais roubos de carros na área problemática do que em áreas próximas?	Os moradores estacionam seus carros na rua, ao contrário de residentes de outras áreas.	Se a área problemática tem taxas de estacionamento em ruas semelhante ou mais baixas do que as outras, rejeite a hipótese. Se forem mais altas, aceite-a.
Por que o furto de tubos de cobre de construções novas aumentaram de repente?	Um novo proprietário comprou uma sucataria na vizinhança.	Compare os furtos de tubos antes e após da mudança de proprietários. Se a taxa de roubo é a mesma antes e depois, ou se a tendência de furtos já estava aumentando antes da mudança, então, a hipótese é provavelmente falsa. Caso contrário, a hipótese parece cabível.

21. COLETE SEUS PRÓPRIOS DADOS

No decurso do seu trabalho cotidiano de análise, você provavelmente utiliza sobretudo incidente de crime e dados sobre prisões, mas para projetos sobre problema, você precisará usar uma gama de dados mais ampla. Por exemplo, dados de ligações de solicitação de serviço policial poderiam fornecer um melhor manuseio dos dados sobre a quantidade de tráfico de drogas em locais problemáticos do que os dados sobre detenções. E os dados mantidos pela cidade e pelas empresas poderiam ser úteis na análise de problemas de vandalismo ou furtos em lojas, ambos os quais são pouco mensurados pelos relatórios da polícia. Mas para a maioria dos projetos de problema você vai achar necessário ir a campo – para usar a terminologia de pesquisa – e coletar você mesmo os dados. Por exemplo, você e sua equipe podem ter que fazer observações sistemáticas das características ambientais de locais de crimes; você pode ter que interrogar vítimas; e ter que entrevistar criminosos ou persuadir oficiais para fazer isso por você. A necessidade da sua própria coleta de dados pode surgir em qualquer uma das quatro fases do SARA como mostram os exemplos seguintes:

1. Ronald Clarke estava envolvido num projeto sobre furtos relacionados a veículos em estacionamentos no centro de Charlotte, Carolina do Norte. Concluiu-se que a cidade não possuía mapas atualizados que mostrassem a localização de cada estacionamento porque novos estacionamentos estavam continuamente sendo abertos no lugar de edifícios demolidos e novos prédios eram erguidos nos locais dos antigos estacionamentos. Consequentemente, agentes da polícia que trabalhavam no projeto tiveram que investigar toda a zona do centro da cidade para fazer um inventário completo dos estacionamentos. Mais tarde no projeto, os oficiais contaram as vagas em cada estacionamento, a fim de que os riscos de roubo por vagas pudessem ser calculados. Isto permitiu que os estacionamentos fossem classificados de acordo com os riscos de furto, de alto a baixo risco. Então, a fim de explicar essas variações de risco, os oficiais recolheram informações detalhadas sobre a segurança de cada estacionamento, incluindo a adequação da iluminação e cercas e a utilização de atendentes ou de patrulhas de segurança.
2. Em outro projeto em Charlotte sobre furtos em construções, dois policiais que trabalharam no projeto, Dan Cunius e Eric Rost, checaram regularmente cada casa do projeto para se certificarem de que as construtoras estavam implementando as medidas de prevenção que estavam no acordo. Quando o estudo foi concluído, os funcionários tinham completado um total de 8.050 vistorias em casas individuais – um enorme exercício de coleta de dados conduzido em todo o tipo de condições climáticas.
3. Em um relatório para o *National Law Enforcement & Corrections Technology Center*, Karin Schmerler, um analista de segurança pública em Chula Vista, Califórnia, coletou alguns outros exemplos de coleta de dados primários em projetos submetidos ao Prêmio Goldstein de Excelência em Policiamento orientado-para-problema, incluindo os seguintes:

- Para um projeto que reduziu ligações de solicitação de serviço relacionadas a prostituição em Buffalo, Nova York, a polícia efetuou 15 entrevistas mais detalhadas com prostitutas e 116 pesquisas com os “clientes”. A informação obtida foi utilizada para obter o apoio da comunidade para reforço contra os clientes e crescente tratamento com medicamentos e opções judiciais para as prostitutas.
- Ao longo de um projeto de patrulha de rodovias na Califórnia que reduziu as mortes em 35% em um trecho mortal de estradas rurais, a força-tarefa de 30 membros gastou 5 horas de ônibus para inspecionar 20 quilômetros de vias. A recomendação central feita pela força-tarefa foi a de adotar uma política de 24 horas de "faróis ligados".
- Em um projeto para reduzir a intimidação nas escolas em South Euclid, Ohio, policiais conduziram entrevistas no formato de grupos de discussão com alunos para determinarem onde e quando eles se sentiam inseguros. Os alunos identificaram corredores e mudanças de sistema de aulas como sendo horários e lugares de alto risco de intimidação, o qual a polícia confirmou ao verificar os registros de incidentes escolares. Com base nesses resultados, a mudança no sistema de aulas foi balanceada e os professores trabalharam em equipes para aumentar a fiscalização de corredores. Isto levou a uma queda de 60% na intimidação de alunos nos corredores.

Em seu artigo, Karin Schmerler salienta que, mesmo a coleta de dados *ad hoc* pode ser útil – ela dá o exemplo de uma rápida visita a um ATM (caixa eletrônico de banco) bastante visado para inspecionar a localização e a iluminação. Em outros casos, a coleta de dados pode exigir a ajuda de uma universidade local para projetar e conduzir a atividade.

Tenha cuidado ao recolher seus próprios dados

O Policiamento orientado-para-problema exige bastante de você, mas não exige que você se exponha ao risco de ser assaltado ou sofrer agressão.

Embora você possa resistir a coletar seus próprios dados, por causa das dificuldades e do tempo envolvido, às vezes isso é essencial para um projeto orientado-para-problema e sempre traz benefícios, como os seguintes:

1. Ir para campo pode dar a você uma compreensão do problema que você nunca teria se ficasse sentado em frente ao computador, mesmo sendo ricos os dados que você tem.
2. Planejar um instrumento de coleta de dados pode forçar você a pensar mais sobre a natureza do problema, sobre o tipo de respostas que podem ser satisfatórias, e como melhor avaliar os seus esforços.
3. Envolver agentes da polícia na coleta de dados (e no planejamento do exercício) oferece uma oportunidade valiosa de treiná-los na necessidade de uma abordagem rigorosa e sistemática de um projeto baseado em problema.

4. Comprometer-se com a coleta de seus próprios dados permite que você aprimore sua capacidade de pesquisa e que você seja genuinamente criativo.

Leia Mais:

Schmerler, Karin and Mary Velasco (2002). "Primary Data Collection: A Problem-Solving Necessity". Advanced Crime Mapping Topics. Denver, CO: National Law Enforcement & Corrections Technology Center, University of Denver.

Identificando Placas Temporárias

Matt White e Charles Dean, que trabalham no departamento de polícia de Charlotte-Mecklenburg, convenceram-se de que muitos criminosos estavam usando placas temporárias falsas em seus veículos. Essas placas permitiam que eles usassem veículos não multados e sem seguro durante meses ou até anos, e tornava mais seguro para eles utilizarem seus veículos em outros crimes. Para construir um processo de reforma do sistema de placas temporárias, White e Dean fizeram uma pesquisa noturna informal em dois bairros contíguos e de mesmo tamanho em Charlotte – um com alto índice de criminalidade e o outro com baixo índice. A área com alta criminalidade (Belmont à esquerda no mapa) tinha 6,4 vezes mais crimes violentos relatados nos 12 meses anteriores à vistoria e 5,6 vezes mais detenções de residentes que a área de baixa criminalidade (Plaza - Millwood). Como esperado, eles identificaram 12 Automóveis (pontos pretos no mapa) com placas temporárias em Belmont e nenhum no Plaza Millwood. Isso apesar da similaridade entre os estacionamentos nas ruas em ambos os bairros e de uma maior proporção de carros em Belmont recuados em garagens para esconderem suas placas das patrulhas que passavam.



Fonte: White, Matt and Charles Dean (2004). "Abuse of Temporary License Tags in North Carolina". Understanding and Preventing Car Theft, Crime Prevention Studies, Volume 17, edited by Michael Maxfield and Ronald Clarke, Monsey, NY: Criminal Justice Press.

22. EXAMINE A DISTRIBUIÇÃO DE SEUS DADOS

Depois de coletar os dados, você precisa saber o que eles estão falando para você. Suponha que você coletou dados sobre incidentes de assaltos a taxistas. Os assaltos estão concentrados entre poucos motoristas? Estão concentrados em alguns dias da semana ou horas do dia?

Para responder a essas questões é necessário que você examine a *distribuição* dos dados. Quando estamos interessados em vítimas, criminosos, ou locais, nós estamos interessados em verificar se a regra 80-20 está funcionando (Passo 18). Para responder a essa questão você deve criar a distribuição do número de crimes para cada pessoa ou local, e ordená-los a partir do maior para o menor. Quando estamos interessados no horário, a distribuição do número de crimes a cada período de tempo mostra a você as tendências e os ciclos nos dados.

A figura 1 mostra a distribuição de homicídios em todos os 53 bairros de Cincinnati por um período de 36 meses. O eixo horizontal mostra cada bairro e o eixo vertical mostra quantos homicídios ocorreram em cada comunidade.

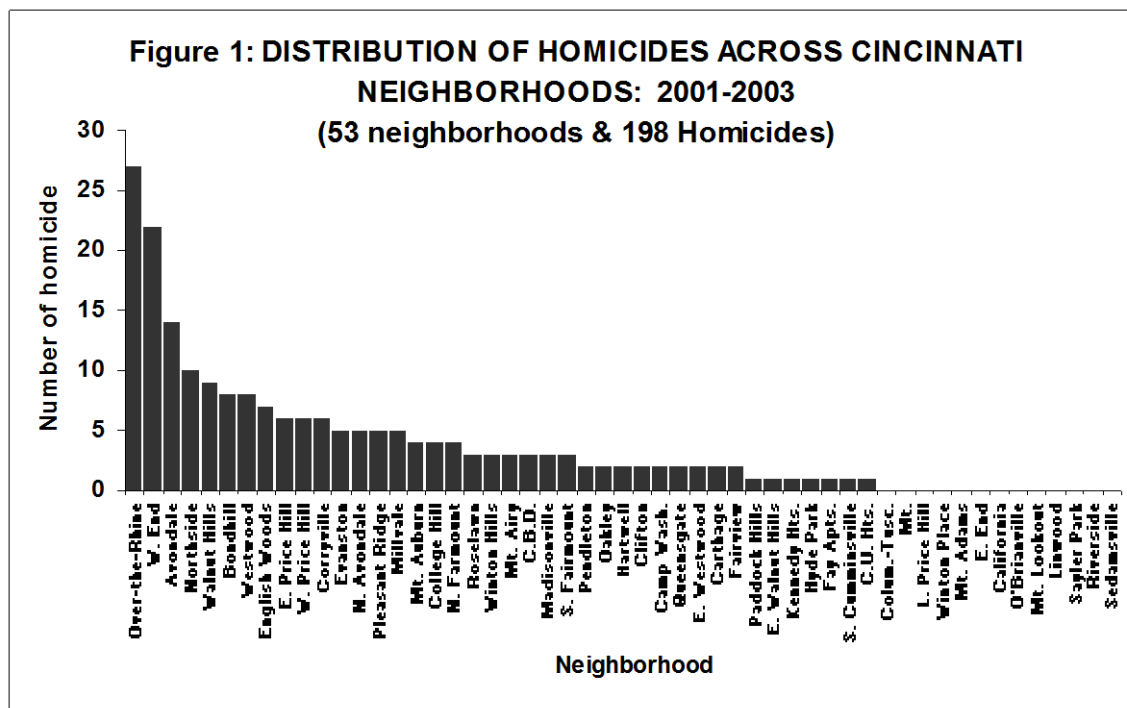


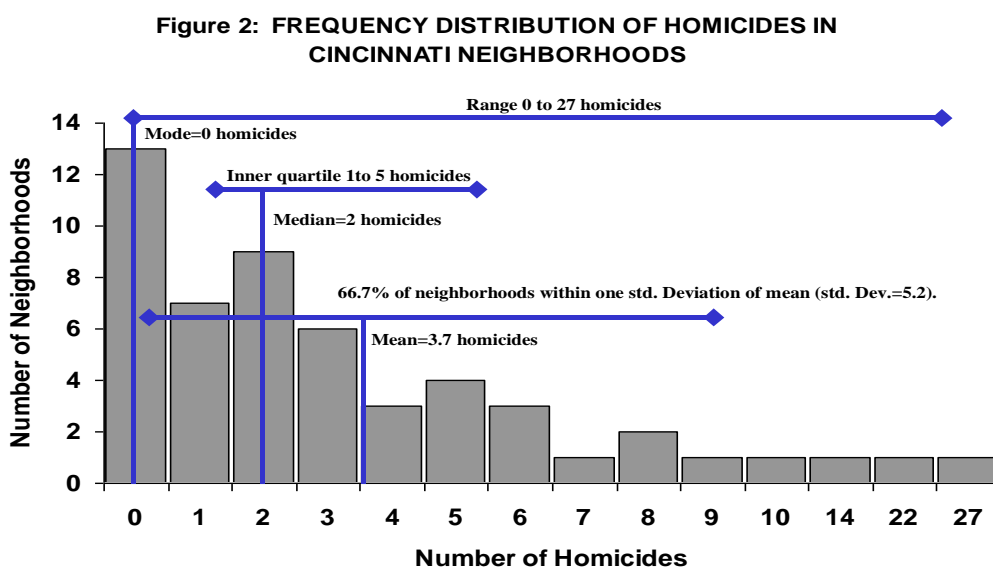
Figura 2 mostra a frequência da distribuição. O eixo horizontal exibe o número de homicídios que o bairro podia ter. O eixo vertical mostra quantos bairros tem cada um desses números. A maioria dos bairros tem poucos homicídios mas há uma ponta se alongando para a direita onde poucos bairros tem muitos homicídios. Enquanto a Figura 1 mostra cada bairro, Figura 2 mostra a quantidade de bairros aglomerados.

De vez enquanto você necessita resumir esta informação. Há duas descrições básicas de distribuição: o caso típico ou medidas de tendência central e a dispersão, ou variabilidade dos casos.

Medidas de tendência central. Medidas de tendência central podem ser calculadas de três maneiras:

- **Média.** Esta é a medida mais comum. A média do número de homicídios nos bairros de Cincinnati é 3,7 homicídios por bairro – que é calculado dividindo-se as 198 mortes pelos 53 bairros.
- **Mediana.** Este é o valor que divide a distribuição ordenada dos casos em dois grupos iguais. Metade dos bairros de Cincinnati têm dois ou mais homicídios e metade tem dois ou menos.
- **Moda.** É o valor mais frequente em uma distribuição de casos. Neste exemplo, a moda é 0 homicídios porque o maior grupo de bairros não têm homicídios.

Figura 2 mostra a posição relativa dessas três formas de medidas.



A dispersão de Casos. Há três métodos para medir a dispersão:

- **Amplitude da variação.** É a medida mais básica de dispersão. É o valor menor e o valor maior em uma distribuição. No nosso exemplo, a variação é de 0 a 27 homicídios.
- **A amplitude interquartil.** Observa os limites inferior e superior dos 50% dos casos centrais. No exemplo de Cincinnati, a amplitude interquartil é de 1 a 5 homicídios. Metade dos bairros caem nessa categoria. Outros 25% dos bairros têm 1 ou nenhum homicídios e os últimos 25% têm 5 ou mais homicídios. Para encontrar a amplitude interquartil, ordene os casos e divida-os em quatro grupos iguais. Os dois grupos do

meio são os interquartis. A amplitude interquartil é o valor mais baixo e o valor mais alto destes dois grupos do meio.

- **Desvio padrão.** Esta medida de dispersão indica a diferença média da média da distribuição. Quanto menor for o desvio padrão, menor será a dispersão em torno da média. A fórmula é um pouco entediante, mas qualquer planilha ou pacote de software de estatística pode fazer o cálculo. Dois terços dos casos se enquadram em um desvio padrão em ambos os lados da média. No exemplo de Cincinnati, o desvio padrão é de 5,2 homicídios.

Você pode comparar essas três medidas de dispersão na Figura 2. Cada uma é associada a uma medida particular.

Quais medidas de tendência central e dispersão são melhores depende de duas características dos dados. A primeira é a simetria da distribuição. Em uma distribuição simétrica, a forma de um lado da média é espelhada no outro lado. A média equivale à mediana em distribuições simétricas. Se o valor com a maioria dos casos estiver no centro, então a moda será a mesma que as outras duas medidas de tendência central. Mas a moda não precisa se igualar à mediana ou à média. A distribuição pode ter duas modas, uma de cada lado da mediana. Se a distribuição for aproximadamente simétrica, a média e o desvio padrão podem ser adequados.

Se a distribuição é assimétrica, então a média e o desvio padrão não devem ser usados. Use a mediana ou a moda e os interquartis ou a amplitude completa. Em análise de problema, assimetria é muito comum.

A segunda característica utilizada para selecionar medidas de tendência central e dispersão é o tipo de escala de medida utilizada para os dados. Existem três tipos comuns de escalas.

- **Escala nominal** simplesmente aplica rótulos. O bairro no exemplo é medido numa escala nominal desde que seus nomes são apenas rótulos. Nós podemos rotulá-los novamente como A, B, C e assim por diante, ou 1, 2, 3 e assim por diante e não haveria nenhuma diferença. Se o seu dado é apenas nominal, então apenas a moda é apropriada.

- **Escala ordinal** ordena os casos, bem como os rotula. Uma lista ordenada de bairros, do maior para menor em termos de homicídios, (primeiro, segundo, terceiro, até o quinquagésimo-terceiro) é um exemplo. Você não pode adicionar e subtrair, multiplicar e dividir dados ordinais. Pode apenas determinar se um caso tem uma classificação maior, menor ou igual a outro caso. Se os dados forem ordinais, nem o desvio médio nem o padrão podem ser usados. Use a mediana e o intervalo interquartil.

- **Escala de razão** permitem adicionar, subtrair, multiplicar e dividir porque a diferença entre cada valor é igual e existe um zero significativo. O número de homicídios em um bairro é medido com uma escala de razão: a diferença entre 0 homicídios e 1 homicídio é a mesma que a diferença entre 26 homicídios e 27 homicídios, e 0 homicídios tem significado. Você pode usar a média e o desvio padrão para este tipo de dados.

A tabela mostra as características dessas escalas. Em resumo, uma vez que você coletou os seus dados, você deveria:

- Observar a distribuição.
- Resumir suas características – medidas de tendência central e dispersão.
- Usar a média e o desvio padrão para dados de escala de razão com distribuição simétricas.
- Usar mediana e intervalo interquartil para dados ordinais, ou quando você tem uma distribuição assimétrica.
- Usar a moda e a intervalo para dados nominais.

TIPOS DE DADOS, USO, E SUAS LIMITAÇÕES			
	Nominal	Ordinal	Razão
Descrição	Nomes categories	Escal ordenada & nomes categorias	Mesmo que interval, mas o zero tem significado definitivo (não é arbitrário)
Exemplo	0=nenhuma vítima 1=vítima É válido: 0= vítima 1=nenhuma vítima	0=nenhum crime 1= 1 crime 2= mais de um crime	Número de crimes: 0, 1, 2, ... (0=significa nenhum crime)
Escalas da direita tem todas as propriedades daquelas da esquerda., mais suas próprias características (i.e., qualquer coisa que você pode fazer com dado nomial ou ordinal você pode fazer com dados em escala de razão, e algo mais).			
Matemática	Mesma ou diferente	Maior, menor ou igual	Adição, subtração, multiplicação, & divisão.
Tendência Central	Moda	Mediana	Média
Dispersão	Amplitude, intervalo	Amplitude interquartil	Desvio padrão
Comentários	Usada quando lidando com categorias (i.e., gênero) e grupos (i.e., rede de lojas, nenhuma rede de lojas).	Use quando existe um ordenamento natural ou ordem de categorias (i.e., hierarquias da polícia) mas a diferença entre as posições nem sempre é a mesma ou não é clara.	Porcentagens, somas, e outras medidas fazem parte dessa categoria.

Leia Mais:

Ajuda para estatísticas de básico ao avançado, com muitos links úteis
www.prndata.com/statistics_sites.htm-hyperstat

HyperStat Online Textbook
<http://davidmlane.com/hyperstat/index.html>

23. DIAGNOSTIQUE O SEU *HOTSPOT*

Quando você fizer mapas de crime, é útil diferenciar os *hotspots* agudos dos crônicos (Passo 17). *Hotspots* agudos exibem picos anormais de crime, que podem diminuir naturalmente, enquanto *hotspots* crônicos têm persistentemente níveis elevados de crime do que outras áreas e que são improváveis de diminuírem a menos que algo seja feito. Existem três formas básicas de *hot spots* crônicos, cada uma delas associada à teorias específicas e tipos de respostas.

- Pontos quentes são locais com níveis elevados de crime. Eles demonstram crimes concentrados em estabelecimentos ou em endereços de vítimas reincidentes (ver Passos 28 e 29). Eventos de crimes múltiplos em locais são representados por pontos.
- Linhas quentes são segmentos de rua onde há concentração de crime. Podem ocorrer, por exemplo, se veículos estacionados ao longo de determinadas ruas apresentam alta chance de serem arrombados. Crimes múltiplos ao longo de segmentos de ruas são mostrados com linhas.
- Áreas quentes são áreas onde há concentração de crime. Áreas quentes surgem por várias razões. Características do local podem dar origem ao crime. Ou uma área quente pode conter muitos problemas isolados e distintos. Nos mapas, áreas quentes são ilustradas por áreas sombreadas, linhas de contorno, ou graduações que demonstram os níveis de crime. A tipologia de áreas quente de Jerry Ratcliffe (ver quadro) divide-se entre dois tipos:
 - aquelas que têm um padrão de eventos bem agrupados e
 - aquelas que têm uma dispersão relativamente nivelada de eventos ao longo da área quente.

A figura ilustra as três formas de *hotspots*. Áreas de lazer problemáticas são exibidas como pontos porque os ataques estão localizados em endereços. Arrombamento de veículos, no entanto, estão ao longo de segmentos de rua contínuos, por isso esta concentração é ilustrada por duas linhas de interseção. Finalmente, os contornos graduados para o hotspot residencial sugere que o risco de arrombamentos é mais alto em uma área pequena mas diminui na medida em que se afasta do centro. Os pontos dentro desta área graduada descrevem roubos locais repetidos.

Tornar claro a natureza do seu *hotspot* dá uma idéia da resposta:

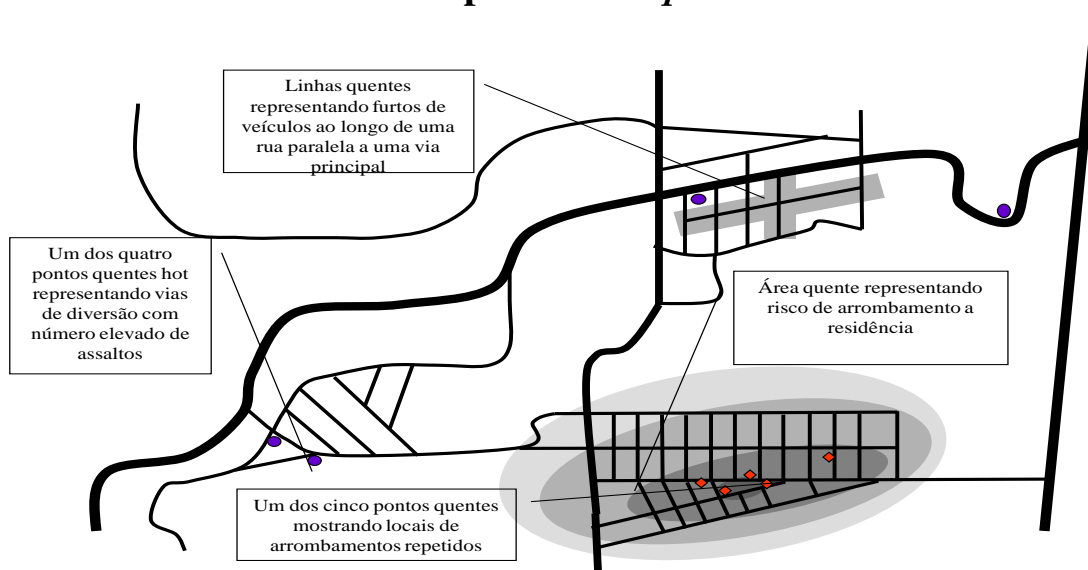
- *Pontos quentes* sugerem mudanças no ambiente físico de locais específicos ou mudança na gestão desses locais. Também sugerem intervenções com vítimas de alto risco.
- *Linhas quentes* sugerem mudanças nas ruas, caminhos e outros trajetos, ou dos ambientes junto deles.

- *Áreas quentes* sugerem parcerias em grande escala para modificações nos bairros ou vizinhanças.

A tabela mostra como a concentração de crime está relacionada com a forma como o crime é mapeado, e onde a resposta está focalizada.

CONCENTRAÇÃO, MAPEAMENTO E AÇÃO			
Concentração	<i>Hotspots</i> mostrados como:	Nível de ação	Exemplos de ação
Locais - em endereços específicos, esquinas, ou estabelecimentos	Pontos	Estabelecimentos, esquina, endereço,	Circuito fechado de TV em uma garagem, mudar a forma como álcool é servido em bares.
Vítimas	Pontos	Endereços das vítimas.	Ajudar as vítimas a prevenir crimes futuros dificultando alvos.
Ruas – ao longo de ruas ou frentes de quarteirões	Linhas	Ao longo de caminhos, ruas e, rodovias	Criar ruas sem saída, mudar os padrões de tráfego, alterar regulamentos dos estacionamentos.
Área - bairros	Zonas sombreadas	Bairros, regiões e outras áreas	Parcerias comunitárias, restauração de bairros.

Tipos de *Hotspots*



A análise dos *hot spots* deve começar com lugares e, em seguida, mover-se para ruas e, finalmente, para áreas. Considere, por exemplo, o problema de carros destruídos. Eles são repetidamente encontrados em endereços específicos? Se sim, então você deve perguntar por que estes locais são escolhidos em vez de outras áreas mais próximas. Se não, você deve passar a examinar ruas. Se você encontrar a concentração ao nível de ruas, você deve comparar as ruas para descobrir por que algumas atraem a destruição de carros e outras não. Se houver pouca concentração ao nível de ruas (ou seja, o crime se espalha relativamente uniforme em muitas ruas), então você deve considerar a concentração na comunidade e comparar bairros com alta e baixa concentração de crime. Esta abordagem assegura uma resposta altamente focalizada.

Na figura, os pontos quentes de arrombamentos indicam vítimas repetidas dentro do problema global do bairro. Uma área quente por si só não revelaria isso. Antes de continuar, você deve verificar se a área quente deve-se predominantemente aos poucos pontos de arrombamento. Você pode fazer isso, tratando cada local de crime como se ele apresentasse apenas um único evento, e depois verificar a área. Se a área não é mais “quente”, então o problema é impulsionado por alguns locais “quentes”. Se a área continua quente, então estes pontos de arrombamentos repetidos são fragmentos de uma área de concentração de furtos.

A análise de *hot spots* pode ser uma ferramenta valiosa no início do processo de solução de problemas, mas tendo descoberto os *hotspots*, você precisa se perguntar por que alguns pontos são quentes e outros não. Parar a análise após a descoberta dos *hot spots* pode resultar numa análise superficial e na implementação de respostas ineficazes. Se não houver nenhum componente geográfico para o problema, o mapeamento de *hot spots* tem pouca utilidade e você deve usar outras abordagens analíticas.

Leia Mais:

Eck, John, Spencer Chainey, and John Cameron (2005). *Mapping Crime: Understanding Hot Spots*. Washington, DC: U.S. Department of Justice, National Institute of Justice.

TIPOLOGIA DE HOTSPOTS DE RATCLIFFE

Jerry Ratcliffe diferencia entre os três tipos de **hotspots**. Ele começa com uma área quente e, em seguida, examina o padrão dos pontos. Se todos os eventos ocorrem no mesmo local, então, o *hotspot* é um "ponto quente". "Pontos quentes" descrevem os mesmos fenômenos que os *hot spots*. Se os eventos são bem agrupados dentro da área geral, Ratcliffe os chama de hotspots aglomerados. Finalmente, se os eventos estão espalhados de modo relativamente uniforme em toda a área *hotspot*, ele os chama de "dispersos". *Hot spots* aglomerados e dispersos são subcategorias da nossa categoria "Hot area". A abordagem de Ratcliffe chama a atenção para a concentração dos eventos e exige que o analista defina o perímetro das áreas quentes antes da classificação de *hotspots*.

Fonte: Ratcliffe, Jerry (2004). "The Hotspot Matrix: A Framework for the Spatio-Temporal Targeting of Crime Reduction". *Police Practice and Research* 5:5-23.

24. SAIBA QUANDO USAR MAPAS DE ALTA DEFINIÇÃO

Softwares convencionais são de pouca utilidade para mapeamento de crimes em uma área do centro da cidade, um campus universitário, um projeto de habitação pública, ou qualquer área com muitos edifícios. A razão disso é que a maioria dos edifícios, mesmo grandes, possui apenas um endereço, e os crimes ocorridos em qualquer parte do edifício são atribuídos a esse endereço. O mapeamento poderia, portanto, sugerir que um determinado prédio ou estabelecimento tem problema de crime, mas isso pode ser atribuído ao fato do estabelecimento ser grande. Quando se leva em consideração as muitas pessoas trabalhando no edifício ou usando o estabelecimento, isso poderia ser prova de relativa segurança. Por exemplo, George Rengert mostrou que um estacionamento no centro de Philadelphia, identificado como um *hotspot* de crimes contra automóveis, na verdade tinha uma taxa menor de crimes do que as ruas próximas, uma vez que foi considerado o grande número de carros que podiam ser estacionados no local.

De fato, muitos estabelecimentos grandes não são seguros. Em sua crítica devastadora sobre as moradias populares americanas dos anos 1960, Oscar Newman demonstrou que quanto mais alto um prédio é, maior a taxa de crime por 100 habitantes. Newman argumentou que blocos muito grandes atraíam delitos porque os residentes não conheciam seus vizinhos e o *design* e disposição dos prédios dificultavam qualquer supervisão dos espaços públicos, incluindo corredores, elevadores, e áreas de lazer. Suas idéias foram desde então desenvolvidas em um conjunto de princípios – prevenção de crimes através do desenho de ambientes (Crime Prevention through Environmental Design – CPTED) – para projetar e construir edifícios e espaços públicos seguros.

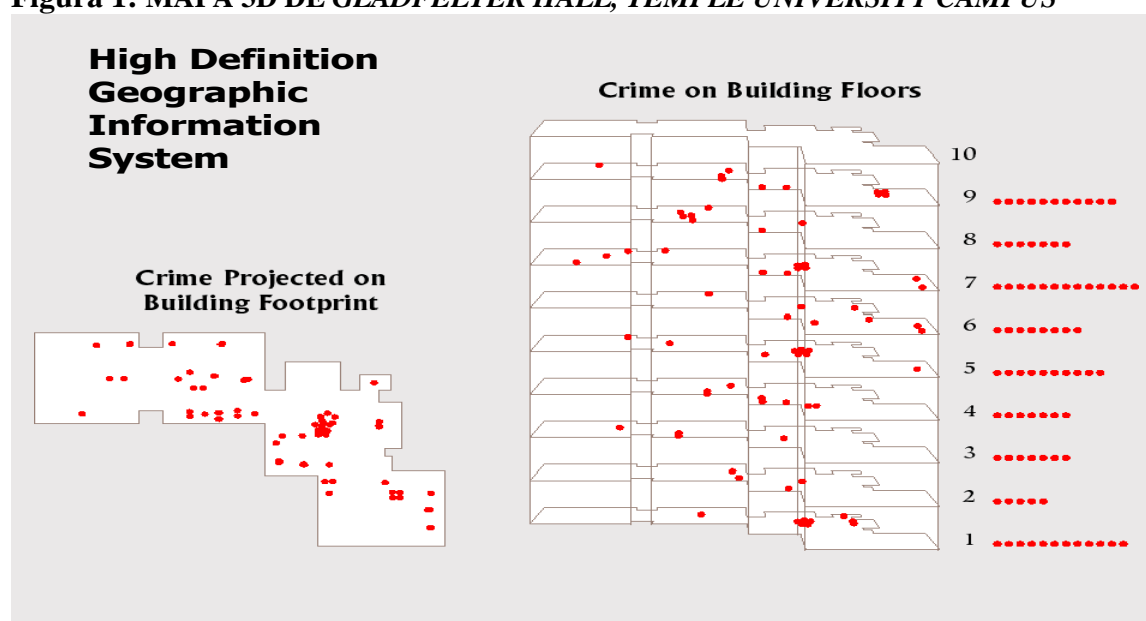
Para entender por que um determinado edifício não é seguro, os crimes devem ser separados por categorias específicas e suas localizações dentro do edifício mapeadas. É nesse ponto que a alta definição ou mapeamento em 3D entra em jogo. Infelizmente, o mapeamento em alta definição é difícil e exige bastante tempo. Ele apresenta dois problemas principais:

1. Registros policiais de crime raramente fornecem a localização precisa de incidentes dentro do edifício, embora os gerentes do edifício ou os departamentos de segurança podem às vezes fornecerem tal informação. Quando eles não podem, procedimentos de registros especiais de crime deverão ser estabelecidos por um período de tempo, a fim de que essa informação seja obtida (Passo 21).
2. Para os edifícios novos, poderá ser possível obter as plantas da construção em formato digital, o que pode tornar o mapeamento mais fácil. Mas quando o edifício é antigo, pode ser difícil obter plantas atualizadas de modo que você deve ter de conseguir o desenho do projeto.

Em muitos casos, estes problemas vão simplesmente excluir a possibilidade de utilização do mapeamento em alta definição, no entanto esses problemas podem ser

superados, como George Rengert e colaboradores mostraram em seu estudo sobre crime no Campus de Temple University na Filadélfia. Eles desenvolveram um GIS (Sistema de Informação Geográfica) de alta definição, combinando software de cartografia com desenhos de AutoCAD do campus. Traços como canos d'água e fiação elétrica foram eliminados e, e os mapas foram alterados para que as ruas fossem representadas como linhas (com linhas de cada lado representando calçadas), enquanto polígonos foram usados para representar a área de projeção dos edifícios e as formas de campos esportivos e estacionamentos. Arbustos, cercas, iluminação, e outras características físicas, também foram representados nos mapas. Crimes registrados pela polícia do campus foram então localizados exatamente onde ocorreram, de modo que eles fossem relacionados às características ambientais como má iluminação ou cantos escuros que permitem que o agressor fique à espreita.

Figura 1: MAPA 3D DE GLADFELTER HALL, TEMPLE UNIVERSITY CAMPUS



O crime foi mapeado para os andares de cada edifício e uma foto do arranjo horizontal do crime dentro do edifício foi projetada a partir do seu andar térreo. A Figura 1 mostra o resultado para um dos edifícios – Gladfelter Hall. O crime é distribuído entre todos os andares, com exceção do 10º andar. O mapa também mostra uma clara aglomeração de crime comum à maioria dos andares, a área mais próxima aos quatro elevadores perto da parte central do edifício. É aí que cada escritório aquário para secretárias e recepcionistas do departamento acadêmico está localizado – aquários, porque são rodeados por janelas de vidro, que permitem aos ladrões verem se há alguém dentro e se há algo que vale a pena ser roubado. O Departamento de Justiça Criminal – o próprio Departamento do Rengert – instalou persianas, que podem ser baixadas à noite para impedir que as pessoas vejam dentro do aquário.

**FIGURE 2
LOCATIONS OF ROBBERIES AND SNATCHES ON THE WALKWAY
SYSTEM ON THE LISSON GREEN ESTATE**



Source: Barry Poyner (1997) *An Evaluation of Walkway Demolition on a British Housing Estate. In Situational Crime Prevention. Successful Case Studies* (2nd ed.), edited by Ronald V. Clarke. Monsey, NY: Criminal Justice Press.

Software comercial que produz modelos da cidade em fotos realistas já está disponível, e desenvolvimentos tecnológicos, com imagem 3D à laser, irão simplificar a produção de mapas em computador como os do Gladfelter Hall. Entretanto, quando o número de incidentes é pequeno, desenhos claros e bem feitos com a localização de crimes claramente indicada podem às vezes ter o mesmo efeito. A Figura 2 é uma planta de uma área de moradia popular de Lisson Green em Londres, feito por Barry Poyner, mostrando os locais de assaltos e roubos de bolsas nas passagens que ligam os edifícios durante dois períodos de 6 meses: *antes* de qualquer mudança preventiva feita e *depois* que quatro dos blocos foram equipados com interfones. Com efeito, os interfones fecharam o acesso ao sistema de passadiço a partir da entrada da rua principal. Neste caso, o mapeamento de alta definição ajudou com a avaliação da ação

preventiva. Mas a Figura 2 também ajudou com o diagnóstico do problema, pois demonstrou que assaltos e roubos de bolsas tendem a ocorrer nessas partes do passadiço que precisavam de vigilância dos edifícios vizinhos ou do nível térreo

Leia Mais:

Crowe, Tim (1991). *Crime Prevention Through Environmental Design*. Applications of Architectural Design and Space Management Concepts. Boston: Butterworth - Heinemann.

Rengert, George, Mark Mattson, e Kristin Henderson (2001). *Campus de Security Situacional da prevenção da criminalidade na High - Density Environments*. Monsey, NY: Criminal Justiça Press.

25. PRESTE ATENÇÃO NOS RITMOS DIÁRIOS E SEMANAIS

Ritmos de atividades têm enorme influência em problemas. O fluxo e o refluxo de veículos causados pelo deslocamento para o trabalho e o ritmo de compras, por exemplo, muda o número de alvos e guardiães nos estacionamento. Isso, por sua vez, influencia o período quando roubos de veículos e arrombamentos são mais frequentes. Roubos de farristas embriagados podem ser mais suscetíveis por volta do horário de encerramento de bares nas sextas-feiras e sábados, porque o número de alvos é maior. Neste exemplo, dois importantes ritmos concentram atividades problemáticas. O primeiro é o ciclo dia de trabalho/fim de semana que torna as noites de sexta-feira e sábado tão populares para entretenimento e lazer. O segundo envolve o ciclo diário de abertura e fechamento de bares. Nessa etapa iremos discutir as oscilações a curto prazo que ocorrem durante horários e dias. No passo 26, vamos observar períodos mais longos de tempo que incluem meses e anos.

Diferentes estabelecimentos têm diferentes ciclos de atividades que podem contribuir para os problemas a eles associados. Ritmos escolares são semelhantes embora distintos dos ritmos de trabalho. Pontos de ônibus são influenciados pelo ritmo de viagens e de compras, mas também pelo mais freqüente vai-e-vem de ônibus.

Colocando em gráficos o ritmo de eventos de crime ou desordem ajuda a identificar ciclos importantes de atividades que podem contribuir para um problema. Conforme mostrado na figura abaixo, calcule a média do número de eventos que ocorrem em cada hora (ou outro intervalo de tempo) ao longo de vários dias (dados matriz no topo), então organize os resultados (Gráfico A). O Gráfico B mostra a porcentagem de eventos da semana que ocorrem a cada dia. Como alguns dias geralmente têm ritmos muito diferentes do que outros, Rachel Boba recomenda colocar no gráfico dias e horas juntos (Gráfico C). O resultado mostra picos de horários quentes durante a semana. Tais gráficos são fáceis de fazer; todos os três gráficos foram criados em uma planilha, usando rotinas padrões de desenho de gráficos.

A análise temporal é mais fácil quando os eventos problema são freqüentes. Assim, essa análise será mais útil para eventos de menor poder ofensivo comuns, como reclamações de barulho e pequenos acidentes de trânsito, do que para eventos graves pouco comuns, como homicídio. Se há poucos eventos, então você pode analisar um período mais longo para recolher mais eventos. Mas se o problema se altera a longo prazo, a imagem que surge pode ser distorcida ou desatualizada.

Saber razoavelmente os horários exatos da ocorrência ajuda a análise temporal. Crimes que envolvem contato, como roubo, estupro, e assalto, podem ser precisamente localizados no tempo na medida em que as vítimas podem descrever quando esses crimes ocorreram. Crimes contra propriedade, tais como crimes envolvendo veículo, arrombamento, e vandalismo, são muito mais difíceis de serem localizados no horário exato da ocorrência deles porque as vítimas normalmente fornecem apenas um intervalo de tempo durante o qual esses crimes poderiam ter ocorrido. Embora seja comum utilizar o ponto central desses intervalos para se estimar

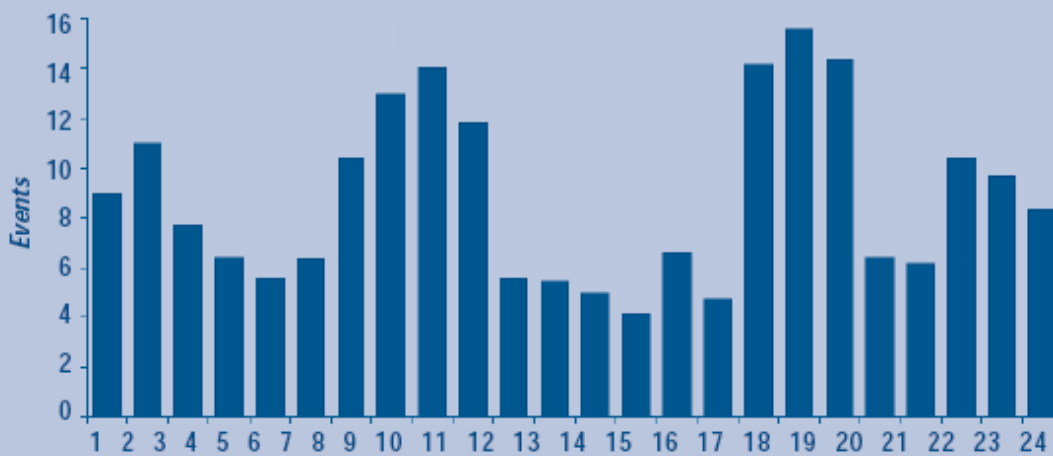
os horários que os crimes ocorreram, isto pode levar a distorções e deve ser evitado numa análise com longos períodos (por exemplo, mais de 8 horas).

Exemplo de Número de Eventos por Hora e Dia da Semana

Days	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	Mean
Mon	7	3	6	9	9	11	10	17	16	17	5	6	12	7	9	5	20	18	16	8	7	10	8	7	10.1
Tues	10	9	10	11	7	6	13	15	15	18	6	12	7	7	8	5	16	18	17	12	5	11	10	4	10.5
Wed	4	11	12	6	8	3	18	17	24	14	10	7	4	2	4	9	23	24	24	7	5	12	3	4	10.6
Thur	8	8	7	9	4	10	17	21	20	11	10	5	4	3	9	6	17	24	18	4	5	4	10	6	10.0
Fri	3	12	6	7	9	12	13	19	20	19	3	4	3	4	9	3	15	16	17	8	10	18	12	13	10.6
Sat	10	12	3	1	1	1	1	1	2	3	4	3	4	5	6	4	7	8	7	5	10	21	24	23	6.9
Sun	21	22	10	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	3.1
Mean	9.0	11.0	7.7	6.4	5.6	6.3	10.4	13.0	14.0	11.9	5.6	5.4	5.0	4.1	6.6	4.7	14.1	15.6	14.3	6.4	6.1	11.0	9.7	8.3	

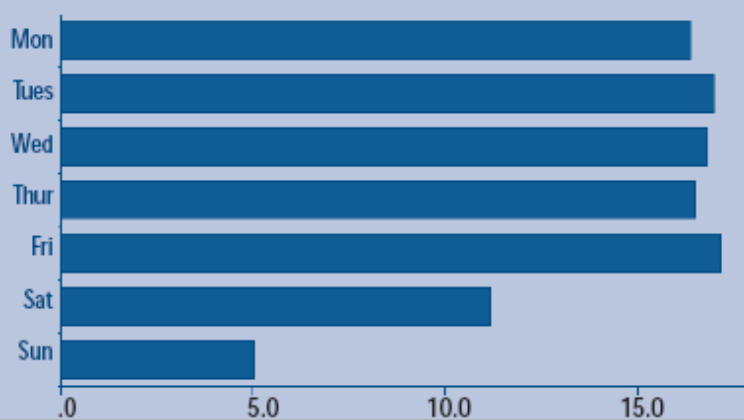
Examinando ritmos temporais

A. Média de Ritmo por hora



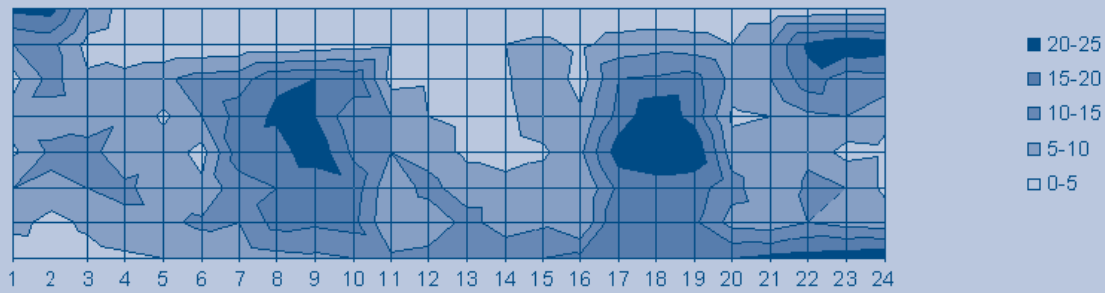
Horas

B. Porcentual de Eventos da Semana



Porcentual

C. Ritmos diários e por hora

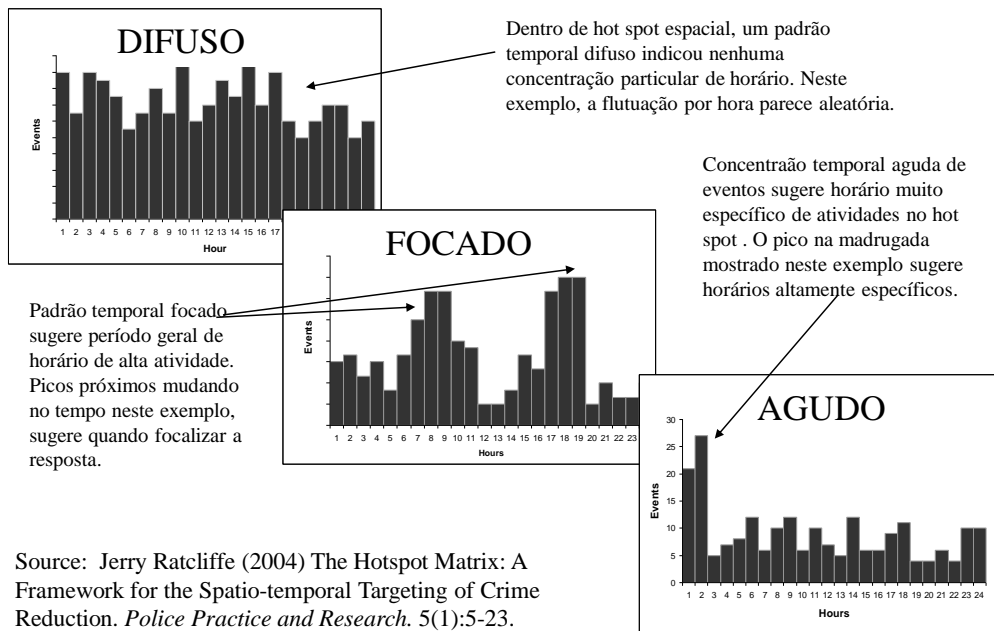


Horas

Jerry Ratcliffe também identifica três formas de *clusters* temporal. Primeiro, os eventos podem ser relativamente distribuídos de modo uniforme ao longo de todo o dia. Ele chama isto um padrão difundido. Em segundo lugar, padrões centrados mostram aglomerações dentro de períodos de tempo distintos. Eventos aglomerados em torno dos horários de pico (*rush hour*) seguem padrões *centrados*. Terceiro, padrões agudos são acumulados rigidamente dentro de pequenos períodos. Confusões imediatamente após o horário de fechamento de bares, podem ser um exemplo. Padrões agudos e centrados logo sugerem ciclos temporais que devem ser investigados.

Embora Ratcliffe desenvolveu sua tipologia de padrões diários, a idéia básica pode ser aplicada a ciclos semanais. Se nenhum dia específico é rotineiramente problemático, isto indica um padrão semanal difundido. Um conjunto de dias mostrando um aumento acentuado de eventos problemáticos indica um padrão centrado. Finalmente, se um ou dois dias têm uma acentuada concentração de eventos, isto indica um padrão agudo.

Figure 2: TIPOLOGIA DE CONCENTRAÇÃO TEMPORAL DE RATCLIFFE



Leia Mais:

Boba, Rachel (2005). *Crime Analysis and Crime Mapping: An Introduction*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

26. CONSIDERE MUDANÇAS A LONGO PRAZO

Será que o problema está melhor ou pior? Oscila regularmente ou aleatoriamente? Para responder a essas perguntas você precisa estudar o problema através de gráficos ou com o número de eventos ou com a taxa contra o tempo. A taxa é tipicamente o número de crimes ou eventos de desordem dividida pelo número de alvos em perigo (Passo 27).

O decurso de tempo de um problema pode ser dividido em três componentes básicos:

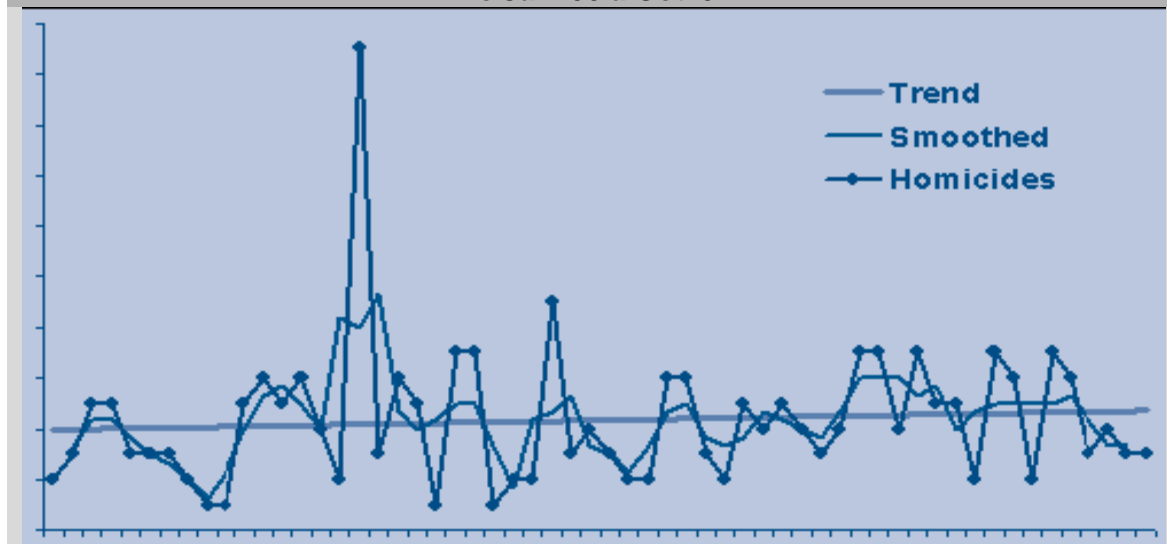
- A **tendência geral**, que pode ser evidente a partir de uma inspeção visual, a qual demonstra se o problema está ficando pior, melhor, ou se mantém o mesmo durante um longo período.
- **Ciclos** sazonais periódicos, diários, e semanais.
- **Variações aleatórias** que são causadas por um grande número de influências menores.

O estudo sistemático do decurso de tempo do crime é chamado de "Análise da sequência temporal".

A Figura 1 mostra os homicídios em Buffalo, Nova York. A linha reta através do meio do gráfico mostra a tendência geral. É praticamente plana, indicando muito pouca tendência ascendente (embora esteja ligeiramente aumentando em aproximadamente 1 homicídio a cada 100 meses). Maio de 2001 foi particularmente um mês ruim, e Outubro e Novembro de 2000 foram meses mais baixos.

Em todos os 58 meses existe uma considerável variação mensal, demonstrada pelos picos e vales dentados. Problemas de baixa frequência tendem a ter essa característica, enquanto que os problemas com muitos eventos por período de tempo frequentemente mostram alterações mais suaves. Estas variações aleatórias podem esconder uma variação sistemática. Um método para revelar uma tendência obscurecida pela variação aleatória é o uso da média móvel. Isto é chamado de "nivelamento". Uma média móvel de 3 meses foi utilizada neste exemplo. O valor de Julho, por exemplo, é a média de Junho, Julho, e Agosto enquanto que Agosto é o valor da média de Julho, Agosto e, Setembro. Note que não há dados para o primeiro e último mês da série porque não temos 3 meses de dados para esses meses. Médias móveis preenchem os vales e liquidam o picos. Médias móveis mais longas produzem gráficos mais planos do que as mais curtas, mas elas também podem esconder informações úteis ao tornar o gráfico muito plano.

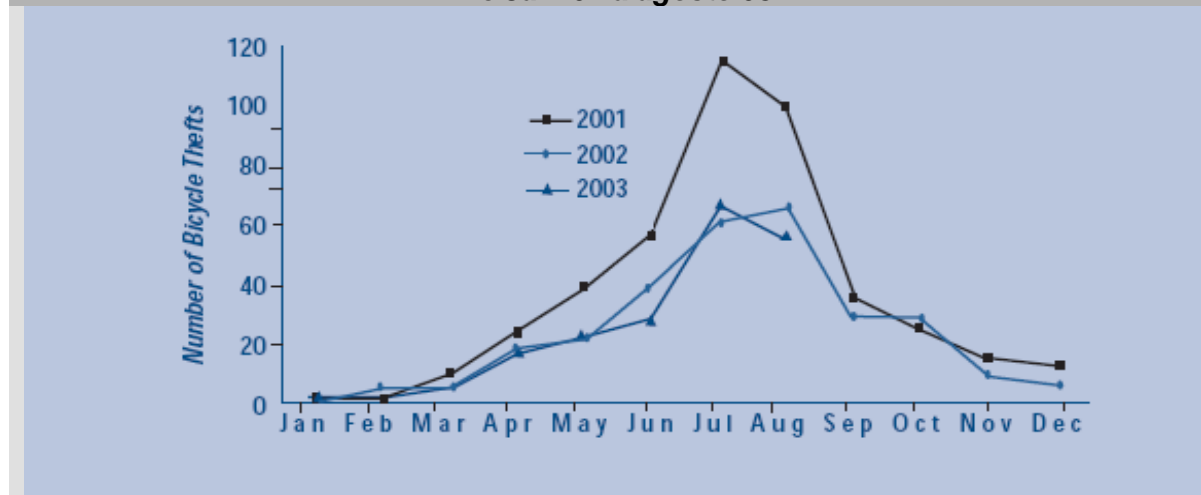
Figura 1: Homicídios em Buffalo, NY
De Jan. 00 a Oct. 04



Ciclos podem ser detectados através da comparação dos mesmos meses do ano (ou mesmas semanas do mês, ou mesmos dias de uma semana, ou mesmas horas de um dia, dependendo dos períodos de tempo que você está examinando). É importante notar que meses são de tamanhos diferentes (e não esqueça fevereiro em anos bissextos), pois isto pode influenciar o número de eventos problema. Alguns analistas utilizam períodos de 4 semanas, ao invés de meses, para resolver essa questão.

Ciclos sazonais óbvios podem ser vistos na Figura 2. Aqui vemos o número de furto de bicicletas por mês ao longo de 32 meses. Os furtos consistentemente atingem o máximo em julho e agosto, e consistentemente atingem o mínimo em Janeiro e Fevereiro. Também podemos ver que em uma base mensal (mês-a-mês), 2001 foi geralmente pior do que 2002 e os meses de 2003 para os quais temos dados. Isto faz algum sentido, uma vez que há mais bicicletas disponíveis para serem furtadas no verão e também porque as bicicletas têm pouca utilidade para os ladrões no inverno (especialmente em Buffalo!).

**Figura 2: Efeitos Sazonais de Furto de Bicicleta em Buffalo
De Jan. 01 a agosto 03**



Separar uma série temporal em partes constitutivas é muito útil para revelar as possíveis causas de um problema. A tendência de homicídio, por exemplo, podia ser decomposta em dois gráficos mostrando homicídios domésticos e não-domésticos (ou com o uso de arma e sem uso de armas). Então, se os homicídios não-domésticos tendessem a subir enquanto os homicídios domésticos diminuía, isso poderia sugerir que a atenção deveria ser direcionada aos homicídios não-domésticos.

A análise de séries temporais é uma ferramenta poderosa para avaliar a eficiência de uma resposta. O princípio básico é a obtenção de uma boa idéia sobre tendência, ciclos, e variações naturais de um problema, antes que a resposta seja implementada, utilizando as técnicas que acabamos de discutir. Isto lhe diz o que você pode esperar do problema no futuro, *se você não fizer nada em relação ao problema*. Isso fornece uma base para análise de intervalos de tempo após a resposta. Mudanças na tendência, nos ciclos, ou mesmo na variação aleatória sugerem que a resposta teve efeito. Quanto mais longos os intervalos de tempo antes e depois, maior é a segurança que você pode ter nas suas conclusões.

Análises de séries temporais também podem ser muito complexas e, portanto, se muito for esperado de uma resposta precisa a uma análise de intervalo de tempo, pode ser útil procurar a ajuda de um estatístico especializado nessa área.

27. SAIBA COMO USAR TAXAS E DENOMINADORES

Quando um local tem mais crimes do que um outro local, uma razão possível é que um tenha mais alvos do que o outro. Examinar taxas ajuda você a compreender se o número de alvos contribui para o seu problema (ver Passo17).

As taxas descrevem o número de crimes por alvo em risco, durante um período de tempo: um assalto por cada 1.000 domicílios em 2002, por exemplo. As taxas de alvos mostram o risco que a média de alvos está sujeita de ser envolvida num crime durante um período de tempo.

Para calcular essas taxas você precisará:

1. Definir o tipo de evento pelo qual você está interessado (por exemplo, roubo de veículos).
2. Definir a população em situação de risco (por exemplo, veículos).
3. Definir os locais e o período de tempo (por exemplo, estacionamentos na área central da cidade em 2004);
4. Encontrar fontes de dados que forneçam contagens dos eventos de seu interesse e dos alvos para cada local a ser examinado (por exemplo, dados de crimes relatados à polícia tem informações sobre o endereço do roubo, que pode ser associado a estacionamentos específicos, e observações de estacionamentos do centro podem fornecer estimativas do número de veículos em cada estacionamento).
5. Para cada local, dividir o número de eventos (numerador) pelo número de alvos (denominador) para obter as taxas.

Definir os alvos em risco requer reflexão cuidadosa. Se você está analisando roubos, o seu alvo é pessoas ou casas? "Casas" é a resposta mais provável. Mantendo tudo igual, se uma população de 1.000 pessoas morou em 500 unidades esperaríamos ter mais arrombamentos do que se a mesma população morasse em 250 unidades. Se você está analisando roubos na rua, então a população de risco é o número de pedestres na área a ser analisada.

Relatórios policiais de incidentes normalmente contêm dados que descrevem os eventos de interesse, incluindo informações sobre o endereço, de modo que as contagens de eventos nos locais podem ser obtidas. Entretanto, muitas vezes é difícil obter informação descrevendo o número de alvos em locais de risco. Por exemplo, furtos de veículos relatados podem estar disponíveis para endereços de estacionamento, mas o número de veículos que utilizam os estacionamentos podem não estar prontamente disponíveis (ver quadro).

Para superar este problema, você pode ter que encontrar medidas aproximadas dos alvos. O número de veículos que utilizam estacionamentos, por exemplo, pode ser proporcional ao tamanho do local. Assim, uma medida aproximada para os veículos em situação de risco pode ser a área ou o número de vagas no estacionamento. A tabela dá alguns exemplos do cálculo de taxas de alvos em risco.

Medidas aproximadas de alvos deve ter duas características. Primeiro, elas devem ser logicamente associadas com os alvos. Poder-se-ia esperar que as vagas sejam associados ao volume dos veículos, mas não se espera que a metragem da fachada do estacionamento esteja associada ao número de veículos, porque estacionamentos muito grandes poderiam ter pouca fachada mas conter muitos veículos. Em segundo lugar, a associação entre os alvos aproximados e os alvos em situação de risco também não pode variar enormemente através dos locais. Se todos os estacionamentos da área central da cidade estão ocupados cerca de dois terços da totalidade durante a semana, o número de vagas é um valor aproximado útil. Mas se alguns estacionamentos são usados por completo e outros são pouco utilizados, então o número de vagas não é um bom indicador de alvos.

EXEMPLO DE PORCENTAGEM PARA DIFERENTES CRIMES			
Tipo	Localização	Preço	Comentários
Roubos em apartamento	Prédios de apartamentos	Furtos por apartamento, ou por domicílios	Furtos por residentes colocam muita ênfase em domicílios grandes.
Furto em lojas	Lojas de varejo	Roubos por item em prateleiras, ou por metro quadrado do espaço comercial	Roubos por cliente dá uma taxa de crimes. Tipos de itens vendidos deve ser um fator.
Roubo de motocicletas	Bairro	Roubos por motocicletas registradas	Problemático para áreas que ciclistas usam, mas onde não vivem.
Pichação	Áreas comerciais	Pichação por metro quadrado	Difícil de mensurar.
Roubos de Taxis	Companhia	Roubos por veículos, ou por motorista, ou horário dos motoristas	Horas de exposição é preferível, mas os dados podem não estar disponíveis.
Chamadas de desordem dos Motéis	Motéis	Chamadas por hóspedes ou por quarto	Outros fatores que devem ser considerados são as taxas de ocupação e o número de visitantes que não são hóspedes.

Mesmo com medidas aproximadas, pode ser difícil de se obter dados sobre os alvos. As agências governamentais podem ter algumas das informações que você precisa. Por exemplo, o auditor de Hamilton County, Ohio, tem informações sobre toda parcela de terrenos da comarca, incluindo a metragem quadrada e a localização. Empresas e associações empresariais às vezes têm informações sobre volume de vendas. E informações do estado sobre impostos sobre vendas fornecidas podem ser utilizadas

como valores aproximados para os números de clientes (quando se compara lojas com ítems similares).

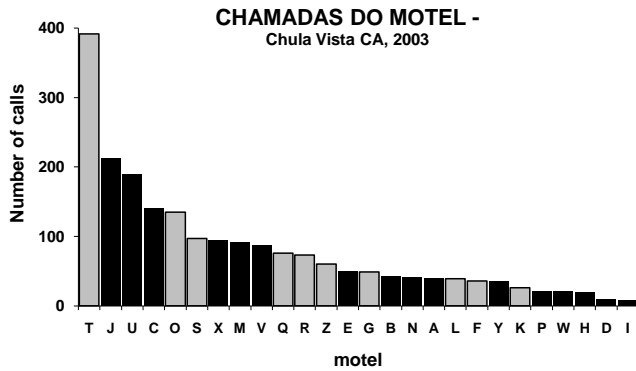
Calcular taxas pode ser muito útil na localização de estabelecimentos de risco (Passo 28). Karin Schmerler e seus colegas no departamento de polícia de Chula Vista, Califórnia, investigaram ligações originadas dos motéis da cidade. Os 10 motéis de cadeia nacional e os 16 motéis locais independentes geraram números semelhantes de chamadas, mas os primeiros continham mais quartos.

Quando todas as chamadas para os motéis locais foram somadas e o resultado foi dividido pelo número de quartos nesses motéis, Schmerler constatou que a taxa média de chamada para esses estabelecimentos foi de 1,8 por quarto. Fazendo o mesmo para os motéis de cadeia nacional, constatou que a taxa de chamadas foi de 0,5. Claramente, os motéis independentes geram muito mais chamadas por quarto.

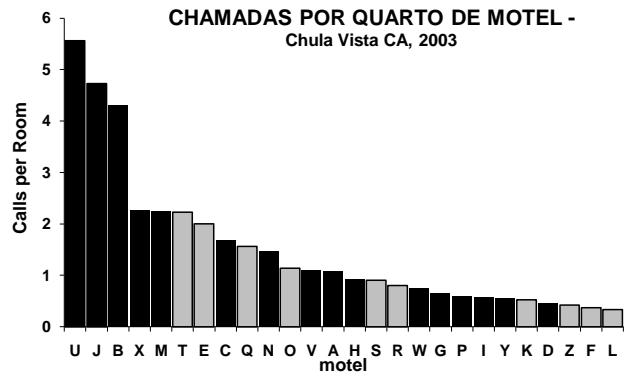
O gráfico mais acima na figura mostra os motéis ordenados a partir daquele com maior número de chamadas para o com menor número de chamadas. As barras claras do gráfico representam a rede nacional de motéis e as barras mais escuras os motéis independentes. O motel com maior número de chamadas (T) é parte da rede nacional, mas os outros motéis da rede nacional estão dispostos através do gráfico.

O gráfico mais baixo ilustra as chamadas por quarto desses motéis. Tem o mesmo formato geral. O Motel B sai da posição do meio do gráfico e se junta aos motéis com maior número de chamadas por quarto. Mas a posição de alguns motéis não muda muito: Os motéis J e U continuam ainda entre aqueles com maior número e o motel D continua ainda entre aqueles com o menor número de chamadas.

ORDENAMENTO DE MOTEL POR NÚMERO E TAXAS



Observe como alguns moteis mudam de posição dependendo se você usa número ou taxa: B e T, por exemplo.



Você deveria colocar mais ênfase em números elevados ou em taxas elevadas? Se o seu objetivo é reduzir o volume de crime, concentrar em números pode, então, ser a melhor escolha. Mas se o seu objetivo é de reduzir a probabilidade de dano então, concentre-se na taxa. Fixando no motel T poderia reduzir mais chamadas do que focalizando no motel B, por exemplo, mas há algo seriamente errado quando o pequeno motel B gera chamadas com uma taxa tão alta.

Usando Taxas para Identificar Estacionamentos de Risco

A importância de se calcular taxas é ilustrada por um projeto, em Charlotte, Carolina do Norte, em que um de nós (Clarke) trabalhou com Herman Goldstein. Assistido por analistas locais e policiais, analisamos furtos de automóveis em estacionamentos na área do centro da cidade (localmente conhecido como “Uptown”). A análise de *Hotspot* mostrou uma grande concentração indiferenciada desses furtos no meio da área, mas um mapa com base em taxas de furto foi muito mais revelador. Este mapa foi produzido pelo analista de crime Matt White, que teve a ajuda de policiais do distrito na contagem do número de vagas em cada estacionamento. Ele então calculou as taxas de furto para cada lote e garagem de estacionamento. O mapa resultante revelou uma imagem mais detalhada dos riscos. Outras análises mostraram que os carros estacionados nos lotes estavam seis vezes mais em risco do que aqueles em garagens e que alguns lotes eram facilitadores de crimes devido a inadequação de segurança.

TAXA DE FURTO DE CARROS POR QUARTEIRÃO, CHARLOTTE NC, 1999

Figure 3.



Leia Mais:

Clarke, Ronald and Herman Goldstein (2003). Thefts from Cars in Center City Parking Facilities. From Innovation to Mainstream. *Crime Prevention Studies*, vol. 15, Monsey, New York: Criminal Justice Press. (disponível em: www.popcenter.org)

28. IDENTIFIQUE OS ESTABELECIMENTOS DE RISCO

Estabelecimentos são ambientes com funções especiais (Passo 15). Estabelecimentos educativos envolvem ensino e estudo. Estabelecimentos industriais produzem e processam materiais. Estabelecimentos públicos (escritórios) processam informação. Estabelecimentos comerciais envolvem vendas e operações monetárias. Alguns estabelecimentos são freqüentemente locais de crime e incivilidade. Estes incluem bares, parques, estações ferroviárias, cabines telefônicas, lojas de conveniência, e moradias populares. Esses estabelecimentos contribuem desproporcionalmente para o crime e a desordem – são “estabelecimentos de risco”.

Mas o termo tem também um significado mais preciso. Refere-se ao fato de que dentro de cada tipo de estabelecimento alguns deles são particularmente de risco. Quando descrevemos a regra 80-20 na Passo 18, mencionamos que 5% das lojas em Danvers, Massachusetts, eram responsáveis por 50% dos furtos em lojas relatados (consulte a tabela fornecida por Christopher Bruce, analista de crime do Departamento de Polícia de Danvers). Aqui estão Alguns outros exemplos documentados de estabelecimentos de risco:

- *Lojas de Conveniência.* Uma pesquisa nacional constatou que 6,5% das lojas de conveniência sofrem 65% de todos os roubos.
- *Postos de gasolina.* 10% dos postos de gasolina de Austin, Texas foram responsáveis por mais de 50% das chamadas de roubo de gasolina e crimes envolvendo drogas em 1998-1999.
- *Bancos.* 4% dos bancos britânicos têm taxas de roubo quatro a seis vezes maiores do que outros bancos.
- *Escolas.* 8% das escolas em Estocolmo sofreram 50% dos crimes violentos relatados no ano letivo de 1993-1994.
- *Pontos de ônibus.* A recente dissertação de doutorado de Andrew Newton relatou que 9% das coberturas de pontos de ônibus na cidade britânica de Liverpool experimentaram mais de 40% dos incidentes de vandalismo.
- *Locais de estacionamento.* Em outra cidade britânica, Nottingham, apenas um estacionamento (The Royal Moat House) representou cerca de 25% (103) dos 415 delitos reportados para todos os 19 estacionamentos do centro da cidade em 2001.

FURTO EM LOJAS REGISTRADOS POR LOJA, DANVERS, MA.

Outubro 1, 2003 a Setembro 30, 2004

Loja*	Furto em lojas	Porcentagem de furtos em lojas	Porcentagem acumulada de furtos em lojas	Porcentagem acumulada de lojas	Furto em lojas por 1000 Sq. Ft.
1	78	26.2	26.2	1.3	1.54
2	42	14.1	40.3	2.6	0.70
3	28	9.4	49.7	3.8	0.22
4	16	5.4	55.0	5.1	0.24
5	15	5.0	60.1	6.4	0.28
6	12	4.0	64.1	7.7	0.31
7	11	3.7	67.8	9.0	0.09
8	11	3.7	71.5	10.3	0.16
9	9	3.0	74.5	11.5	0.28
10	7	2.3	76.8	12.8	2.82
11	5	1.7	78.5	14.1	0.16
12	5	1.7	80.2	15.4	0.10
13	4	1.3	81.5	16.7	0.35
14	4	1.3	82.9	17.9	0.12
15	3	1.0	83.9	19.2	3.32
16	3	1.0	84.9	20.5	0.90
17	3	1.0	85.9	21.8	0.02
7 lojas com 2 incidentes	14	4.7	90.6	30.8	0.08
28 lojas com 1 incidente	28	9.4	100.0	66.7	0.06
26 lojas com 0 incidentes	0	0.0	100.0	100.0	0.00
Total stores = 78	298	100.0	100.0	100.0	0.15

* As 17 principais lojas foram (em ordem alfabética): Best Buy, Boater's World, Circuit City, Costco, CVS Pharmacy, Galyan's, Home Depot, Kohl's, Linens & Things, Lowe's, Marshall's, Old Navy, Radio Shack, Stop & Shop, Target and Wal-Mart

Há pelo menos oito razões para os estabelecimentos serem “de risco” e diferentes procedimentos de análise podem ajudar a determinar quais razões estão operando em determinadas circunstâncias:

1. **Variação aleatória.** É possível ter concentrações de crime em alguns lugares através de algumas casos imprevisíveis de aleatoriedade. Isso é mais provável de ocorrer quando você está observando apenas alguns estabelecimentos com poucos incidentes. Tente verificar os mesmos estabelecimentos em períodos diferentes. Se a ordem de classificação é praticamente a mesma em ambos os períodos, então a variação não é aleatória.
2. **Prática de denunciar.** Pode ser que alguns estabelecimentos sempre denunciam crimes à polícia, enquanto outros que enfrentam o mesmo número de incidentes denunciam pouco. Isso pode ser difícil de ser observado, mas você deve perguntar aos policiais familiarizados com os estabelecimentos se as taxas de crimes registradas correspondem às próprias percepções que têm dos problemas nesses estabelecimentos.

3. **Muitos alvos.** Alguns estabelecimentos contêm muitos alvos. A loja com mais furtos em Danvers foi uma das maiores da cidade. Mas isto não é tudo, porque quando se leva em conta o tamanho do estabelecimento através do cálculo de furtos por 100ft² (ver a última linha da tabela), o estabelecimento continua sendo ainda um dos que tem mais riscos de furtos (ver Passo 27).
4. **Produtos quentes.** Um estabelecimento de risco pode não ter um grande número de alvos, mas pode ter alvos que são particularmente mais almejados. A loja 15 na lista de Danvers tinha a taxa mais alta de furtos na cidade por 1.000ft². Esta loja é especializada na venda de pequenos itens eletrônicos de alto valor que atendem aos critérios do CRAVED descritos no Passo 31.
5. **Localização.** Estabelecimentos localizados em áreas com muitos crimes, talvez onde vivem muitos criminosos habituais, são mais prováveis de se tornarem de risco. Isso ocorre porque os infratores preferem não se deslocarem muito longe para cometerem crimes (Passo 16).
6. **Vítimas repetidas.** Alguns lugares atraem pessoas que são particularmente vulneráveis ao crime. Compare as pessoas que foram vitimadas em estabelecimentos de risco e sem risco. Se a taxa de reincidência é diferente, então a vitimização repetida pode ser a causa do risco elevado (Passo 29).
7. **Atrativos de crime.** Estabelecimentos que atraem um grande número de criminosos são atrativos de crime (Passo 15). Locais que atraem crime têm número elevado de delitos e altas taxas de delito. Verificação de diagnóstico adicional envolve análise de registros de detenções e outras informações contendo nomes dos infratores.
8. **Gerenciamento deficiente.** Quando proprietários ou gerentes não exercem controle ou gestão apropriada, um estabelecimento de risco pode surgir. O quadro mostra como uma gestão negligente de um dono de propriedade de um bairro pobre tornou as propriedades que ele adquiriu em estabelecimentos de risco (Passo 44).

DONOS DE PROPRIEDADES INESCRUPULOSOS EM BAIROS POBRES, CRIMES EM APARTAMENTOS DE BAIXO ALUGEL E BAIRRO DETERIORADO

Em todas as grandes cidades, alguns edifícios de apartamentos de aluguel de baixo custo exigem bastante do tempo da polícia. Estes “estabelecimentos de risco” são frequentemente adquiridos por “slumlords” - proprietários inescrupulosos que adquirem as propriedades nos bairros pobres e fazem um investimento mínimo em gestão e manutenção. Serviços do prédio deterioram-se, inquilinos respeitáveis mudam-se do local, e seus apartamentos são ocupados por inquilinos menos respeitáveis – traficantes, proxenetas, e prostitutas – que podem pagar o aluguel, mas que não passam no exame de procedência e *background* feito por uma gerência mais responsável. No decurso de um projeto de policiamento orientado-para-problema em Santa Barbara, Califórnia, os oficiais Kim Frylsie e Mike Apsland analisaram detenções efetuadas em 14 edifícios de aluguel de apartamentos de propriedade de um “slumlord”, antes e depois que ele os tinha comprado. A tabela mostra claramente um grande aumento no número de pessoas presas nas propriedades nos anos depois que ele adquiriu as propriedades. Havia também alguns indícios de que o aumento do crime e desordem nessas propriedades se espalharam para outros prédios de apartamentos vizinhos – uma descoberta que sustenta a crença generalizada de que “slumlords” contribuem para a deterioração de bairro.

Propriedade	Ano de Aquisição	No. de Unidades	Média de Prisão Anual	
			Antes da aquisição	Depois da aquisição
1	1977	4	0	1.6
2	1982	15	0	16.9
3	1983	8	0	2.3
4	1985	8	0	4.5
5	1985	10	0.1	6
6	1986	16	0.2	27.9
7	1986	6/8	0	3.4
8	1987	5	0	8.3
9	1987	12	0	11.3
10	1988	6	0.4	8.1
11	1991	10	0.2	9.3
12	1991	10+	2.3	21.8
13	1992	4+	1.1	0.7
14	1992	4	0.2	10.7

Fonte: Ronald Clarke and Gisela Bichler-Robertson (1998). Place Managers, Slumlords and

Leia Mais:

Eck, John, Ronald Clarke and Rob Guerette, "Risky Facilities: Crime Concentration in Homogeneous Sets of Facilities." Crime Prevention Studies, in press.

29. ESTEJA PREPARADO PARA VITIMIZAÇÃO REPETIDA

Algumas pessoas são repetidamente vitimadas e, conforme a regra 80-20 (Passo 18), uma pequena proporção de vítimas são responsáveis por uma grande proporção de todas as vitimizações. Ken Pease e Graham Farrell documentaram cuidadosamente este fato numa publicação seminal do *Home Office* intitulada “Once Bitten, Twice Bitten.” Usando os dados do *British Crime Survey* (veja a tabela), eles mostraram que cerca de 4% das pessoas experimentam aproximadamente 40% de todas as vitimizações em um ano. Eles mostraram que vitimizações repetidas ocorrem devido a uma série de crimes, incluindo violência doméstica, agressões sexuais, assalto e roubos de veículos. Eles também revelaram que as repetições ocorrem muito rapidamente, muitas vezes dentro de uma semana da primeira vitimização, embora isso varie de acordo com o tipo de crime.

CERCA DE 4% DAS PESSOAS EXPERIMENTAM CERCA DE 40% DE TODOS OS CRIMES		
Número de Crimes Experimentados	Percentual de Entrevistados	Percentual de Incidentes
0	59.5	0.0
1	20.3	18.7
2	9.0	16.5
3	4.5	12.4
4	2.4	8.8
5+	4.3	43.5

Fonte: British Crime Survey, 1992, todas os crimes.

Pesquisas demonstraram que é fácil não ter noção do grau de vitimizações repetidas por várias razões:

- Muitas vítimas não registram o crime na polícia, o que significa que a vitimização repetida é contada menos nos registros oficiais da polícia. Por isso pesquisadores tentaram usar pesquisas, em que as pessoas podem ser interrogadas sobre delitos que não comunicaram à polícia. Infelizmente, o *National Crime Victimization Survey*, equivalente americano do *British Crime Survey*, conta menos a vitimização repetida porque esse survey considera apenas os incidentes que são lembrados num período de 6 meses e não conta todos os crimes cometidos em série contra uma determinada vítima.
- Analistas de crime frequentemente procuram por vitimização repetida fazendo a contagem do número de crimes por endereços, mas os dados da polícia frequentemente contém informações incompletas sobre endereços, especialmente de unidades de apartamentos. Isto leva a uma estimativa elevada de vitimizações que ocorreram apenas uma vez do que é realmente o caso. Esta dificuldade está sendo reduzida pela maior disponibilidade de sistemas GIS e através da utilização de processo de identificação de endereços nos softwares de mapeamento (ou seja, geocodificação).

• A vitimização repetida pode ser subestimada por causa do “espaço de tempo”. Se apenas vitimizações forem contadas durante um período determinado de tempo – um espaço de tempo de Janeiro/2002 a Junho/2002, por exemplo –, então alguém que tenha sido vitimado em dezembro/2001 e uma vez durante o espaço de seis meses, não seria contado como uma vítima repetida. Se eles tiveram a infelicidade de serem vitimados em julho de 2002, não saberíamos que esta pessoa tinha três vitimizações. Idealmente, um espaço flexível deve ser utilizado sempre que cada nova vítima é seguida por um ano após o primeiro caso relatado.

Para explicar vitimização repetida, Ken Pease distingue dois tipos de causas:

1. **Impulsos** explicam repetições em termos de experiências positivas no primeiro crime. Um assaltante, por exemplo, aprende muito sobre uma casa durante um arrombamento. Esse conhecimento pode incitá-lo para um novo arrombamento. Um assaltante também pode informar outros sobre os bens que ele deixou para trás, levando a subseqüente arrombamentos por outros assaltantes.
2. **Características marcantes** explicam repetições em termos de atração ou vulnerabilidade incomuns de alvos específicos que resultam em sua vitimização por uma variedade de criminosos. Algumas profissões têm taxas de vitimização muito mais elevadas do que outras (taxistas, por exemplo) e as pessoas que passam o tempo em estabelecimentos de risco (como atendentes de lojas de conveniência) também são mais propensos a vitimização repetida. Finalmente, a posse de produtos quentes, tais como carros atrativos para pessoas que roubam automóveis para dirigirem em alta velocidade (Passo 31), também irá aumentar a probabilidade de vitimização repetida.

“O RAIO NUNCA CAI DUAS VEZES NO MESMO LUGAR”

Políciais bem intencionados, às vezes dizem isto para tranquilizar as vítimas de arrombamento que elas não serão vitimadas novamente. Infelizmente, a revisão de pesquisa aqui mostra que isso não é verdade.

Vítimas repetidas “virtual” ou “próxima” são as vítimas com características semelhantes à vítima ou ao alvo original. Após atacar com sucesso o primeiro alvo, os criminosos generalizam para alvos com características semelhantes. Espera-se que casas com o mesmo “design” e no mesmo bairro que a primeira casa arrombada, por exemplo, têm maior risco de serem arrombadas porque os infratores aprenderam alguma coisa sobre elas em arrombamentos anteriores.

O conhecimento sobre vitimização repetida é útil para prever quais vítimas têm maior risco e quando elas estão em situação de risco. Isso significa que os recursos de prevenção de crime podem ser focalizados sobre estas pessoas, ao invés de serem dispersados numa quantidade de pessoas, a maior parte das quais têm um baixo risco de crime.

Muitas agências policiais agora também utilizam uma "resposta gradual" quando se trata de vítimas repetidas. Isso significa que quanto mais frequente alguém foi vitimado

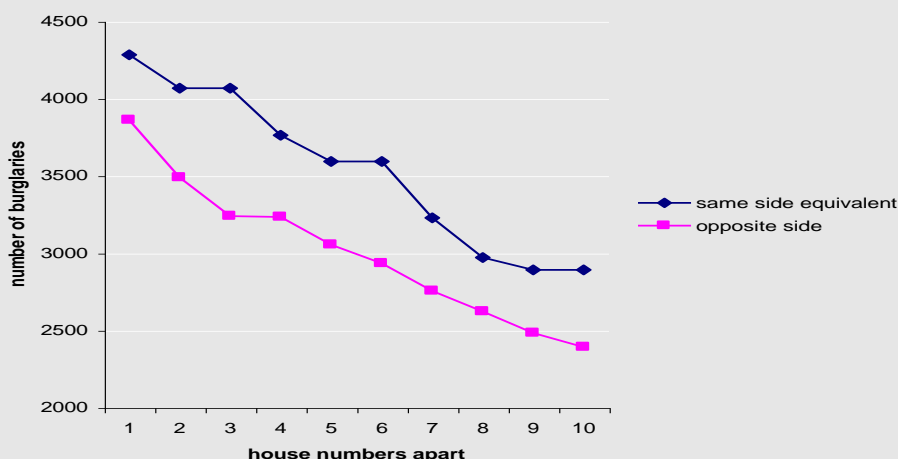
mais intensivas são as medidas preventivas tomadas pela polícia. Saber o período de tempo entre as vitimizações repetidas também torna possível empregar temporariamente medidas de prevenção de crime por períodos curtos, quando o risco de crime é mais alto. Por exemplo, algumas agências policiais instalarão temporariamente alarmes contra arrombamentos onde o risco de ocorrência de arrombamento num curto período de tempo é alto.

Leia Mais:

Weisel, Deborah (2004) *Analyzing Repeat Victimization*, Problem Solving Tool Series, No. 2. Washington, D.C.:Office of Community Oriented Policing Services, U.S. Department of Justice. (accessible at www.popcenter.org and www.cops.usdoj.gov).

VIZINHO, CUIDADO!

Vitimização repetida se refere a um elevado risco de que a mesma vítima irá sofrer novamente, com mais freqüência nos dias imediatos ou semanas após o crime anterior. Mas o risco pode ser comunicado aos locais próximos. Kate Bowers e Shane Johnson do *Jill Dando Institute of Crime Science* mostraram como o risco de arrombamento é comunicado numa rua. Isto é ilustrado no gráfico. Uma casa é arrombada, a qual chamaremos de arrombamento referência. Os números na parte de baixo são uma medida da distância a partir do arrombamento referência. A distância de um refere-se a uma casa próxima à localização de um arrombamento do mesmo lado da rua, ou a casa em frente. A distância de dois refere-se a duas casas depois do mesmo lado da rua, ou diagonalmente oposta, e assim por diante. A ordenada mostra o número de arrombamentos seguindo o arrombamento referência. Os dados provêm do Merseyside Police no Reino Unido. Você pode ver que o risco de outro arrombamento diminui quanto maior a distância em relação ao arrombamento referência. Para qualquer distância, o risco é maior para casas do mesmo lado da rua. Isso mostra que casas devem ser protegidas na sequência de um arrombamento. Deve ser dada prioridade às casas perto da casa arrombada e, em especial, àquelas do mesmo lado da rua.



Johnson, Shane and Kate Bowers (2004). "The Burglary as Clue to the Future: The Beginnings of Prospective Hot-Spotting." *European Journal of Criminology*, 1(2), 237-255.

30. CONSIDERE A REINCIDÊNCIA DE CRIMES

Um dos princípios fundamentais da criminologia é que uma pequena proporção de indivíduos cometem uma grande proporção de crimes. Os dados do famoso estudo de corte de Marvin Wolfgang na Philadelphia sugeriu que cerca de 5% dos criminosos são responsáveis por 40% dos crimes. Existem duas explicações para ataques repetidos. O primeiro é que indivíduos impulsivos, com vínculos sociais fracos tendem a entrar em dificuldade mais frequentemente do que indivíduos menos impulsivos e com mais vínculos. A segunda explicação é que pessoas expostas a mais oportunidades de crime e desordem se aproveitam dessas situações e se adaptam de acordo com elas (ver Passo 9). Ambas as teorias podem ser verdadeiras. Indivíduos impulsivos com vínculos sociais fracos exigem exposição rotineira às oportunidades de crime para se tornarem criminosos reincidentes.

Crimes repetidos podem ser detectados testando-se a presença da regra 80-20 (Passo 18). Isso pode ser difícil na prática porque os infratores tentam manter-se anônimos, assim os dados são raramente compreensivos, e podem talvez nem existir. Informações de inteligência podem fornecer provas de crimes reincidentes, mas a qualidade da informação é altamente variável e raramente abrange a população de infratores. Frequentemente sabemos muito mais, e sabemos com muita validade, sobre locais e vítimas do que sabemos sobre criminosos. No entanto, entrevistas sistemáticas com criminosos e seus colaboradores podem revelar informações muito úteis para a compreensão e a abordagem de problemas (Passo 10).

Entender os objetivos e as motivações dos criminosos reincidentes pode ajudar a criar estratégias de prevenção. Pode fazer diferença para a solução de um problema de furto de veículo se os ladrões querem se divertirem dirigindo nas ruas em um carro luxuoso, para ter transporte para casa depois de uma noite de festa, ou para vendê-lo por dinheiro para manter o vício de drogas. Pode fazer diferença para a solução de um problema de pichação, se os infratores estão demarcando territórios de gangue, criando “arte pública”, exibindo seus sentimentos, ou tentando aterrorizar moradores locais de diferente religião, raça, ou etnia.

Um crime bem sucedido pode levar a mais crimes. Isto acontece de três maneiras:

- Criminosos, como outras pessoas, aprendem fazendo. Um crime bem sucedido ensina lições importantes. Isso pode resultar no ataque da mesma vítima novamente pelo ofensor (ver quadro). Mas criminosos, como todas as pessoas, podem generalizar. Então eles aprendem que podem ser bem sucedidos se atacarem alvos semelhantes (ver Passo 29).
- Criminosos aprendem uns com os outros. Informações podem ser disseminadas através de indivíduos trabalhando em pequenos grupos, grupos que se separam, e novos grupos que se formam. Isso ressalta a necessidade de conhecer a rede de contatos dos criminosos. A polícia pode usar essas redes para difundir informações que aprimorem a percepção dos criminosos dos riscos ou inconveniência do alvo ou

local. Parte do esforço para reduzir homicídios juvenis em Boston, Massachusetts, por exemplo, envolveram mensagens altamente direcionadas a membros de gangues.

- Crimes bem sucedidos podem destruir a prevenção, assim tornando os crimes subsequentes mais fáceis. Um pequeno buraco em uma cerca, por exemplo, pode se tornar maior quanto mais usado for. Se o afluxo de criminosos e de comportamentos criminosos é mais rápido do que as respostas dos guardas ou administradores do local, então um pequeno problema se tornará pior.

Detenha criminosos prolíficos, focalizando nas vitimizações recorrentes

Ken Pease, escreveu recentemente sobre os benefícios para a identificação de criminosos resultante do foco na vitimização recorrente. Há evidência de que vitimizações recorrentes são o trabalho da maioria dos criminosos mais empenhados no cometimento de crime. Ele assinala que isto levanta a intrigante possibilidade de que o criminoso-alvo pode ser alcançado pela simples descoberta dos crimes repetidos contra o mesmo domicílio ou pessoa, uma vez que esses delitos são cometidos por criminosos que seriam, em qualquer caso, alvos. Este tipo de ataque a criminosos evita acusações de violações das liberdades civis, uma vez que foca nos subconjuntos de atos mais problemáticos que os criminosos prolíficos cometem.

Muitas técnicas de prevenção de crime se baseiam no pressuposto de uma ameaça acreditável (Passo 40). Circuito fechado de televisão (CFTV), se torna uma ameaça que pode impedir o crime, na medida em que os criminosos em potencial acreditam que tanto alguém está observando quem irá tomar medidas contra atitudes que considerarem de mau comportamento, quanto os delinquentes podem ser identificados e presos mais tarde tendo por base as gravações de CFTV. Isso não significa que tenha que haver muitas prisões, mas algumas prisões bem divulgadas podem reforçar uma mensagem importante. E a mensagem pode ser poderosa se for comunicada através das redes de contatos dos criminosos.

Quando há informação específica de que algumas pessoas são responsáveis pela maior parte de um problema, pode ser produtivo focar nesses indivíduos. O Departamento de Polícia de Boston reduziu homicídios entre jovens do sexo masculino pelo acompanhamento de relativamente poucos membros de gangue. Francis Cullen e colaboradores sugerem que as autoridades que acompanham criminosos que cumprem penas alternativas e aqueles que estão em condicional deveriam aprender sobre as circunstâncias específicas que leva cada criminoso a se envolver em problemas, então ajudá-los a desenvolver planos para evitarem essas circunstâncias e, finalmente, monitorar a conformidade dos mesmos a esses planos.

Combater crimes recorrentes eliminando os ambientes que os favorecem pode ser eficaz. Por exemplo, em Staining, uma vila na Inglaterra, um ferro-velho servia como receptor de veículos roubados, peças, e outros bens roubados. Muitos dos criminosos associados a esse crime eram conhecidos. Mas, apesar dos esforços de

coação da polícia, esse problema não pôde ser resolvido. O policial local fechou o ferro-velho utilizando-se de leis referentes à poluição e a outros perigos ambientais. Isto reduziu substancialmente o crime na vila. Do mesmo modo, a polícia dos Estados Unidos frequentemente utiliza leis civis para fechar estabelecimentos que fomentam o tráfico de drogas, a prostituição, e outros crimes e desordem.

Inversamente, criar oportunidades para apanhar criminosos pode tornar as coisas piores. No final dos anos 70 e início dos anos 80, uma série de departamentos de polícia nos E.U.A. fizeram experimentos com operações através das quais eles criavam falsos mercados de bens roubados, registravam os nomes de quem vendia tais mercadorias para eles, e em seguida prendiam muitos ladrões. Algumas dessas operações foram avaliadas. Não há evidência que essas operações reduziram o crime. Há alguma evidência que elas podem ter aumentado o crime fornecendo maneiras lucrativas e convenientes de vender mercadorias roubadas. Em todo este manual nós temos ressaltado a forte influência que ambientes facilitadores de crime podem ter em promover comportamento criminoso. Portanto, deve-se ter muita cautela ao se criar oportunidades artificiais de crime para trazer juntos criminosos prolíficos desconhecidos.

Informações sobre criminosos reincidentes e seus associados podem ser usadas para identificar características do ambiente que facilitam o crime. Grande parte das primeiras medidas de prevenção de crime implementadas nas lojas de conveniência foi desenvolvida a partir de entrevistas com criminosos (Passo 9). No início dos anos 70, o Departamento de Polícia de Lakewood, Colorado entrevistou assaltantes acusados e aprenderam muito sobre como eles escolhiam as residências-alvo e lidavam com os bens roubados. O Departamento de Newport News em Virginia utilizou entrevistas com criminosos para ajudar a analisar furtos de veículos. Uma importante peça de informação que eles conseguiram foi que ladrões escolhiam como alvo os veículos que eles acreditavam que continham drogas. Mais recentemente, quando o Departamento de Polícia de Chula Vista na California entrevistou ladrões de carro, eles constataram que os ladrões tinham um método muito mais simples para furtar carros do que os investigadores tinham suspeitado. Isso alertou os investigadores para a desconhecida vulnerabilidade dos veículos mais velhos de uma determinada marca. Essa informação não está disponível em nenhuma outra fonte.

Leia Mais:

Cullen, Francis e colegas (2002). "Environmental Corrections: A New Framework for Effective Probation and Parole Supervision." *Federal Probation*, 66 (2) :28 - 37.

Kennedy, David e colegas (2001). Reducing Gun Violence: The Boston Gun *Project's Operation Ceasefire*. Research Report. Washington, DC: National Institute of Justice.

31. CONHEÇA OS PRODUTOS MAIS DESEJADOS (CRAVED) PELOS LADRÕES

Em consonância com a regra 80-20 (Passo 18), nem todos os produtos tem o mesmo risco de serem objetos de furto porque os ladrões são muito seletivos em relação ao o que eles querem roubar. Eles focam em relativamente poucos produtos quentes, tais como automóveis, laptops, DVD players, e telefones celulares. O produto mais visado de todos é o dinheiro , o qual Marcus Felson describe como “o leite materno do crime.” É o item mais frequentemente levado em pequenos delitos, arrombamentos e roubos. Ele aumenta os roubos de bancos, ataques em cabines telefônicas, e assaltos perto de caixas eletetrônicos.

Os objetos das pessoas podem ajudar a explicar seus riscos de vitimização. Por exemplo, ter um carro dobra o risco de tornar-se uma vítima, mesmo quando se tem em conta as variáveis demográficas e sociais. Além disso, um determinado modelo de carro pode, muitas vezes, aumentar esse risco. Para informar as pessoas sobre os automóveis com alto risco e para pressionar os fabricantes a melhorarem a segurança, o *Highway Loss Data Institute* em Washington, D.C., publica dados anuais mostrando o número de reclamações de seguros relacionadas a roubos feitos para cada modelo no mercado. A tabela mostra os cinco modelos com as frequências mais altas e mais baixas de denúncias de roubo (por 1.000 veículos na estrada) dentre os 305 novos modelos durante 2001-2003. O Cadillac Escalade e o Nissan Maxima tinham frequências de cerca de 30 vezes mais do que os cinco modelos com menos denúncias. O Escalade era almejado pelas suas rodas personalizadas e o Maxima pelos faróis de alta intensidade, os quais também se adequam nos primeiros modelos fornecidos sem essas luzes.

Mesmo úteis, estes dados não mostram quais automóveis são mais expostos ao risco de *certas formas de furto*. No entanto, pesquisas realizadas na década de 80 constataram que os modelos preferidos dos “joyriders” eram carros possantes com aceleração potente, como o Chevrolet Camaro. Aqueles mais frequentemente roubados e nunca recuperados eram carros caros tais como Lincoln e Mercedes, e aqueles mais arrombados e com partes removidas eram os modelos europeus, como Volkswagens, com ótimos rádios que correspondem a uma variedade de modelos. Station Wagons domésticas, o transporte básico de uma família, não foram expostas ao risco de qualquer tipo de furto. Elas eram baratas, tinham rádios ruins, e os “joyriders” não seriam vistos mortos dentro delas.

Pesquisas realizadas pelo *Loss Prevention Research Council* mostram que ladrões de lojas consistentemente escolhem CDs, cigarros, bebidas, itens de moda como Hilfiger Jeans e tênis da Nike. Muitas dessas coisas podem ser facilmente vendidas na rua ou de porta-em-porta em alguns lugares. A polícia tem dado pouca atenção para a questão dos bens roubados porque é difícil provar e resultam relativamente em sentenças leves, mas muitos departamentos agora recebem relatórios eletrônicos regulares sobre transações de penhores. Examinar esses relatórios irá ajudar a mantê-lo informado sobre o que os assaltantes e outros criminosos estão roubando na sua

área. Isto também ajuda a pensar sobre como os bens roubados são vendidos e sobre as formas de interromper o mercado.

Frequências mais altas de denúncias de roubo, 2001-03		
		Frequência de denúncias
Cadillac Escalade EXT (2002-03)	Pick-up grande de luxo	20.2
Nissan Maxima (2002-03)	Tamanho médio - 4 portas	17.0
Cadillac Escalade (2002-03)	SUV Grande e luxuoso	10.2
Dodge Stratus / Chrysler Sebring	Tamanho médio - 4 portas	8.3
Dodge Intrepid	Grande - 4 portas	7.9
Frequências mais baixas de denúncias de roubo, 2001-03		
Buick LeSabre	Grande - 4 portas	0.5
Buick Park Avenue	Grande - 4 portas	0.5
Ford Taurus	Station Wagon grande	0.5
Buick Rendezvous 4WD (2002-03)	Tamanho médio SUV	0.7
Saturn LW	Van – tamanho médio	0.7
Média de todos os carros		2.5
<i>Fonte: Highway Loss Data Institute (www.hldi.org)</i>		

A sigla CRAVED (desejado) irá ajudá-lo a se lembrar quais mercadorias são mais roubadas. Estas são Concealable (fáceis de serem escondidas), Removable (removíveis), Available (disponíveis), Valuable (valiosas), Enjoyable (que proporcionam diversão), e Disposable (fáceis de serem revendidas):

- **Fáceis de serem escondidas.** Coisas que podem ser escondidas nos bolsos ou bolsas são mais vulneráveis aos ladrões de lojas e outros ladrões sorrateiros. Coisas que são difíceis de identificar ou que podem facilmente ser ocultadas depois de terem sido roubadas também são de maior risco. Em alguns casos, furtos podem ser ocultados dos donos das mercadorias, como madeira ou tijolos que, deixados nos locais de construção, são roubados.
- **Removíveis.** O fato de automóveis e bicicletas serem móveis ajuda a explicar porque eles são frequentemente roubados. Também não é surpreendente que *laptops* são roubados, uma vez que não só são desejáveis, mas também fáceis de serem carregados. O que é fácil de se carregar depende do tipo de roubo. Ambos arrombadores e ladrões de lojas roubam cigarros, bebidas alcoólicas, medicamentos, produtos de beleza de supermercados, mas os arrombadores os levam em quantidades muito maiores.
- **Disponíveis.** Objetos desejáveis que são amplamente disponíveis e fáceis de encontrar são de maior risco. Isso explica por que as donas de casa tentam esconder jóias e dinheiro dos assaltantes. Também ajuda a explicar por que os automóveis tornam-se mais expostos ao risco de roubo à medida em que envelhecem. É mais provável que pessoas que vivem em bairros pobres possuam esses carros, onde há menos estacionamentos cobertos e mais criminosos que moram por perto. Finalmente,

ondas de roubo podem resultar da disponibilidade de um produto novo atrativo, como o telefone celular, que rapidamente estabelece seu próprio mercado ilegal (Ver quadro).

- **Valiosas.** Ladrões escolhem, em geral, as mercadorias mais caras, especialmente quando eles roubam para vender. Mas o valor não é definido simplesmente em termos de valor de revenda. Assim, quando roubam para o seu próprio uso, jovens ladrões de lojas selecionam mercadorias que dão estatus em seu grupo. Do mesmo modo, “joyriders” estão mais interessados no desempenho do carro do que no seu valor financeiro.

- **Proporcionam diversão.** Produtos quentes tendem a ser coisas que proporcionam diversão ao tê-las ou consumi-las, como bebidas alcoólicas, tabaco, e DVDs. Desta forma, os assaltantes de residências são mais propensos a levar aparelhos de DVD e televisores do que eletrônicos igualmente valiosos, como fornos de microondas. Isto pode refletir o estilo amantes-do-prazer de muitos ladrões (e de seus clientes).

- **Fáceis de serem revendidas.** Só recentemente pesquisa sistemática começou explorar a relação entre produtos quentes e o mercado de mercadorias roubadas, mas está claro que os ladrões tenderão a selecionar as coisas que são fáceis de serem revendidas. Isso ajuda a explicar por que pilhas e barbeadores descartáveis estão entre os itens mais frequentemente roubados das drogarias americanas.

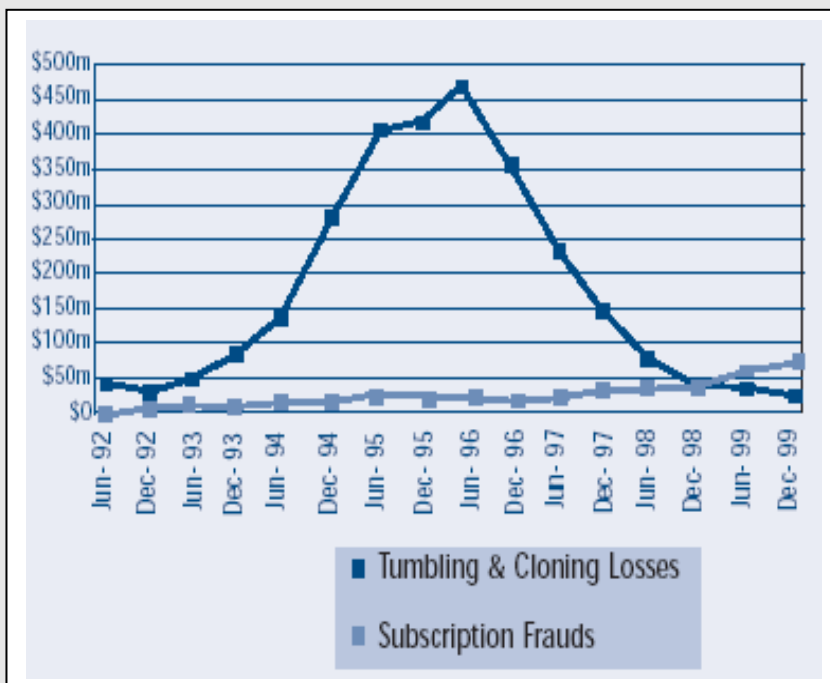
Leia Mais:

Clarke, Ronald (1999). *Hot Products*. Police Research Series. Paper 112. London: Home Office. (Acesso em: www.popcenter.org).

O AUMENTO E A QUEDA DOS TELEFONES CLONADOS

Quando os telefones celulares se tornaram populares, os criminosos descobriram formas de cloná-los, de modo que poderiam usá-los sem pagar as faturas. Eles utilizaram scanners perto de aeroportos e hotéis para capturar os números que cada telefone transmitia para enviar e receber chamadas. Eles criaram, em seguida, "clones" dos telefones originais através da re-programação dos números dos telefones roubados. O telefone original seria então cobrado pelas chamadas feitas pelos clones. Isto se tornou rapidamente um grande negócio. A linha no topo do gráfico mostra que as perdas com a clonagem por todas as empresas de telefones celulares aumentaram muito rapidamente a partir de junho de 1992 a Junho de 1996 quando totalizaram-se quase US\$450 milhões para os 6 meses anteriores. (As perdas foram os custos que as empresas de telefone tiraram das contas dos assinantes legítimos cujos telefones foram clonados.) Neste ponto, as empresas de telefonia começaram a introduzir uma série de tecnologias que tornou muito mais difícil de roubar números de telefone e de se usar um clone. Houve uma rápida redução da clonagem, a fim de que, por volta de dezembro de 1999, ela foi eliminada. Acidentalmente, a segunda forma mais comum de fraudes de celular, a fraude com assinaturas, (Abertura de uma conta com nome e endereço falsos), não cresceu tanto quando a clonagem foi eliminada, como pessimistas iriam supor. Isso pode ter ocorrido porque a clonagem foi fácil de se produzir em massa por criminosos organizados, enquanto que a fraude de assinaturas não o é.

**Perdas em dólar por fraude semestral
Estados Unidos, Junho 1992 - Dezembro 1999**



Fonte: Clarke, Ronald, Rick Kemper and Laura Wyckoff (2001). "Controlling Cell Phone Fraud in the U.S.," Security Journal, 14:7-22.

32. CONDUZA ESTUDOS DE CASO-CONTROLE

Ao analisar um problema, é sempre útil se perguntar, "porque essas pessoas, locais, horários ou eventos são problemáticos, quando outros similares são muito menos problemáticos?" Responder a essa pergunta exige que você compare casos problema com casos não considerados problema.

Este tipo de comparação é denominada de "estudo de caso-controle". Esse envolve a comparação entre pessoas, lugares, horários ou eventos problemáticos com pessoas, lugares, horários ou eventos que não o são. Os casos problemáticos são chamados de "casos". Os casos a que são comparados são chamados de "controles".

Um exemplo são os dados fornecidos por Susan Wernike, uma analista de crime do Departamento de Polícia de Shawnee, Kansas. Para cada bar em Shawnee, ela calculou a taxa de chamadas por cada 100 pessoas com base na capacidade estimada. Esse cálculo foi ajustado para bares de diferentes tamanhos (ver Passo 27). A figura mostra os bares classificados a partir da taxa mais alta para a mais baixa. Um estudo de caso-controle poderia ser aplicado aqui. Os bares com as taxas mais altas seriam comparados com aqueles com taxas menores para se verificar se existiam diferenças sistemáticas na maneira como funcionam, nos comportamentos observados nos bares, e tipos de clientes que são atraídos para esses estabelecimentos.

Estudos de caso-controle são muito úteis quando os casos problemáticos são raros em relação aos não problemáticos. Esta é frequentemente a situação em solução de problemas.

Para realizar um estudo de caso-controle válido, você deve fazer o seguinte:

- Definir os casos de forma precisa.
- Escolher uma amostra representativa desses casos.
- Definir um grupo de controles que poderiam ter sido problemáticos, mas que não se tornaram apesar de terem sido expostos a condições semelhantes (por exemplo, no mesmo bairro ou cidade, atendem aos mesmos tipos de clientes, etc.)
- Escolher uma amostra representativa de controles.
- Comparar as características dos casos com as características dos controles.

Diferenças substanciais indicam características que podem contribuir para o problema. Semelhanças indicam características que, provavelmente, não contribuem para o problema. Vamos explorar essas etapas com um exemplo. O simples exemplo dos bares em Shawnee ilustra as primeiras quatro etapas para um número muito pequeno

de locais. Podemos também examinar um exemplo mais complexo para apontar alguns dos detalhes dos estudos de caso-controle.

Defina os casos de forma precisa. No início da década de 90, John Eck estava interessado em saber por que alguns lugares eram locais persistentes de tráfico de drogas e muitos outros na redondeza não eram locais de tráfico. Com a ajuda do Departamento de Polícia de San Diego, Califórnia, mais de 300 casos de locais de tráfico foram identificados em um bairro de San Diego. Esses locais foram identificados com base em ligações de moradores, medidas de repressão às drogas, registros de interrogatório de campo, apreensão de dados, e observações dos policiais. Para ser classificado como persistente, cada local tinha que ter mais de uma apreensão de drogas; interrogatório por telefone, ou em campo, em dias diferentes; ou um mandado de busca; ou ser identificado por um policial. Uma vez que múltiplos indicadores foram utilizados para identificação desses locais, esperava-se que a maioria dos locais persistentes fossem localizados.

Selecione uma amostra representativa de casos problemáticos. Para cada quarteirão no bairro com um único local de tráfico, o local de tráfico era selecionado para estudo. Se havia dois pontos de tráfico no quarteirão, ambos eram selecionados. Se havia mais de dois, dois eram selecionados aleatoriamente. Isto proporcionou uma amostra representativa de 189 pontos. Selecionar todos os casos era outra opção válida, mas isso teria elevado os custos do estudo. Amostragem aleatória simples também poderia ter sido utilizada, mas não garantiria a cobertura de todos os quarteirões afetados.

Defina um grupo de controles que poderiam ter sido problemáticos. Controles eram locais do bairro que não mostravam nenhuma evidência de tráfico de droga. Lugares próximos eram úteis porque vendedores de droga à procura de um local para o tráfico os conheceriam. Portanto, os locais próximos estavam expostos aos traficantes, mas não tinham sido escolhidos por eles. Os controles deveriam ser locais singulares que poderiam ter sido casos, mas por razões misteriosas, não se tornaram assim. O objetivo do estudo é resolver o mistério.

Selecione uma amostra representativa de controles. Em cada quarteirão o mesmo número de locais sem tráfico foi selecionado como foi feito para os locais de tráfico. Esses locais foram selecionados aleatoriamente a partir de uma lista de locais em cada quarteirão que não tinham indicadores de atividade de tráfico. Selecionar todos os locais sem tráfico teria sido impraticável, pois havia milhares desses locais. Ao ter certeza de que casos e controles estavam no mesmo quarteirão, o processo de seleção garantiu que os controles estavam expostos aos traficantes. A seleção aleatória nos garantiu que os controles eram representativos de todos os locais sem tráfico de drogas.

Compare os casos com controles. Observadores foram enviados para os casos e controles para coletarem informações sobre esses locais. Isso incluía informações sobre: tipo de estrutura (empresa, edifício de apartamentos, casa de uma só família,

lote vago, etc); tipo de rua onde estavam localizados (número de vias, uma/duas direções, etc); distância da rodovia interestadual mais próxima; tipos de edifícios ao redor; proximidade da iluminação; número de unidades de apartamentos; presença de cercas e outros meios de segurança; proximidade de becos e ruelas; e muitos outros fatores. O objetivo era verificar se os pontos de tráfico se diferenciavam substancialmente dos locais sem tráfico em relação a qualquer uma dessas características. Dois padrões foram encontrados, um para locais de tráfico de crack e os outros para locais de metanfetamina. Comparado aos controles, os pontos de crack eram mais prováveis de serem encontrados em pequenos prédios de apartamentos com cerca e com portão trancado. Comparado aos controles, pontos de metanfetamina eram mais prováveis de serem encontrados em casas de uma só família e próximos a ruelas. A aparente preferência dos traficantes por unidades de aluguel em edifícios pequenos (ou edifícios com poucos apartamentos ou casas de uma só família) sugeria que eles estavam procurando locais com baixo gerenciamento do local. Em um experimento posterior, Eck descobriu que intervindo com proprietários do imóvel realmente reduzia o crime ligado às drogas.

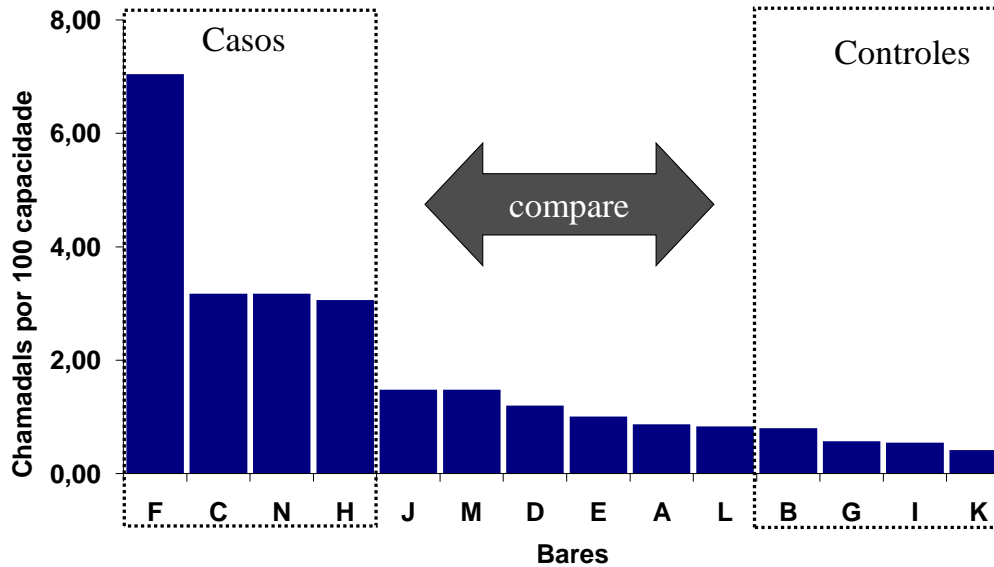
Estudos de caso-controle são diferentes de muitos outros estudos e exigem técnicas especiais para se analisar os dados. O Passo 33 descreve uma técnica que é bastante útil.

Esses estudos são muito úteis na análise de problema. A abordagem é flexível o suficiente para ser aplicada a um pequeno número de locais (como no exemplo de Shawnee) ou a um número muito grande (como o exemplo de San Diego). Embora os exemplos focaram em locais, o mesmo processo pode ser aplicado a pessoas, horários e eventos.

Leia Mais:

Loftin, Colin and David McDowall. (1988). "The Analysis of Case-Control Studies in Criminology." *Journal of Quantitative Criminology* 4:85-98.

COMPARANDO TAXAS ALTA E BAIXA DE CHAMADAS DE BAR -- Shawnee, KS



NÃO REALIZE UM ESTUDO DE CASO SEM CONTROLE

Um erro comum é a coleta de dados apenas sobre pessoas, lugares, horários ou eventos que são problemáticos. Isto pode resultar em resultados enganadores, pois você aprende apenas sobre as características comuns entre os casos problemáticos, mas não se eles são diferentes dos casos sem problemas. Um exemplo disso é um estudo realizado pelo FBI no início dos anos 90 para compreender assassinatos de policiais. Os investigadores recolheram informações sobre oficiais mortos durante serviço, mas não recolheram informações sobre agentes que não foram assassinados, mas estavam expostos a condições semelhantes. Conseqüentemente, não sabemos quais, se houver alguma, das características dos policiais mortos contribuíram para a sua morte. Oficiais vivos que foram expostos às mesmas condições podem partilhar muitas dessas mesmas características.

33. DETERMINE A EXTENSÃO DA ASSOCIAÇÃO

Será que os estacionamentos com porteiros, por exemplo, têm menos roubos de veículos do que os estacionamentos sem porteiros? Edifícios de apartamentos com os gerentes no local têm menos risco de ter tráfico de drogas do que aqueles sem tais gerentes? Para responder a essas perguntas você vai precisar determinar se existe uma associação estatística entre algumas características de pessoas, lugares ou eventos e alguma medida do problema (crime, ferimentos, etc.)

Há muitas formas de calcular associação. Frequentemente, um coeficiente de correlação é utilizado. Coeficientes de correlação estendem-se de -1 a 1. Uma correlação negativa significa que um aumento numa característica está associado com o declínio na outra (e um declínio está associado a com um aumento na outra). A correlação positiva significa que um aumento numa característica está associada a um aumento na outra (e um declínio em uma está associado com um declínio na outra). Grandes coeficientes significam fortes associações (positiva ou negativa). Se um coeficiente de correlação é quase nulo, não há associação – a mudança em uma característica não está relacionada com mudanças na outra. Qualquer planilha ou programa de análise estatística pode fazer os cálculos.

A Unidade de Análise de Crime do Departamento do Xerife de Jacksonville - Duval County (FL) examinou complexos de apartamentos em 50 unidades. Eles descobriram que para os 269 complexos de apartamentos, a correlação entre o número de unidades e o número de crimes é de cerca de 0,57: uma modesta correlação positiva. Há uma elevada correlação positiva (0,91) entre o número de crimes de propriedade e o número de crimes violentos nesses complexos de apartamentos.

Você não pode utilizar um coeficiente de correlação para medir a associação em um estudo de caso-controle (Passo 32). Ao invés disso, você deve utilizar *odds ratio*.

Odds ratio (razões de chances) pode ser qualquer número maior que zero. Quando o valor do *odds ratio* é igual a um, não existe nenhuma associação entre as características e os resultados. Ou seja, o risco do resultado é o mesmo, esteja a característica presente ou não. Se o *odds ratio* está entre 0 e 1, o risco é maior quando a característica está ausente do que quando ela está presente (uma associação negativa). *Odds ratio* igual a 0,1 indica que o risco do resultado quando a característica está presente é um décimo daquele quando a característica está ausente. Se o valor do *odds ratio* é superior a 1, o risco é maior quando a característica está presente do que quando ela está ausente (uma associação positiva). *Odds ratio* igual a 3 significa que o risco do resultado é três vezes maior quando a característica está presente do que quando ela está ausente.

Para usar *odds ratio* tanto o resultado quanto a característica devem ter apenas dois valores. Por exemplo, para o resultado, 1 significa que um bar é um bar com um número alto de crime, e 0 significa que é um bar com um número baixo de crime. Para a característica, 1 significa que os funcionários foram treinados para prevenirem

agressões, e 0 significa que os funcionários não foram tão bem treinados. O cálculo do *odds ratio* dirá se há uma associação entre bares que têm pessoal treinado para prevenir agressões e um bar onde ocorre muito crime. Aqui esperaríamos uma associação negativa, de modo que o *odds ratio* teria que ser inferior a um para satisfazer nossas expectativas.

A tabela 1 mostra a forma de calcular *odds ratio*. O resultado está na linha e a característica na coluna. O número de casos com o valor apropriado para ambos, resultado e característica, se encontra nas células. A célula A contém o número de casos que têm a característica em questão. Célula C contém o número de casos sem a característica. Célula B contém o número de controles que têm a característica. Célula D contém o número de controles sem a característica. O *odds ratio* pode ser calculado com uma calculadora utilizando-se a fórmula na parte inferior da tabela, mas muitos pacotes de softwares de estatística também fazem o cálculo.

A Tabela 2 ilustra a aplicação do *odds ratio* em um estudo de caso-controle de locais de tráfico de drogas em San Diego (ver Passo 32). O resultado é tráfico persistente de cocaína ou heroína. Havia 58 edifícios de apartamentos no estudo que tinham indicadores de tráfico persistente (casos). Havia também 47 apartamentos no estudo que não mostravam qualquer indicação de tráfico de drogas (controles). Será que a presença de portões fechados ou abertos ou gerentes no local influencia se um traficante de drogas irá escolher o local? Quando os apartamentos com portões destrancados foram comparados com os trancados ou sem portões, a razão de chances foi maior do que 1, mas isso não foi significativamente diferente de 1 (Veja Passo 53), portanto, não podemos excluir a possibilidade de que não existe qualquer relação entre portões destravadas e tráfico de drogas (lembre-se, quando a razão de chances é igual a 1, não há associação). A associação entre os portões fechados e o tráfico de drogas é significativamente positiva. Edifícios com portões trancados eram quase três vezes e meia mais suscetíveis à presença do tráfico de cocaína ou heroína do que outros edifícios de apartamentos. Edifícios com gerentes no local eram cerca de três décimos mais suscetíveis a tornarem-se pontos de tráfico como os apartamentos sem gerentes.

Esta é uma associação negativa estatisticamente significativa. Mas lembre-se, a correlação não é o mesmo que causalidade. A correlação sugere que a característica em questão poderia ser uma causa contribuidora, mas por si só a correlação é insuficiente para demonstrar causalidade.

Tabela 1: Cálculo de Odds Ratio

Resultado	Característica		Total
	Sim (1)	Nenhum (0)	
Sim (1) -- Casos	A	C	A+C
Não (0) -- Controles	B	D	B+D
Odds Ratio = (A / B) / (C / D) = (A * D) / (C * B)			

Tabela 2: Segurança do Edifício de Apartamento e Tráfico de Drogas

	Portões Destrancados	Portões Trancados ou Sem portões	Odds Ratio
Tráfico	16	42	1,857
Sem tráfico	8	39	
	Portões trancados	Destravados ou sem Portões	Odds Ratio
Tráfico	33	25	3,452
Sem tráfico	13	34	
	Gerente no Local	Sem Gerente	Odds Ratio
Tráfico	14	44	0,305
Sem tráfico	24	23	

34. PROCURE POR FACILITADORES DE CRIME

Facilitadores de crime ajudam os criminosos a cometer delitos ou atos de desordem. Existem três tipos de facilitadores:

- **Facilitadores físicos** são coisas que aumentam a habilidade dos criminosos ou os ajudam a ultrapassar medidas preventivas. Caminhões aumentam a habilidade de ladrões de transportarem bens roubados; telefones permitem que as pessoas façam telefonemas obscenos; e armas os ajudam a superar resistência à roubos. Alguns facilitadores físicos são ferramentas, mas outros são parte do ambiente físico. Felson e colaboradores descrevem como a antiga fachada do terminal de ônibus Port Authority em Nova York facilitou uma variedade de crimes. Tipos de crimes tinham nichos ecológicos específicos criados pela variedade das características do *design* na antiga estação.
- **Facilitadores sociais** estimulam o crime ou desordem reforçando recompensas obtidas com o crime, legitimando justificativas para prática do crime, ou incentivando o crime. Grupos de homens mais jovens, por exemplo, podem proporcionar a atmosfera social que leva ao comportamento desordeiro em eventos desportivos. Gangues e redes criminosas organizadas facilitam a atividade criminosa através de seus membros.
- **Facilitadores químicos** aumentam a habilidade dos criminosos de ignorarem riscos ou proibições morais. Alguns delinquentes tomam bebidas alcoólicas ou usam drogas antes de um crime a fim de diminuir o nervosismo.

Cada tipo de facilitador age contra formas específicas de prevenção situacional de crime (Passos 39-43). Isso é mostrado na tabela. Cada facilitador (nas colunas) pode opor-se a métodos de prevenção específicos (marcados por pontos). Facilitadores físicos ajudam os infratores a superar medidas preventivas que aumentam o risco ou o esforço. Podem também atuar como estímulos para o comportamento desviante. Facilitadores sociais podem compensar cada um dos métodos de prevenção. Subornos, por exemplo, compensam os riscos. Alguns crimes exigem vários criminosos para compensar o esforço. Percepções de desejo pelo alvo são frequentemente influenciadas por aquilo que é desejado por outros. O que é uma desculpa aceitável depende muitas vezes do que os outros irão aceitar. E colegas podem provocar crime ou desordem através de incentivos. Facilitadores químicos permitem que criminosos ignorem os riscos e esforços envolvidos na execução de um crime, e façam justificativas inaceitáveis.

Devido à sua capacidade de enfraquecer a prevenção de crime, é importante identificar o papel dos facilitadores em um problema. Indícios de facilitadores podem ser encontrados em relatórios de investigação e com investigadores, através de entrevistas com vítimas e criminosos, e com a observação de situações sociais. A análise de relatórios criminais pode ser utilizada para determinar a associação entre crimes e diversos facilitadores. Se estes realmente influenciam o problema, então, o próximo passo é encontrar as suas fontes. As fontes irão, evidentemente, variar em função do

tipo de facilitador. Facilitadores físicos podem estar prontamente disponíveis, como é o caso de pedras para os motineiros ou telefones públicos para traficantes. Ou eles podem ser adquiridos legalmente, como é o caso de muitas ferramentas usadas em arrombamentos de residências. Ou eles podem ser roubados, como é muitas vezes o caso de veículos utilizados em crimes mais graves. Encontradas as suas origens, é possível fazer algo em relação a eles. Os quadros mostram as medidas tomadas para se lidar com o uso de telefones públicos no tráfico de drogas e com os ambientes facilitadores próximos dos caixas eletrônicos.

FACILITADORES UTILIZADOS POR CRIMINOSOS PARA VENCEREM MÉTODOS DE PREVENÇÃO DE CRIME			
Método de Prevenção de Crime	Tipo de Facilitador Utilizado		
	Físico	Social	Químico
Aumento do risco	•	•	•
Aumento do esforço	•	•	•
Redução das recompensas		•	
Remoção das justificativas		•	•
Redução das provocações	•	•	

MEDIDAS PARA PREVENIR O USO DE TELEFONES PÚBLICOS POR TRAFICANTES DE NAS CIDADES AMERICANAS

Antes dos telefones celulares se tornarem amplamente disponíveis, traficantes quase sempre utilizavam telefones públicos para fazerem contato com fornecedores e clientes. Muitas formas de detê-los foram experimentadas, incluindo:

- Decretos da cidade para licenciar e proibir telefones públicos ou limitar o seu número em locais específicos ou em certos tipos de locais.
- Instalação de discos giratórios que não permitem chamadas para "pagers".
- Alteração dos telefones para bloquear chamadas recebidas.
- Pressão da comunidade nas companhias telefônicas locais ou nas prefeituras para remover telefones públicos ou deslocá-los para áreas melhor iluminadas ou supervisionadas.
- Permissão apenas de chamadas através de telefonistas ou chamadas de emergência durante a noite com o bloqueio da operação com moedas (ou cartões).
- Remoção ou alteração de telefones públicos pelas empresas como lojas de conveniência e postos de gasolina.
- Outros tipos de intervenção, como aumento das patrulhas policiais, lembretes com advertências colados nos telefones, e "linhas diretas" para denúncias.

Fonte: Natarajan, Mangai and colleagues (1996). "Drug Dealing and Pay Phones: The Scope for Intervention." Security Journal 7: 245-251

Os facilitadores sociais dependem bastante das pessoas com quem os criminosos se associam, e as condições para a associação. Estabelecimentos de risco (Passo 28), por exemplo, podem possibilitar condições para facilitadores sociais. Gangues fornecem o apoio social para a prática de crime. Mas, mesmo atividade legais podem ocasionalmente estimular a facilitação social, tais como violência politicamente motivada, ou motins de estudantes universitários após partidas de jogos contra rivais históricos.

Facilitadores químicos são abundantes e freqüentemente associados com crime e desordem. O álcool é especificamente considerado como um facilitador. Diversas misturas de facilitadores são comuns, especialmente químicos e sociais em locais de entretenimento. Várias das 25 técnicas de prevenção situacional de crime são criadas para reduzir o efeito dos três tipos de facilitadores de crime (Passos 39-43).

**PROVISÕES DE SEGURANÇA PARA CAIXAS ELETRÔNICOS DE BANCOS
EM NEW YORK E LOS ANGELES**

	New York City	Los Angeles
Caixa eletrônico fechado dentro de um saguão protegido	✓	
Aumento da iluminação	✓	✓
Janelas transparentes no saguão do estabelecimento.		
Espelhos elevados para usuários	✓	
Quantidade de plantas perto de máquina		✓
Câmeras de vigilância	✓	➤
Lembretes de Segurança para os usuários	✓	✓
Avisos de provisões de segurança aos potenciais criminosos	✓	✓
Avaliação do crime antes da instalação dos caixas eletrônicos		✓
Funcionários de Segurança	✓ *	
Redução do tempo de operação dos caixas eletrônicos baseado no padrão temporal do crime na área		➤

✓ Exigido pela legislação.

➤ Não exigido pela legislação, mas comumente implementado de acordo com os critérios do banco.

* Obrigatório apenas durante os horários de não funcionamento do banco para caixas eletrônicos localizados dentro dos prédios dos bancos abertos para o uso do cliente.

Fonte: Guerette, Rob and Ronald Clarke (2003). "Product Life Cycles and Crime Automated Teller Machines and Robbery." *Security Journal* 16: 7-18.

35. ENTENDA O CRIME DO COMEÇO AO FIM

Pensamos no crime como algo que acontece rapidamente. Leva-se apenas alguns segundos para se apanhar um colar de alguém na rua, roubar algo do bolso de uma pessoa, ou para arrombar um carro. E são raros os ladrões que procuram cada um dos esconderijos possíveis. Em vez disso, eles tentam sair logo que encontraram algo que vale a pena roubar – normalmente em poucos minutos após entrar na residência. Apanhar um colar ou arrombar uma casa é, na verdade, apenas uma etapa de uma série de passos necessários para completar cada um desses crimes.

Você deve tentar compreender a seqüência de passos envolvidos em seu problema. Há várias abordagens que você pode seguir:

- Leslie Kennedy da Rutgers University e Vincent Sacco separam os passos em precursores, operações, e consequências, e publicaram um livro de criminologia, *The Criminal Event*, organizado em torno dessas três etapas.
- William Haddon desenvolveu uma classificação similar para ajudar a pensar sobre a prevenção de acidentes rodoviários. Ele divide ações preventivas em pré-colisão, colisão e pós-colisão.
- Derek Cornish utiliza o conceito de crime "*scripts*" para orientar a análise. A idéia subjacente é que uma determinada categoria de crime exige um conjunto de ações a serem executadas em uma determinada ordem, assim como num *script* de uma peça de teatro. As cenas são as várias etapas sequenciais do crime; o elenco é composto de criminosos, vítimas e observadores; e as ferramentas utilizadas são os acessórios.

Seja qual destas abordagens que você usa, tente listar a seqüência de passos que o criminoso deve seguir para concluir o crime. A tabela abaixo é uma representação simplificada de Cornish sobre os vários passos que "*joyriders*" devem completar, mas isso mostra que o ato específico que consideramos ser o crime (neste caso, levar o carro) é precedido por preparação, e seguido por fuga e diversão com as consequências. Isto nos chama a atenção do porquê analisar os crimes de forma cuidadosa: passo-a-passo. compreender claramente a seqüência de ações necessárias para a conclusão bem sucedida do crime revelará muito mais pontos de intervenção. Ou seja, isto ampliará a escolha de respostas que para você considerar em seu projeto. A última coluna da tabela lista as possíveis respostas, introduzidas por cada etapa do "*joyriding*".

PASSOS EM "JOYRIDING" E RESPOSTAS ASSOCIADAS

Etapas	Passos	Respostas
Preparação	Obter ferramentas (por exemplo, chaves-de-fenda, chaves duplicadas, martelo, tubo de aço). Seleção do co-autor.	Controlar as vendas de equipamentos como <i>scanners</i> manuais e chaves duplicadas
Entrando em cena	Entrar no estacionamento	Barreiras nos estacionamentos; funcionários no local; poucas entradas.
Possibilitando as condições	Caminhar dentro do estacionamento sem nenhum impedimento	CFTV e / ou rondas regulares para dissuadir delinquentes.
Selecionando o Alvo	Rejeitar carros com alarmes. Escolher veículo adequado.	Proteção visível dos veículos atrativos.
Completando o Furto	Entrar no carro (usar chaves duplicadas, chave-de-fenda). Quebrar fechadura de ignição (com o tubo ou martelo). Ignição com os fios e ligar o carro.	CFTV para monitorar comportamentos suspeitos; melhorar vigilância natural do local; alarme de veículo para alertar a segurança; imobilizador de veículo.
Saindo da cena	Sair do estacionamento.	Guardadores de carro ou outras barreiras na saída.
Depois do crime	Usar o carro para "joyriding." Abandonar o carro em um local deserto. Incendiar o carro.	Sistema de monitoramento de veículo ativado; programa de toque de recolher; vigilância dos aterros.

Fonte: Cornish, Derek (1994). "The Procedural Analysis of Offending and its Relevance for Situational Prevention." *Crime Prevention Studies*, volume 3. Monsey, NY: Criminal Justice Press

“Joyriding” é um dos crimes mais simples, mas você pode seguir o mesmo processo de desmembrar o crime nos seus passos constitutivos para crimes bem mais complexos. Um exemplo são os tumultos (incluindo motins). Clark McPhail, um líder especialista em multidões, criou um processo de três-passos para analisar todo tipo de aglomerações: o processo de reunião, o grupo reunido, e o processo de dispersão. Tamara Madensen, estudante de pós-graduação da Universidade de Cincinnati, acrescentou dois passos preliminares: planejamento inicial e preparação pré-reunião. A polícia pode mandar avisos sobre a organização de grandes festas com bebidas que antecipam o planejamento inicial. Para evitar fogueiras, lixo facilmente inflamável deve ser removido durante preparações de pré-reunião. A polícia pode cumprimentar os estudantes que chegam para incentivar o bom comportamento durante o processo de reunião. Quando a multidão está reunida, a polícia pode monitorar o comportamento e intervir se problemas acontecerem. Durante o processo de dispersão, a polícia quer estar certa que a multidão se diluirá de forma rápida e pacificamente.

PREVENINDO MORTES DE IMIGRANTES ILEGAIS

No uso incomum de prevenção situacional, Rob Guerette da Universidade Internacional da Flórida, elaborou um estudo cuidadoso para a Patrulha de Fronteira dos EUA sobre as circunstâncias sob as quais os imigrantes clandestinos morrem na travessia da fronteira E.U.A–México. A cada ano, cerca de 300 imigrantes morrem em circunstâncias trágicas – por exemplo, por afogamento em canais e rios, por exposição ao calor em regiões desérticas, ou em acidentes de carro. Traçando os passos que os imigrantes ilegais dão ao atravessarem a fronteira e tentando compreender as circunstâncias que levam à perda de vida, Guerette propôs uma série de sugestões para salvar-vidas. Ele as classificou numa tabela de duas vias:

- No topo da tabela, ele seguiu o método de William Haddon e classificou as sugestões preventivas naquelas que foram usadas antes, durante e após a situação de risco de morte.
- Na parte de baixo da tabela, ele seguiu o triângulo de crime e classificou as medidas de acordo se eram destinadas (1) ao imigrante ou à "vítima", (2) ao "coiote", que são contratados por imigrantes para levá-los com segurança do outro lado da fronteira (o "criminoso"), e (3) ao "lugar" ou ambiente, ou seja, deserto, rios, áreas urbanas, etc.

Algumas destas sugestões eram extensões ou melhorias de medidas já em vigor, mas outras eram novidade, o que demonstra o valor da sua abordagem. Muitas das sugestões são auto-explicativas, porém mais conhecimento prévio é necessário para compreender algumas delas (a numeração segue a tabela):

1. Sua pesquisa mostrou que proporcionalmente mais mulheres morrem de exposição ao calor.
2. Os imigrantes tipicamente se reúnem em cidades próximas à fronteira com o México, onde fazem contato com os "coiotes".
3. Quando agentes de busca e salvamento bem treinados são enviados para fazerem um salvamento, Guerette descobriu que os imigrantes têm mais probabilidades de sobreviverem do que quando os agentes de linha regular são enviados.
4. Para impedir tentativas imediatas de cruzarem novamente o deserto nos meses mais quentes, imigrantes apreendidos nessa época no deserto do Arizona foram repatriados lateralmente em 2003 para cidades do México perto da fronteira com o Texas. Este experimento foi eficaz no salvamento de vidas.
5. Em 2004, as autoridades mexicanas concordaram em aceitar repatriamentos do Arizona para destinos no interior do México.
6. Motoristas no Arizona comumente vêem pequenos bandos de imigrantes ilegais tentando cruzar o deserto na época mais quente. Isso resultaria na procura deles em auxiliar o salvamento de vidas através da ligação gratuita no número 1-800 para denunciarem a cena.
7. Agentes da Patrulha da Fronteira no Arizona relataram a Guerette que muitas vezes eles tinham uma grande dificuldade em localizar um imigrante reportado

	Antes do Evento de Risco de Morte	Durante o Evento de Risco de Morte	Após o Evento de Risco de Morte
Imigrante	1. Informar às mulheres imigrantes sobre perigos da travessia do deserto. 2. Implementar sistema de alerta de condições perigosas.	3. Distribuir instruções nas cidades de concentração de imigrantes para caso de perigo. 4. Expandir a capacidade de busca e salvamento da Patrulha da Fronteira	5. Repatriamento lateral. 6. Repatriamento interior.
Coioote	7. Implementar sistema de alerta de condições perigosas. 8. Avisar os coiotes sobre ação penal em caso de mortes de imigrantes.	9. Focalizar na detenção do coioote.	10. Criar força tarefa para perseguir coiotes quando mortes acontecerem.
Ambiente	11. Focalizar nos períodos e nas áreas problemáticos. 12. Erguer barricadas em pontos de travessia perigosa. 13. Colocar placas visíveis em áreas de risco.	14. Campanha publicitária "Salve uma vida / relate um imigrante " 15. Indicadores no deserto.	16. Rever dados continuamente e para detectar novos padrões de perigo

36. ESTEJA CERTO QUE VOCÊ RESPONDEU AS QUESTÕES 5 W (E UM H)

Ao completar sua análise usando os conceitos discutidos nos passos anteriores, você deve indagar se a mesma satisfaz o teste de uma boa história de jornal. Será que ela responde adequadamente às seis perguntas seguintes: **what (o quê)**, **where (onde)**, **when(quando)**, **who(quem)**, **why(por quê)**, e **how (como)**?

Essas mesmas perguntas estruturam o método de análise de crimes de Barry Poyner que divide um grande problema em suas partes constitutivas. Por exemplo, quando o *Home Office* pediu a ele para estudar "ataques de rua" no centro de Coventry e Birmingham (duas grandes cidades na Inglaterra), ele constatou que a polícia classificava esses ataques como furtos e roubos contra pessoa, mas ele descobriu que a maioria dos incidentes se encaixavam em uma série de problemas bastante diferentes:

- Roubo de barracas de rua.
- Roubo de bêbados.
- Dinheiro roubado quando sendo retirado do banco.
- Arrancar bolsas de mulheres.
- Carteiras/dinheiro roubado das mãos da vítima após uma manobra verbal.
- Roubo de sacolas de compras.
- "Bater carteiras" em pontos de ônibus.

Esta foi uma caracterização muito mais significativa de "ataques de rua", e foi um primeiro passo importante na compreensão dos eventos. Poyner então começou a classificar a partir dos relatórios de incidentes, tentando chegar a um retrato de cada problema que o ajudaria a encontrar uma resposta.

Relatórios de incidentes variam bastante em termos das informações registradas, especialmente quando a vítima não está presente e não há testemunhas. No entanto, Poyner tenta juntar as partes dos relatórios para obter um retrato específico do problema (Veja o quadro). Para cada incidente ele tenta descobrir:

- **O que aconteceu?** Isto envolve dizer claramente a seqüência de eventos e as ações das pessoas envolvidas (Passo 35).
- **Onde aconteceu?** Às vezes, a seqüência de eventos acontece em vários locais. Por exemplo, um carro pode ser roubado em um estacionamento, transferido para uma garagem para a remoção de peças valiosas e, em seguida, enterrado em pedaços num terreno baldio. Apenas informações sobre o primeiro e o último local podem estar disponíveis. Uma visita a esses lugares pode ajudar a explicar porque o criminoso os selecionou.
- **Quando aconteceu?** Chefes de família ou proprietários de carro saberão apenas que o carro deles foi roubado ou casa arrombada "em alguma hora no final de semana". Para muitos crimes interpessoais, no entanto, a vítima poderá ser capaz de

relatar com precisão quando o crime ocorreu, o que pode permitir inferências sobre questões tais como, se as ruas estavam desertas.

- **Quem estava envolvido?** Haverá sempre pelo menos um criminoso; pode haver uma ou mais vítimas, mesmo se elas não têm contato direto com o autor do crime; pode haver testemunhas e outros terceiros. As declarações nos registros da polícia feitos por testemunhas e vítimas podem proporcionar muita informação útil, mas algumas vezes pode ser importante questionar uma amostra sobre o evento.
- **Por que eles agiram assim?** É importante entender as vantagens específicas que um determinado tipo de crime traz ao criminoso. Em muitos casos de furto, o motivo é evidente, mas para crimes interpessoais e vandalismo as razões podem surgir apenas nas entrevistas com os criminosos (Passo 10). Igualmente importante para a prevenção pode ser compreender por que as vítimas e testemunhas se comportaram de uma certa forma e responder a perguntas como "o que faz com que algumas vítimas respondam com ataques ao agressor?" " e "Por que muitas vezes as testemunhas não intervêm?"
- **Como o criminoso realizou o crime?** Pode-se pensar no crime como um processo, com várias etapas do início à conclusão, ao invés de um ato circunscrito que ocorre em um ponto específico no tempo. Em cada etapa, o criminoso deve tomar decisões, talvez precise agir com outros, e poderá ter de empregar conhecimentos e ferramentas específicos. Esta é a idéia essencial da abordagem "*scripts*" de Cornish discutida no Passo 35. Pode ser que nem sempre será possível desenvolver *scripts* detalhados, mas a análise deverá dar uma imagem clara de como o crime foi realizado.

A análise feita por Poyner do ato de bater carteiras em pontos de ônibus ilustra esta abordagem. Ele foi capaz de construir uma descrição detalhada do crime suplementando o incidente incompleto com observações sobre as filas de espera de ônibus. Ele descobriu que o pico desse crime era o horário de agitação da tarde, em especial nas sextas-feiras, quando as filas eram longas. Grupos de três ou quatro jovens ficavam por perto das filas, olhando nas vitrines das lojas ao redor, para não levantarem suspeita, enquanto ao mesmo tempo observavam as vítimas. Essas eram invariavelmente homens de meia-idade ou mais velhos que mantinham suas carteiras no bolso de trás da calça. (Homens mais jovens usavam calças mais justas e não mantinham as suas carteiras nos bolsos de trás).

Quando as vítimas começavam a entrar nos ônibus, que utilizavam dinheiro para o pagamento, os jovens se dirigiam à frente da fila, saltavam sobre a plataforma de embarque do ônibus e empurravam os passageiros. Eles faziam algumas perguntas irrelevantes ao motorista sobre o destino do ônibus. Entretanto, um dos jovens furtava o bolso da vítima. A vítima se irritava por ter sido empurrada e não percebia o que estava acontecendo. O motorista gritava com os jovens para descerem do ônibus e outros passageiros reclamavam. Os jovens desciam do ônibus e desapareciam no

meio da multidão. Eles nunca eram capturados. E a vítima só descobria depois que sua carteira havia desaparecido.

Esta análise sugere quatro respostas possíveis:

- Ao invés de pagar com dinheiro, os bilhetes podem ser vendidos com antecedência para utilização nos pontos de ônibus.
- Pontos de ônibus podem ser relocados para longe das principais calçadas e organizados em plataformas como uma rodoviária. Isto tornaria difícil para os infratores ficarem à espreita.
- Use a cabine de ponto de ônibus para separar as linhas de espera, de modo que os criminosos não possam identificar potenciais vítimas com antecedência.
- Construa barreiras de filas organizadas no ponto de embarque para que os ladrões não possam pular para dentro da plataforma do ônibus.

Note que todas estas soluções estão fora das atribuições normais da polícia. Os policiais raramente consideram que seu papel envolve, por exemplo, replanejamento de pontos de ônibus. Mas como um analista de crime solucionando-problemas sua missão consiste em reduzir o crime, e você pode precisar persuadir colegas policiais que em sentido mais amplo, é a tarefa deles também.

TRABALHANDO COMO UM ARQUEÓLOGO

"Há uma outra vantagem de combinar incidentes. Em alguns casos, pode-se ter muito menos detalhes do que em outros casos, mas por outro lado os fatos que conhecemos sobre eles são os mesmos. Pode ser possível reconstruir os dados ausentes nestes incidentes menos bem notificados da mesma forma como o arqueólogo reconstrói cerâmica quebrada de uma escavação. Ele pode ter apenas alguns pedaços do vaso quebrado, mas com o conhecimento sobre outros vasos semelhantes ele pode ter certeza quanto à forma do vaso todo. Esta abordagem é bastante útil quando, por exemplo, há algumas explicações detalhadas sobre o que os criminosos fazem nos poucos casos em que foram capturados. Parece lógico crer que o comportamento semelhante ocorreu em crimes semelhantes, embora os infratores não foram capturados".

Fonte: Poyner, Barry (1986). "A Model for Action." *Situational Crime Prevention*, Gloria Laycock and Kevin Heal. London: Her Majesty's Stationery Office.

37. SAIBA QUE ERRAR É HUMANO

A prevenção de crime frequentemente envolve previsões. Será que os criminosos associados com o problema continuarão no crime? Recentes vítimas se tornarão vítimas novamente em um futuro próximo? Será que “hot spots” continuarão sendo “hot spots”? Embora o comportamento passado pode ser o melhor indicador de comportamento futuro, ele não é um indicador perfeito.

Os exemplos acima tratam de prever o futuro. Mas também tentamos sondar o desconhecido de outras maneiras, incluindo em nossas respostas aos problemas. O examinador do polígrafo tenta avaliar se o indivíduo está mentindo ou não. Exames anti-doping são utilizados para determinar se as pessoas usaram drogas ilícitas recentemente. Detectores de metal e dispositivos de rastreamento de bagagem em aeroportos são utilizados para determinar se os passageiros têm armas consigo ou em sua bagagem. Em todos esses exemplos o examinador está tentando tirar uma conclusão acerca de uma condição desconhecida. E, assim como as previsões do futuro, o examinador pode dar uma avaliação exata ou inexata. Por conseguinte, é muito importante compreender a forma como as previsões e outros julgamentos podem falhar.

Uma forma útil de analisar os erros de previsão e julgamento é comparar a previsão com o que realmente acontece. As colunas da tabela 1 mostram duas possíveis previsões: Sim, o resultado vai ocorrer; e Não, o Resultado não irá ocorrer. As linhas mostram dois resultados reais: Sim, o resultado ocorreu; e Não, o resultado não ocorreu.

Tabela 1: Tipos de Erros de Previsão

Resultado atual	SIM	NÃO
SIM	A. Exato Verdadeiro Positivos	B. Falso Negativos
NÃO	C. Falsos positivos	D. Exatos Verdadeiros Negativos
	Taxa de exatidão Taxa de falso negativo Taxa de falso positivo	$(A + D) / (A + B + C + D)$ B / $(A + B + C + D)$ C / $(A + B + C + D)$

Imagine um grande número de previsões. Quando uma previsão corresponde à realidade, então ela é exata. As células A e D contêm somas de previsões exatas. Pode-se calcular uma taxa de precisão acrescentando o número de previsões que se enquadram nessa duas categorias e dividindo por todas as previsões feitas.

Nas células B e C, quando a pessoa que toma a decisão acredita que o resultado não vai ocorrer, mas o resultado acontece, então irá para célula B. Isto é chamado de *Falso Positivo*. Os casos na célula C representam situações em que quem tomou a decisão previu que o resultado iria ocorrer, mas este não ocorreu. Estes são *Falsos Negativos*. Pode-se calcular taxas de erro para ambos os tipos, dividindo-se o número de previsões em cada célula pelo número total de previsões.

Vejamos um exemplo hipotético. Para diminuir o crime em habitações de aluguel, um departamento de polícia facilita e incentiva os proprietários a conduzirem uma investigação dos antecedentes criminais dos inquilinos. Aqueles com histórico recente de comportamento criminoso não são aceitos. Tal política implica uma previsão de que as pessoas com histórico recente de envolvimento criminoso continuarão envolvidas no crime local ou em áreas próximas à propriedade alugada e que pessoas sem tais antecedentes, não se envolverão nesse tipo de comportamento.

Mesmo os defensores de tal política concordariam que tais previsões não são perfeitas, mas seria útil saber duas coisas. Primeiro, tal política reduz crimes em propriedade de aluguel? Uma avaliação poderia responder a esta pergunta. Mas mesmo que ela reduza o crime, quais são as consequências negativas? Para responder a essa questão é necessário uma análise da previsão de erros.

Se foi possível recolher os dados relevantes, é possível também criar uma tabela como a Tabela 2. Vemos que as previsões da política são precisas. Mas como reagir com os erros? Deve-se fazer algo em relação às pessoas sem antecedentes criminais mas que cometem crimes? Há antigos criminosos que não estão envolvidos em comportamento criminoso tendo a habitação negada?

Tabela 2: Exemplo de Análise de Previsão de Erro

		Envolvimento Criminal Anterior		
Envolvimento Criminal Posterior		SIM	NÃO	Total
SIM		35	10	45
NÃO		35	496	531
Total		70	506	576
		Taxa de Precisão		72.2%
		Taxa de Falso negativo		1.7%
		Taxa de Falso positivo		6.1%

Restrições mais rigorosas para inibir o crime por pessoas que não têm nenhum registro criminal recente podem reduzir a taxa dos falsos negativos, mas poderiam aumentar a taxa de falsos positivos, especialmente se as informações para tomada de decisões são menos precisas que as informações realmente utilizadas. Por outro lado, fazer distinções entre os candidatos com um antecedente criminal recente poderia diminuir a

taxa de falsos positivos, mas à custa do aumento da taxa de falsos negativos. Esses intercâmbios são bastante comuns.

Além disso, podemos lamentar um tipo de erro mais do que outro. Se os tipos de crimes impedidos pelos proprietários são relativamente pequenos, então a taxa de falsos positivos pode ser muito alta. Mas se são crimes violentos graves sendo evitados, então a taxa de falso negativo pode ser de maior preocupação. As consequências dos erros são muito importantes e há muitas vezes quem discorde delas.

Outra fonte de discordância são as próprias taxas de erro. Essas taxas são frequentemente muito difíceis de se fazer uma estimativa. Considere os quadros sombreados na Tabela 2. Sob a maioria das circunstâncias, estes valores serão desconhecidos. Os proprietários poderão contar quantas pessoas eles rejeitaram por causa de um registro criminal, mas não podem dizer o que essas pessoas fariam se elas não tivessem sido rejeitadas. Em outras situações, acontece o oposto; falsos positivos podem ser conhecidos com alguma precisão, mas falsos negativos são desconhecidos. No detector do aeroporto, falsos positivos são conhecidos porque as previsões de haver contrabando são seguidas de fiscalização mais detalhada. Um passageiro suspeito de estar com uma arma de fogo será revistado cuidadosamente, revelando, então, se a previsão inicial era ou não exata. No entanto, falsos negativos não são conhecidos com muita confiabilidade. Uma passageira que leva contrabando que passa pela segurança do aeroporto pode não ser revistada novamente. Então, não podemos saber se ela era um falso negativo.

Em algumas circunstâncias, é possível utilizar um teste piloto para estimar com precisão os erros, fazendo as previsões, não agindo sobre elas, e observando cuidadosamente o que acontece. Isto pode ser difícil de ser feito com criminosos, que preferem manter seus atos ocultos, mas poderia funcionar com potenciais vítimas ou locais de crimes. Por exemplo, uma resposta a um problema poderia incluir a previsão de locais com maior probabilidade de serem locais de crimes e, em seguida, intervir nessas localidades. Antes da execução da presente resposta, um estudo piloto poderia ser realizado no qual as previsões são feitas, mas nenhuma ação é tomada. Se as taxas de erro são inaceitavelmente elevadas, então não pode não valer a pena implementar a resposta.

38. ADOTE SEU PAPEL CENTRAL NA RESPOSTA

A primeira decisão da polícia, mesmo quando foi envolvida numa análise detalhada de um problema, é tentar resolvê-lo através do reforço da coerção. Você deve esperar por isso e não se oponha, mesmo que o impacto seja geralmente de curta duração. Mas desde o início você deve ajudar seus colegas da polícia a encontrarem soluções mais duradouras. Parceiros da comunidade local poderiam fornecer esta ajuda, mas ao invés disso eles freqüentemente promovem as suas próprias agendas e estimulam soluções com um impacto limitado. O resultado é muitas vezes um conjunto de concessões de medidas, às quais beneficiam um ou outro partido. De fato, as divergências sobre soluções podem conduzir a uma perda de dinamismo e nada vai ser devidamente implementado.

Você pode ajudar a parar esse problema, mas deve primeiro tornar-se um especialista em soluções. Por exemplo, se o problema é roubo de carros, você deve ser capaz de falar com autoridade sobre a ineficácia das campanhas de carros-íscas ou "tranque o seu carro". Se for um problema de arrombamento a residência, você deve conhecer os resultados da investigação sobre alarmes contra ladrões ou melhoria da iluminação pública, que podem ser sugeridos como soluções. Você também deve estar absolutamente familiarizado com os resultados obtidos sobre deslocamento, uma vez que soluções inovadoras são frequentemente bloqueadas por invocações abruptas dessa teoria.

Para se tornar um especialista em soluções você deve saber como descobrir mais sobre determinadas respostas fazendo pesquisas rápidas na literatura (Passo 19). Você deve também tornar-se um especialista em prevenção situacional de crime, a ciência da redução de oportunidades para o crime. Prevenção situacional utiliza a mesma metodologia da pesquisa ação como o policiamento orientado-para-problema e tem bastante sucesso avaliado a seu favor. Grande parte do conhecimento sobre deslocamento, difusão de benefícios, vitimização recorrente, e muitos outros conceitos discutidos neste manual, foram desenvolvidos por pesquisadores na área de prevenção situacional. As próximas cinco etapas discutem as 25 técnicas de prevenção situacional de crime, que se dividem em cinco grandes grupos (veja quadro). Esses são definidos pelo que Nick Tilley, da Universidade de Nottingham Trent, no Reino Unido chama de mecanismo através do qual as técnicas atingem os seus efeitos preventivos: aumentar o esforço do crime, aumentar os riscos, reduzir as recompensas, reduzir provocações e remover as justificativas.

Neste ponto, pode surgir a pergunta “por quê devo assumir essa responsabilidade de identificar soluções?” Não é suficiente você carregar a maior parte do pesado trabalho das etapas de identificação, análise e avaliação? E mesmo que você assumiu esse papel, por que alguém deve prestar atenção em você? Mas, para se tornar um analista de solução de problema é preciso ir além de sua tradicional função analítica. Você deve tornar-se um pleno e igual membro do time de solução de problemas. Você pode ser iniciante, mas sua autoridade vem de seus conhecimentos especializados, não da sua

posição. As pessoas vão ouvir se você trazer sugestões inovadoras, ou se você fornecer elementos que dão suporte para as boas idéias de outras pessoas.

VINTE E CINCO TÉCNICAS DE PREVENÇÃO SITUACIONAL DO CRIME	
Aumentar o Esforço	<ol style="list-style-type: none">1. Dificultar o alvo/ a vítima2. Controlar o acesso a estabelecimentos3. Inspeccionar as saídas4. Desviar a atenção dos infratores5. Controlar as ferramentas / armas
Aumentar os Riscos	<ol style="list-style-type: none">6. Estender a vigilância7. Ajudar a vigilância natural8. Reduzir o anonimato9. Usar gerentes de local10. Reforçar a vigilância formal
Reduzir Recompensas	<ol style="list-style-type: none">11. Ocultar alvos12. Remover alvos13. Identificar a propriedade14. Interromper mercados15. Negar benefícios
Reduzir Provocações	<ol style="list-style-type: none">16. Reduzir frustrações e estresse17. Evitar disputas18. Reduzir estímulo e atração19. Neutralizar a pressão de grupo20. Inibir imitação
Remover Justificativas	<ol style="list-style-type: none">21. Definir regras22. Publicar instruções23. Alertar consciência24. Ajudar na obediência às regras25. Controlar drogas e bebidas alcoólicas

SETE CRÍTICAS DA PREVENÇÃO SITUACIONAL DO CRIME – E REFUTAÇÕES

Críticas	Contradição
1. É simplista e sem teoria.	Baseia-se em três teorias de oportunidade de crime: atividades rotineiras, padrão de crime, e escolha racional. Também recorre a psicologia social.
2. Demonstra não funcionar; desloca o crime e muitas vezes o torna pior.	Dezenas de estudos de casos mostram que esta técnica pode reduzir crimes, geralmente com pouco deslocamento.
3. Desvia a atenção das causas do crime.	Alcança resultados imediatos e proporciona tempo para descoberta de soluções de longo prazo para o crime.
4. É uma abordagem conservadora e gerencial do problema de crime.	Promete não mais do que pode oferecer. Exige que soluções sejam econômicas e socialmente aceitáveis.
5. Promove uma sociedade egoísta e excludente.	Oferece proteção para os pobres e os ricos.
6. Promove o Big Brother (controle autoritário e onipresente) e restringe liberdades individuais.	O processo democrático protege a sociedade contra esses perigos. As pessoas estão dispostas a suportarem a inconveniência e pequenas violações da liberdade quando essas as protegem do crime.
7. Culpa a vítima.	Fortalece as vítimas, fornecendo-lhes informações sobre os riscos de crimes e como evitá-los.

Você deve sempre optar por soluções que poderiam trazer uma redução rápida do problema. Isto significa que você deve centrar-se nas causas imediatas e diretas de um problema ao invés das mais distantes e indiretas. Esta distinção importante foi desenvolvida por Paul Ekblom do *Home Office*, e pode ser ilustrada pelo problema de ferimentos em lutas de bares causados por garrafas e vidros quebrados. “Causas “raiz” distantes podem incluir a discriminação racial que produz uma geração de uma minoria de jovens insatisfeitos, falta de oportunidades de emprego local resultando em exclusão social generalizada, e a maior de todas, a reputação “rígida” em uma comunidade desprovida e anárquica. Causas situacionais mais imediatas podem incluir práticas de serviço irresponsáveis na promoção da embriaguez em bares locais, bem como a disponibilidade imediata de garrafas e copos que podem ser facilmente utilizados como armas mortíferas.

Reduções rápidas e sustentáveis do crime só podem resultar da abordagem de causas situacionais; abordagem de causas raiz, mesmo se sabemos o que fazer com elas, podem apenas compensar num futuro relativamente distante – muito depois que os atuais colaboradores têm qualquer interesse remanescente pelo problema. Entretanto, a menos que as causas imediatas sejam resolvidas, vidros quebrados e garrafas continuarão a exigir vítimas.

Algumas soluções situacionais também podem levar muito tempo para serem implementadas. Por exemplo, o perigo representado por pedaços de vidros e garrafas

poderia ser abordado pela legislação obrigando bares a utilizarem apenas copos e garrafas que se desintegrem em estilhaços quando quebrados. Isso provavelmente levaria anos para se concretizar. Muito mais realista seria trazer a pressão da comunidade em bares locais para servirem bebidas apenas em copos mais rígidos ou de plástico e recusarem a vender garrafas no bar. Isto poderia ser alcançável em um tempo muito mais curto. Você poderia ter um papel de analista especial na promoção dessa solução ao reunir dados sobre os custos prováveis para os bares e a redução dos custos das lesões e cuidados de emergência. Na verdade, provavelmente será você que irá coletar dados sobre a viabilidade, os custos e a aceitação pública de quaisquer das medidas seriamente consideradas pela parceria de solução de problemas.

O fundamental é que você adquira conhecimentos a partir de um ampla gama de soluções, e esteja preparado para lutar por boas idéias, se o seu cuidadoso trabalho analítico for dar frutos.

Leia Mais:

Clarke, Ronald (1997). *Situational Crime Prevention: Successful Case Studies* (2nd ed.). Monsey, NY: Criminal Justice Press.

Von Hirsch, Andrew, David Garland and Alison Wakefield (2000). *Ethical and Social Perspectives on Situational Crime Prevention*. Oxford: Hart Publishing.

39. AUMENTE O ESFORÇO DO CRIME

Aqui nós descrevemos a categoria mais básica das medidas situacional – aquelas elaboradas para aumentar as dificuldades do crime. Prevenção situacional é às vezes descartada como sendo nada mais do que isso, porém, essa é apenas uma das 25 técnicas envolvidas no modelo. Note que existe uma considerável sobreposição entre as técnicas. Por exemplo, dificultar o alvo torna o crime mais difícil, mas também pode revelar criminosos e aumentar as chances de serem capturados. Algumas medidas podem também servir mais de um propósito. Ao utilizar essa classificação, não gaste muito tempo se preocupando sobre quando uma determinada medida se enquadra – use-a apenas para garantir que você considera um repertório mais amplo possível de respostas situacional a um determinado problema.

Dificultar alvos. Um meio óbvio, muitas vezes altamente eficaz de impedir um vândalo ou um ladrão é através de barreiras físicas, tais como fechaduras, telas, ou materiais reforçados. A introdução das travas de direção mais de 30 anos atrás neste país e no estrangeiro levou reduções no roubo de carros a longo prazo, e imobilizadores de ignição agora reforçam esses benefícios. Telas anti-roubo nos correios em Londres têm reduzido roubos em 40%, e vidros blindados têm reduzido substancialmente roubos e assaltos cometidos contra taxistas em Nova Iorque (ver *Robbery of Taxi Drivers, Problem-Oriented Guides for Police No. 27*, accessible at www.cops.usdoj.gov and www.popcenter.org).

Controlar o acesso a estabelecimentos. Manter as pessoas fora dos locais onde elas não têm direito de estar, como campos militares, fábricas, e blocos de apartamentos, tem uma longa genealogia – pense apenas nas *portculis* (porta corrediça na entrada de um castelo), fossas, e pontes levadiças de castelos medievais. Esse é também um componente central do conceito de espaço defensivo de Oscar Newman, sem dúvida o precursor do interesse científico na prevenção situacional. Barry Poyner demonstrou que a instalação de interfones e a demolição de passagens ligando edifícios reduziram significativamente os assaltos num conjunto habitacional em Londres (Passo 24). Em alguns casos, os controles de acesso destinam-se a assegurar a posse de bilhetes e documentos. O replanejamento de bilhetes para torná-los mais fáceis de se verificar produziu uma forte redução da evasão de tarifas em embarcadouros em Vancouver, Canadá. No exemplo mais famoso, detectores de bagagens e de passageiros em aeroportos no início dos anos 70 contribuiu para uma redução do número de sequestro de aviões mundialmente de cerca de 70 para 15 por ano.

Inspecionar as saídas. O objetivo dos detectores nas saídas é assegurar que aqueles que saem de um edifício, um estabelecimento, ou algum outro lugar, não tenham roubado nada ou tenham pago todas as taxas e impostos. Passageiros do metrô de Washington, D.C. devem inserir seus bilhetes nos portões automáticos tanto na entrada quanto na saída do metrô. Isto proporciona duas oportunidades para verificar que a tarifa foi paga. No metrô de Nova Iorque, os passageiros devem inserir seus bilhetes nos portões apenas uma vez, na entrada do metrô, reduzindo assim as chances de detecção por evasão de tarifa. Outros exemplos de detectores em saídas incluem os controles de fronteira na saída de um país e a utilização de etiquetas eletrônicas em

livros e mercadorias. Essas etiquetas ativam um alarme se os livros não tiverem passado pelo balcão da biblioteca ou se um ladrão tentar levar um item com tais etiquetas de uma loja. Estudos têm demonstrado que as etiquetas reduzem significativamente furtos em lojas e em bibliotecas.

Desviar a atenção dos infratores. Grupos rivais de torcidas de futebol no Reino Unido são separadas no estádio para reduzir conflitos entre eles, e sua chegada e partida são agendadas para evitar períodos de espera que promovem problemas. Programar o último ônibus para sair imediatamente após o horário de encerramento de bares procura interferir em outra tradição britânica menos admirável, brigas no fim de expediente. Estes são exemplos de desvio da atenção dos infratores dos alvos de crime, uma técnica situacional sugerida pela teoria de atividade rotineira. Outros exemplos são fornecidos pelos esquemas de fechamento de estradas que têm reduzido vários tipos de crimes (ver Closing Streets and Alleys to Reduce Crime, Problem-Oriented Guides for Police, Response Guide No.2, acesso em www.cops.usdoj.gov and www.popcenter.org). Até tiroteios no trânsito em Los Angeles foram reduzidos pelos fechamentos de ruas (ver quadro).

AUMENTAR O ESFORÇO DO CRIME

Dificultar alvos

- Travas de direção e imobilizadores de ignição.
- Proteção anti-roubo em bancos e correios.
- Proteção blindadas para motoristas de taxi.

Controlar o acesso a estabelecimentos

- Interfones na entrada de complexos de apartamentos.
- Cartão eletrônico de acesso a garagens e escritórios.
- Planejamento de espaço defensivo para habitação pública.

Inspecionar as saídas

- *Ticket* necessário para sair.
- Documentos de exportação.
- Etiquetas eletrônicas para lojas e bibliotecas.

Desviar a atenção de infratores

- Separação de torcidas rivais no estádio.
- Fechamentos de ruas.
- Banheiros separados para mulheres.

Controlar ferramentas e armas

- Pistolas mais seguras.
- Copos de cerveja mais resistentes.
- Bloquear chamadas recebidas para interceptar traficantes.
- Fotografias em cartões de crédito e impressões digitais em cheques.

Controlar ferramentas e armas. Salões no Wild West rotineiramente exigiam que clientes entregassem suas armas na entrada, devido ao risco de brigas com armas. Mais recentemente, as chamadas "armas seguras" foram desenvolvidas para que só possam ser disparadas pelo proprietário ou que disparem balas de festim ou

tranqüilizantes. Para que pedaços de vidro não sejam usados como armas quando quebrados, muitos bares no Reino Unido agora usam copos de cerveja mais rígidos. O primeiro uso comercial do identificador de chamadas (em New Jersey, no final da década de 1980) reduziu em 25% as ligações obscenas. O Passo 34 enumera as diferentes formas que as cidades tentaram controlar o uso de telefones públicos em tráfico de drogas, incluindo bloqueios de chamadas recebidas e proibindo-as em locais específicos. Re-programação dos telefones públicos no terminal rodoviário em Manhattan impediu acesso ilegal aos serviços de telefone internacionais, exterminando assim milhões de dólares em fraude perpetradas por garotas de programa. Procedimentos de melhoria da segurança para a entrega de cartões de crédito produziu uma queda substancial nas fraudes com cartão de crédito no país em meados da década de 90 (Passo 11).

UMA SOLUÇÃO PARA TIROTEIOS NO TRÂNSITO

Gangues rivais frequentemente resolvem disputas atirando em membros da gangue adversária em automóveis em movimento. Estes tiroteios “em trânsito” são difíceis de evitar através do trabalho com jovens ou pelo policiamento intensificado. Uma solução nova, Operação Cul de Sac (rua sem saída), foi experimentada em uma área de 10 quarteirões em Los Angeles, que tinha sofrido o nível mais alto de tiroteios no trânsito e homicídios de gangues da cidade. A polícia instalou barreiras de tráfego nas ruas mais afetadas. Estas ruas sem saída impediam carros de entrar em uma extremidade e exigiam que aqueles que entravam na outra extremidade retornassem pelo mesmo caminho. Isto não só tornou mais difícil para os atiradores, mas também aumentou os seus riscos, porque quando voltavam pelo mesmo caminho, seus alvos poderiam estar com as suas armas prontas.

As barreiras trouxeram uma redução imediata nos tiroteios e homicídios no trânsito. No ano anterior à Operação Cul de Sac, em 1989, sete homicídios foram cometidos na área. Nos 2 anos posteriores, depois que as barreiras foram instaladas, apenas um homicídio foi registrado. Não houve qualquer evidência de que os homicídios foram deslocados para outro bairro. Ao fim da Operação, quando as barreiras foram removidas, os homicídios aumentaram novamente ao seu nível anterior.

Fonte: Lasley, James (1998) *"Designing Out" Gang Homicides and Street Assaults*. Research in Brief, National Institute of Justice. Washington, D.C.: U.S. Department of Justice.

40. AUMENTE OS RISCOS DO CRIME

De acordo com entrevistas com criminosos, eles se preocupam mais com os riscos de serem apreendidos do que com as consequências de serem presos. Isto faz sentido, porque eles fazem pouco para evitar a punição se forem capturados, mas podem se esforçar para reduzir os riscos de captura ao serem mais cuidadosos. Por esta razão a prevenção situacional visa aumentar os riscos dos criminosos de serem apanhados e não faz qualquer tentativa de manipular a punição.

Extenda a vigilância. Cohen e Felson mostraram que o aumento de arrombamentos em residências durante os anos 60 e 70 foram, em parte, devido ao aumento do número de mulheres que trabalhavam fora de casa. Isto significava que, para a maior parte do dia muitos lares, se não bairros inteiros, não tinham “guardiões eficazes”. Outras pesquisas revelaram que os arrombadores preferem cometer crimes nas tardes durante a semana, quando é mais provável que as pessoas estejam fora de casa. Isto explica por que as pessoas devem cancelar a entrega de jornais e informar os seus vizinhos quando saem de férias. Ter um telefone celular ou sair à noite em grupo são outros meios de estender a vigilância. Pouco se sabe sobre a eficácia dessas precauções de rotina e avaliações de grupos de vigilância de bairros, o único esforço sistemático para estender a vigilância, ainda não foram animadoras. No entanto, observação de bairros “casulo” (bem protegidos), no qual os moradores das residências eram alertados depois da ocorrência de um arrombamento no bairro, foi um elemento importante de um projeto bem sucedido em Kirkholt na Inglaterra.

Ajude a vigilância natural. Chefes de família podem arbustos perto de suas janelas e portas e lâmpadas iluminam os interiores à noite para aproveitar a vigilância “natural” prestada por pessoas em seus afazeres diários. Reforçar a vigilância natural também é o principal objetivo da melhoria da iluminação pública e da arquitetura de espaço defensivo. Estudos no Reino Unido constataram que a melhoria da iluminação em moradias populares reduz os crimes com pouca evidência de deslocamento. Um componente de uma intervenção anterior do CPTED para reduzir furto em uma faixa comercial em Portland, Oregon, foi a melhoria da iluminação do lado de fora das lojas. Oscar Newman tem relatado êxitos na redução do crime em moradias populares através da implementação dos princípios de vigilância natural. Finalmente, linhas diretas e programas de combate ao crime são tentativas de se aproveitar da vigilância natural oferecida pelo público.

Reduza o anonimato. Expansão da posse de automóvel tem permitido as pessoas trabalharem longe de suas casas. O desenvolvimento de shoppings fora da cidade levou ao declínio de compras no centro das cidades. Viagem de baixo custo aumentaram o turismo tanto para dentro do país como para o exterior. Como resultado, as pessoas passam cada vez mais tempo entre estranhos. A construção de grandes escolas tem contribuído para essa tendência, pois os alunos são menos bem conhecidos pelo corpo de funcionários e por outros alunos. A redução de anonimato é uma técnica situacional promissora, mas raramente utilizada. Algumas escolas estão agora exigindo uniformes, em parte para reduzir o anonimato dos alunos no seu

caminho para a escola e de volta pra casa. Crachás de identificação de taxistas e adesivos do tipo "Como estou dirigindo?" com números 0800 em caminhões são mais duas formas de se reduzir o anonimato.

Use gerentes de local. Além da sua principal função, alguns funcionários também desempenham uma função de vigilância. Estes "gerentes de local" incluem vendedores de lojas, porteiros de hotéis, e guardadores de automóveis de estacionamento. Pesquisas canadenses verificaram que complexos de apartamentos com porteiros são menos vulneráveis a assaltos. Premiar atendentes de caixas por detecção de cartões de crédito falsos ou roubados ajudou a reduzir perdas por fraudes anuais de quase US\$ 1 milhão em uma loja de eletroeletrônicos em Nova Jersey. O vandalismo em uma grande frota de ônibus de dois andares no norte da Inglaterra foi substancialmente reduzido quando alguns dos ônibus foram equipados com câmeras de vídeo para os motoristas. Ter dois balconistas em expediente, especialmente durante a noite, tem sido eficaz na prevenção de roubos em lojas de conveniência (veja tabela).

Reforçe a vigilância formal. A vigilância formal é fornecida pela polícia, guardas de segurança, e detetives particulares, todos aqueles que apresentam uma ameaça para os criminosos potenciais. Alarmes anti-roubo, vídeo câmeras, e câmeras de velocidade podem aumentar essa vigilância. Um estudo em uma comunidade afluyente perto da Philadelphia constatou que a posse generalizada de alarmes anti-roubo reduziu os custos da polícia através da redução das taxas de assalto para a comunidade como um todo. Estudos do *Home Office* encontraram reduções significativas em uma variedade de crimes após a instalação de vídeo câmeras em cidades britânicas (ver Video Surveillance of Public Spaces, Problem-Oriented Guides for Police, Response Guide No.3, acesso em www.cops.usdoj.gov and www.popcenter.org). Uma avaliação de radar fotográfico instalado em todo o estado de Victoria, Austrália, mostrou que o radar reduziu o excesso de velocidade e contribuiu para 45% na redução de mortes no trânsito. Um serviço de moto-patrolha bem divulgado pela mídia prestado por uma empresa privada de segurança em um grande estacionamento no subúrbio de Vancouver, Canadá levou a uma queda substancial em roubo de carros. Quando a segurança começou a fazer contagens sistemáticas e diárias de mercadorias de alto risco, como videocassetes e câmeras de vídeo, furtos feitos por empregados diminuíram mais de 80% no depósito de uma grande loja de eletrônicos em New Jersey. Novas formas de reforço da vigilância formal são obtidos pelo cruzamento de conjuntos de dados sobre os indivíduos, como demonstrado num estudo realizado por Eckhart Kuhlhorn. Ele demonstrou que teste cruzado das declarações de rendimento pessoal feita por requerentes a dois departamentos diferentes do governo sueco reduziu fraudes na previdência. Quando as pessoas requeriam concessão de aluguel eles tendiam a omitir informações sobre a renda, mas quando eles requeriam benefícios por motivos de doença, eles tendiam a exagerar nas informações. A habilidade de cruzar informações sobre declaração de renda reduziu essas fraudes substancialmente.

Leia mais:

Painter, Kate and Nick Tilley (1999). "Surveillance of Public Space: CCTV, Street Lighting and Crime Prevention." *Crime Prevention Studies*, volume 10. Monsey, NY: Criminal Justice Press. (Acesso em parte em www.popcenter.org).

**MEDIDAS QUE REDUZEM ROUBOS EM LOJAS DE CONVENIÊNCIA
(RESULTADOS DE 14 ESTUDOS)**

	Número de estudos de apoio*
Dois ou mais atendentes	10
Boa manipulação de dinheiro	8
Sem entradas escondidas	6
Lojas próximas	5
Visão clara da frente da loja	5
Fechado durante a noite	5
Tecnologia de segurança	5
Atendente de caixa em cabine segura	4
Treinamento de funcionários	4
Visão clara dentro da loja	3
Bombas de gasolina na frente	3
Atendente de caixa no centro da loja	3
Loja em rua movimentada	2
Segurança presente	2

* Nem todos os estudos incluíram todas as medidas

Fonte: Hunter and Jeffery (1997). "Preventing Convenience Store Robbery through Environmental Design." *Situational Crime Prevention: Successful Case Studies*, Ronald Clarke. Monsey, NY: Criminal Justice Press.

AUMENTAR OS RISCOS DO CRIME

Vigilância estendida

- Promover precauções de rotina, tais como deixar sinais de que há alguém em casa quando sair da mesma, carregar um telefone celular, e sair à noite em grupo.
- Vigilância bairro "casulo."

Ajudar na vigilância natural

- Melhoria da iluminação pública.
- Planejamento de espaço defensivo.
- Vigilância do bairro e linhas de denúncia direta.

Reduzir o anonimato

- Identificação de taxistas.
- Adesivos de "Como estou dirigindo?"
- Uniformes escolares.

Usar gerentes de local

- Treinar funcionários para a prevenção de crimes.
- Recompensar a vigilância.
- Apoiar informantes com apito.

Reforçar a vigilância formal

- Câmeras de velocidade e testes de bafômetro.
- Vídeo vigilância dos centros das cidades.
- *Bike*-patrulhas concentradas em estacionamentos.

41. REDUZA AS RECOMPENSAS DO CRIME

A teoria da escolha racional afirma que criminosos estão sempre procurando favorecerem a si próprios com seus delitos. Essas vantagens não são simplesmente materiais, como nos furtos, pois existem muitas outras recompensas do crime, incluindo o prazer sexual, intoxicação, excitação, vingança, respeito dos companheiros, e assim por diante. Uma vertente importante da prevenção situacional de crime é, portanto, compreender as recompensas de qualquer categoria específica de crime e encontrar as formas de reduzi-las ou removê-las.

Ocultar Alvos. Chefes de família tentam enganar assaltantes ao esconderem jóias ou outros objetos de valor. Eles também mantêm as suas cortinas fechadas para impedirem que ladrões olhem dentro de suas casas através das janelas para verem o que possuem. Algumas pessoas não usam correntes de ouro em público, e outras evitam deixar os seus carros pernoitarem na rua se esses forem de modelos atraentes para “joyriders”, como Hondas e Acuras. O quadro apresenta dados do *British Crime Survey* que mostram que os automóveis deixados na rua estão em muito maior risco de furto do que os carros deixados em garagens do proprietário ou nas entradas laterais das residências. Essas são formas de ocultar alvos e reduzir a tentação. Algumas outras estratégias de ocultação são menos evidentes. Por exemplo, listas telefônicas que não distinguem o gênero ajudam a protegerem mulheres de telefonemas obscenos, e caminhões blindados sem sinais de identificação da mercadoria que transportam podem reduzir o risco de roubos em trânsito.

FURTO DE CARROS E LOCAIS DE ESTACIONAMENTO, INGLATERRA E PAÍS DE GALES, BRITISH CRIME SURVEY

Local de Estacionamento	Crimes de veículos * por 100.000 Automóveis a cada 24 horas
Garagem em casa	2
Entradas laterais das residências / abrigo de carros	40
Outra rua	327
Estacionamento público	454

* Inclui o furto de carros, furtos de objetos ou partes dos carros, tentativas e danos deliberados

Fonte: Clarke, Ronald and Pat Mayhew (1998). "Preventing Crime in Parking Lots." *Reducing Crime through Real Estate Development and Management*, Marcus Felson and Richard Peiser. Washington, DC: Urban Land Institute.

Remover alvos. A instalação de uma máquina que aceitava cartões de crédito em uma igreja espanhola trouxe muitas vantagens: os doadores recebiam recibos para efeitos fiscais, a igreja recebia maiores doações, e, uma vez que o dinheiro não era depositado, a igreja reduziu o risco de roubos com a remoção dos alvos. Uma aplicação anterior desta mesma técnica situacional vem dos tempos da corrida do ouro na Califórnia. Atormentados pelos roubos de carruagens, uma mina começou a fundir ouro em cubos de 400 libras. Esses eram muito pesados para ladrões levarem a cavalo. Exemplos mais atuais são as mudanças feitas em orelhões. Para evitar que as

peças estraguem as cabines de vidro em locais de alto risco no Reino Unido, essas foram substituídas por quiosques e cartões pré-pagos que dispensam a necessidade de estoque de grande quantidade de dinheiro removendo-se assim um importante alvo de roubos. Talvez o exemplo mais impressionante de remoção de alvo é a introdução do sistema de tarifa exata e cofres nos ônibus, que reduziram drasticamente os roubos de motoristas em Nova Iorque e em outras 18 cidades na década de 60.

Identificar propriedade. Veículos em países desenvolvidos devem ser registrados e devem conter um número exclusivo de identificação do veículo (Vehicle Identification Number - VIN). O propósito é o de ajudar na tributação, mas essas medidas também reduzem os roubos. Um dos últimos estados a exigir o registro de automóveis foi Illinois em 1934, e portanto, roubos de veículos diminuíram de 28.000 no ano anterior, para cerca de 13.000. Mais recentemente, o Ato de Reforço da Lei de Roubo de Veículo (Motor Vehicle Theft Law Enforcement Act) de 1984 decretou a identificação de todas as principais partes dos automóveis considerados de "alto risco" com VINs. Programas de "operação de identificação" da polícia têm tido pouco sucesso nos EUA, mas Gloria Laycock do *Jill Dando Institute of Crime Science* constatou que a identificação de propriedade empreendida em três pequenas comunidades do País de Gales, combinada com extensa publicidade, reduziu pela metade o número de roubos domésticos reportados.

Interromper mercados. Criminólogos e policiais têm se dedicado pouco em compreender e interromper mercados de bens roubados. Criminólogos têm tido dificuldade em obter dados sobre esses mercados e a polícia tem preferido prestar mais atenção à captura de ladrões e assaltantes do que nas pessoas que vendem mercadorias roubadas, em parte porque as sanções para venda de bens roubados são relativamente leves. No entanto, se não houvesse mercado para bens roubados haveria poucos assaltantes reincidentes e poucos roubos de caminhões que transportam grandes cargas de tabaco e álcool. Os recentes trabalhos de Mike Sutton para o *Home Office* têm despertado o interesse na interrupção de mercados de bens roubados. As medidas de interrupção precisam ser adaptadas à natureza do mercado e elas incluem o acompanhamento sistemático da polícia das lojas que fazem transações de hipoteca de objetos valiosos em troca de empréstimo de dinheiro, repressão dos vendedores ambulantes ilegais, e acompanhamento de pequenos anúncios de vendas em jornais para identificação de vendedores reincidentes de mercadorias roubadas. Operações policiais que instalam lojas falsas de mercadorias usadas devem ser evitadas porque, de acordo com resultados de pesquisa, elas podem estimular o roubo na área próxima do local onde a operação foi executada.

Negar benefícios. Instalar quebra-molas é uma maneira certa de retirar as vantagens de motoristas dirigirem em alta velocidade. Rádios de carro com código de segurança e etiquetas à base de tinta para proteção contra roubo são mais alguns exemplos de técnicas de prevenção de crime. Rádios de carro com códigos de segurança não podem ser usados, a menos que o ladrão saiba o PIN e, de acordo com estudos realizados nos Estados Unidos e na Austrália, automóveis com estes aparelhos têm

taxas mais baixas de roubo. Etiquetas de tinta são usadas em lojas de roupas para evitar furtos. Elas liberam uma tinta quando se tenta mexer indevidamente e indelevelmente mancham a peça a que estão pregadas. O ladrão não pode vestir a peça de roupa ou vendê-la, o que remove o incentivo para roubo.

Leia Mais:

Sutton, Mike and colleagues (2001). *Tackling Stolen Goods with the Market Reduction Approach*. Crime Reduction Research Series Paper 8. London: Home Office.

REDUZIR A RECOMPENSA

Ocultar alvos

- Estacionamentos particulares para carros que atraem “joyriders.”
- Lista telefônica sem distinção de gênero.
- Caminhões blindados sem sinais de identificação de mercadorias transportadas.

Remover alvos

- Aparelhos de som automotivo removíveis.
- Abrigos para mulheres.
- Cartões pré-pagos para telefones públicos.

Identificar propriedade

- Marcação de propriedade.
- Licenciamento de veículos e marcação de peças.
- Marcação de gado.

Interromper mercados

- Controle de lojas de hipoteca.
- Controle de anúncios classificados.
- Licenciar vendedores ambulantes.

Negar benefícios

- Etiquetas de tinta em mercadorias.
- Limpeza de grafite.
- Desativar celulares roubados.

NEGAR AS VANTAGENS DA PIXAÇÃO

Metrôs pichados tornaram-se quase uma marca comercial da cidade de Nova York nas décadas de 70 e 80, e eles frequentemente apareciam na abertura de filmes que eram gravados lá. As autoridades do metrô tentaram inúmeras leis de reforço e estratégias para livrar os vagões da pichação, mas com pouco resultado.

Eventualmente eles tiveram uma idéia simples que trouxe resultados: uma vez que um vagão havia sido limpo da pichação ele seria imediatamente colocado em serviço e limpo novamente se atraísse mais pichação. Isso efetivamente negava aos pichadores a recompensa de verem suas obras exibidas para o público. Devido ao grande número de metrôs, levaram-se seis anos até que todos os metrôs fossem limpos. Hoje em dia, eles não estão piores do que os metrôs em outras cidades.

Metrôs limpos

Ano	1984	1985	1986	1987	1988	1989
Meta	—	1720	3434	4707	5946	6221
Atual	400	1915	3454	4839	6077	6245

Fonte: Sloan-Howitt, Maryalice and George Kelling (1997) "Subway Graffiti in New York City: 'Gettin up' vs. 'Meanin it and Cleanin it.'" *Situational Crime Prevention: Successful Case Studies*, Ronald Clarke, Monsey, NY: Criminal Justice Press.

42. REDUZA PROVOCAÇÕES

Ao estudar as prisões e os bares, Richard Wortley observou que a multidão, o desconforto, e o tratamento rude provocou violência em ambos os locais. Isto o levou a afirmar que a prevenção situacional se concentrou muito exclusivamente nas oportunidades de crime e tinha negligenciado as características da situação que precipitam ou induzem o crime. Como resultado do seu trabalho, Clarke e Cornish incluíram cinco técnicas para reduzir o que eles chamaram de "provoações" na sua nova classificação das técnicas situacionais. Essas técnicas são explicados abaixo, inspirando-se nos exemplos de Wortley.

Reduzir a frustração e o estresse. Todo mundo fica indignado quando é tratado mal por garçons, quando as pessoas passam na frente para serem servidos, ou quando o trem está atrasado sem explicação. Às vezes, elas ficam tão irritadas que elas se tornam violentas. Esta situação poderia ser evitada pela melhoria do serviço, o qual é cada vez mais exigido e oferecido. No entanto, as queixas podem ser ignoradas quando aqueles que foram maltratados têm pouco poder. Por exemplo, os prisioneiros são frequentemente ignorados quando se queixam de que não podem comer quando sentem fome ou escolher os seus programas de TV, embora essas queixas poderiam ser resolvidas muito facilmente com a reorganização do horário das refeições ou o fornecimento de mais TVs. A espera para usar o telefone, outra fonte de frustração dos prisioneiros, pode ser reduzida, através do sistema informatizado, com o racionamento da utilização do telefone (ver quadro). Surto de cólera e violência podem também resultar da submissão de pessoas a condições de extremo desconforto – muito barulho, superlotação, e falta de lugar para se sentarem. Essas condições comuns em muitos clubes, bares e vôos atrasados têm consistentemente provocado problemas. Mais lugares para se sentar, músicas relaxantes, e iluminação atenuada são formas de reduzir a tensão nesses cenários.

Evitar confrontos. No Reino Unido, grupos rivais de torcedores são separados nos estádios de futebol e sua chegada e partida são agendadas, evitando-se assim os períodos de espera que causam problemas. Tarifas de taxi do Kennedy Airport de New York para Manhattan são fixos em um padrão de \$45, evitando-se fraudes e disputas sobre as tarifas. Numa tentativa de se promover uma gestão consensual da multidão no *Australian Motorcycle Grand Prix*, foi permitido aos motociclistas acampanharem com seus seus companheiros motociclistas, incentivando-os a desenvolverem normas para utilização das instalações. Isto ajudou a eliminar os confrontos entre a polícia e os motociclistas que perturbaram o evento nos anos anteriores.

Reduzir estímulos e tentação. Médicos não devem realizar exames físicos detalhados em pacientes do sexo feminino sem uma enfermeira ou recepcionista presente. Isto protege o médico contra falsas acusações, mas também reduz a tentação de querer abusar sexualmente da paciente ou fazer manobras inapropriadas. Leis que proíbem pedófilos condenados de terem empregos que propiciem contato com crianças, não só protegem as crianças, mas também ajudam os pedófilos a controlarem seus desejos sexuais. A descoberta de que o simples fato de dar uma olhada numa arma de fogo é

capaz de desencadear sentimentos de agressão, fornece uma boa razão para a regulamentação da exibição de armas. Do mesmo modo, o fato de uma alta proporção de criminosos sexuais possuírem ou usarem pornografia violenta fornece o argumento lógico para o controle desses materiais. Finalmente, reduzir a tentação é a base da advertência sobre o cuidado que uma pessoa deve ter ao exibir seu dinheiro em público, bem como sobre o cuidado que mulheres jovens devem ter quando saírem sozinhas à noite.

Neutralizar a pressão exercida pelo grupo. Muitos pais persuadem seus filhos a não confiarem em amigos que consideram uma "má influência" para os mesmos e as escolas separam grupos de desordeiros em diferentes salas de aula. Mas os adultos, bem como as crianças, são objetos de pressão de grupo. Antigos funcionários podem induzir novos trabalhadores a furtar de seus patrões, e os homens jovens são frequentemente incentivados por amigos a beberem em excesso. Uma campanha publicitária organizada na Austrália para reforçar o poderoso impacto dissuasório da realização de testes de bafômetro de forma aleatória usou o slogan, "Bons amigos não deixam amigos beber e dirigir". A campanha publicitária nos Estados Unidos da América usou a frase "Amigos não deixam amigos dirigir bêbados".

Desencorajar a imitação. Todos os novos aparelhos de televisão contêm um "V-chip", para que os pais possam programar suas TVs para impedirem as crianças de assistirem programas violentos. Embora a relação entre os filmes violentos e a violência na sociedade é muito contestada, há alguma evidência de delitos "imitados" porque reportagens da mídia sobre crimes incomuns, às vezes provocam imitação em outros lugares. Também foi mostrado, por exemplo, que os estudantes que vêem os seus professores engajados em atividades ilegais usando computadores são mais propensos a cometerem esses crimes, e que outros pedestres acompanharão uma pessoa atravessando no sinal vermelho. Na verdade, quantas vezes você ultrapassou o sinal vermelho e descobriu numa olhada rápida pelo espelho retrovisor que o carro atrás de você fez o mesmo? Também foi demonstrado que mesas de piquenique em parques que foram riscadas e perfuradas são duas vezes mais prováveis de serem danificadas novamente. Descobertas como estas dão o argumento lógico para a importância de programas de "reparação rápida" para lidar com o vandalismo. Wilson e Kelling ampliaram esse princípio em seu famoso artigo "janelas quebradas" argumentando que a falha em lidar rapidamente com sinais pequenos de decadência de uma comunidade, como mendicância ou solicitação por prostitutas, podem resultar num processo rápido de deterioração à medida que criminosos se deslocam para a área para se beneficiarem do colapso vigente.

Leia Mais:

Wortley, Richard (2001). "A Classification of Techniques for Controlling Situational Precipitators of Crime." *Security Journal*, 14: 63-82.

REDUZIR PROVOCAÇÕES

Reduzir frustração e estresse

- Filas eficientes e bom serviço.
- Ampliação do número de assentos.
- Música relaxante e iluminação atenuada.

Evitar confrontos

- Separação de torcidas de futebol.
- Redução do congestionamento em bares.
- Tarifas de táxi fixas.

Reduzir estímulo e tentação

- Controle sobre a pornografia violenta.
- Proibir pedófilos de trabalharem com crianças.
- Medidas de precauções contra vitimização sexual.

Neutralizar pressão de grupo

- "Os idiotas bebem e dirigem."
- "Tudo bem dizer não."
- Separar os desordeiros na escola.

Desencorajar imitação

- Reparação rápida do vandalismo.
- V-chips em TVs.
- Censura da exibição detalhada do *modus operandi* de criminosos para evitar a imitação de crimes

FRAUDES DE TELEFONE, TEMPO APROVEITADO PARA FAZER ALGO, E VICTORIA SECRETS EM RIKERS ISLAND

Rikers Island, próximo do La Guardia Airport em New York, é um gigantesco sistema de 10 prisões. Ele abriga diferentes categorias de prisioneiros, cujos privilégios com o uso do telefone variam de acordo com o *status* de cada um. Os agentes penitenciários deveriam utilizar agendas para registrarem o uso do telefone e para regularem a quantidade de tempo que cada detento gasta ao telefone. No início dos anos 90, esse sistema falhou. Os detentos desenvolveram um sistema próprio, conhecido como "Tempo Aproveitado para Fazer Algo", e os custos anuais de ligações tinham aumentado para mais de US\$3 milhões. Os prisioneiros mais poderosos controlavam os telefones, que muitas vezes eram usados para acessarem os seus beepers e manterem em atividade o comércio de drogas do lado de fora da prisão. Os presos também acessavam linhas de telesexo e usavam números de cartões de créditos roubados para fazerem chamadas de longa distância e para fazerem compras. Nancy La Vigne, que estudou esse problema como estudante de pós-graduação na Rutgers University, observa, "As prisioneiras acessavam apenas o catálogo da Victoria Secrets, resultando na cadeia com as prisioneiras mais bem vestidas no país – até que os oficiais as deteram".

Os agentes introduziram um sistema telefônico informatizado de alta segurança que colocava limites rigorosos no uso do telefone, de acordo com o *status* do prisioneiro. Os detentos tinham acesso ao telefone através de códigos de barra em suas carteiras de identificação e de um PIN. Esse sistema imediatamente reduziu os custos com telefone pela metade, mas também foi observado que houve menos brigas em relação ao acesso aos telefones. De fato, o estudo de La Vigne mostrou que a taxa mensal desses conflitos caiu de 6,7 por cada 1.000 prisioneiros no ano anterior ao novo sistema de telefones para 3,6 após a sua implementação.

Fonte: La Vigne, Nancy (1994). "Rational Choice and Inmate Disputes over Phone Use on Rikers Island". *Crime Prevention Studies*, volume 3, Ronald Clarke. Monsey, NY: Criminal Justice Press.

43. REMOVER AS JUSTIFICATIVAS PARA O CRIME

Esta quinta categoria de técnicas situacionais reconhece que os criminosos fazem julgamentos morais sobre os seus comportamentos e que frequentemente eles racionalizam sua própria conduta para "neutralizarem" o que de outra forma levaria ao enfraquecimento deles por sentimentos de culpa ou vergonha. Eles alegam coisas como: "Ele merecia isso", "Eu estava apenas pegando emprestado," e "Eu só bati nela." Essas desculpas podem ser especialmente importantes para as pessoas comuns que dão respostas às tentações cotidianas para se esquivarem do pagamento de impostos, dirigirem bêbados, assediarem sexualmente empregados novos e roubarem pertences dos empregadores.

Definir regras. Todas as organizações fazem regras sobre a conduta nos seus campos de atuação. Por exemplo, as empresas regulam o registro de horário dos trabalhadores e as lojas exigem que vendedores sigam rigorosos procedimentos de manipulação do dinheiro. Organizações como hospitais, bibliotecas públicas e hotéis devem, além disso, regulamentar o comportamento dos clientes a que eles servem. Qualquer ambiguidade nesses regulamentos serão explorados, se beneficiarem o cliente. Uma vertente importante da prevenção situacional, portanto, é a definição de regras – a introdução de novas regras ou procedimentos (e o esclarecimento daqueles já em vigor) para eliminar qualquer ambiguidade relativa à aceitabilidade da conduta. Por exemplo, na tentativa de reduzir os "não comparecimentos", muitos restaurantes apenas aceitam reservas se o cliente deixar um número de telefone para que o restaurante possa entrar em contato. Alguns requerem ainda um cartão de crédito de modo que uma taxa será paga caso o cliente não compareça. Exigir que pescadores na Califórnia usem a sua licença de pesca fez com que muitos deles cumprissem com as regras de compra da licença.

Publicar as instruções. Regras de trabalho são frequentemente definidas em contratos de trabalho, e as regras estabelecidas pelas empresas de cartão de crédito, provedoras de telefone, e as companhias de seguros estão contidas nos contratos de serviços. Os regulamentos que regem locais ou estabelecimentos públicos devem ser visíveis para todos, tanto para impedir que as pessoas argumentem ignorância em relação às regras ou para mostrar de forma precisa onde as regras se aplicam. As estradas, em particular, fazem o uso extensivo de sinais que regem a condução ou estacionamento. Estudos revelaram que sinais de advertência reduzem significativamente o estacionamento ilegal em espaços reservados para deficientes físicos. Muitos outros estabelecimentos – parques, faculdades, filas de trânsito e projetos habitacionais – também colocam sinais para controlarem uma grande variação de comportamentos. Apesar da sua ampla utilização, houve poucas avaliações da eficácia preventiva das instruções publicadas – mas elas são um instrumento essencial de aplicação da lei e são frequentemente utilizadas nos esforços de solução de problemas.

Desperte a consciência. Esta técnica situacional difere do "controle social informal" em dois aspectos importantes. Primeiro, o enfoque está em formas específicas de

crime que ocorrem em cenários discretos e muito limitados e, segundo, o objetivo é despertar a consciência em relação à ação de cometer um determinado tipo de delito, ao invés de procurar modificar de forma duradoura as atitudes comuns de violação das leis. Por exemplo, as placas nas entradas das lojas anunciam "Levar produtos de uma loja é roubar", e no terminal de ônibus Port Authority em Manhattan, as placas dizem "Fumar aqui é ilegal, egoísta e grosseiro". Radares que detectam a velocidade dão feedback imediato (sem emitir multas) aos motoristas que dirigem acima da velocidade permitida.

Facilitar a obediência as regras ou a lei. Quando o criminólogo italiano Cesare Lombroso sugeriu no século XIX que as pessoas deveriam ser presas por urinarem nas ruas, o seu aluno Enrico Ferri sugeriu uma forma mais prática de resolver o problema: construir banheiros públicos. Esse é um exemplo de como facilitar o comprometimento às leis, uma técnica de ampla aplicação. Isso inclui medidas para subsidiar corridas de táxi para aqueles que ingeriram bebidas alcólicas, fornecer cestas de lixo e "painéis para grafiteiros" (para mensagens públicas das pessoas), e melhora dos procedimentos para retirada de livros das bibliotecas, que reduzam a demora e as justificativas pelo não cumprimento das regras de empréstimo de livros. Em um artigo clássico sobre a *Disney World*, Shearing e Stenning fornecem uma visão fascinante de como formas de controle e gerenciamento sofisticados de multidão – que envolvem o uso de indicação, placas, e barreiras físicas de pavimentos (que dificultam as pessoas a tomarem a direção errada), e instruções dos funcionários de diversão da Disney – reduzem significativamente o potencial de crime e incivilidade no parque temático (ver quadro).

Controlar drogas e álcool. O crime é facilitado pelo álcool e pelas drogas, que desinibem ou prejudicam a percepção e cognição, de tal maneira que os criminosos ficam menos conscientes da violação da lei. O valor de controles situacionais sobre a bebida têm sido demonstrado frequentemente. Johannes Knutsson, diretor de pesquisa no Norwegian Police College, demonstrou que a limitação da quantidade de álcool que indivíduos poderiam trazer para um resorte da cidade no Midsummer Eve ajudou a reduzir a embriaguez e a conduta desordenada. A pequena comunidade de Barrow, Alaska, instituiu, em 1994, uma proibição total sobre a venda de álcool para impedir festas com bebida, o que levou a uma queda de 81% nas chamadas para solicitações de serviços relacionados à bebida, uma redução de 43% em crimes graves, e de mais de 90% remoções de pessoas embriagadas de lugares públicos (ver a apresentação do Goldstein Award em www.popcenter.org). Os acordos voluntários entre os estabelecimentos locais de bebidas para promoverem o uso de bebida responsável têm reduzido a criminalidade relacionada com o álcool em muitas áreas de diversão noturna na Austrália. A Rutgers University decretou que a cerveja deve ser fornecida em barris ao invés de caixas em festas de dormitórios de estudantes porque as caixas são mais fáceis de serem escondidas e, como um aluno disse: "Se você tiver um barril e uma fila de 20 pessoas atrás dele, as pessoas irão beber menos álcool do que se você tivesse uma geladeira e as pessoas estivessem jogando cerveja fora".

REMOVER JUSTIFICATIVAS

Definir regras

- Acordos de aluguel.
- Códigos de assédio.
- Registro em hotéis.

Publicar instruções

- "Não estacione."
- "Propriedade Privada."
- "Apague as fogueiras no acampamento."

Despertar consciência

- Painéis de exibição de velocidade nas estradas.
- Assinaturas para as declarações aduaneiras.
- "Levar itens da loja é roubar."

Ajudar o cumprimento de regras

- Fácil saída da biblioteca.
- Lavatórios públicos.
- Caixas de lixo.

Controlar o uso de drogas e álcool

- Auto-exame sanguíneo de álcool.
- Intervenção do prestador de serviços.
- Eventos sem álcool.

CHEGANDO NA DISNEY WORLD

- Placas dizem a visitantes que chegam de carro para sintonizar na rádio Disney para obterem informação.
- Placas direcionam os visitantes para o estacionamento que eles devem utilizar e marcações nas ruas mostram o caminho.
- Assistentes de estacionamento sorridentes direcionam os visitantes ao seu espaço e alto-falantes os lembram de trancarem os seus automóveis.
- Os visitantes são direcionados para trens com rodas de borracha que os levam para o monotrilho.
- Anúncios gravados os direcionam a ficarem seguros por trás do guarda-freio.
- Eles são lembrados sobre a localização das suas vagas no estacionamento (por exemplo, Pato Donald 1).
- Eles são (educadamente) solicitados a se sentarem, para manterem seus braços e pernas dentro dos limites do carro, e para se certificarem de que as crianças fazem o mesmo.
- Antes de desembarcarem, eles são informados de como chegar ao monotrilho e barreiras os impedem de ir pelo caminho errado.
- Na plataforma, assistentes os encaminham às cercas da dimensão certa para ocupar um compartimento do monotrilho.
- Portões de segurança na borda da plataforma abrem somente quando o monotrilho chega.
- Quaisquer atrasos no serviço são anunciados e estimativas de horários de chegada são dadas.
- À bordo, os passageiros são convidados a permanecerem sentados, "para a sua própria segurança".
- Os passageiros são informados de como desembarcarem e como se dirigirem para o primeiro passa-tempo.
- São mais uma vez alertados para cuidarem de suas crianças e de pegarem seus pertences.
- Enquanto esperam para entrar em cada exposição, os visitantes são organizados em filas, que indicam o horário de espera; aqueles na fila são entretidos pelos personagens da Disney.
- Ao deixar a exposição, eles são guiados por placas, barreiras e assistentes para a próxima atração.

Fonte: Shearing, Clifford and Phillip Stenning (1997). "From the Panopticon to Disney World: The Development of Discipline". *Situational Crime Prevention: Successful Case Studies* (2nd ed.), Ronald V. Clarke. Monsey, NY: Criminal Justice Press.

44. ENCONTRE O DONO DO PROBLEMA

Muitos problemas surgem do fracasso de algumas instituições – empresas, órgãos do governo, ou outras organizações – de conduzirem seus negócios de uma maneira que previna o crime ao invés de causá-lo. Em suma, muitos problemas ocorrem porque uma ou mais instituições são incapazes ou se recusam a empreenderem uma estratégia preventiva, ou porque essas instituições estabeleceram intencionalmente uma circunstância que estimula crimes ou a desordem. Isso cria estabelecimentos de risco (Passo 28) e outras concentrações de crime.

Resolver problemas normalmente requer a cooperação ativa das pessoas e instituições que falharam em tomar responsabilidade pelas condições que conduziram ao problema. Estes proprietários de problema transferiram a responsabilidade pelo problema de seus ombros para os ombros do público e da polícia. Por conseguinte, um importante objetivo de qualquer processo de solução de problemas é fazer com que eles assumam a responsabilidade. Assim, para qualquer problema, você precisará responder três perguntas relacionadas à propriedade do mesmo:

- Quem é o dono o problema?
- Por que o dono permitiu que o problema se desenvolvesse?
- O que é necessário para que o dono empreenda a prevenção?

Quem é o dono do problema? Quando um problema é localizado em um local específico, é geralmente fácil de se identificar quem é responsável por ele. O dono do problema é o dono do local. O dono de um problema num parque, por exemplo, é o órgão com a responsabilidade pelo funcionamento do parque – normalmente um governo local ou alguma agência privada.

É mais difícil identificar os responsáveis pelos problemas que se espalham em grandes áreas. Se um problema que se espalha está concentrado num local específico, então, esse local pode ser a fonte para a ocorrência desses eventos na áreas próximas, e o proprietário desse local central pode ser o responsável pelo problema. Um especulador imobiliário, que possui muitas propriedades em más condições num bairro, possui também os crimes associados a essas propriedades.

Se existe um grupo especial de pessoas – os idosos, crianças com necessidades especiais, ou vítimas de violência doméstica – e essas pessoas são alvos de crime ou desordem, então, os donos potenciais do problema são os membros da família deles. Se existem órgãos encarregados de assistir o bem-estar desses grupos especiais, esses órgãos são os possíveis co-proprietários dos problemas. Ao tentar reduzir as mortes de trabalhadores imigrantes nas rodovias, a Patrulha rodoviária da Califórnia identificou as empresas que se especializavam no transporte desses trabalhadores. Elas possuíam o problema, mas não se responsabilizavam por eles. A definição de responsabilidade implicou intensificar a regulamentação dessas empresas, incluindo inspeções dos veículos, exigência de assentos e cintos de segurança para determinados tipos de veículos de transporte de imigrantes, e uma maior repressão

policial em relação às violações das medidas de segurança. O resultado foi uma grande redução nos acidentes fatais envolvendo trabalhadores agrícolas imigrantes. Esse esforço recebeu o Prêmio Goldstein por Excelência em Solução de Problema em 2002.

Por que o dono permitiu que o problema se desenvolvesse? Há quatro explicações gerais que sozinhas ou combinadas se enquadram na maioria dos problemas:

1. Uma instituição pode ser *incapaz* de prevenir o crime. Isso pode ser causado pela *ignorância* em relação ao efeito das suas operações no crime ou desconhecimento sobre a forma de evitá-lo. Ou pode ser causado pela falta de recursos, mesmo quando a instituição sabe que suas operações ajudam a gerar crimes. É também importante reconhecer a importância de procedimentos institucionalizados. Mudar os procedimentos pode ser demorado e custoso, tanto em termos dos recursos monetários envolvidos quanto de pessoal. Um novo procedimento de controle de inventário para evitar furtos em lojas e furtos praticados por funcionários das próprias lojas pode ser difícil de ser implementado porque exige mudanças complexas na maneira como os funcionários realizam as suas atividades normais.
2. Algumas instituições podem resistir à prevenção de crime facilitado pelas suas operações porque elas acreditam que corrigir o crime é de competência exclusiva da polícia (por exemplo, postos de gasolina com uma elevada taxa de eventos em que o motorista sai sem pagar a gasolina podem considerar os ladrões de gasolina como o problema, ao invés da falta de uma política de pré-pagamento dos próprios postos). Ao invés de reconhecerem o papel da oportunidade na geração de crimes, algumas pessoas enfatizam exclusivamente o papel dos criminosos. A partir dessa perspectiva, é a função da polícia reduzir o crime através da imposição da lei de forma mais rigorosa. As limitações dessa abordagem foram destacadas no Passo 3. Outra fonte de relutância é a crença de que a polícia está invadindo os direitos de propriedade do proprietário. Um comerciante pode alegar que ele tem o direito de exibir suas mercadorias da maneira que ele desejar, e que a polícia não deve obrigar, ou mesmo sugerir, alternativas que poderiam reduzir os furtos na loja.
3. Algumas instituições se opõem devido aos custos envolvidos na solução do mesmo; elas ganham mais do que perdem por ignorar o crime. Elas podem perceber que os *custos* de prevenção são mais altos do que os benefícios. Pessoal de segurança numa área de entretenimento custa caro e, pessoal de segurança qualificado é muito mais caro. Se os custos do problema não são assumidos pelo estabelecimento então, existe uma necessidade muito pequena de que os custos da prevenção serão assumidos. Em essência, esses estabelecimentos estão exportando os custos do crime e da prevenção para outros, e, assim, reduzem seus próprios custos.

4. Algumas instituições podem *lucrar* com os crimes, como pode acontecer quando uma loja de produtos usados não se esforça em verificar quem é o proprietário legítimo da mercadoria que eles exibem nos mostruários. Oficinas de carro podem comprar auto peças roubadas mais baratas do que peças compradas legalmente, aumentando assim a sua margem de lucros.

O que é necessário para que o dono empreenda a prevenção? Herman Goldstein delineou uma hierarquia aproximada das intervenções destinadas a desviarem a responsabilidade pelos problemas da polícia de volta para as instituições donas do problema (ver quadro).

Partindo-se da base para o topo da lista de Goldstein, as intervenções se tornam cada vez menos cooperativas e cada vez mais coercitivas. Por essa razão, a dificuldade de intervenção aumenta, juntamente com os custos do fracasso para a polícia, à medida que se move para cima na lista. Consequentemente, o valor da informação e análise minuciosa aumenta de baixo para cima. De acordo com Goldstein, esta hierarquia é um indicador aproximado dessas tendências, e não uma descrição exata. No entanto, é útil para o planejamento de um conjunto de respostas sequenciais para um problema – iniciando-se com a intervenção mais cooperativa e trabalhando no sentido ascendente, apenas se necessário e apenas quando for apoiado por informações.

Trazendo de volta a responsabilidade para o dono do problema pode resultar em conflitos jurídicos e políticos. Instituições que aprenderam com o problema, ou prevêm um custo na responsabilização por ele, são pouco prováveis de simplesmente concordarem com uma sugestão para que façam algo à respeito. O problema de falsos alarmes foi abundante durante mais de duas décadas, mas em muitas jurisdições é difícil superar o respaldo político e financeiro da indústria de alarme, que são os principais responsáveis pelo elevado nível de falsos alarmes. Claramente, as medidas preventivas menos onerosas e intrusivas encontrarão a menor resistência (Passo 45). Mas se essas respostas revelarem-se ineficazes, então a polícia frequentemente enfrenta uma escolha difícil: exigir uma maior responsabilidade dos donos do problema e arriscar um conflito político, ou continuar a gastar o dinheiro público em um problema criado por alguns indivíduos. Em resumo, a resposta parece clara, mas na prática, é muitas vezes uma decisão difícil.

Leia Mais:

Scott, Michael (2005). "Policing for Prevention: Shifting and Sharing the Responsibility to Address Public Safety Problems." *Handbook of Crime Prevention and Community Safety*, Nick Tilley. Cullompton U.K.: Willan.

HERMAN GOLDSTEIN E A HIERARQUIA DOS MEIOS PARA MUDAR O DONO DO PROBLEMA

Menos cooperativa / Mais difícil



Mais cooperativa / Menos difícil

Iniciar uma ação cível.

Adotar Legislação Obrigando a Adoção de Prevenção.

Cobrar uma Taxa para o Serviço da Polícia.

Retirar o Serviço Policial.

Vexame Público.

Criar uma Nova Organização para Assumir a Posse.

Engajar outra Organização Existente .

Pedidos de Confronto com Alvos Definidos.

Pedidos Informais Diretos

Programas Educacionais

45. ESCOLHA RESPOSTAS POSSÍVEIS DE SEREM IMPLEMENTADAS

Encontrar uma resposta adequada pode ser um processo penoso. Você pode ficar repetidamente decepcionado quando as intervenções promissoras são vetadas por causa de despesas ou dificuldade, ou por falta de cooperação. Mas há mais de uma forma de resolver um problema. Portanto, eventualmente, a sua equipe irá chegar a um acordo sobre uma resposta que satisfaça a alguns requisitos básicos:

- Não é muito ambiciosa ou cara.
- É concentrada em causas próximas, e não em causas mais indiretas ou distantes, o que oferece uma boa chance de ter um impacto imediato.
- Envolve mecanismo articulado claro através do qual cada resposta possa afetar o problema.

Portanto, finalmente as suas preocupações acabaram e você pode relaxar, certo? Errado! Ainda, mais difícil de se concordar com uma boa resposta é se certificar de que ela está realmente implementada. Você não pode garantir isso sozinho, mas se você conhece as armadilhas da implementação, você pode impedir que os seus colaboradores escolham respostas que possam cair nessas armadilhas. Tim Hope e Dan Murphy identificaram essas ciladas quando estudaram um projeto de prevenção de vandalismo em onze escolas em Manchester, na Inglaterra.

As respostas a serem implementadas em cada escola foram selecionadas por grupos de funcionários do governo local, funcionários da escola e policiais. Grande parte dos danos foi mais por descuido do que intencionados. Isto sugeriu duas soluções: respostas situacionais para protegerem os edifícios ou fornecerem atividades recreativas para desviar as crianças de atividades menos prejudiciais. Apenas um dos onze grupos recomendaram melhorias nas condições de lazer. As respostas situacionais recomendadas eram na maioria, basicamente relacionadas a tornarem o alvo mais difícil (grades nas janelas, cercas altas e vidros mais rígidos), embora as propostas também incluíam um plano para incentivar os moradores locais a vigiarem duas escolas adjacentes e um plano para mover um parque infantil para uma zona menos vulnerável.

As recomendações foram todas implementadas em apenas duas escolas. Em três, nenhuma foi posta em prática e, nas seis escolas restantes, uma ou mais recomendações fracassaram. Essas falhas na implementação significou que houve pouco impacto no vandalismo. Hope e Murphy identificaram cinco principais obstáculos à implementação, todos encontrados em projetos de solução de problemas nos EUA:

1. ***Dificuldades técnicas inesperadas.*** Para oito escolas, os grupos recomendaram a substituição de janelas frágeis com vidraça de policarbonato ou vidro mais rígido. No entanto, nem uma única vidraça de qualquer tipo foi instalada. Os arquitetos da cidade tinham proibido as vidraças de policarbonato porque, em caso de incêndio elas iriam impedir a fuga e poderiam liberar gases tóxicos. Vidros mais rígidos tiveram de ser cortados no tamanho certo antes de serem enrijecidos, mas as

placas de vidro vieram em muitos tamanhos e foi difícil armazenar um pouco de cada tamanho de prontidão. A alternativa de fornecer uma placa por encomenda foi excluída por um prazo longo (seis semanas) que se levaria para fazer isso.

2. **Supervisão inadequada da execução.** Em uma escola foi acordado que o *playground* seria deslocado para uma área menos vulnerável. O *playground* original seria substituído por canteiros, mas isso tinha de ser feito por uma agência governamental que não faria mais do que fornecer uma estimativa para o trabalho. A transferência do *playground* foi sub-contratada a uma construtora privada, mas devido a um mal-entendido, apenas metade da área proposta foi pavimentada. Depois de dois anos, portanto, o vandalismo manteve-se inalterado, não houve canteiros, e a escola adquiriu uma área pavimentada estreita e inútil.
3. **Falha na coordenação da ação entre diversas agências.** Cada uma das recomendações que eram de responsabilidade única da seção de manutenção dos edifícios do sistema escolar foi executada, embora nenhuma daquelas que envolviam outros departamentos ou agências nunca foram realizadas. Por exemplo, foi recomendado que as pessoas que viviam perto das duas escolas deveriam ser encorajadas a vigiá-las depois do horário de funcionamento e denunciar quaisquer suspeitas à polícia. Isto exigia a cooperação da administração do sistema escolar, do diretor, funcionários e alunos das escolas e de três áreas da polícia - prevenção de crimes, relações comunitária e a polícia local. Todos apoiaram a idéia, mas ninguém assumiu a liderança.
4. **Prioridades concorrentes.** Durante o período de execução muitas outras demandas foram feitas ao sistema escolar como resultado da incassável luta trabalhista dos funcionários do governo local e uma reorganização da escola tornou-se necessária pela diminuição da população na idade escolar. Mudanças dos funcionários da escola resultaram em mudanças na redistribuição do pessoal envolvido no projeto sobre vandalismo. Não foi surpresa que os funcionários da escola dessem pouca prioridade ao projeto sobre vandalismo.
5. **Custos inesperados.** Em alguns casos, as consequências mais amplas de um determinado curso de ação superam suas vantagens imediatas. Por exemplo, na escola com o problema de vandalismo mais grave foi decidido que uma patrulha de segurança fosse montada para o próximo período de férias. Os trabalhadores de manutenção da escola foram contratados para patrulhar a escola durante o tempo livre. Essa ação teve um sucesso imediato na redução do vandalismo e foi estendida para além das férias escolares para oferecer cobertura durante a noite e os fins de semana. Outras escolas exigiram a mesma proteção e mais trabalhadores de manutenção queriam a oportunidade das horas de trabalho adicionais. Em última análise, o custo se tornou muito alto e o projeto foi descartado.

Você pode ver na lista acima que alguns problemas de implementação não podem ser previstos e que uma proporção de todas as respostas selecionadas nunca serão

implementadas. No entanto, fica também claro que certos tipos de respostas podem encontrar problemas e estes estão resumidos no quadro. Em alguns casos, certamente, a resposta pode ser tão promissora que vale a pena prosseguir, apesar dos riscos de falha na implementação. Mas ser alertado é estar preparado.

Leia Mais:

Hope, Tim and Daniel Murphy (1983). Problems of Implementing Crime Prevention: The Experience of a Demonstration Project. *The Howard Journal*, XXII, 38-50.

Laycock, Gloria and Nick Tilley (1995). Implementing Crime Prevention. In *Building a Safer Society*, edited by Michael Tonry and David Farrington University of Chicago Press.

ESPERE PROBLEMAS NA IMPLEMENTAÇÃO QUANDO UMA RESPOSTA:

- Requer uma ação coordenada entre vários órgãos distintos.
- Vai levar muito tempo para ser introduzida e envolve uma série de passos a serem completados em seqüência.
- Deve ser executada pelo quadro de funcionários com pouca compreensão da sua finalidade.
- Não há um grande apoiador entre a equipe de parceria.
- Carece de apoio dos altos administradores.

ESPERE TAMBÉM PROBLEMAS QUANDO A RESPOSTA TEM DE SER IMPLEMENTADA POR UMA AGÊNCIA:

- Que está fora da parceria.
- Que têm poucos recursos ou está tumultuada.
- Que terá poucos ganhos direto com a solução.

46. CONDUZA UM PROCESSO DE AVALIAÇÃO

O primeiro passo crítico na avaliação é a realização de uma avaliação do processo. Isso responde à pergunta: "A intervenção foi colocada em prática como planejado e de que forma ela foi alterada pela implementação?" Como mostra a figura, a avaliação do processo tem foco nos recursos que foram empregados pela resposta (inputs) e as atividades feitas com esses recursos (resultados), mas não examina se a resposta foi eficaz na redução do problema (resultados). Para isso você precisa de uma avaliação de impacto, que informará a você se o problema mudou (Passos 47 à 53).

PAPEL DOS PROCESSO DE AVALIAÇÃO E DE IMPACTO

Ambos os tipos de avaliações são necessárias em um projeto POP. A tabela resume as possíveis conclusões com base nas descobertas de ambos os tipos de avaliação. A) A resposta foi implementada de acordo com os planos, e não há outra explicação lógica para a diminuição do problema. Portanto, há provas confiáveis de que a resposta causou a redução. B) A resposta foi executada como planejada, mas não houve redução do problema. Portanto, há provas confiáveis de que a resposta foi ineficaz.

Mas e se a resposta não foi executada como planejado? Neste caso, é difícil chegar a uma conclusão útil. C) Se o problema diminuiu, isso pode significar que a resposta foi acidentalmente eficaz ou algum outro fator foi o responsável. D) Se o problema não diminuiu, então nenhuma conclusão útil é possível. Talvez a resposta implementada teve falhas e a resposta original teria sido eficaz, ou nenhuma delas é eficaz. A menos que a resposta planejada seja implementada, é difícil aprender algo a partir de uma avaliação de impacto.



INTERPRETANDO RESULTADOS DAS AVALIAÇÕES DE PROCESSO E IMPACTO			
Resultado da Avaliação do Processo			
Resultados da Avaliação de Impacto	Redução do problema & nenhuma outra causa similar.	Resposta foi implementada como planejada. A. Evidência que a resposta causou a redução.	Resposta não foi implementada como planejada. C. Sugere que a resposta foi acidentalmente efetiva ou que outros fatores podem ter causado a redução.
	Problema não diminuiu.	B. Evidência que a resposta foi ineficiente.	D. Pouco aprendido.

Uma resposta é uma peça complexa do processo com uma variedade de componentes, em que qualquer pode não funcionar (Passo 45). Uma avaliação do processo examina quais componentes foram executados com sucesso. A lista de verificação da avaliação de processo destaca as perguntas que você deve fazer.

A programação das atividades envolvidos na resposta de um problema é frequentemente crítica. Por este motivo, é útil criar um cronograma do projeto que demonstre quando os componentes importantes foram implementados. Também é útil

mostrar quando os outros acontecimentos imprevistos ocorreram e observar a publicidade da resposta para que você possa observar a ocorrência de Benefícios Antecipados (Passo 52).

Apesar de evoluções inesperadas poderem forçar você a modificar uma resposta, algumas delas podem ser antecipadas através da compreensão do que poderá sair errado com as respostas. Algumas das respostas possíveis são as seguintes:

- 1. *Você pode ter uma compreensão inadequada do problema.*** Você pode ter focalizado muito pouco nas vítimas reincidentes, por exemplo. Isso pode ser causado por hipóteses inválidas sobre o problema ou análises insuficientes (você não procurou por vitimização reincidente, por exemplo). Se, durante o desenvolvimento da resposta, você puder identificar os pontos fracos da sua análise, então você poderá criar planos de contingência (um plano para abordar vítimas reincidentes caso isso revelar-se necessário).
- 2. *Componentes do projeto falharam.*** A lista de avaliação do processo mostra que há muitos pontos críticos de falha. No entanto, nem todos os componentes são igualmente importantes para o sucesso. Além disso, é possível antecipar componentes com taxas elevadas de fracasso. Grupos de cidadãos em geral são bastante variáveis na sua capacidade de cumprir tarefas, por exemplo. Ser redundante ou formular planos reserva pode atenuar falha dos componentes.
- 3. *Criminosos podem reagir negativamente à sua resposta (Passo 11).*** Algumas formas de adaptação negativa podem ser antecipadas e planejadas. Às vezes os locais de deslocamento geográfico podem ser identificados antes da resposta, por exemplo, e ações avançadas de proteção podem ser tomadas para imunizá-los.
- 4. *Há mudanças externas inesperadas que têm um impacto na resposta.*** O orçamento de uma agência parceira pode ser cortado inesperadamente, por exemplo, obrigando-a a diminuir os seus esforços com o problema. Como o problema não dissipará por si próprio, o único recurso é alterar os planos.

Avaliações de processo exigem informações. Estas informações virão em grande parte dos membros da equipe de solução de problemas, por isso é importante que eles documentem suas atividades. Quais atividades eles documentam e quem as arquiva e com qual nível de detalhes são questões que devem ser resolvidas durante o planejamento da resposta.

Lista dos principais pontos do Processo de Avaliação

Componentes da Resposta	O componente é essencial?	A resposta foi executada como planejada?
Quem deve atuar?		
Unidades policiais		
Parceiros governamentais		
Grupos comunitários		
Empresas		
Outros		
O que eles devem fazer?		
Eles tem competência para agir?		
Autoridade legal		
Autoridade local		
Fontes de recursos		
<i>Expertise</i>		
Quando eles devem agir?		
Datas e horários		
Coordenação com outros		
Quem ou o que deve receber a ação?		
Pessoas		
Locais		
A ação foi distribuída de forma apropriada?		
Intensidade		
Duração		
Existem planos substitutos para...		
Falhas no plano		
Adaptação		
Mudanças externas		

47. SAIBA COMO USAR CONTROLES

Você deve pensar em três questões ao avaliar uma resposta:

1. "Qual foi a resposta implementada?" Uma avaliação do processo responde a essa pergunta (Passo 46).
2. "O problema diminuiu?" Compare o nível do problema após a resposta com o nível do problema antes de responder a essa pergunta.
3. Se a resposta diminuiu o problema, então pergunte: "Foi a resposta que causou essa diminuição, ou foi outra coisa?" Geralmente existem muitas explicações alternativas para a diminuição do problema.

Responder à terceira questão requer o uso de controles. O objetivo do controle é excluir explicações alternativas. Diferentes explicações alternativas exigem diferentes tipos de controles, conforme descrito abaixo:

Mudanças na dimensão. Se tivesse havido uma redução no número de inquilinos em um edifício de apartamentos, esperaríamos que o número de roubos diminuísse, pois há menos vítimas potenciais. A redução do número de alvos é uma alternativa para a explicação de porquê a diminuição ocorreu devido à intervenção. Para controlar as mudanças levando em conta a dimensão do problema, divida número de roubos antes e depois da resposta pelo número de apartamentos ocupados antes e depois da resposta. Na tabela, o que parece ter sido uma diminuição dos roubos foi parcialmente causado pela queda no número de apartamentos ocupados. Quando isso é considerado, ainda notamos um efeito da resposta. Se os períodos antes e depois são de dimensões substancialmente diferentes, o controle para isso é dividir novamente pelo número de meses antes e o número de meses depois para obter o número de roubos por unidades ocupadas por mês.

USANDO TAXAS PARA CONTROLE PELAS MUDANÇAS NA DIMENSÃO			
	6 meses antes	6 meses depois	Mudança
Roubos à residência	41	20	-21
Unidades ocupadas	83	73	-10
Roubos/ Unidade ocupada	.494	.286	-.208

Ciclos de atividade. A atividade humana oscila ao longo dos dias, semanas, e meses. Alguns dos ciclos mais comuns incluem o deslocamento diário de longa distância para ir à escola, ao trabalho e divertir-se, e viajar nas temporadas e nos feriados. Esses ciclos causam mudanças regulares nos problemas. Para controlar por ciclos, compare a mesma parte do ciclo antes da resposta com a mesma parte do ciclo após a resposta.

Tendências a longo prazo no problema. Os problemas podem piorar (ou melhorar) antes da resposta (Passo 26). Sem considerar as tendências, pode-se concluir que a resposta foi responsável, quando na realidade isto poderia ter ocorrido de qualquer maneira. Existem duas formas de controlar por tendências. O primeiro método consiste em medir o problema por um longo período antes da resposta, para que qualquer tendência possa ser identificada. Desvios significativos da atual tendência depois da resposta são indícios do efeito da resposta. Efeitos antecipados (Passo 52) são reduções no problema devido à resposta, mas que ocorrem antes que a resposta seja plenamente implementada. Esses efeitos têm de ser diferenciados das tendências de longo prazo anteriores a implementação.

O segundo método consiste em comparar as pessoas ou lugares que receberam a resposta com um grupo similar de pessoas ou lugares que não receberam a resposta. Isso é chamado de grupo controle ou uma comparação de grupo. Um grupo controle deve ser similar ao grupo resposta com relação ao problema, mas não pode receber a resposta. Um grupo controle diz a você o que teria acontecido com o grupo resposta, *se o grupo resposta não tivesse recebido a intervenção*. Se o grupo resposta muda diferentemente do grupo controle, isso é prova do efeito da resposta.

Outros eventos inesperados. Muitas outras coisas mudam quando a resposta é implementada, podendo cada uma das quais ter causado a diminuição do problema. Ao invés de uma resposta de redução de acidente causando a diminuição do número de acidentes em uma estrada, por exemplo, o tráfego lento da estrada devido a reparações, ocorrendo ao mesmo tempo da resposta, pode ter sido a causa. A abordagem padrão é utilizar um grupo controle, como discutimos para a análise das tendências. A área de controle só é útil se for afetada pelos mesmos fatores que a área de resposta. Portanto, contar acidentes nas estradas de resposta e controle, ambas as quais são influenciadas pelos reparos na estrada, poderia dizer se os reparos contribuíram para a diminuição do número de acidentes.

Mudança na medição do problema. Uma comparação antes e depois só é válida se o problema tiver sido medido da mesma forma antes e depois da resposta. Diferenças nas medidas podem causar uma mudança visível no problema. Use os mesmos procedimentos de medição antes e depois da implementação da resposta. Observações antes e depois devem ocorrerem nos mesmos locais e ao mesmo tempo, observar os mesmos fatores, e registrá-los da mesma forma. Fotografias e vídeos registrados antes e depois devem ser realizados sob a mesma luz e sob os mesmos ângulos, na mesma distância, e usando o mesmo tamanho da área da imagem. Os entrevistadores devem ser os mesmos antes e depois, fazendo as mesmas perguntas, numa mesma ordem. Examine registros oficiais para determinar se as práticas de gravação são estáveis ao longo do tempo.

Redução natural de um extremo muito elevado. Muitos problemas são abordados porque as coisas tornaram-se bastante ruins. Portanto, a resposta é implementada quando o problema está anormalmente elevado. Mas mesmo um problema relativamente estável têm variações. Um problema que agora é anormalmente elevado

pode retornar ao seu nível normal, mesmo se nada for feito (Isso é chamado de "regressão à média", e se aplica também à baixas anormais). Comparação de controles podem não ser úteis aqui, se a área de resposta está no auge do problema e a área de controle não está. Ao invés disso, examine a variação a longo prazo antes da resposta para ver se o problema era extremamente grande.

A figura ilustra algumas dos usos de controles. No sentido horário em torno desta figura, o painel A mostra uma série de 24 meses com uma resposta implementada no início de novembro do primeiro ano. Há um ciclo anual pronunciado e uma tendência descendente que não são causados pela resposta. O pico em novembro na sequência da resposta sugere que a resposta teve um impacto contrário do que se esperava.

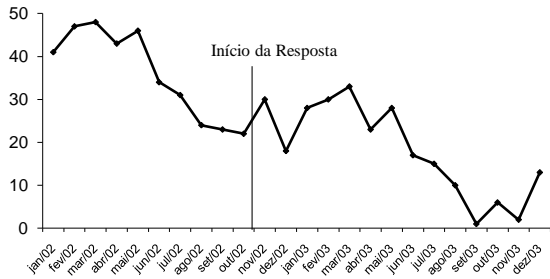
O painel B mostra uma comparação antes e depois (a média de agosto-outubro de 2003 comparada com a média de novembro de 2003 - janeiro de 2004) que sugere um agravamento do problema após a resposta.

No painel C, uma área de comparação foi adicionada. A comparação imediata de antes-e-depois mostra a área de resposta melhor do que a sua área de comparação, mas por causa de efeitos cíclicos não teríamos muita confiança nesses resultados. Comparar os 3 meses antes da resposta com os mesmos três meses um ano depois explica o comportamento cíclico da série de crimes.

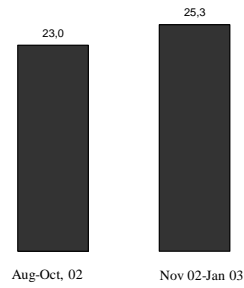
Mas porque parte do declínio em ambos os grupos seja talvez devido à tendência descendente geral, o painel D fornece uma melhor imagem do impacto da resposta. Antes da resposta, a área a ser tratada é consistentemente pior do que a área de comparação. Depois da resposta, ambas estão praticamente do mesmo jeito. Além disso, o pico problemático em novembro parece ser independente da resposta porque ele aparece até na tendência de controle também. A resposta parece ser eficaz, mas não é dramática, de modo que seus resultados foram facilmente acobertados por fatores que necessitam ser controlados – tendências, ciclos, e eventos inesperados.

Alguns usos de Controle

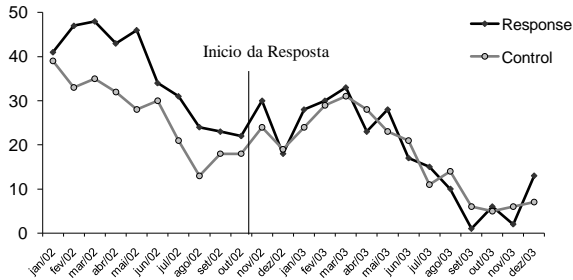
A. Série Temporal Mensal para Resposta na Área



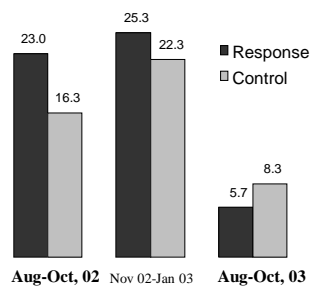
B. Antes e apos uma média de 3 meses



D. Série Temporal Mensal para Áreas de Resposta e Controle



C. Antes e depois da mesma média de 3 meses



48. CONSIDERE O DESLOCAMENTO GEOGRÁFICO E TEMPORAL

Deslocamento geográfico ocorre quando a intervenção bloqueia as oportunidades de crime ou desordem em um estabelecimento ou em uma área, e os infratores deslocam-se para outros estabelecimentos ou áreas para cometerem crimes. O deslocamento temporal também resulta de uma prevenção bem sucedida, mas, neste caso, os infratores mudam o período de crimes para outras horas ou dias.

Os criminosos podem ter dificuldade de deslocarem-se para outros locais porque oportunidades que facilitam o crime ou desordem são limitadas (Passo 16). Os infratores podem estar concentrados em alguns locais e não em outros (Passo 16). Vítimas potencialmente vulneráveis podem ser encontradas em algumas localidades, mas não em outras (Passo 29). Alguns estabelecimentos têm controles de comportamento baixos, mas outros não (Passo 28). Oportunidades que existem são *hotspots* ou estão ocultas para os infratores – ou distantes ou não reconhecidas como lugares promissores para o cometimento de crimes.

Os criminosos normalmente não perdem tempo procurando oportunidades em locais distantes de seu *hotspot* quando este é suprimido. Portanto, se eles se deslocam, eles têm maior probabilidade de deslocarem-se para um lugar próximo ao *hotspot* original. A probabilidade de criminosos se deslocarem para outro local diminui à medida que esse for mais longe do *hotspot* original, conforme ilustrado na figura. Além disso, nem todos os espaços são adequados para os infratores. As oportunidades não são distribuídas equitativamente por todo o mapa.

Neste mapa, os diamantes são os lugares com características iguais ao *hotspot* original. Quanto mais próximo do local original, mais suscetíveis são as áreas de serem afetadas pelo deslocamento. Além da distância, a existência de obstáculos naturais pode limitar o deslocamento. Na figura, o rio que flui de nordeste a sudoeste reduz as chances de deslocamento para o leste. Com isto, as contra-medidas de deslocamento podem ser aplicadas com a resposta nos locais mais vulneráveis.

Se o deslocamento geográfico ou temporal ocorre, é mais provável que o crime mude para locais e horários muito semelhantes aos locais e horários afetados pela prevenção. Tais mudanças exigem menos esforço, aprendizagem, e riscos para os infratores do que se deslocassem para lugares e horários muito diferentes. É mais provável que os criminosos tentem esperar até o fim do efeito da resposta, o que explica a constatação de Lawrence Sherman de que os efeitos da supressão diminuem. Se os infratores não podem esperar até o fim de uma resposta, serão os locais e horários mais familiares que terão as maiores chances de estarem sujeitos ao deslocamento do crime. Como Paul e Patricia Brantingham notam, é possível prever as áreas com maior probabilidade de deslocamento. Mas isto exige um conhecimento pormenorizado das oportunidades de crime na situação atual.

Se o deslocamento geográfico ocorrer, isso pode distorcer as conclusões sobre eficiência da resposta. A Tabela 1 ilustra como isto pode acontecer. Neste exemplo, há

três áreas semelhantes com igual número de crimes, antes do tratamento: (1) uma área de tratamento; (2) uma zona adjacente à área de tratamento, e (3) uma área distante da área de tratamento. A área tratada tem uma redução de 25 crimes. No entanto, a zona adjacente tem um aumento de 10 crimes. Isso parece sugerir que, se nada tivesse sido feito na área de tratamento ela também teria experimentado o aumento de 10 crimes. Portanto, a redução líquida é de 35 (redução de 25 delitos na área de tratamento e aumento de 10 crimes que foram evitados).

REDUÇÃO DO DESLOCAMENTO GEOGRÁFICO COM A DISTÂNCIA DO HOT SPOT DO EPICENTRO



Tabela 1: USO DE ÁREAS DE CONTROLE DISTANTES E ADJACENTES NO CONTROLE DO DESLOCAMENTO GEOGRÁFICO

	<i>Antes</i>	<i>Após</i>	<i>Diferença</i>	<i>Efeito Líquido Estimado</i>
<i>Tratamento</i>	100	75	-25	
<i>Área Adjacente</i>	100	110	+10	-35
<i>Área Distante</i>	100	100	0	-25

Mas esses 10 crimes a mais podiam ser causados pelo deslocamento geográfico. Alguém poderia obter resultados melhores usando a área distante de controle para comparação. Como controle, a área distante sugere que se nenhum tratamento fosse implementado, o crime não teria modificado nem na área de tratamento nem nas áreas adjacentes. A implicação disso é que o tratamento causou um declínio de 25 crimes na área de tratamento, mas um aumento de 10 crimes na área adjacente (deslocamento), por uma redução combinada de 15 ocorrências. Embora tenha sido eficiente, o programa não é tão eficaz quanto se esperava inicialmente. O Passo 51 descreve as fórmulas para se levar em consideração o deslocamento ao se avaliar a efetividade da resposta.

Tente selecionar duas áreas de comparação como parte das avaliações: uma próxima à área de tratamento que tenha oportunidades similares de crime para se detectar o deslocamento geográfico (e a difusão geográfica). Seleção válida de áreas de controle e de deslocamento exige que você tenha alguma idéia dos padrões de movimento normais dos criminosos, já que a área de controle precisa estar fora do território de mobilidade deles enquanto que a área de deslocamento deve ficar dentro dela.

O deslocamento temporal pode ser mais fácil para os criminosos porque requer menos esforço. Ele pode acontecer dentro de 24 horas, se, por exemplo, a prevenção é restrita a certos horários mas deixa outros horários desprotegidos. Pode também acontecer dentro de uma semana, ou em períodos mais longos.

Se a avaliação compara os horários com uma resposta de prevenção com horários sem tal resposta de prevenção, pode ocorrer a contaminação de controles temporal. Na Tabela 2, um tratamento acontece no sábado e domingo. O número médio de crimes nesses dias caiu para 25 crimes depois do tratamento, enquanto que os crimes na segundas e sextas-feiras aumentaram em 10. Isso foi devido ao deslocamento temporal? Os dias no meio da semana podem ser controles mais válidos porque eles têm menos em comum com o final de semana do que segundas e sextas-feiras.

Esperar até o fim dos efeitos da prevenção é uma forma comum de deslocamento. Intensificações do policiamento repressivo são particularmente vulneráveis a esse tipo de deslocamento temporal porque essas medidas são temporárias por definição. Se uma intervenção pode ser permanente (diferentemente de uma medida repressiva), então, os criminosos não podem esperar até que seus efeitos diminuam. Eles, então, enfrentam a difícil opção de se deslocarem para locais e alvos menos atrativos ou adotarem novas táticas ou outros crimes. Se tais opções são muito difíceis, arriscadas, insatisfatórias, ou de qualquer forma desestimulantes, eles podem vir a cometer menos crimes.

Quadro 2: USANDO DIAS DA SEMANA PARA CONTROLAR DESLOCAMENTO TEMPORAL					
	Dia da Semana	Antes	Depois	Diferença	Efeito estimado remanescente
Dias de Tratamento	Sab & Dom	100	75	-25	
Dias Próximos	Seg & Sex	100	110	+10	-35
Dias Distantes	Ter-Qui	100	100	0	-25

Leias Mais:

Brantingham, Paul and Patricia Brantingham. (2003). "Anticipating the Displacement of Crime Using the Principles of Environmental Criminology." *Crime Prevention Studies*, volume 16. Monsey, NY: Criminal Justice Press.

Eck, John (2002). *Assessing Responses to Problems: An Introductory Guide for Police Problem-Solvers*. Washington, DC: U.S. Department of Justice, Office of Community Oriented Policing Services. (Accessible at: www.popcenter.org and www.cops.usdoj.gov).

49. EXAMINE A SUBSTITUIÇÃO DE ALVOS, TÁTICAS, E TIPOS DE CRIMES

Além do deslocamento geográfico e temporal, os criminosos podem mudar os seus alvos, táticas, ou delitos.

Substituição de alvo acontece quando os criminosos mudam de alvos recém-protegidos para outros alvos. Em 1970, quando travas de direção se tornaram necessárias em todos os veículos novos vendidos na Grã-Bretanha, os roubos de carros novos passou de 20,9% de todos os carros roubados em 1969, para 5,1% em 1973. No entanto, a taxa geral de roubos de automóveis permaneceu praticamente constante porque os criminosos trocaram os carros novos e protegidos, pelos veículos mais velhos e desprotegidos. Este é um dos poucos casos documentados em que o deslocamento anulou a maioria dos ganhos com a prevenção, pelo menos a curto prazo. Durante um período mais longo, estes dispositivos pareciam ter controlado os roubos para uso temporário. Como esse caso mostra, é fácil para os infratores mudarem para alvos muito semelhantes. Substituição de alvo é menos provável quando alvos alternativos são diferentes dos antigos alvos.

O Passo 42 mostra como o deslocamento geográfico ou temporal pode contaminar os grupos de controle. Se a avaliação de um esforço de prevenção utiliza um grupo controle alvo, então, uma forma similar de contaminação pode ocorrer. Imagine uma resposta para inibir o furto de bolsas de mulheres com mais de 60 anos de idade em um *shopping center*. Para estimar qual seria a tendência no roubo de bolsas de idosos se nada tivesse sido feito, o roubo de bolsas de mulheres entre 45 a 59 anos é medido. Se, sem que soubessemos, os ladrões substituíssem o grupo das mulheres mais velhas protegidas para o outro grupo de mulheres de meia-idade desprotegidas, iríamos concluir que o roubo de bolsas teria aumentado sem uma resposta. Quando se compara esta mudança do grupo de alvos controle com a mudança do grupo de tratamento a tendência é inflarmos por engano a eficácia do tratamento. Um grupo controle mais adequado poderia incluir as consumidoras mais jovens (entre 30 e 44 anos, por exemplo), ou ainda melhor, o roubo de carteiras de consumidores do sexo masculino. Embora nenhuma dessas alternativas sejam perfeitas, elas são adaptações melhores, pois seria de se esperar muito menos deslocamento para alvos diferentes. Ou então, selecione outro distrito comercial como uma área controle – neste caso você teria que se prevenir contra difusão geográfica ou contaminação de deslocamento, Passos 48 e 51.

Mudança de tática ocorre quando os criminosos mudam suas táticas ou procedimentos. Eles podem usar ferramentas diferentes para romperem fechaduras mais seguras, por exemplo. Ou piratas de computador podem alterar os programas computacionais para contornar medidas de segurança mais efetivas. Na medicina, algumas bactérias podem mutar rapidamente e uma droga que é eficiente contra uma forma de bactérias torna-se menos eficiente à medida que as variedades mutantes tornam-se mais prevalentes. Uma forma de contrariar isso é usar tratamentos de dimensão-ampliada que são eficientes contra uma ampla gama de mutações. Da mesma forma, respostas de amplo espectro protegem contra os métodos existentes utilizados pelos criminosos e muitas

modificações destas táticas. Intervenções de dimensão ampla exigem que os criminosos façam grandes mudanças de comportamento, as quais eles podem não serem capazes de fazer. Paul Ekblom descreve a tentativa de mudança de tática após a instalação de barreiras nos correios britânicos para evitar roubos “por baixo dos panos”; alguns criminosos tentaram usar martelos de forja. Esta mudança de tática não foi particularmente bem sucedida, no entanto, e o deslocamento foi limitado. Essas barreiras são um exemplo de uma intervenção de amplo espectro já que elas foram capazes de superarem as novas táticas.

Trocar o tipo de crime é outro tipo de deslocamento que você deveria investigar. Os infratores podem mudar de furto de veículos para arrombamento de veículos, ou sequestro relâmpago. Às vezes avaliamos as respostas a um tipo de crime, comparando a tendência em um tipo semelhante de crime que não foi sujeito a uma resposta de prevenção. Por exemplo, poderíamos selecionar furto de veículos como um controle na avaliação de uma intervenção de roubo de veículos.

Os mesmos princípios de contaminação e proteção aplicam-se para o deslocamento de tática e tipo de crime como encontramos com outras formas de deslocamento. Se a tática ou tipo de crime é muito semelhante à tática ou tipo de crime em discussão, então, o deslocamento poderia contaminar esses controles. Táticas ou tipos de crimes diferentes são menos propensos a contaminação. Mas se eles são muito diferentes, não são um controle útil.

Não existe uma solução perfeita para este problema e metas devem ser alcançadas. A consequência é que é difícil saber se o deslocamento está ocorrendo e difícil avaliar a efetividade da intervenção. Somando-se essas dificuldades significa que várias formas de deslocamento podem ocorrer simultaneamente. De fato, às vezes uma forma de deslocamento exigirá também uma outra forma. Mudança de alvo pode exigir uma mudança de tática, e se os novos alvos não estão nos mesmos lugares que os antigos, o deslocamento geográfico também ocorrerá.

Você não irá encontrar deslocamento, a menos que você procure por ele. Isto significa que você deve analisar um problema de perto e imaginar as formas mais prováveis de deslocamento. Há outras oportunidades para crime ou desordem que são semelhantes às oportunidades que os seus esforços estão tentando bloquear? Os criminosos que você está analisando irão descobrir facilmente essas oportunidades? Procurar por oportunidades de deslocamento antes de finalizar uma resposta traz duas vantagens. Primeiro, você pode desenvolver medidas para detectá-lo caso ele apareça. Mais importante, você pode ser capaz de desenvolver contra-medidas que impeçam o deslocamento.

Leia Mais:

Ekblom, Paul (1987). *Preventing Robberies at Sub-Post Offices: An Evaluation of a Security Initiative*. Crime Prevention Unit Paper 9. London: Home Office.

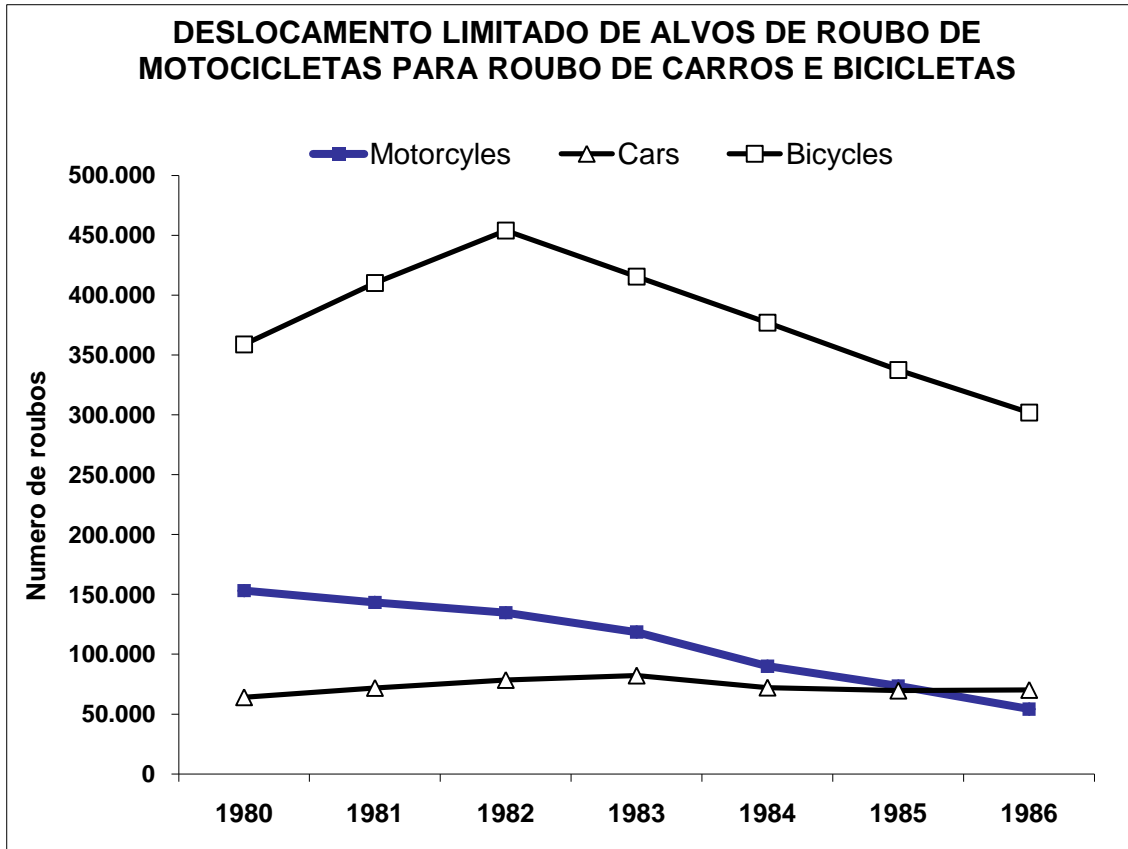
Webb, Barry (1994). "Steering Column Locks and Motor Vehicle Theft: Evaluations from Three Countries". *Crime Prevention Studies*, volume 2, Ronald Clarke. Monsey, NY: Criminal Justice Press. (Accessible at: www.popcenter.org).

UM ESTUDO DE DESLOCAMENTO ALVO: LEIS SOBRE USO DE CAPACETE E A REDUÇÃO DE ROUBO DE MOTOCICLETAS

Na Alemanha (tal como em outros países) a promulgação de leis sobre uso de capacete foi seguida por grandes reduções em roubos de motos. Depois que as leis foram introduzidas no local em 1980, os criminosos que queriam roubar uma moto tiveram que trazer um capacete ou eles seriam notados rapidamente. A figura mostra que até 1986 os furtos de motos tinham diminuído para cerca de um terço do seu nível em 1980, passando de cerca de 150.000 para cerca de 50.000. (O declínio progressivo provavelmente reflete uma coerção mais forte e crescente conhecimento sobre a exigência.) Este fato sugere que o roubo de motos tem um componente oportunista muito maior do que ninguém teria pensado. A existência de excelente dados sobre roubo na Alemanha permitiu que os pesquisadores investigassem se a diminuição no roubo de motocicletas resultou em substituição de alvo para roubo de automóveis ou bicicletas, outras formas de transporte de pessoas.

As outras duas linhas mostram os totais nacionais de roubos de automóveis e bicicletas durante os mesmos anos. Isso fornece algumas evidências limitadas de deslocamento em que o roubo de carros aumentou quase 10% entre 1980 e 1986, de cerca de 64.000 para 70.000. Os roubos de bicicletas também aumentaram entre 1980 e 1983, mas até o final do período diminuíram novamente para um nível inferior ao de 1980. De modo geral, é evidente que, no máximo, apenas uma pequena proporção dos 100.000 roubos de moto salvos pelas leis sobre capacete foram substituídos por roubos de outros veículos.

Um pouco de reflexão mostra por que razão isto não é surpreendente. As motos podem ser particularmente atraentes de serem roubadas. Elas são muito mais divertidas de se dirigir do que andar de bicicleta para os jovens que compõem a maioria dos ladrões. Mesmo que a intenção seja apenas para chegar em casa tarde da noite, uma moto oferece vantagens significativas, em especial se a distância é mais do que alguns poucos quilômetros. As motos também podem ser mais fáceis de serem roubadas do que carros uma vez que estes têm de ser arrombados antes de poderem ser ligados. Tal como bicicletas, carros também oferecem menos emoção do que motos e eles podem exigir mais conhecimento para serem operados.



Fonte: Mayhew, Pat and colleagues (1989). Motorcycle Theft, Helmet Legislation and Displacement. *Howard Journal of Criminal Justice* 28:1-8.

50. ESTEJA ATENTO A CHEGADA DE NOVOS INFRATORES

Os três princípios deste manual são: (1) é preciso mais do que criminosos para que problemas sejam criados, (2) as pessoas não conseguem cometer crimes se não houver uma estrutura de oportunidade que sustente esse comportamento, e (3), alterar as estruturas de oportunidade pode reduzir os problemas drasticamente. Conseqüentemente, as respostas concentradas apenas na remoção dos infratores têm efeitos limitados na solução de problemas. Depois que alguns infratores são removidos, pode haver uma diminuição do problema por um curto tempo, então, ou os infratores antigos voltam para tirar proveito das oportunidades, ou novos infratores começam a tirar proveito delas. Isso é algumas vezes chamado deslocamento de ofensor. A substituição natural de criminosos pode ser lenta, principalmente se as oportunidades são desconhecidas. Mas se alguém descobriu as oportunidades para o crime no passado, outros vão redescobri-las no futuro. E se os antigos criminosos foram removidos através da prisão, alguns podem retornar para aproveitar as oportunidades depois que são soltos.

Novos infratores atraídos pelas oportunidades podem contribuir para os ciclos de crimes de longo prazo. Assalto a bancos em algumas partes dos Estados Unidos podem ser um exemplo disto. Em alguns anos haverá um grande número desses crimes e, em seguida, eles entraram em declínio por vários anos, para depois surgirem novamente mais tarde para reiniciar o ciclo. Uma hipótese para esses ciclos é que durante os anos de pico de roubos, os bancos começam instituindo uma série de medidas preventivas e a maioria dos ladrões são capturados e encarcerados. Esses esforços diminuem os roubos de banco. Depois de vários anos, com poucos roubos, a segurança dos bancos diminui e as oportunidades para esses crimes aumentam. Em seguida, novos criminosos começam a se aproveitarem da baixa segurança, iniciando-se uma nova onda de roubos e de novas medidas de prevenção. Esta hipótese chama a atenção para o fato de que é necessário mais do que aplicação da lei através de medidas repressivas para ser eficiente, e ganhos com a prevenção devem ser mantidos para serem eficientes.

De fato, é muito comum ler descrições de tentativas de solução de problemas que começam com uma descrição da falha dos esforços de natureza mais repressiva. Em qualquer situação, ou os antigos infratores voltam ou os novos infratores os substituem. Existem três maneiras pelas quais novas pessoas são expostas às oportunidades de crimes:

1. Elas estão expostas aos crimes através das suas rotinas diárias normais. A polícia prende jovens roubando itens de carros que estão abertos no centro da cidade, por exemplo, mas carros abertos com pertences expostos permanecem no local. Das muitas pessoas que utilizam o centro da cidade diariamente, poucas irão notar esses veículos e tentarem roubar deles. Se forem bem sucedidos, alguns desses indivíduos irão continuar a roubar de automóveis.

2. Elas estão expostas às oportunidades de crimes através de contatos informais de amigos e conhecidos. As pessoas que já tiraram proveito de uma oportunidade para cometer crimes ou desordem pode convidar outras pessoas para ajudá-las ou para ter a experiência. Sabendo que raramente somos 100% bem sucedidos na remoção de todos os criminosos por longos períodos, geralmente há muitas pessoas que podem introduzir novas pessoas às oportunidades.
3. Elas descobrem as oportunidades através de recrutamento. Um criminoso receptor de mercadorias roubadas pode empregar novos assaltantes se os antigos já não podem trazer-lhe mercadorias. Se a prostituição é organizada, então um explorador de mulheres pode recrutar novas prostitutas para preencher os postos de trabalho deixados vagos pelas ex-prostitutas. As gangues podem recrutar novos membros em substituição dos antigos. Tem sido sugerido que traficantes adultos, confrontados com penas mais rígidas devido à condenação por tráfico, começaram a contratar jovens delinquentes para executar as tarefas mais arriscadas porque as penas para delinquentes menor de idade capturados com drogas eram muito menores do que para adultos.

Como descobrir se os criminosos estão mudando-se para a área? O método mais simples consiste em comparar os nomes dos criminosos associados ao problema antes da resposta com os nomes daqueles associados ao problema depois da resposta. Se os nomes são diferentes, então infratores podem estar mudando para a área. A dificuldade com esta abordagem é que uma lista completa dos criminosos envolvidos é raramente disponível. Portanto, não fica claro se os novos nomes são realmente novos infratores, ou se eles fizeram parte do problema por algum tempo, mas só recentemente foram descobertos.

Entrevistas com criminosos também podem ser úteis. Eles podem informá-lo quando se envolveram no problema, como se envolveram, e quem mais está envolvido. Podem também fornecer informações sobre substituição de táticas e outras formas de deslocamento. Contudo, eles podem cooperar pouco e não serem confiáveis (Passo 10).

Às vezes, uma análise pormenorizada dos métodos usados para cometer crimes pode proporcionar descobertas sobre se novos criminosos estão envolvidos. Se as táticas são radicalmente diferentes daquelas utilizadas anteriormente, existe a possibilidade de que novos infratores estão trabalhando. No entanto, também é possível que os criminosos antigos tenham mudado de táticas.

Leia Mais:

Matthews Roger (1997). "Developing More Effective Strategies for Curbing Prostitution" *Situational Crime Prevention Studies: Successful Case Studies* (2ª ed.), Ronald Clarke. Monsey, NY: Criminal Justice Press.

**COMBINANDO MEDIDAS SEVERAS COM MODIFICAÇÕES NO AMBIENTE:
CONTROLANDO PROSTITUTAS “DE UM DIA” EM FINSBURY PARK**

Roger Matthews descreve um problema de prostituição no bairro de Finsbury Park em Londres. Medidas severas da polícia ao longo de muitos anos não tinham conseguido controlar o mercado de prostituição uma vez que as prostitutas simplesmente retornavam à mesma área. Quando estas medidas foram combinadas com barreiras na rua para dificultar que os homens encontrassem prostitutas quando dirigiam pela área, o nível de prostituição caiu dramaticamente. Matthews sugere que foi a combinação de estratégias – remoção de infratores através de repressão e bloqueio de oportunidade com barreiras nas ruas – que foi responsável pelo declínio. Uma importante razão para o sucesso dessas intervenções foi que as prostitutas não eram profundamente comprometidas com esta forma de ganhar a vida. Algumas delas eram dependentes químicos ou estavam sob o controle de proxenetas. De fato, os motivos mais comuns que atribuíam para trabalharem como prostitutas eram que podiam ganhar mais dinheiro que em outras formas de trabalho, gostavam da independência e divertiam-se conhecendo vários homens. Muitas delas vieram para Finsbury Park de áreas periféricas com bilhetes de trem mais baratos. Junto com outras mulheres, elas alugavam quartos em uma das muitas pensões ou hotéis residenciais na área, ou então trabalhavam nos carros dos clientes. Quando não estavam trabalhando como prostitutas, muitas delas trabalhavam como atendentes em bares, dançarinas ou como atendentes em lojas. Seu compromisso relativamente leve com a prostituição e suas formas alternativas de ganhar dinheiro podem ajudar a explicar por que os investigadores encontraram pouca evidência do deslocamento de prostitutas do Finsbury Park para outras áreas próximas em Londres.

51. ESTEJA ATENTO AOS BENEFÍCIOS INESPERADOS

Você pode subestimar os efeitos da sua intervenção se não levar em conta a difusão de benefícios (Passo 13). Você pode concluir que a intervenção não vale o esforço ou falhou em reprimir o problema. Isto é particularmente verdade quando a difusão contamina seu grupo-controle.

Grupos controle mostram o que teria acontecido com os problemas se nada fosse feito (Passo 47). Eles precisam ser tão similares ao grupo de tratamento quanto possível, mas eles *não podem ser influenciados* pelo tratamento. Se a prevenção se difunde na área de controle, você terá a impressão enganosa de que as coisas teriam melhorado se nenhuma resposta tivesse ocorrido. Esta conclusão inválida o levará a subestimar a efetividade do seu programa. (Veja Passo 48 para questões relacionadas com deslocamento).

Kate Bowers e Shane Johnson sugerem duas maneiras de selecionar áreas controle quando deslocamento ou difusão de benefícios são possíveis. A primeira é criar duas zonas concêntricas em torno da área de tratamento. A prevenção pode se difundir nas áreas limites adjacentes, mas não contamina a área de controle externa. Isto é viável se as áreas de controle e tratamento são muito semelhantes e a difusão ou o deslocamento não atingem a zona de controle. Se estas condições não forem atendidas, então a opção 2 deve ser utilizada. Aqui, áreas de deslocamento/difusão perto da área de tratamento são utilizadas, mas as áreas controle são amplamente separadas das áreas de tratamento e difusão/deslocamento. Controles são selecionados especialmente pela sua similaridade e isolamento da área de tratamento. Áreas de controle múltiplas podem ser seleccionadas e a sua média de crimes calculada.

A figura mostra um exemplo da opção 2. Imagine uma resposta para roubo de veículos em estacionamentos do centro de Charlotte (Passo 27). Uma área *hotspot* de roubo é selecionada para implementação de uma resposta. Os *hotspots* vizinhos são bons locais de difusão/deslocamento. A análise anterior mostrou que uma linha ferroviária através destes estacionamentos facilitou o problema, assim um terceiro estacionamento *hotspot* ao sul e oeste desta linha ferroviária é também um útil local de difusão-deslocamento útil. Estacionamentos-controle não estão sobre a linha ferroviária e longe suficientemente do local de resposta em que a difusão e o deslocamento são improváveis.

Para determinar o efeito global da resposta para o problema (incluindo qualquer efeito de difusão ou deslocamento) você precisa responder quatro perguntas. Cada uma tem uma fórmula simples. As letras nas fórmulas seguem esse padrão.

- R é o número ou taxa de crimes na área de resposta.
- D é o número ou taxa de crimes na área de deslocamento/difusão.
- C é o número ou taxa de crimes na área de controle.
- Os subscritos, *a* e *b*, indicam quando o crime é contado; depois ou antes que a

resposta foi implementada. Por exemplo, R_a é o índice de crimes na área de resposta antes que a resposta foi implementada, e C_b é a taxa de crimes na área de controle depois que a resposta foi implementada.

1. O problema modificou-se depois da resposta? Subtraia o crime na área de tratamento antes da resposta da área de tratamento depois da resposta para obter o Efeito Bruto (Gross Effect - GE):

$$GE = R_b - R_a$$

Um número positivo indica uma diminuição do problema. Zero indica nenhuma mudança. E um número negativo indica que o problema piorou.

2. A resposta foi a provável causa da mudança? Bowers e Johnson sugerem o exame da diferença em termos de razões ou relação de associação entre a área de tratamento e a área controle antes e depois da intervenção; isto é, dividir a resposta anterior pelo controle de antes e diminuir o resultado da divisão entre a resposta após a intervenção pelo controle após a intervenção. Este é o Efeito Líquido (Net Effect - NE):

$$NE = \frac{R_b}{C_b} - \frac{R_a}{C_a}$$

Se o efeito líquido é próximo de zero, a resposta provavelmente foi ineficaz e, caso o NE seja negativo, a resposta pode ter piorado o problema. Em ambos os casos, o deslocamento e a difusão são irrelevantes, assim você pode parar com a resposta a esta pergunta. Mas se o NE é positivo, existe razões para se acreditar que a resposta pode ter causado a melhora. Isso levanta a possibilidade de difusão e deslocamento. Então, você precisa responder a próxima pergunta.

3. Qual é a dimensão relativa do deslocamento ou difusão? Bowers e Johnson propõem o Quociente de Deslocamento com Peso (Weighted Displacement Quotient - WDQ) para medir isso:

$$WDQ = \frac{\frac{D_a}{C_a} - \frac{D_b}{C_b}}{\frac{R_a}{C_a} - \frac{R_b}{C_b}}$$

D_a é a taxa de crime na área de difusão/deslocamento após o programa e D_b é a taxa de crime nesta área antes do programa. O denominador é uma medida da efetividade da resposta, relativa ao controle. Um programa eficiente produzirá um número negativo no denominador. O numerador mostra a quantia relativa de difusão ou

deslocamento. O numerador é negativo quando a difusão está presente e positivo quando há deslocamento. Se é próximo de zero, nenhum dos dois está presente e o WDQ é zero (assim você pode ignorar a pergunta 4). Se o WDQ é positivo, existe difusão (lembre-se, a razão de dois números negativos é positiva), e se for maior do que um, então o efeito de difusão é maior do que o efeito de resposta. Se o WDQ é negativo, há deslocamento. Quando o WDQ é entre zero e um negativo (-1), o deslocamento enfraquece alguns, mas não todos, os efeitos da resposta. Teoricamente, o WDQ poderia ser inferior a um negativo, indicando que a resposta piorou o problema. No entanto, pesquisas sugerem que isto é improvável de acontecer.

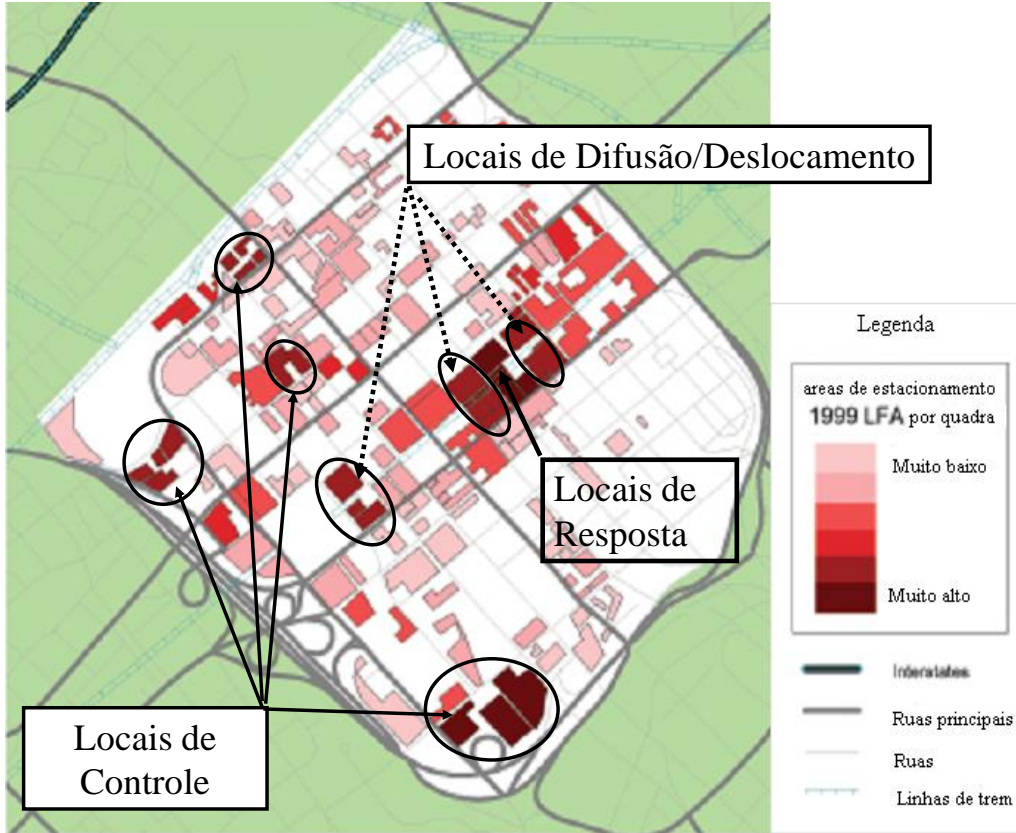
4. Qual é o Efeito Líquido Total (Total Net Effect – TNE) da resposta (incluindo difusão e deslocamento)? Bowers e Johnson sugerem a seguinte fórmula para calcular o TNE:

$$TNE = \left[R_s \frac{C_s}{C_b} - R_d \right] + \left[D_s \frac{C_s}{C_b} - D_d \right]$$

A primeira parte mostra o efeito da resposta na área de resposta. Quanto mais eficiente o tratamento, maior este termo. A segunda parte mostra o nível de difusão ou deslocamento. Será positivo quando houver difusão e negativo quando há deslocamento. Quanto mais positivo o TNE, mais eficiente será a resposta.

Vamos ver agora como essas fórmulas são usadas. Imagine uma resposta para furto de veículos em estacionamentos no centro de Charlotte (Passo 25). Neste exemplo, ilustrado na Figura 2, um hot spot de furto é selecionado para resposta. Os hot spots vizinhos são áreas de difusão/deslocamento (D). A análise demonstrou que a linha de trem através desses estacionamentos facilita o problema, assim um terceiro hot spot ao sul e oeste são também usados como área de difusão/deslocamento. Estacionamentos controle não estão linha de trem e distantes suficiente da área de resposta onde difusão e deslocamento são diferentes. Nós calculamos as taxas de furto (e.g., 20 furtos por 1000 vagas de estacionamento por ano) assim nós podemos fazer comparações entre as áreas com números diferentes de clientes. Isso também nos permite calcular a média entre os múltiplos estacionamentos controle.

Selecionando Locais de Controle e Difusão-Deslocamento



Calculando os Efeitos da Resposta			
	Antes	Depois	A-B
Área de Tratamento (R)	20	12	-8
Área de difusão ou buffer (D= média de múltiplas áreas)	15	11	-4
Área controle (C = média de múltiplas áreas)	18	17	-1
GE = 8	NE = 0.405	WDQ = 0.459	TNE = 10

A tabela mostra resultados hipotéticos. Nós vemos que a difusão contribuiu substancialmente para a efetividade da intervenção, e o efeito TNE foi uma redução de 10 furtos de veículos por 1000 vagas por ano.

Leia Mais:

Bowers, Kate and Shane Johnson (2003). "Measuring the Geographical Displacement and Diffusion of Benefit Effects of Crime Prevention Activity." *Journal of Quantitative Criminology* 19(3):275-301.

52. ESPERE DIMINUIÇÃO ANTECIPADA NO CRIME

Infratores muitas vezes acreditam que as medidas preventivas entraram em vigor antes que elas realmente fossem implementadas. Isto leva ao que foi chamado de "antecipação de benefícios" da prevenção. Embora estes benefícios antecipados podem ocorrer por acidente, a polícia pode fazer esforços deliberados para criá-los ou intensificá-los. Para fazê-lo com sucesso, a polícia deve ter *insights* úteis sobre como os criminosos percebem a situação e ter métodos para enganá-los quanto à verdadeira natureza da intervenção.

Martha Smith e colaboradores encontraram indícios de antecipação de benefícios em 40% dos estudos de prevenção situacional cujos dados poderiam ter revelado tais benefícios. Eles sugeriram seis possíveis explicações para a antecipação de benefícios observada:

- 1. Efeitos de antecipação de preparação** ocorrem quando os infratores acreditam que o programa está operando, antes dele estar realmente funcionando. Por exemplo, um programa de identificação de propriedade pode ser anunciado ao público, mas os moradores ainda não foram mobilizados, ou o circuito fechado de TV pode estar instalado, mas ainda não monitorizado.
- 2. Efeitos de Publicidade/desinformação** ocorrem quando os infratores acreditam, como resultado da publicidade ou rumores que as medidas de prevenção encobrem respostas repressivas. A percepção dos infratores pode ser manipulada, pelo menos a curto prazo, através de desinformação. Ao invés da desinformação, comunicações direcionadas podem às vezes serem eficientes. Um projeto de Boston para reduzir homicídio juvenil usou comunicações diretas com potenciais criminosos para advertí-los que determinados comportamentos resultariam em medidas severas.
- 3. Efeitos de Interrupção de preparação** ocorrem quando a preparação para o programa de prevenção resulta em vigilância nos locais de prevenção. *Surveys* ou pesquisas com os residentes podem alertar os criminosos. Projetos de solução de problemas podem criar respostas antecipadas durante a sua fase de análise se houver pesquisa de opinião conduzida de forma consideravelmente visível na comunidade. No final dos anos 80, como parte da análise de um problema de arrombamento, os membros do Departamento de Polícia de *Newport News* conduziram um survey de porta em porta em todas as casas em um bairro com alto índice de roubos em residências. Isto pode ter contribuído para a subsequente queda nos roubos. Em sua revisão das estratégias do policiamento eficiente, Sherman e Eck notaram que os contatos deste tipo entre polícia-comunidade geralmente tem um efeito na redução do crime.
- 4. Implementação gradual** ocorre quando partes da resposta são colocadas em prática antes da data oficial de implementação. O avaliador pode usar o dia 1 de Junho como a data de início do programa inteiro, mas os infratores percebem essa

implementação em fases nas semanas que antecederam o 1º de junho, e alteram o seu comportamento em conformidade.

5. Efeitos de treinamento-preparação ocorrem quando o planejamento, o treinamento, e os *surveys* ou pesquisas de opinião tornam o público ou a polícia melhor preparados para abordar os problemas e esse novo conhecimento é utilizado por eles antes que o programa entre em vigor. Um programa coordenado de medidas anti-furtos envolvendo múltiplos negócios, por exemplo, pode ser programado para começar numa data específica, mas as discussões e o treinamento dos empregados os tornam mais atentos antes dessa data.

6. Motivação dos oficiais ou do público ocorre por razões semelhantes às do treinamento de preparação, com exceção das pessoas envolvidas que são mais altamente motivadas do que melhor equipadas. A maior motivação leva a um melhor desempenho antes da implementação da resposta.

Usar um cronograma para cuidadosamente documentar quando as partes da resposta foram implementadas é útil para demonstrar que um efeito antecipado é plausível (ver Passo 46).

Smith e seus colaboradores também identificaram quatro circunstâncias diferentes que se disfarçam de efeitos antecipados, mas são realmente os resultados da má interpretação ou análise incompleta:

1. Mudanças Sazonais podem criar falsos efeitos antecipados quando uma intervenção começa logo após uma diminuição sazonal do crime. Controle de sazonalidade (Passos 26 e 47) podem eliminar este problema.

2. Efeitos de Regressão referem-se a declínios naturais de níveis muito altos no crime que ocorrem mesmo se nada for feito (Passo 47). Se uma tendência de crime para um problema diminuiu devido a um efeito de regressão e um programa de prevenção é implementado, o declínio natural se assemelhará a um efeito antecipado. Examinar o nível médio de crime a longo prazo (Passo 26) antes da resposta, como sugerido no Passo 47, pode revelar um efeito de regressão disfarçando um efeito antecipado.

3. Se um tipo de crime (A), foi **registrado repetidamente** ao se alterar a classificação de um outro crime, é possível obter o que se parece com efeito antecipado. Isto pode ocorrer se um tipo de crime foi inflado a fim de obter fundos para abordar esse tipo de crime, e então, seguindo a receita de financiamento, a classificação foi mudada de volta ao normal. Este falso efeito antecipado pode ser detectado observando-se tendências opostas nos outros crimes. Encontrar dois crimes semelhantes que tenham tendências opostas fornece um indício de que mudanças de classificação podem ser responsáveis.

4. Suavizar os dados (Passo 26) para revelar uma tendência mascarada pela variação aleatória pode produzir resultados que se pareçam com efeitos antecipados. Quanto

mais vasto a média móvel (5 períodos, ao invés de 3, por exemplo) e quanto maior e mais abrupto o declínio do crime na sequência da intervenção, mais provável a suavização poderia criar um falso efeito antecipado. Comparar dados suavizados e não suavizados irá revelar este falso efeito antecipado.

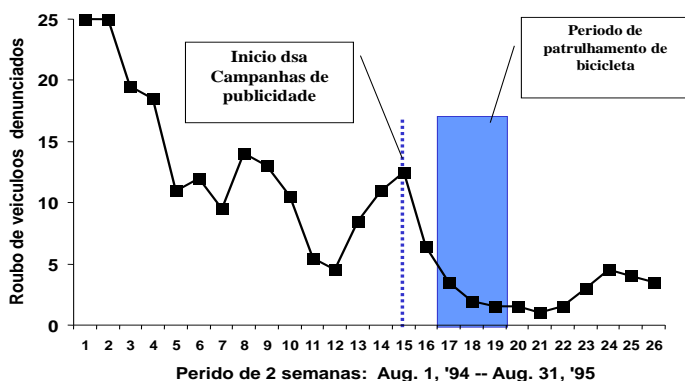
Leia Mais:

Sherman, Lawrence and John Eck. 2002. Policing for Crime Prevention. Pp. 295-329 in *Evidence-Based Crime Prevention*, edited by Lawrence Sherman and colleagues. New York: Routledge.

Smith, Martha and colleagues (2002). Anticipatory Benefits in Crime Prevention. In *Analysis for Crime Prevention. Crime Prevention Studies, Volume 13*. Monsey, New York: Criminal Justice Press.

EFEITOS ANTECIPADOS DA PUBLICIDADE

Paul Barclay e colaboradores avaliaram os efeitos das *bike*-patrulhas nos roubos de carros de um grande estacionamento fora de Vancouver, British Columbia. O roubo de carros diminuiu após a resposta, mas ele já vinha diminuindo por várias semanas antes das *bike*-patrulhas, uma vez que a implementação de uma campanha publicitária antecedeu as *bike*-patrulhas. Neste caso, um efeito antecipado pode ter acrescentado muito para a efetividade geral das patrulhas. Apesar de que uma média móvel foi utilizada para suavizar a variação aleatória, a queda nos roubos entre o início da publicidade e o início da *bike*-patrulhas é grande demais para ser resultado da suavização dos dados.



Fonte: Barclay, Paul e colleagues (1996) "Preventing Auto Theft in Suburban Vancouver Commuter Lots: Effects of a Bike Patrol." *Crime Prevention Studies*, o volume 6, Monsey, NY: Criminal Justice Press.

53. TESTE A SIGNIFICÂNCIA DOS RESULTADOS

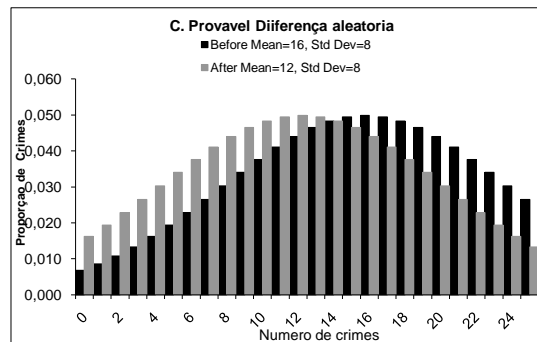
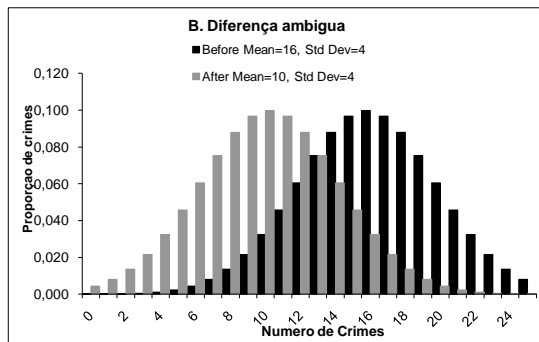
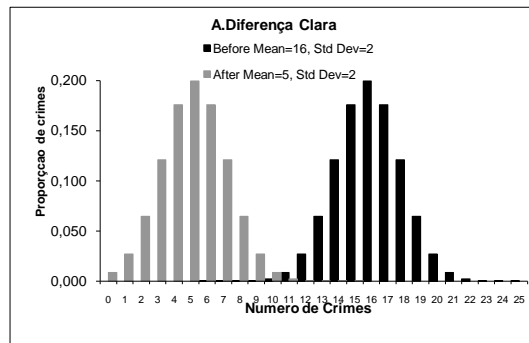
Como você sabe que uma resposta causou uma redução no problema? A maioria dos problemas variam em intensidade, mesmo quando nada é feito com eles. Por exemplo, em média há 32 roubos de veículos por semana no centro de uma certa cidade, mas raramente há semanas com exatamente 32 roubos. Porém, 95% das semanas têm entre 25 e 38 roubos, e em 5% das semanas menos de 25 ou mais de 38 roubos são registrados. Tal variação aleatória é comum. A redução do número de roubos de veículo de uma média de 32 por semana para 24 por semana pode ser resultado da aleatoriedade apenas, e não de uma resposta. Entenda a aleatoriedade como flutuações imprevisíveis do crime devido a um grande número de pequenas influências, assim, mesmo que a polícia não faça algo o crime mudará.

O teste de significância mede as chances que uma mudança no crime é resultado da aleatoriedade. Uma *diferença significativa* é aquela que tem *pouca probabilidade* de ser causada pela aleatoriedade. É mais difícil discernir se uma pequena diferença é significativa do que encontrar significância em uma grande diferença. É também mais difícil de se encontrar uma diferença significativa em um problema de crime normalmente volátil, mesmo que a resposta seja eficiente. E é mais difícil encontrar valor se você está apenas observando alguns casos (pessoas, lugares, eventos, ou horários) do que se você está observando muitos (novamente, mesmo se a resposta foi eficiente.) Você não pode controlar o tamanho da diferença ou a volatilidade do problema, mas você pode ser capaz de coletar dados sobre mais casos.

Considere a seguinte situação. Você quer determinar se o crime diminuiu em uma área como resultado de uma resposta. Você tem um número de dados por semana sobre crimes antes da resposta e um número de dados por semana sobre crimes da mesma área depois da implementação da resposta. Você calcula a média (média aritmética) do número de crimes por semana para cada conjunto de semanas e descobrirá que o crime diminuiu.

A figura mostra três resultados possíveis. Em cada painel existem duas distribuições, uma para as semanas antes da resposta e uma para as semanas após a resposta. As barras verticais em cada gráfico mostram a proporção de semanas com 0, 1, 2, ou mais crimes (por exemplo, no topo da tabela, 6 crimes ocorreram em 20% das semanas após a resposta). No painel A, as distribuições quase não se sobrepõem porque a diferença na média é grande e os desvios padrão dos dois grupos são pequenos (ver Passo 22). Mesmo com poucas semanas de dados, um teste de significância poderia excluir a aleatoriedade como a causa. No painel B, há uma maior sobreposição nas distribuições, menor diferença nas médias, e os desvios padrão são maiores. É preciso muitos mais casos para se detectar uma diferença não-aleatória em situações como esta. No painel C, há uma sobreposição quase completa, a diferença média é ainda menor, e os desvios padrão são ainda maiores. Somente um estudo com um grande número de casos, tem mais probabilidade de encontrar uma diferença significativa aqui.

A conclusão é que quanto menos óbvia a diferença no crime, mais casos você precisará para ter certeza de que a aleatoriedade não foi a causa da diferença.



A teoria da probabilidade permite-nos utilizar a média, o desvio padrão, e o número de casos para o cálculo da probabilidade de que a aleatoriedade é a causa da diferença. Se houver menos de 5% de chances de que a mudança do problema foi devido às oscilações aleatórias, rejeitamos a explicação da aleatoriedade como uma causa da mudança. Aqui, 5% é o nível de significância. Em suma, porque a probabilidade da aleatoriedade ser a causa está abaixo do nível de significância (5%), "supomos", que algo diferente da aleatoriedade causou a mudança. Embora 5% é um nível de significância convencional, você pode escolher um nível mais rigoroso, tais como 1%. Quanto mais rigoroso o nível de significância que você selecionar, maior é a probabilidade de você concluir erroneamente que a resposta foi ineficaz quando na verdade ela funcionou. Este tipo de erro é chamado de "falso negativo" (veja o Passo 37). Você pode escolher um nível de significância rigoroso se o custo da resposta for tão alto a ponto de você precisar ter certeza que ela funciona.

Ocasionalmente, os analistas utilizam um nível de significância menos rigoroso, como 10%. Quanto menos rigoroso o nível, maior a possibilidade de que você vai endossar erroneamente uma resposta que não terá nenhum efeito. Este tipo de erro é chamado de um "falso positivo" (veja o Passo 37). Você pode escolher um nível menos rigoroso se o problema for grave, as medidas do problema não são particularmente boas, e você está muito preocupado em rejeitar acidentalmente uma boa resposta.

Existem duas maneiras de utilizar os níveis de significância. Na discussão acima, eles foram usados como limiares de rejeição: abaixo do nível, você rejeita a chance aleatória e acima do nível, você a aceita como a causa. Sempre escolha o nível de significância antes de realizar o teste de significância para evitar "trapacear" com os números para obter os resultados pretendidos.

É melhor usar o nível de significância como um auxílio de decisão, juntamente com outros fatos (gravidade do problema, custos do programa, redução absoluta nos problemas e assim por diante), para fazer uma escolha informada. Muitas ciências, como a medicina, seguem esta abordagem. Se você seguir esta abordagem, use um valor-p no lugar do teste de significância. O valor-p é uma probabilidade exata de que a mudança no problema é obra do acaso. Portanto, um valor-p de 0,062 indica que há cerca de 6% de chance de se cometer um erro falso positivo ao aceitar a resposta. Isto pode ser interpretado, a grosso modo, no sentido de que em 100 dessas decisões, a decisão de rejeitar a aleatoriedade em favor da resposta será errada cerca de seis vezes. Se você ou seus colaboradores irão apostar depende de muitas coisas.

É importante distinguir entre *significante* e *significativo*. "*Significante*" significa que a diferença é improvável de ser devido a chance. "*Significativo*" significa que a diferença é tão grande para ser considerada. Com casos suficientes, mesmo uma pequena diferença é *significante*. Mas isto não quer dizer que ela seja útil. A significância pode ser calculada. *Significabilidade* é um julgamento do *expert*.

A investigação da aleatoriedade pode tornar-se muito complexa, uma vez que existem muitos tipos diferentes de testes de significância para muitas situações diferentes. Há alguns websites muito úteis, bem como livros, que podem ajudá-lo a escolher entre eles, e há muitos softwares de estatística que podem fazer os cálculos necessários. Mas se há muito dependendo do resultado de um teste de significância, ou um valor-p, e você não é bem treinado na teoria da probabilidade ou estatística, você deve procurar ajuda de um especialista universitário ou de outras organizações que utilizam estatísticas regularmente.

Leia mais:

Crow, Edwin and colleagues (1960). *Statistics Manual*. New York: Dover.

Website with many useful statistical links www.prndata.com/statistics_sites.htm

54. CONTE UMA HISTÓRIA CLARA

O objetivo do seu trabalho é ajudar as pessoas a tomarem melhores decisões. Para assisti-las, você deve contar uma história clara que parte de uma importante pergunta para respostas possíveis e, em seguida, para ações efetivas. Para se comunicar efetivamente você precisa saber quem é o seu público-alvo e as questões que eles querem que sejam respondidas. Sua história tem que abordar as necessidades específicas do público. Essa história pode ser contada em um relatório escrito ou oralmente em uma apresentação (Ver Passo 58).

Não reconte simplesmente o que você fez para detectar, analisar, responder, ou avaliar. Isto é entediante e não ajuda as pessoas a tomarem decisões práticas com seu trabalho. Você deve traduzir o seu trabalho analítico em uma história que aborda as necessidades de seu público-alvo.

Seu trabalho pode ajudar a responder quatro questões básicas. Elas correspondem às fases do processo IARA:

1. Qual é a natureza do problema? (Identificação)
2. O que causa o problema? (Análise)
3. O que deve ser feito em relação ao problema? (Resposta)
4. A resposta reduziu o problema? (Avaliação)

Obviamente, estas questões devem ser feitas de maneira mais específica com base nos fatos do problema a ser analisado. Os moradores locais, por exemplo, podem queixar-se do barulho durante tarde da noite e do lixo na rua. No lugar de optar direto por responder uma questão mais geral de Identificação do problema, você poderia elaborar um conjunto de perguntas específicas, com base no teste CHEERS (Passo 14):

- Qual é a natureza dos incidentes de barulho? (Eventos)
- De que modo são estes incidentes semelhantes? (Semelhança)
- Há casos recorrentes de barulho noturno e lixo espalhado nas ruas que perturbam os moradores? (Recorrência)
- Quem, quando e onde estes incidentes ocorrem? (Comunidade)
- Como estes incidentes perturbam as pessoas? (Dano)
- Quem espera que a polícia resolva o problema? (Expectativa)

Responder a pergunta geral – Qual é a natureza do problema? – Exige que você responda a um conjunto de perguntas mais específicas.

Sua primeira tarefa é contar uma história coerente para decidir qual o tipo de pergunta que você está tentando responder. Em seguida, você deve tentar estruturar a sua descrição em torno das teorias e abordagens básicas descritas neste manual (por

exemplo, o teste CHEERS, o triângulo do crime, ou a regra 80-20). Estas são estruturas. Uma estrutura geral é uma "cápsula da história" ligando vários fatores que se interagem e que podem ser aplicados a uma variedade de problemas. Sua escolha da estrutura depende do problema, de suas descobertas, e das necessidades daqueles que precisam tomar uma decisão. Certifique-se de que existe um fluxo lógico a partir da questão básica, através da estrutura e das descobertas, para as respostas. Verifique se há lacunas na lógica. Agora delinheie a sua história. Há quatro esboços de história básicos que podem orientar o seu trabalho. Os detalhes da história dependerá das especificidades do seu problema.

Não se apegue muito a esse esboços; nós os fornecemos como um ponto de partida para orientar idéias. Ao invés disso, adapte-as à quantidade de tempo que você tem e, acima de tudo, às preocupações das pessoas a quem você está direcionado. Tente antecipar as perguntas delas, e modificar o esboço escolhido em conformidade. Embora tenhamos utilizado termos técnicos deste manual nos esboços, você pode precisar utilizar um vocabulário comum em sua apresentação. Se o seu público-alvo ainda não está familiarizado com a terminologia de análise de problemas, você provavelmente deverá utilizá-lo moderadamente, ou não utilizá-lo.

Quatro esboços de história

1: Qual é a natureza do problema?

A. Organizar a estrutura lógica para identificação da natureza do problema – por exemplo, elementos do CHEERS.

B. Descrição sistemática de evidências sobre tipo e existência do problema:

- Qual é a natureza dos eventos?
- De que modo estes eventos são semelhantes?
- Com que frequência estes eventos se repetem?
- Quando e onde estes eventos ocorrem?
- Quem é prejudicado por estes eventos, e como?
- Quem espera que a polícia resolva o problema?

C. Implicações para a análise e solução colaborativa do problema:

- As perguntas que precisam de resposta.
- Questões de definição e medidas.
- Colaboradores que precisam estar envolvidos.

D. Resumo.

2: O que causa o problema?

A. Organizar a estrutura lógica para descrição detalhada do problema – por exemplo, o triângulo de análise de problema.

B. Descrição sistemática do problema para responder às seguintes perguntas:

- Quem são os criminosos?
- Quem ou o que são os alvos?
- Em que lugares e horários o problema ocorre?
- O que reúne os criminosos e os alvos nos mesmos lugares?
- Por que outras pessoas não intervêm para evitar esses encontros?
- O que facilita ou inibe o problema?

C. Implicações para a forma geral das respostas que se ajustam a descrição do problema:

- Acesso ou controle do criminoso.
- Comportamentos ou proteção da vítima/alvo.
- Acesso ou gestão do estabelecimento.

D. Resumo.

3: O que deve ser feito sobre este problema?

A. Organizar a estrutura da resposta – por exemplo, prevenção situacional do crime:

- Criminosos.
- Alvos/vítimas.
- Locais.

B. Descrição sistemática da estratégia de resposta:

- Aumento do risco ou do esforço.
- Redução da recompensa, das alegações, ou das provocações.
- Quem irá colocar as ações em prática, quando, e onde?
- Recursos adicionais necessários.

C. Implicações e resultados antecipados:

- Resultados diretos.
- Deslocamento.
- Difusão.
- Outros efeitos secundários.
- Como a avaliação deve ser conduzida.

D. Resumo.

4: A resposta reduziu o problema?

A. Organizar a estrutura lógica para avaliação da resposta – por exemplo, os princípios de avaliação.

B. descrição sistemática da avaliação:

- A resposta foi implementada conforme planejado?
- Houve mudança no problema?

- Por que é provável que a resposta foi uma causa direta da mudança.
- A magnitude do deslocamento, difusão e outros efeitos secundários.

C. Implicações para ações posteriores:

- Essa tentativa de resolver o problema foi completa?
- Que outras ações são necessárias?
- Deverá ser realizada uma análise mais aprofundada?
- A resposta deve ser alterada?

D. Resumo.

55. FAÇA MAPAS CLAROS

Mapas têm um papel importante quando se usa uma história convincente sobre problemas. Mas eles precisam ser claros para se conseguir isso. Isto é, os mapas devem conter tantas informações pertinentes possíveis e nenhuma informação irrelevante. Há uma série de guias de excelentes princípios cartográficos disponíveis (ver quadro e Leia Mais).

Vamos ilustrar o uso de mapas para contar histórias com um conjunto de mapas de um projeto de solução de problemas desenvolvido pela polícia Norueguesa. Figuras 1 e 2 ilustram como os mapas podem ser usados para descreverem problemas e soluções. Johannes Knutsson, da *National Norwegian Police Academy*, e Knut-Erik Søvik, do Distrito Policial de *Vestfold*, tentavam resolver o problema dos táxis ilegais ("clandestinos") numa pequena vila costeira de Tønsberg (População 36.000). Nos fins de semana os 30 estabelecimentos de bebida atraíam grandes multidões e as pessoas iam e vinham em uma rodovia, de modo que a rodovia é fechada nas noites de sexta-feira e sábado. Uma área de estacionamento também é fechada. No entanto, os táxis e ônibus ilegais podem se deslocar ao longo da rodovia. Táxis "clandestinos" não licenciados tomaram a maior parte dos negócios nesta área, em parte intimidando os taxistas licenciados. Uma série de crimes graves tem sido atribuído aos motoristas destes taxis ilegais os quais tem sido sujeitos a numerosas queixas.

O cenário do problema é mostrado em dois mapas na Figura 1. O painel esquerdo é o mapa de uma rua. Esse mapa mostra muitas características irrelevantes para o problema e não ilustra muitas características que são importantes. O painel direito é uma versão melhorada desse mapa. Esse contém apenas as características pertinentes do mapa básico e acrescenta os traços importantes que foram omitidos, dando uma imagem mais clara do cenário.

A Figura 2 contém dois mapas que resumem as conclusões a partir da análise e importantes características da resposta. O mapa da esquerda mostra o itinerário primário dos taxistas clandestinos. Os táxis clandestinos fazem uso das obstruções da rua e dos estacionamentos para pegar passageiros. Este mapa mostra também que os pontos de ônibus e de táxis legais estão muito longe das pessoas que usam a área. Quando os bares fecham após as 3:00 da manhã, há uma grande demanda por transporte e os táxis ilegais estão na melhor posição para satisfazer a demanda. O mapa de resposta à direita da Figura 2 mostra como a barreira da rodovia foi movida para evitar que os táxis clandestinos cheguem aos clientes, os estacionamentos bloqueados à noite para manterem esses táxis longe, e como os pontos de táxi e ônibus legais foram transferidos para locais mais convenientes para os passageiros. Este mapa é uma parte importante da avaliação do processo (Passo 46).

Juntos, esses três mapas ilustram bem a natureza do problema e o que foi feito sobre o assunto. O resultado deste projeto foi a eliminação virtual do problema de táxis clandestinos em Tønsberg, sem aumentar a desordem.

Knutsson e Søvik adicionaram bastantes notas nestes mapas para ilustrarem as características que um típico sistema de informação geográfica não mostraria. Esta é uma boa prática. Muita informação sobre problemas não está contida nos computadores.

Ainda assim, há uma série de características de bons mapas que estão faltando. Não há uma bússola de direção. No entanto, a direção não é necessária no problema, assim a sua ausência não retira a clareza dos mapas. Também está ausente uma escala mostrando a importância relativa das características do mapa. Isto dificulta a compreensão daqueles que não estão familiarizados com a área.

Leia Mais:

Boba, Rachel (2005) *Crime Analysis and Crime Mapping: An Introduction*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Harries, Keith (1999). *Mapping Crime: Principle and Practice*. Washington, DC: National Institute of Justice, Crime Mapping Research Center.

Knutsson, Johannes and Knut-Erik Søvik (2004) Gypsy Cabs in Tønsberg. Submission to the Herman Goldstein Awards. (accessible at www.popcenter.org)

Jerry Ratcliffe has a list of mapping tips at: www.jratcliffe.net

CRIANDO MAPAS ÚTEIS

1. Saiba quais informações o seu público achará úteis (e qual informação é confusa).
2. Mantenha os mapas simples. Elimine todos os elementos que não contribuem para a compreensão do problema.
3. Evite gráficos que chamam mais a atenção para si do que para os dados.
4. Inclua detalhes que ajudam o espectador entender o problema, mesmo que isso signifique adicionar esta informação à mão.
5. Inclua uma escala e, se necessário, uma bússola de orientação (normalmente o Norte fica na parte superior).
6. Use gradações significativas para mostrar a intensidade dos *hotspots*. Por exemplo, mostre cores que se intensificam (do amarelo ao vermelho), na medida em que o problema se agrava.
7. Aplique a dimensão correta da concentração de crimes: pontos para lugares (e às vezes para vítimas); linhas de concentrações ao longo das ruas e estradas; e áreas para bairros.
8. Faça uso de tabelas e figuras, juntamente com os mapas.

Figure 1:
Locating The Problem And Showing Its Setting



Base map of problem setting

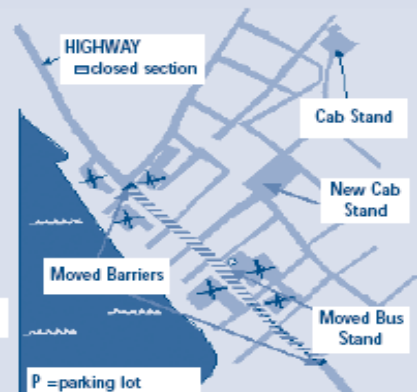


Edited map of problem setting

Figure 2:
Analyzing The Problem and Showing Response



Description of problem based on analysis



Description of response

56. USE TABELAS SIMPLES

Tabelas são instrumentos eficazes na apresentação de uma história convincente se forem simples. Mas o software utilizado para criar tabelas acrescenta recursos desnecessários e que distraem a atenção – as linhas e rótulos utilizados para interpretar os dados – e os analistas nem sempre organizam as tabelas de forma que tenham sentido intuitivo.

Suponha que você está tentando mostrar que o modo como as cervejas são exibidas dentro de lojas facilita o furto de cerveja nesses estabelecimentos. Algumas lojas exibem as cervejas perto da entrada da frente e algumas no fundo da loja. Você tenta mostrar que as lojas que têm esses produtos nos fundos têm menos incidentes com furtos de cerveja do que aquelas que mostram as bebidas na frente. A tabela 1 ilustra essa mensagem. Os dados estão mal organizados e os recursos causam distração.

A tabela 2 organiza os dados devidamente. As porcentagens são centrais para a história. Porque os números brutos não contêm a história principal, mas podem ser úteis para um leitor que quer olhar mais de perto, eles são secundários aparecendo entre parênteses. Finalmente, no lugar de linhas para as porcentagens (como na primeira tabela), tem-se as porcentagens nas colunas.

Quando examinamos uma relação em que algo pode estar causando uma outra coisa, é melhor colocar a causa em colunas e usar colunas para as porcentagens. Então, faça comparações entre as linhas. Aqui, vemos imediatamente que 29% das lojas que exibem os produtos na frente não tinham furtos, em comparação com quase 83% das lojas que exibem as bebidas nos fundos. No extremo oposto, quase 46% das lojas com mostruário de bebidas na frente tinham três ou mais roubos, mas nenhuma das outras lojas tinham.

A tabela 2 tem menos efeitos visuais. As bordas em negrito foram removidas e substituídas por linhas finas. No interior, a única linha restante separa o título do conteúdo. Ao invés de linhas, o espaço é utilizado para orientar o leitor para as linhas e as colunas. Ao informar o leitor no título que os números importantes são porcentagens (números brutos estão entre parênteses), não houve necessidade de incluir o símbolo de porcentagem em cada célula. Apenas o total da coluna permanece. Isso diz ao leitor que a soma importante está na vertical. Finalmente, todas as porcentagens são arredondadas para uma casa decimal, permitindo assim que os valores da coluna se alinhem, facilitando a interpretação. Com todas estas mudanças, a maior parte do conteúdo da tabela são dados e não apenas efeitos visuais.

Muitas vezes um problema tem múltiplas causas. Embora tabelas podem ser criadas para ilustrarem um grande número de causas, uma única tabela comunica mal quando você a usa para examinar mais de duas causas. Os princípios básicos para formatação de tabelas são os mesmos:

- Todas as causas ficam na mesma direção (normalmente em colunas).

- A soma vai no sentido da causa (ao fim das colunas).
- A comparação das causas vai na direção oposta (nas linhas, se as causas estiverem nas colunas).

A tabela 3 é uma tabela tridimensional porque três coisas são analisadas (as tabelas anteriores eram bidimensionais). Esta tabela responde à pergunta: a relação entre o local do mostruário e furtos é diferente para duas redes de lojas diferentes (Drink-Lots e Tippers). A resposta é não. Existe o mesmo padrão básico de ambas as redes que vimos na Tabela 2. Em ambos os casos, somamos a coluna e comparamos os dois tipos de lojas em termos de mostruário. Isto implica que qualquer loja que exhibe cerveja nos fundos terá menos furtos, independentemente da rede a qual ela pertença.

Com efeito, a Tabela 3 mantém constante o tipo de loja. Outros fatores podem ser mantidos constantes se os considerarmos importantes. Por exemplo, poderíamos agrupar as lojas por tamanho (pequenas, médias e grandes), e analisarmos separadamente a relação entre localização do mostruário e os furtos para cada categoria. Isso exigiria três painéis, mas por outro lado, os mesmos princípios se aplicam.

Anote outras diferentes características da Tabela 3:

- Se você adicionar os números brutos (entre parênteses) nas células do *Drink- Lots* às suas células correspondentes abaixo de *Tippers*, você obtém os números brutos da Tabela 2. Em outras palavras, a Tabela 2 é um resumo da Tabela 3. Mas você não pode derivar a Tabela 3 da Tabela 2.
- Uma vez que a Tabela 3 contém duas causas possíveis do problema, acrescentamos uma linha vertical para chamar a atenção para os dois tipos de lojas.
- A linha de rótulos aplica-se aos dois tipos de loja, por isso, não houve necessidade de repeti-los.
- Devido ao arredondamento das porcentagens, às vezes eles acrescentam mais de 100. Em alguns casos, estes montantes podem ser pouco menos de 100, geralmente 99,9. Esses desvios menores raramente são preocupantes.

Se você rotineiramente produz a mesma tabela para as mesmas pessoas que devem tomar uma decisão, mostre-lhes diversos formatos de tabela com os mesmos dados. Determine qual formato os ajuda mais e, em seguida, use este formato como padrão.

Tabela 1: Furto de Cerveja e Localização (junho)			
Número de Furtos Reportados	Localização do Mostruário		Total
	Frente	Fundos	
0	7 (17.5%)	33 (82.5%)	40
1-2	6 (46.15%)	7 (53.85%)	13
3 ou mais	11 (100%)	0 (0%)	11
Total	24 (37.5%)	40 (62.5%)	64

Tabela 2: Porcentagem de Lojas com Furtos de Cervejas Reportados (Números em parênteses)		
Furtos em junho	Localização do Mostruário	
	Frente	Fundos
0	29.2 (7)	82.5 (33)
1-2	25.0 (6)	29.2 (7)
3 or more	45.8 (11)	0.0 (0)
Total	100.0 (24)	100.1 (40)

Tabela 3: Porcentagem de Lojas com Furtos de Cerveja Reportados pela Associação Comercial (Números em parênteses)				
Furtos em Junho	Drink-Lots Stores		Tippers Stores	
	Mostruário na frente	Mostruário nos fundos	Mostruário na frente	Mostruário nos fundos
0	30.8 (4)	84.2 (16)	27.3 (3)	81.0 (17)
1-2	23.1 (3)	15.8 (3)	27.3 (3)	19.0 (4)
3 ou mais	46.2 (6)	0.0 (0)	45.5 (5)	0.0 (0)
Total	100.1 (13)	100.0 (19)	100.1 (11)	100.0 (21)

57. USE FIGURAS SIMPLES

Como tabelas e mapas, figuras e gráficos são ferramentas eficazes para se transmitir informações, mas apenas se forem simples. Todas as figuras consistem de duas partes – efeitos visuais e conteúdo. O conteúdo é a informação que você está interessado em transmitir aos outros. O objetivo dos efeitos visuais é assegurar que o conteúdo possa ser rapidamente, facilmente, e precisamente interpretado. Simplicidade significa manter poucos efeitos visuais. O erro mais comum é adicionar elementos que entram no meio da história. Para ilustrar esta situação, começaremos com um exemplo de uma figura mal feita. Em seguida, mostraremos como as figuras se tornam mais claras e mais poderosas, quando as tornamos mais simples.

A Figura 1 é um gráfico que deveria mostrar como os arrombadores entraram nas casas. A imagem em 3-D distorceu a mensagem. Como veremos mais adiante, as portas são o maior problema, e a janela dos fundos fica em quarto lugar, atrás de "outro", como a entrada de escolha para estes aromabadores. O efeito 3D acentua a importância das partes da frente (neste exemplo, as janelas frontais, o ponto de entrada menos provável) enquanto diminui a importância das características da parte de trás. A única característica valiosa de um gráfico de pizza é que ele mostra como as partes contribuem para o todo. Isto é perdido quando um efeito 3D é utilizado. Note que uma variedade de sombras e padrões precisam ser usados para exibir as seis categorias. Isto causa confusão.

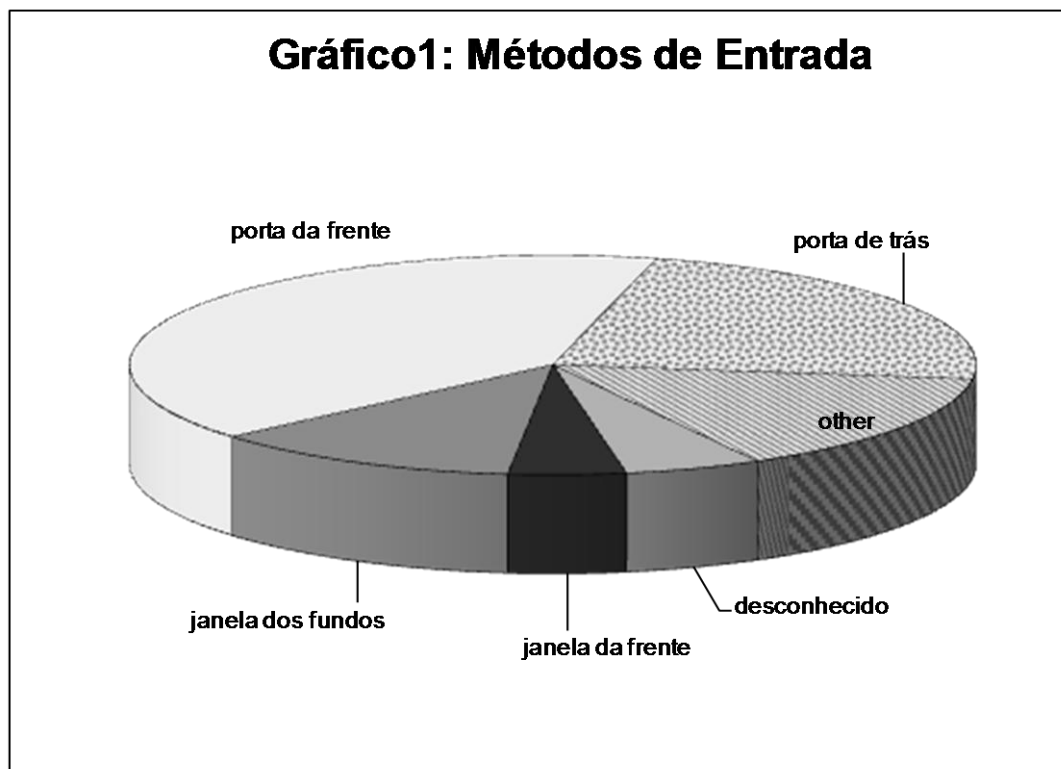
A Figura 2 mostra a distorção que os efeitos 3D podem produzir nos gráficos de barra. Comparar as alturas das barra é difícil porque tem que se escolher entre a margem superior frontal e a borda superior de trás da barra. Efeitos 3D nunca devem ser utilizados.

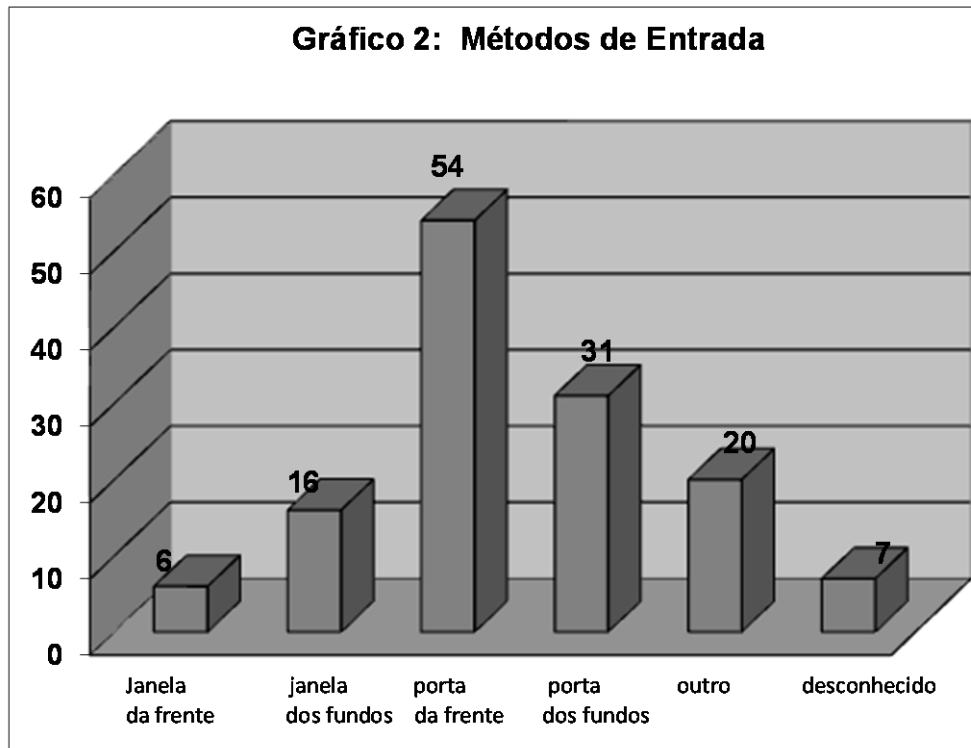
Este gráfico tem um número de outras características que o tornam difícil de ser usado: sombreamento da superfície que esconde os contrastes entre as barras e o fundo, rótulos de barras e do eixo vertical redundantes, e linhas horizontais que causam distração. A moldura em torno da figura é supérflua.

O gráfico de barra simples na Figura 3 transmite as informações de maneira muito eficaz, pois todos os traços confusos da Figura 2 foram removidos. Se quiséssemos que cada barra mostrasse a percentagem exata, poderíamos rotular os topos das barras. Mas então devemos remover o eixo vertical, uma vez que ele comunica as mesmas informações.

Além disso, os dados na Figura 3 foram reorganizados. Ao invés de números brutos de furtos, o gráfico mostra a porcentagem do total. Isso comunica dois pontos: quais métodos são mais frequentes, e que parte do todo cada método representa. Se você precisa demonstrar a contribuição relativa para o todo, use as porcentagens em um gráfico de barras no lugar de um gráfico de pizza.

Outra característica da Figura 3 é que as categorias estão organizadas de uma forma significativa: de mais para menos. Isso mostra para onde os seus leitores devem voltar a atenção. Ordem significativa é difícil de se comunicar em um gráfico de pizza porque ele não tem início ou fim óbvios. Realmente não há necessidade de utilizar esse tipo de gráfico porque os gráficos de barra podem comunicar melhor. Quando você tiver dados em categorias, os gráficos de barra são simples e eficazes.





Não se esqueça do título da figura. Na Figura 3, o título ousadamente diz o que houve. Além de muito mais interessante do que "Métodos de Entrada", esse título tira qualquer ambiguidade. Em suma, a Figura 3 diz por si só. Sem qualquer leitura exterior, o leitor entende a mensagem.

A última figura descreve um gráfico de linha. Eles são tipicamente usados quando se rastreia dados ao longo do tempo. Na Figura 4, os dados cobrem um período de 6 meses. Os pontos simbolizam a contagem de arrombamentos, e as linhas indicam uma conexão contínua ao longo do tempo. Você deve rotular o eixo vertical de forma que somente a figura comunique a história. Nesta figura, sabemos à primeira vista que o eixo vertical mostra o número de arrombamentos, ao invés da taxa destes crimes.

Se você preferir mostrar o número de eventos em cada período de tempo, rotule os pontos, mas remova o eixo vertical: agora ele é redundante. Tenha cuidado, no entanto. Rótulos numéricos a cada ponto de tempo pode dificultar a leitura do gráfico. Se vários gráficos são mostrados na mesma figura (por exemplo, a tendência em roubos/furtos de residências para vários distritos policiais), certifique-se de que as diferentes linhas estão claramente marcadas e facilmente diferenciadas ao longo do gráfico.

Leia Mais:

Kosslyn, Stephen (1994). *Elements of Graph Design*. New York:W. H. Freeman.

Gráfico 3: Portas são Problema

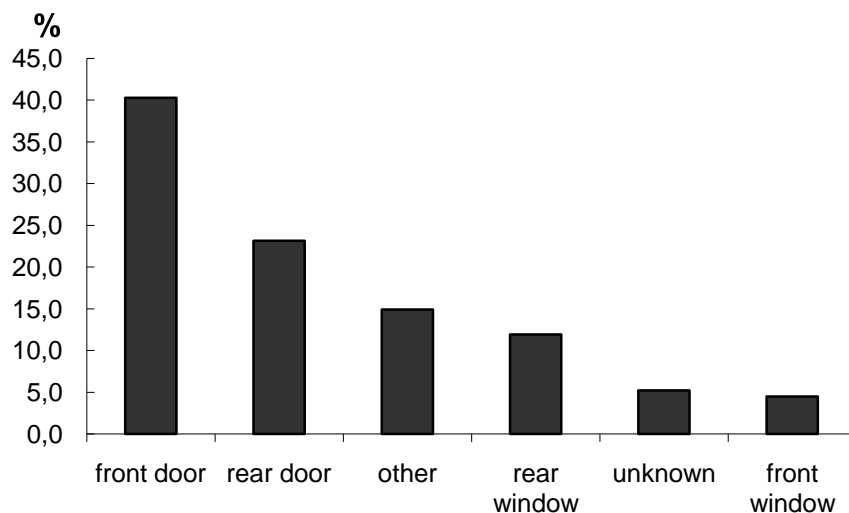
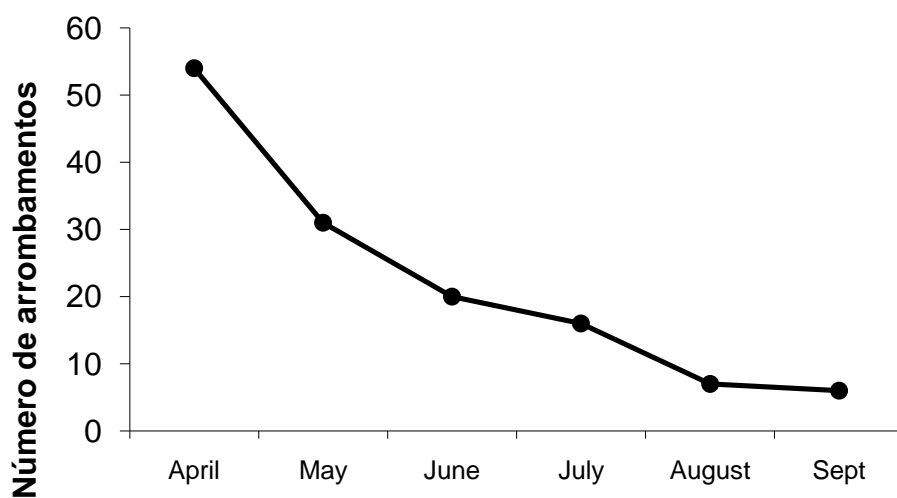


Gráfico 4: Arrombamento está diminuindo



CRIANDO FIGURAS EFICIENTES

- Mantenha-as simples. Não exagere nos efeitos visuais.
- Não utilize efeitos superficiais, como o 3D.
- Evite gráficos de pizza.
- Use gráficos de barra para dados em categorias.
- Use gráficos de linha para tendências ao longo do tempo.
- Use rótulos eficazes.
- Escolha os títulos cuidadosamente.
- Faça-as comunicarem por si próprias, sem a ajuda de textos.

58. ORGANIZE APRESENTAÇÕES INFLUENTES

Uma apresentação deve começar com uma pergunta básica, use uma estrutura lógica para direcionar-se a partir da exposição descritiva das descobertas, e terminar a apresentação com um conjunto de conclusões específicas (Veja Passo 54). Material gráfico deve ser preparado de acordo com as orientações nos Passos 55 à 57. Neste Passo iremos nos concentrar na história que você está contando. No Passo 59, analisaremos como a apresentação deve ser feita, incluindo a utilização do PowerPoint.

O principal foco da sua apresentação deve ser responder questões específicas que irão ajudar na tomada de decisões, e deve ser composta pelos seguintes elementos:

- Um conjunto de slides organizados em torno de sua história.
- Um conceito central ilustrado em gráfico ou um slide do roteiro da apresentação para manter o seu público concentrado na história.

Os slides ilustram uma apresentação de análise dos resultados. O apresentador, Sargento Smith, tem dois objetivos. O primeiro é responder à pergunta, "O que causa esse problema?" O segundo é abrir uma discussão de sobre possíveis respostas. O slide título faz a pergunta (e introduz o apresentador). Esse e os slides 2 a 4 constituem a introdução. O slide 2 reforça um conjunto de pontos já expostos que servirão de base para o que se segue. O Slide 3 traz o roteiro da apresentação e o 4 resume a coleta de dados.

A estrutura conceitual é apresentada no quinto slide. Sgt. Smith usa o triângulo do crime. Ele lista todas as conclusões que seguem este triângulo. (Note que isto só funciona se o público dele já está familiarizado com o triângulo. Se não estão, Smith deve usar um arcabouço diferente.) Para reforçar esta mensagem, e para evitar que o público se distraia, Sgt. Smith utiliza o triângulo por toda a apresentação dos resultados, com ligeiras, mas importantes modificações: o lado sombreado e a cor é modificada na medida em que os slides se movem de alvos e guardiães para locais e gestores, e para criminosos e protetores. A seta circular no slide 5 indica a ordem no sentido anti-horário em que Sgt. Smith apresentará as conclusões. Portanto, neste slide, Sgt. Smith descreveu simultaneamente a estrutura conceitual e forneceu uma descrição das principais conclusões.

Os slides 6 a 13 apresentam tabelas, figuras e mapas que mostram o público sobre os elementos descritos na estrutura conceitual. O gráfico de barras poderia mostrar as ações utilizadas para proteger os alvos. Um mapa do local pode mostrar os lugares onde o problema é particularmente presente em contraste com onde ele está ausente. Fotografias poderiam mostrar características particularmente importantes desses lugares. Uma tabela pode mostrar a frequência com que os criminosos são presos.






O slide 14 resume essas descobertas. Aqui, o triângulo mostra todas as partes sombreadas, reforçando o ponto principal de que cada uma das descobertas apresentadas faz parte de um todo maior. Os slides finais listam opções de respostas que são coerentes com as conclusões e as opções que são inconsistentes. Embora o

Sgt. Smith forneça o seu parecer como especialista, esses slides foram feitos para abrir o debate orientado pelas descobertas apresentadas previamente. São as pessoas que têm o poder de tomar decisão que têm a última palavra na questão apresentada.

É importante manter o seu público concentrado na história mais geral e evitar que se perca nos detalhes. Dois métodos de conseguir isso são usar um conceito padrão que seja repetido ao longo da apresentação (como o triângulo na figura) ou destacar o slide do roteiro. Quando usar um slide de roteiro, o roteiro é mostrado antes de cada tema. O tema a ser apresentado é destacado no roteiro e os outros temas permanecem sem destaque. Na apresentação do Sgt. Smith, o slide do roteiro seria mostrado quatro vezes, antes de cada um dos tópicos principais.

Entrega do resumo dos seus slides para o público são úteis, mas há algumas limitações. Você pode fazer mudanças de última hora nos slides mais facilmente do que nesses resumos. Se você espera grandes mudanças de última hora, os resumos podem não corresponder às imagens. Slides coloridos são, muitas vezes, ilegíveis quando copiados em preto e branco. Se você estiver usando PowerPoint então a opção "puro preto e branco" no menu "Print" irá temporariamente converter seus slides coloridos para preto e branco para a impressão.

A maioria das pessoas que tem o poder de tomada de decisão não estão tão interessadas como você nos métodos que você usou para analisar o problema. Portanto, não perca muito tempo descrevendo os seu métodos, a menos que este seja o objetivo da apresentação. Ao invés disso, resuma os principais elementos (ver slide 4). Você pode preparar slides separados sobre os métodos, mantidos em reserva, caso o público tenha dúvidas sobre os seus métodos.

<p>O que causa o Problema XYZ ?</p> <p>Sgt. Rodney Smith Seção de Análise de Problema</p> <p>1</p>	<p>O que é o Problema XYZ?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Alto número de eventos X registrados. • Concentrados no setor Y. • Primeiro registro em 1986. • Não responde bem a intervenções de aplicação da lei. • Comum em outras unidades policiais. <p>2</p>	<p>Esta apresentação mostra</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fontes de dados utilizados • Com os dados foram organizados • Por que temos o problema • Respostas possíveis <p>3</p>
<p>Análise do Problema XYZ</p> <ul style="list-style-type: none"> • Discutido pela Seção de Análise de Problema • Várias fontes de dados: <ul style="list-style-type: none"> – Registros X eventos – Entrevistas com Comerciantes & Consumidores – Entrevistas com ofensores – Revisão dos registros das CCTV • Especialistas de outras organizações policiais. <p>4</p>	<p>Elementos do Problema XYZ</p>  <p>5</p>	<ul style="list-style-type: none">  Slides descrevendo alvos e guardiães  Slides descrevendo locais e gerentes  Slides descrevendo ofensores e controladores <p>6-13</p>
<p> Causas do Problema XYZ</p> <p>Um sumário destacado dos slides anteriores</p> <p>14</p>	<p>Respostas Inconsistentes</p> <ul style="list-style-type: none"> Alvos e Controladores <ul style="list-style-type: none"> a. b. Locais e Gerentes <ul style="list-style-type: none"> a. b. Ofensores e Controladores <ul style="list-style-type: none"> a. b. <p>15</p>	<p>Respostas Consistentes</p> <ul style="list-style-type: none"> Alvos e Controladores <ul style="list-style-type: none"> a. b. Locais e Gerentes <ul style="list-style-type: none"> a. b. Ofensores e Controladores <ul style="list-style-type: none"> a. b. <p>16</p>

Leia Mais:

RAND, Guidelines for Preparing Briefings, Santa Monica, CA, 1996,
www.rand.org/publications/CP/CP269/CP269.pdf

Ratcliffe, Jerry H, (2004) "Jerry's Top Ten Crime Mapping Tips."
<http://www.jratcliffe.net/papers/Jerry%27s%20top%20ten%20mapping%20tips.pdf>

59. SEJA UM APRESENTADOR COMPETENTE

Todos os profissionais são obrigados a fazerem apresentações, e habilidades de apresentação estão se tornando tão importantes quanto um bom texto. A chave para uma boa apresentação é uma preparação cuidadosa de todos os detalhes envolvidos. Os seguintes pontos são provenientes de uma variedade de fontes, incluindo as nossas próprias experiências – boas e ruins.

Preparação

Nunca tente improvisar. Mesmo apresentadores experientes ficam frequentemente nervosos, por isso não se preocupe com ansiedade durante a apresentação. Uma preparação cuidadosa ajuda a manter o nervosismo sob controle.

1. Conheça o seu tópico.
2. Conheça o seu público-alvo, inclusive quem mais está apresentando.
3. Estabeleça a duração da apresentação.
4. Prepare-se para terminar alguns minutos antes, mas use todo o tempo que precisar.
5. Ensaie a apresentação e controle o tempo.
6. Ensaie novamente, se necessário.

Confira a sala no dia da apresentação

Certificar-se que você conhece o ambiente da sua apresentação cumpre três objetivos. Primeiro, evita que você tenha surpresas. Segundo, permite que você faça planos para lidar com possíveis problemas que possam ocorrer. Terceiro, ajuda você a ficar calmo. Isto se aplica principalmente quando você está apresentando em uma conferência ou em algum outro local fora de sua organização. Salas de conferência em hotéis variam consideravelmente em termos de *layout*.

1. O equipamento que você precisa está no lugar?
 - Anotações organizadas em listas.
 - Quadro negro/branco.
 - Giz / marcador.
 - Projetores
 - Microfone.
 - Ponteiro laser.
2. Você sabe usar o equipamento?
3. Você o verificou?
4. Você sabe como chamar o técnico?
5. Você sabe como diminuir as luzes?
6. Há alguma parte da sala onde a platéia vai ter problemas para ver ou ouvir você?

Projektor

Equipamento de apresentação moderno é complexo e propenso a falhar. Certifique-se de que você sabe como ele funciona e tenha um plano B. Se o tempo permitir, sempre efetuamos uma verificação no equipamento na sala. E durante este ensaio, achamos útil sentar em diferentes partes da sala e visualizar os slides mais complexos. Mesmo se você não pode fazer ajustes, você pode sobreavisar o seu público depois. (Por exemplo, “Vocês à esquerda podem passar para o centro, já que há alguns gráficos que são difíceis de se ver da maioria dos assentos à esquerda”)

1. Localize o projetor na melhor posição para o público e você mesmo.
2. Certifique-se de que ele não bloqueia a visão da tela.
3. Se necessário, obtenha ajuda com a apresentação dos slides.
4. Certifique-se de que os slides podem ser lidos do fundo da sala.
5. Feche as cortinas ou persianas, se necessário.
6. Nunca assuma que as coisas irão funcionar como planejado!

Estilo da apresentação

Embora sabendo que o seu material é importante, você precisará ter um estilo de que o público goste. No mínimo, tenha certeza que o seu público não seja obrigado a vencer o seu estilo para compreender a sua apresentação. Tratar o seu público com respeito é absolutamente crucial.

1. Não leia o seu papel, mesmo se você tiver uma versão escrita.
2. Use notas (usar cartões evita que você perca seu ponto).
3. Comece educadamente (agradeça a banca, apresente-se, cumprimente o público, etc.)
4. Se possível, levante-se e fale (isto ajuda a manter o público sob controle).
5. Para longas apresentações, você pode variar a sua posição (mas não fique andando incessantemente).
6. Não bloqueie a visão do público das imagens.
7. Certifique-se de que você pode ser ouvido.
8. Não fale muito rápido (cerca de 120 palavras por minuto é o ideal).
9. Mantenha contato visual com o público (mas não só com uma pessoa!).
10. Certifique-se de que o seu público saiba o momento certo de fazer perguntas – durante ou após a apresentação.
11. Repita as perguntas para que as outras pessoas possam ouvir, responda precisamente, e pergunte se você respondeu corretamente a pergunta.
12. Certifique-se de que os resumos dos slides entregue ao público são claros (e que você tem o suficiente).
13. Termine no tempo previsto.
14. Tente se divertir!

Software de Apresentação

PowerPoint e outros softwares semelhantes de apresentação permitem ao público receber a informação simultaneamente em dois modos: visualmente e auditivamente. O

público é, portanto, mais suscetível de compreender e lembrar pontos importantes. Existem quatro perigos com as apresentações eletrônicas. Primeiro, podem resultar em apresentações padronizadas que rapidamente se tornam entediadas para um público mais sofisticado. Em segundo lugar, elas podem se tornar tão complexas que o público presta mais atenção nos aparelhos do que na mensagem. Terceiro, falhas são mais comuns quanto maior a complexidade. Quarto, elas podem reprimir as perguntas do público. Ver você consertar um aparelho extravagante deixa o seu público entediado e desperdiça seu tempo. Lembre-se do princípio KIS: (*Keep It Simple – Mantenha as coisas simples*).

1. Não leia seus slides – sua fala não deve ser apenas uma repetição dos slides.
2. Olhe para a platéia, e não para os seus slides!
3. Comece com o título da apresentação, o seu nome e filiação (mas não as suas qualificações).
4. Use apenas uma forma de transição em todos os slides, e use apenas uma transição simples que não distraia a platéia de seus pontos principais.

Slides individuais do PowerPoint

Mantenha cada slide simples também. Muito texto em um slide é difícil de ler. Seu objetivo é apresentar informações resumidas em cada slide. Cada slide deverá centrar a atenção sobre um ponto crítico e evitar distrações desse ponto. Assim, faça-os fácil de ler e compreender.

1. Tenha apenas um ponto.
2. Apresente apenas detalhes suficientes para abordar a questão e nada mais.
3. Evite efeitos sonoros, animação, tipo de fontes, e transições que distraem.
4. Use fundo escuro (por exemplo, azul) e cores claras para o texto (por exemplo, amarelo).
5. Use fontes grandes e cores contrastantes (não conflitantes, como azul e laranja).
6. Evite linhas finas e letras que não podem ser facilmente diferenciadas do fundo. Este pode ser um problema particular com gráficos de linha e mapas.
7. Evite muito vermelho – você deve usar vermelho seletivamente para enfatizar pontos importantes.
8. Use gráficos visuais no lugar de palavras, quando possível.
9. Use fotos, mapas, figuras, e tabelas claros e simples.
10. Use frases curtas com marcadores, não narrativas, em quadros com palavras.
11. Certifique-se de que cada marcador está relacionado com o ponto principal do slide.

Finalmente, sinta-se seguro

Assuma que as coisas vão dar errado! Se o projetor falhar, esteja preparado com slides de retroprojeção e um projetor. Se isso também falhar, use seus resumos de slides como substitutos. Se você está preparado para uma falha, você ficará menos nervoso e o seu público será solidário.

1. Evite tecnologias que quebram com frequência ou aquelas com que você não esteja familiarizado.
2. Tenha um plano de apoio para falhas no equipamento e nos softwares.
3. Forneça resumos de slides como suplementos.

Leia Mais:

Ratcliffe, Jerry H, (2004) "Jerry's Top Ten PowerPoint Tips."

<http://www.jratcliffe.net/papers/Jerry%27s%20top%20ten%20powerpoint%20tips.pdf>

60. CONTRIBUA PARA A ACUMULAÇÃO DE CONHECIMENTO

Muito do que sabemos sobre os problemas hoje era desconhecido há 20 anos atrás. Este acúmulo de conhecimento é em grande parte devido à partilha de conhecimento pelos profissionais da polícia e investigadores nos Estados Unidos, Canadá, Reino Unido, e outros Países. Os Passos 54 a 57 descreveram como comunicar às pessoas que tomarão decisão na sua organização policial e em sua comunidade. Você também tem o dever de melhorar a sua profissão, partilhando o seu trabalho fora de sua comunidade e instituição local.

Existem duas abordagens para a comunicação com o seu grupo. A primeira é através de materiais escritos. Esses podem ser publicados em relatórios, periódicos profissionais, ou artigos populares da imprensa. A segunda é através de apresentações em conferências e reuniões profissionais. A estratégia mais eficaz de comunicação de informações é usar uma combinação dessas abordagens.

Relatórios escritos podem apresentar uma riqueza de informações detalhadas e úteis que outros podem usar como material de referência. Há uma série de formas de divulgação de informação escrita. Pode ser disponibilizada no formato para download em websites. Pode ser publicada em periódicos profissionais. Partes pequenas destinadas à chamar a atenção das pessoas podem ser publicadas em boletins profissionais e outros periódicos. Finalmente, incentivar jornalistas profissionais a escrever sobre seus esforços pode alcançar um público ainda mais vasto. Partes menores e mais facilmente acessíveis alcançam um público maior, mas contém menos informação.

Conferências permitem comunicações diretas, perguntas e respostas, e discussões dos últimos avanços. Discussões informais são úteis para a troca de opiniões sobre idéias que não se desenvolveram o suficiente para serem publicadas. E elas permitem a você procurar aconselhamento de um colega especialista sobre os problemas difíceis.

Os Estados Unidos e o Reino Unido promovem conferências anuais sobre o policiamento orientado-para-problema. Há também um grande número de análise de crime e outras conferências policiais ao redor do globo onde você pode apresentar novas informações sobre solução de problemas.

Finalmente, você deve considerar também as conferências de outras profissões, principalmente se você trabalhou com parceiros de outras áreas. As principais desvantagens das conferências são o pouco tempo disponível para apresentação de materiais, a falta de registros permanentes detalhados dos processos das conferências, e o número relativamente pequeno de pessoas que atendem a esses encontros profissionais. Mas os participantes podem disseminar informações para aqueles que não puderam estar presentes.

Uma estratégia de comunicações mais analíticas deve incluir o seguinte:

1. Para as pessoas interessadas em detalhes, um relatório técnico que possa ser baixado de um website que seja facilmente utilizado.
2. Para um grande público de interesse geral, um ou mais artigos curtos em periódicos profissionais ou populares, com referências para o website.
3. Para colegas profissionais e professores, um artigo longo em um jornal profissional.
4. Para um grupo pequeno, mas influente, de colegas profissionais, pelo menos uma apresentação em uma conferência profissional.

Além disso, é útil enviar cópias de artigos para as pessoas que estão interessadas no assunto que você está investigando. Isto não só transmite as suas idéias, mas também permite que você solicite aconselhamento sobre a forma de comunicar as suas idéias aos outros.

Profissionais estão particularmente interessados no seguinte:

1. Descobertas de problemas novos ou modificados.
2. Avanços em técnicas analíticas que podem responder à novas perguntas, ou responder à perguntas antigas mais precisamente e com menos erros.
3. Novas respostas para problemas ou novas aplicações de respostas antigas.
4. Evidências sobre a eficiência, a falta de eficiência, ou efeitos colaterais de respostas.

Cada um desses tópicos pode ser escrito como um estudo de caso de seu problema específico. O esquema básico de um estudo de caso útil abrange quatro aspectos:

1. Insatisfação com a situação antiga – por que o entendimento ou prática padrão é insuficiente em circunstâncias particulares.
2. Pesquisar alternativas – como uma nova compreensão ou prática foi descoberta.
3. Elementos que dão suporte às alternativas – comparação das abordagens antigas e novas.
4. Conclusões e implicações – resumo do que as pessoas devem considerar, tendo em conta esta nova informação.

Este esquema segue o processo SARA (IARA). A identificação revela a insatisfação com uma circunstância particular. A análise é uma busca por uma nova compreensão do problema. A resposta requer uma comparação sistemática das abordagens alternativas e da seleção de uma determinada abordagem nova. E a avaliação resume o que se tem aprendido com a experiência.

A tabela mostra como esse esquema pode ser aplicado a cada um dos quatro temas do estudo de caso. Estes tipos de estudos de caso podem ser combinados, como as circunstâncias exigirem. Uma nova técnica de análise de problema poderia revelar um novo tipo de problema, por exemplo. Em tal circunstância, os dois primeiros tipos de estudo de caso podem ser combinados.

Do mesmo modo, uma descrição de uma nova resposta para um problema poderia incluir informação sobre a avaliação, de modo a combinar os dois últimos tipos de estudo de caso. Outras combinações são possíveis.

Finalmente, oferecemos um apelo em nome da análise de crime como uma profissão e a criminologia como uma disciplina. Por mais que você deseja tornar-se claramente compreendido, nunca ceda à tentação de exagerar as suas evidências.

Nada é mais suscetível de prejudicar a sua reputação e a dos seus colegas, do que ser visto ampliando os fatos. Outras pessoas podem poupar esforços ou ir direto para as conclusões. Analistas de crime são diligentes, trabalham cuidadosamente, com esforço e integridade para tornar compreensivo aquilo que é muitas vezes um processo não organizado e planejado. Se você não souber a resposta, ou apenas parcialmente compreende o problema, admita. Dessa maneira, quando você souber a resposta, as pessoas estarão mais dispostas a confiar em seu julgamento profissional.

O século 21 está se tornando o século da análise em policiamento, e você pode dar uma grande contribuição. No futuro, a análise estará firmemente estabelecida no policiamento, e muito terá se alterado. A tecnologia certamente será diferente. Mas o mais importante, os nossos sucessores saberão muito mais sobre crime e sua prevenção do que nós. E eles saberão isso porque você e pessoas como você fizeram perguntas importantes, coletaram e analisaram dados, e relataram seus resultados com honestidade e clareza.

QUATRO TIPOS DE ESTUDOS DE CASO

Esquema	1. Novo Problema	2. Nova Técnica Analítica	3. Nova Resposta	4. Nova Evidência Sobre Eficácia
I. Insatisfação	Descoberta de uma situação anômala.	Por que a técnica antiga é limitada.	Por que a resposta antiga é limitada.	Incerteza da eficiência da resposta sob certas circunstâncias.
II. Pesquisa	Explorar o que é diferente.	Como a nova técnica foi descoberta.	Como a nova resposta foi descoberta.	Dificuldades em avaliar a resposta nessas circunstâncias.
III. Provas	Comparação dos problemas antigos com os problema novos.	Comparação sistemática de uma técnica antiga com uma nova com base em critérios objetivos.	Comparação sistemática da antiga resposta com a nova com base em critérios objetivos.	Métodos de avaliação utilizados e seus resultados.
IV. Conclusões	O que isso implica para solução de problemas.	Circunstâncias em que a nova técnica é particularmente útil.	Circunstâncias em que a nova resposta é particularmente útil.	Circunstâncias em que resposta deve ser utilizada e os resultados esperados.

GLOSSÁRIO

Termo	Definição	Passo
Mapeamento em 3-D	Mapeamento em alta definição que retrata pontos dentro de edifícios.	24
Regra 80-20	O princípio de que poucas pessoas ou locais estão envolvidos em uma grande proporção de eventos	18, 20, 22, 30, 31, 54
Pontos Quentes agudos	Pontos quentes que aparecem subitamente, ou seja, não estavam presentes durante muito tempo; não crônicos (Ver pontos quentes crônicos e problemas crônicos).	23
Aglomerção temporal aguda	Uma elevada concentração de crime dentro de pequena parte de um ciclo de 24 horas.	25
Problemas Agudos	Conjuntos transitórios de eventos recorrentes que podem desaparecer sem necessariamente a implementação de atividades de em atividades e resolução de problemas, mas também poderiam evoluir em problemas crônicos.	14
Adaptação	Mudanças a longo prazo nos comportamentos da população de criminosos em resposta à prevenção do crime.	11, 46
Análise	A segunda etapa do Processo SARA/IARA, envolvendo análise sistemática do problema para identificar as possíveis causas que poderiam ser suscetíveis de respostas.	4, 5, 6, 7, 8, 14, 15, 16, 18, 20,23, 32, 33, 35, 36, 38, 44, 46, 52, 54, 55, 58, 60
Antecipação de benefícios	Benefícios de prevenção do crime que começam antes do início de implementação da resposta de prevenção de crime.	11, 46, 52
Antecipação de benefícios, pseudo	O aparecimento de benefícios antecipados de prevenção de crime causado pela suavização de dados (ou seja, a utilização de uma média móvel).	52
Análise Aorística	Um método estatístico para determinar o ritmo de 24 horas de crimes quando a hora exata do cometimento do crime é desconhecida.	25

Termo	Definição	Passo
Avaliação	A quarta etapa da processo SARA/IARA, que envolve a avaliação da eficácia da resposta.	1, 4, 7, 24, 37, 38, 46, 54, 55, 60
Atrativos, Crimes	Áreas de oportunidades de crimes bem conhecidas pelos infratores.	17, 28
Comportamentos	Um dos dois critérios de classificação de problemas descrevendo aspectos de dano, intencionalidade, e as relações criminoso-alvo (ver <i>ambientes</i>).	15
Impulso	Uma explicação para vítimas repetidas que sugere que as recompensas para o criminoso no primeiro crime o incentiva a repetir o ataque contra a vítima ou mesmo para dizer para outros criminosos que, então, ataquem a mesma vítima.	29
Ampla espectro de tratamentos	Medidas de prevenção de crime que são eficazes contra uma ampla variedade de métodos para cometer um único tipo de crime.	49
Policimento “Janelas Quebradas”	Uma proposta de estratégia de policiamento baseada nos princípios de que pequenos crimes acabam por destruir a vida comunitária e que os pequenos crimes incentivam crimes maiores, consequentemente a polícia deve prestar atenção particular nos problemas de desordem.	5
Zona de proteção	Espaço em volta de um lugar ou área. Muitas vezes uma área em torno de um estabelecimento, ponto quente, ou área de tratamento.	16, 51
Estudo de caso-controle	Uma comparação sistemática de pessoas, lugares, horários, ou eventos problemáticos com aqueles não-problemáticos para descobrir as características que poderiam causar o problema. Este tipo de estudo é particularmente útil quando casos problemáticos são uma proporção muito pequena do total de casos.	17, 32, 33

Termo	Definição	Passo
Casos	Pessoas, lugares e eventos que você está estudando - criminosos, alvos, vítimas, estabelecimentos, períodos de tempo (por exemplo, meses ou semanas), delitos e assim por diante. Em estudos de caso-controle, os casos são as pessoas, lugares, ou eventos problema (ver caso-controle e controles)	22, 32, 33, 37, 53
CHEERS	Sigla para os elementos que definem um problema: community (comunidade), harm (dano), expectation (expectativa), events (eventos), Recurring (recorrência ou repetição), e similarity (semelhança).	14, 15, 54
Pontos quentes crônicos	<i>hotspots</i> que persistem por um longo tempo (ver focos agudos).	23
Problemas crônicos	conjuntos de eventos recorrentes a longo prazo que não mostram nenhum sinal de redução e são em grande parte resistentes ao trabalho tradicional da polícia.	14
Policiamento comunitário	O policiamento comunitário se foca no crime e na desordem social através do fornecimento dos serviços da polícia que incluem aspectos da aplicação da lei tradicional, bem como a prevenção, a resolução de problemas, o engajamento da comunidade, e parcerias.	1, 3, 4, 5
CompStat	Sistema de gestão de polícia, pioneiro em Nova Iorque, que usa informações sobre padrões de crimes atualizadas (muitas vezes processadas com um sistema de informações geográficas) para delimitar áreas de comando (por exemplo, precinto e distrital) responsáveis pela redução do crime.	3, 4, 5
Conteúdo	Informação substancial em uma tabela ou figura.	56, 57

Termo	Definição	Passo
Grupo controle	Um grupo de pessoas ou uma área que é similar ao grupo ou área de tratamento, mas não recebe tratamento. Utilizado em avaliações para o controle do impacto de outras influências de não-tratamento sobre o crime.	47, 49, 51
Controles (para análise)	Procedimentos de estatística e concepção de avaliação para isolar o efeito de um fator em alguns resultados dos efeitos de outros fatores. Um grupo de pessoas ou áreas que não estão obtendo uma resposta que são comparadas com aquelas que recebem a resposta para mostrar o que teria acontecido ao grupo-resposta se tal grupo não tivesse recebido a intervenção (ver grupo controle).	47, 48, 49, 51
Controles (nos Estudos de caso-controle)	Em um estudo de caso-controle, os controles são as pessoas, os locais, horários ou eventos que não têm o resultado a ser estudado, em contraste com os casos que têm o resultado. Por exemplo, num estudo de caso-controle em bares com muitas ocorrências, os casos são os bares com muitas ocorrências e os controles são os bares com poucas ou nenhuma ocorrência.	32, 33
Controles (em criminosos)	Pessoas e situações que reduzem a vontade ou a capacidade de criminosos potenciais para cometer crimes.	9, 15, 17, 39, 42, 43, 48
Correlação	Uma medida de associação entre duas características.	33
Custos	Despesas ou dificuldades associadas com eventos criminosos ou medidas preventivas.	6, 12, 38, 40, 44
CPTED	Veja Prevenção de Crime através do Desenho do de ambiente.	

Termo	Definição	Passo
CRAVED	Sigla que descreve as características dos itens mais prováveis de serem roubados e que significa Concealable (que podem ser escondidos), Removable (removíveis), Available (disponíveis), Valuable (Valioso), Enjoyable (agradável), e Disposable (que podem ser disponibilizados para outros).	28, 31
Mapeamento de Crimes/ Mapas	Análise dos padrões geográficos do crime em mapas. Ver Sistemas de Informação Geográfica.	1, 4, 5, 16, 17, 21, 23, 24, 29, 55, 58
Prevenção de Crime Através do Desenho do Ambiente	Um conjunto de princípios para desenhar e projetar edifícios e espaços públicos seguros.	24
Triângulo do Crime	Veja triângulo de análise de problema.	8, 35, 54, 58
Áreas neutras de Crime -	Áreas que não atraem nem infratores nem vítimas, com controles adequados de comportamentos.	17
Ciclos	Flutuações regulares no crime que correspondem a mudanças longas na atividade humana sejam diariamente, semanalmente, mensalmente, anualmente.	22, 25, 26, 47, 50
Desafio (resistência)	Os criminosos desafiam a legitimidade dos esforços de prevenção e cometem mais crimes ao invés de menos.	11
Local (de injustiça/desigualdade) problemas	Problema caracterizado por envolvimento substancial de lugares repetidos (Ver triângulo de análise de problemas). Ocorre quando novos criminosos potenciais e novos alvos potenciais se encontram em um lugar onde a supervisão é fraca.	8, 15
Aglomerado temporal difuso	Propagação relativamente constante, ou aleatória, do crime em ciclos de 24 horas.	25

Termo	Definição	Passo
Contaminação de difusão	Ocorre quando a difusão de benefícios influencia o grupo ou área controle durante a avaliação. Leva à desvalorização do tratamento (Ver Contaminação de deslocamento).	51
Difusão de benefícios	Redução da criminalidade além do enfoque do regime de prevenção; um multiplicador de eficácia.	11, 13, 38, 47, 49, 51
Difusão de benefícios, Tipo de crime	Tipos de crimes adicionais bloqueados.	13
Difusão de benefícios, Geográfica	Prevenção adicional sobre o espaço.	13
Difusão de benefícios, tática	Métodos Adicionais frustrados.	13
Difusão de benefícios, alvo	Alvos adicionais protegidos.	13
Difusão de benefícios, temporal	Prevenção adicional ao longo do tempo	13
Áreas de difusão - deslocamento	Áreas utilizadas para detectar a difusão de benefícios e deslocamento que são separadas do grupo controle e grupo de Tratamento.	51
Deslocamento	Mudança no comportamento dos infratores para contrariar as ações preventivas.	1, 4, 11, 12, 13, 38, 40, 46, 48,49, 50, 51, 54
Contaminação por deslocamento	Ocorre quando o crime é deslocado para o grupo ou área-controle durante uma avaliação. Conduz à inflação de eficácia (ver contaminação por difusão).	48, 49
Contramedidas de deslocamento	Prevenção implementada para prevenir o deslocamento esperado.	48
Deslocamento, tipo de crime	Os infratores mudam o tipo de crime.	12, 13, 49
Deslocamento, geográfico	Os infratores se movem espacialmente.	12, 13, 46, 48
Deslocamento, tático	Os infratores alternam método de cometer crimes.	12, 13, 49

Termo	Definição	Passo
Deslocamento, alvo	Os infratores alternam o tipo de alvo ou vítima.	12, 13, 19
Deslocamento, temporal	Os infratores alternam o horário ou dia.	12, 13, 48, 49
Distribuição	Uma distribuição mostra quantos casos, ou que proporções dos casos, têm cada um dos valores de uma variável.	22
Problemas Pato	Problemas caracterizados pelo substancial envolvimento de vítimas reincidentes (ver triângulo do crime). Ocorre quando vítimas interagem continuamente com potenciais infratores em lugares diferentes, mas as vítimas não aumentam suas medidas de precaução e os seus guardiões são ausentes ou ineficazes.	8, 15
Margens	Fronteiras entre as áreas onde as pessoas vivem, trabalham, fazem compras, ou procuram entretenimento.	16
Viabilizadores de crime	Lugares com pouca regulação de comportamento.	17
Ambientes	Um critério de classificação de problemas descrevendo onde o problema acontece (ver Comportamentos).	15, 28, 30
Facilitadores	Itens físicos, situações sociais, ou substâncias químicas que ajudam os criminosos em seus crimes ou atos de desordem.	34
Facilitadores químicos	Substâncias que aumentam as habilidades dos infratores de ignorar o risco, a recompensa, ou desculpas.	34
Facilitadores físicos	Coisas que melhoram as capacidades dos infratores, ajudam a superar medidas preventivas, ou incitam a delinquência.	34

Termo	Definição	Passo
Facilitadores sociais	Situações que oferecem suporte que estimula o crime ou desordem reforçando a recompensa do crime, legitimando justificativas do crime, ou encorajando este.	34
Instalações	Locais que têm funções especiais, tais como escolas, empresas, e restaurantes.	15, 18, 20, 23, 25, 27, 28, 30, 34, 38, 39, 42, 43, 44, 48
Instalações de perigo	Instalações que são locais frequentes de crime e desordem.	18, 20, 23, 27, 28, 29, 34, 44
Falso negativo	Um erro em que o responsável pela decisão prevê algo que não ocorreria, mas ocorrem. Também conhecido como erro tipo 1.	37, 53
Falso Positivo	Um erro em que o responsável pela decisão prevê que algo ocorreria, mas que não ocorre. Também conhecido como um erro Tipo 2.	37, 53
Indicadores	Uma explicação para vitimização repetida que sugere que algumas pessoas são particularmente vulneráveis devido à sua ocupação ou sua posse de produtos atrativos. (ver razões de impulso).	29
Aglomerado temporal focalizado	Agrupamento de crimes em distintos Intervalos de tempo durante períodos de 24 horas.	25
Quadro/estrutura da história	Uma "cápsula de histórias" ligando vários fatores que interagem e que pode ser aplicada a uma variedade de problemas.	54, 58
Geradores de crimes	Áreas a que um grande número de pessoas são atraídas por razões alheias à motivação criminosa.	17
Sistema de Informação Geográfica	Veja SIG.	

Termo	Definição	Passo
SIG	<p>Sigla para Sistemas de Informação Geográfica. Estes são bancos de dados de computadores onde todas as informações estão ligadas a locais geográficos, a fim de que os dados possam ser mapeados. Isto permite comparações de diferentes áreas e locais para a mesma informação, e o exame de como dois ou mais tipos de informações variam juntas geograficamente. SIG está no cerne de todos os processos modernos de mapeamento do crime.</p>	2, 24, 29
Resposta gradativa	<p>A resposta aumenta de intensidade ou forma à medida que o número de vitimizações aumenta. Uma Intervenção utilizada para reduzir a vitimização repetida.</p>	29
Protetor	<p>Alguém que conhece bem o criminoso e que está em posição de exercer algum controle sobre as suas ações.</p>	25, 28
Home Office	<p>O equivalente britânico do Departamento de Justiça dos EUA, ou Ministério da Justiça no Brasil, que tem financiado muitas pesquisas sobre combate ao crime.</p>	10, 19, 36, 38, 40, 41
Áreas Quentes	<p>Tipos de áreas que mostram os bairros onde o crime está concentrado.</p>	23
Pontos Quentes	<p>Tipos de áreas mostrando localidades com altos níveis de crime.</p>	23
Linhas Quentes	<p>Tipos de pontos quentes mostrando segmentos de ruas onde o crime está concentrado.</p>	23
Produtos Quentes	<p>Coisas que são particularmente atraentes para roubo.</p>	18, 28, 28, 31
Pontos Quentes	<p>Concentrações geográficas de crime</p>	3, 5, 16, 17, 18, 23, 48, 55

Termo	Definição	Passo
Hipótese	Uma resposta a uma pergunta sobre um problema que pode ser verdadeira ou falsa, e pode ou não ser apoiada por provas.	20, 50
Avaliação de Impacto	Um estudo para determinar se a resposta alterou o problema.	46
Variação do interquartil	Os limites superior e inferior dos 50% dos casos, centrados na mediana.	22
Input (entradas)	Recursos usados em uma resposta.	46
Intervenção	A resposta a ser aplicada a um problema (também chamada de tratamento ou resposta - ver Resposta).	4, 7, 11, 20, 35, 40, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52
Gerente	Uma pessoa que tem alguma responsabilidade de controlar o comportamento em um local específico.	5, 8, 24, 28, 30, 33, 38, 40, 58
Média	Uma medida de tendência central, também conhecida como média aritmética, calculada pela soma dos valores para todos os casos e dividindo-se o montante pelo número de casos. Útil para dados de proporção e distribuições simétricas.	22
Mediana	Uma medida de tendência central que divide os casos em dois grupos iguais, metade abaixo do valor da mediana e metade acima.	22
Moda	Uma medida de tendência central que mostra o valor que o maior número de casos possui.	22
Média móvel	Um método para reduzir a flutuação aleatória em uma série temporal refazendo o valor para cada ponto de dados baseado na média de períodos anteriores (Ver Suavização)	26, 52
Reincidências próximas	Veja reincidencia virtual .	29

Termo	Definição	Passo
Nódulos	lugares de destino como a casa, trabalho, compras, entretenimento, e a escola (ver caminhos).	16
Escala Nominal	Valores que apenas nominam e não podem ser classificados.	22
Proporção de probabilidade	Uma medida de associação entre duas características útil quando um estudo de caso-controle é usado.	33
Infrator	Uma pessoa que comete um crime ou ato de desordem.	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 28, 29, 30, 31, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 48, 49, 50, 52, 54, 58
Infractores reincidentes	Muitas pessoas que cometem muitos crimes ou atos de desordem (ver Wolf/Lobo).	3, 18, 30
Oportunidade	Forma reduzida de "estrutura de oportunidade de crime", o que significa que as estruturas físicas e sociais tornam possível o crime.	9, 12, 38, 44, 48, 50
Escala Ordinal	Uma escala de medição em que os valores podem ser classificados, mas nenhum outro processo matemático pode ser aplicado a eles.	22
Resultado	O impacto da resposta no problema.	11, 33, 37, 46, 54
Embalagem	As linhas e rótulos utilizados nas tabelas e figuras (ver conteúdo). Poucas linhas e rótulos são necessários para ajudar a interpretar o conteúdo, mas grande quantidade de linhas e rotulos obscurecem o conteúdo.	56, 57
Caminho	Rotas que ligam nódulos.	16
Percepções dos criminosos	Como os criminosos vêem situações e medidas preventivas.	11, 34

Termo	Definição	Passo
Lugar	Uma pequena área, como um endereço, esquina, ou frente de um bloco (Ver Triângulo de crime).	8, 12, 13, 17, 18, 20, 27, 30, 32,38, 39, 40, 48
POP	Veja Policiamento orientado para problema.	4, 5, 6, 8, 14, 19, 46
Guias POP	Resumos de pesquisas e práticas que lidam com problemas específicos e recomendam respostas particulares. Disponível em www.popcenter.org e www.cops.usdoj.gov	3, 19
Triângulo de análise de problema	Um gráfico que mostra os seis principais elementos da teoria de atividade rotineira - infratores, agentes, alvos/vítimas, guardiões, lugares e gestores - e utilizado para organizar a análise de problemas.	8, 16
Policiamento orientado-para-problema	Policiamento que altera as condições que dão origem a problemas de crimes recorrentes, e não apenas se baseia em responder a incidentes imediatos ou evitando-os através de patrulhas preventivas	1, 3, 4, 5, 6, 7, 11, 15, 19, 21, 28, 38, 55, 60
avaliação do Processo	Avaliar como uma resposta foi implementada.	46, 47, 55
Provocações	Desenhos físicos ou a maneira como os lugares são supervisionados que provocam má conduta.	34, 38, 42, 54
Valor - P	A probabilidade de que a diferença entre dois conjuntos de estatísticas é devida à aleatoriedade (ver teste de significância).	43
flutuações aleatórias	mudanças a curto prazo em problemas causados por um grande número de efeitos muito pequenos.	26, 53
Varição/extensão	Uma medida de dispersão mostrando o valor mínimo e o máximo em uma distribuição.	22, 25

Termo	Definição	Passo
Taxas de crime	A proporção de crimes por alvos por área. Utilizada para controlar diferenças no número de alvos (ver Risco, Crime).	9, 17, 20, 24, 26, 27, 28, 32, 37,42, 44, 49, 51
Escala de proporção	Uma escala de medida na qual há intervalos iguais entre os valores classificados e um zero teoricamente significativo. Qualquer procedimento matemático pode ser utilizado em dados medidos numa escala de proporção.	22
Regressão à média	A tendência de níveis de criminalidade anormais altos ou baixos de volta a seus níveis normais.	47, 52
Resposta	A terceira etapa do Processo IARA que envolve o desenvolvimento e implementação de uma intervenção destinada a reduzir um problema. Também um termo para o tratamento preventivo ou intervenção aplicada (v. Intervenção ou Tratamento).	2, 4, 5, 6, 7, 14, 15, 17, 19, 20,21, 23, 26, 29, 35, 36, 37, 38, 39,40, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51,52, 53, 54, 55, 58, 60
Grupo-resposta	Pessoas ou lugares que recebem prevenção, em contraste com grupo-controle.	47
Resultados	Atividades conseguidas em uma resposta.	46
Risco, crime	A oportunidade de que um alvo estará envolvido em um crime.	6, 16, 17, 18, 20, 21, 23, 26, 27,28, 29, 31, 33, 34, 38, 39, 41
IARA	Sigla para o processo de solução de problema (ver Identificar, Analisar, Responder, e Avaliar).	7, 21
Identificação	A primeira fase do processo IARA, envolvendo identificação do problema, a verificação, e a classificação.	1, 7, 14, 16, 18, 38, 54
Scripts/Modus-Operandi	Ações-padrão realizadas em uma ordem específica pelos infratores para cometer crimes.	35, 36
Nível de significância	Um limiar abaixo que se rejeita a possibilidade de que a diferença entre dois conjuntos de estatísticas é devida à aleatoriedade. Frequentemente, 0,05 (ou 5%) é o limiar de rejeição (ver teste de significância).	53
Teste de significância	Um procedimento estatístico usado para determinar se a diferença entre dois grupos de números se deve à aleatoriedade.	53
Prevenção situacional de crime	A ciência de reduzir as oportunidades para o crime	1, 13, 16, 34, 38, 41, 54
Suavização	Remover flutuações aleatórias de uma série temporal usando uma média móvel.	26, 52
Desvio padrão	Uma medida comum de difusão por distribuições simétricas e dados de proporção.	22, 53

Termo	Definição	Passo
Modelo padrão	Policiamento que se baseia primeiramente no uso de patrulhamento, resposta rápida e investigações de acompanhamento para prevenir crimes.	3
Alvo	A pessoa ou coisa que um criminoso ataca, toma, ou danifica.	2, 8, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 20, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 34, 35, 38, 39, 41, 44, 47, 48, 49, 52, 54, 58
Alvos em risco	Pessoas ou coisas vulneráveis de ser atacadas, tomadas ou danificadas.	26, 27
Aglomerado temporal	Concitração de crime em 24 horas (ver agregação aguda, difusa e temporal focalizada).	25
Efeito da janela-tempo	A subestimação de vitimização recorrente devido ao uso de um conjunto de período de tempo.	29
Tratamento	Ver Resposta ou Intervenção,	48, 49, 51
Área de tratamento	Áreas que recebem a resposta em contraste com as áreas-controle (ver grupo-resposta).	48, 51
Grupo de tratamento	Ver grupo-resposta.	49, 51
Tendência	Um aumento constante, diminuição ou nível estável de crime em algum período de tempo.	2, 20, 22, 26, 47, 49, 52, 57
Caso-estudo sem controle	Uma comparação de pessoas, lugares, horários, ou eventos problemáticos sem examinar aqueles não-problemáticos. Os resultados de tal estudo são frequentemente altamente equivocados.	32
Vítima	Um alvo humano ou o proprietário de bens roubados ou propriedade danificada.	1, 2, 4, 6, 8, 10, 14, 15, 16, 18, 21, 22, 23, 25, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 42, 44, 46, 47, 48, 54, 55
Vítima recorrente (repetida)	Uma pessoa ou local com crimes múltiplos ou atos de desordem.	18, 23, 28, 29
Vitimização repetida	O processo que leva às vítimas recorrentes.	8, 28, 29, 30, 33, 38, 46
Reincidências virtuais	Vitimização de alvos que são muito similares, embora não idênticos (como no caso de vítimas e locais recorrentes). Também chamadas de reincidências-“próximas”.	29
Problemas (vorazes) lobo	Problemas caracterizados pelo envolvimento substancial de criminosos recorrentes (ver triângulo do crime). Ocorre quando os criminosos são capazes de localizar alvos e locais temporariamente vulneráveis.	8, 15